

# REVISTA DE HISTÓRIA COMPARADA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
COMPARADA - UFRJ

ANO 16  
VOLUME 16  
NÚMERO 2



Programa de Pós-graduação em História Comparada - UFRJ



REVISTA DE HISTÓRIA COMPARADA

2022

**Ano 16**

**Volume 16**

**Número 2**



Revista de História Comparada. Programa de Pós-graduação em História Comparada/UFRJ.  
Ano 16, v. 16, n. 2.  
Rio de Janeiro: PPGHC, 2022.  
Semestral  
ISSN: 1981-383X  
História Comparada. Universidade Federal do Rio de Janeiro.  
Programa de Pós-Graduação em História Comparada.

### **Programa de Pós-Graduação em História Comparada**

**Endereço:** Largo de São Francisco de Paula, n. 1, sala 311 – Centro – Rio de Janeiro – RJ  
BRASIL – CEP 20051-070

**Tel.:** 0 XX 21 2221-4049

**Tel e Fax :** 0 XX 21 2221-4049

**Fax:** 0 XX 21 2221-1470

**Email:** hcomparada@gmail.com

**Site:** <https://revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada>  
<http://www.ppghc.historia.ufrj.br/index.php/destaque/publicacoes/revista-de-historia-comparada>

#### *Edição:*

Paulo Pachá

Iamara da Silva Viana

Rafael Pinheiro de Araujo

#### *Assistência Editorial e Revisão:*

Eduardo Cardoso Daflon

Erika do Nascimento Pinheiro Mendes

Fabiana Martins Nascimento

Flávia Patrocínio de Paula

Gabriel Paredes Teixeira

#### *Montagem e projeto gráfico da capa:*

Fabiana Martins Nascimento

Gabriel Paredes Teixeira

#### *Imagem da capa:*

*Plaque de Amiens, musée de Picardie, reliure en ivoire (Reims, dernier quart du IXe siècle) représentant le baptême de Clovis par Remi de Reims avec le miracle de la Sainte Ampoule*

Disponível em:

[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Saint\\_Remy\\_baptise\\_Clovis.jpg?uselang=fr](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Saint_Remy_baptise_Clovis.jpg?uselang=fr)

**REVISTA DE HISTÓRIA COMPARADA**  
Ano 16 – Volume 16 – Número 2 – dezembro/2022

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
Reitora: Denise Pires de Carvalho

**INSTITUTO DE HISTÓRIA**  
Diretor: Antônio Carlos Jucá de Sampaio

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA COMPARADA**  
Coordenador: Paulo Duarte Silva

**EDITORES RESPONSÁVEIS**

Iamara da Silva Viana (Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil)  
Paulo Pachá (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil)  
Rafael Pinheiro de Araujo (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil)

**COMITÊ EDITORIAL**

Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil)  
Débora El Jaick Andrade (Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil)  
Flávio dos Santos Gomes (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil)  
Leila Rodrigues da Silva (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil)  
Paulo Duarte Silva (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil)  
Paulo Pachá (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil)  
Victor Andrade de Melo (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil)

**COMITÊ DE APOIO TÉCNICO**

Eduardo Cardoso Daflon (Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil)  
Erika do Nascimento Pinheiro Mendes (Doutoranda – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil)  
Fabiana Martins Nascimento (Doutoranda – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil)  
Flávia Patrocínio de Paula (Mestranda – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil)  
Gabriel Paredes Teixeira (Doutorando – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil)

**CONSELHO EDITORIAL NACIONAL**

Anita Leocádia Prestes (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil)  
Carlos Roberto Antunes dos Santos (Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil)  
Diva do Couto Muniz (Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil)  
Dulce Oliveira Amarante dos Santos (Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil)  
Gilson Rambelli (Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil)  
Gilvan Ventura da Silva (Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo, Brasil)  
Jean Marcel Carvalho França (Universidade Estadual Paulista, São Paulo, São Paulo, Brasil)  
Joana Maria Pedro (Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil)  
José Antônio Dabdab Trabuls (Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil)  
José Rivair Macedo (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil)  
Maria do Amparo Tavares Maleval (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil)  
Maria Gabriela Martin Ávila (Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil)  
Maria Helena Rolim Capelato (Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil)  
Marina de Mello e Souza (Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil)  
Paulo Gilberto Fagundes Vizentini (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil)  
Renata Menezes (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil)  
Renan Frighetto (Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil)  
Terezinha Oliveira (Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil)  
Valdemir Donizette Zamparoni (Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil)

**CONSELHO EDITORIAL INTERNACIONAL**

Carlos Barros (Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela, A Coruña, Espanha)  
José Luis Fontes (Universidade do Minho, Braga, Portugal)  
Maria de Fátima Souza e Silva (Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal)  
Maria Cecília Colombani (Universidad Nacional de Mar del Plata, Mar del Plata, Buenos Aires, Argentina)  
Maria Manuela Martins (Universidade do Minho, Braga, Portugal)  
Mariana Benedetti (Università degli Studi di Milano, Milano, Itália)  
Norberto Consani (Universidad Nacional de la Plata, La Plata, Buenos Aires, Argentina)  
Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal)  
Patrícia Grau-Dieckmann (Universidad Nacional de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina)  
Pieter Lagrou (Institut d'Histoire du Temps Présent, Île-de-France, França)  
Stefan Rinke (Universidade Livre de Berlim, Berlin, Alemanha)

## SUMÁRIO

**CONSENSUS IN MEROVINGIAN POLITICS: THE ANGLOPHONE CONTRIBUTION.....P. 7**

*Ian Wood*

**CONSENSO NA POLÍTICA MEROVÍNGIA: A CONTRIBUIÇÃO ANGLÓFONA.....P. 23**

*Ian Wood*

**A TRANSTEMPORALIDADE ALEGÓRICA DOS GIGANTES DO NONO CÍRCULO DO INFERNO DE DANTE.....P. 40**

THE ALLEGORICAL TRANSTEMPORALITY OF THE GIANTS IN THE NINTH CIRCLE OF DANTE'S INFERNO

*Daniel Lula Costa*

**FEITIÇARIA E PRÁTICAS MÁGICAS NO INTERIOR FLUMINENSE (VILA DE PIRAÍ, 1844).....P. 74**

WITCHCRAFT AND MAGICAL PRACTICES IN THE INTERIOR FLUMINENSE (VILLAGE OF PIRAÍ, 1844)

*Aguiomar Rodrigues Bruno e Miriam Paulo da Silva*

**ELEIÇÕES E DISSÍDIOS ENTRE OPOSICIONISTAS NA PRIMEIRA REPÚBLICA BRASILEIRA: O CASO DAS DISPUTAS PARA O CARGO DE DEPUTADO FEDERAL NO ESTADO DO PARANÁ (1899-1912).....P. 104**

ELECTIONS AND DISSENSIONS BETWEEN OPPOSITIONISTS IN THE FIRST BRAZILIAN REPUBLIC: THE CASE OF DISPUTES FOR THE POSITION OF FEDERAL DEPUTY IN THE STATE OF PARANÁ (1899-1912)

*Sandro Aramis Richter Gomes*

**A SEGURANÇA PÚBLICA BRASILEIRA EM PERSPECTIVA COMPARADA: UM CONFRONTO ENTRE O CONTESTADO E O RIO DE JANEIRO.....P. 139**

BRAZILIAN PUBLIC SECURITY IN A COMPARATIVE PERSPECTIVE: A CONFRONTATION BETWEEN THE CONTESTADO AND THE STATE OF RIO DE JANEIRO

*Eduardo Rizzatti Salomão*

**CELSO FURTADO E ALDO FERRER SE CONTRAPÕEM A UM MODELO DE DESENVOLVIMENTO EM SOCIEDADES PERIFÉRICAS (1951-1954).....P. 165**

CELSO FURTADO AND ALDO FERRER ARE OPPOSED TO A DEVELOPMENT MODEL IN PERIPHERAL SOCIETIES (1951-1954)

*Bruno de Almeida Gambert*

**“O LADO HUMANO DA REFEIÇÃO”: REFLEXÕES ACERCA DA NOÇÃO DE SOBREMESA PARA O SISTEMA CULINÁRIO ANGOLANO (1960).....P. 190**

**"THE HUMAN SIDE OF THE MEAL": REFLECTIONS ON THE NOTION OF DESSERT IN THE ANGOLAN CULINARY SYSTEM (1960S)**

*Karina Ramos*

**HUMOR, COMPORTAMENTO E CULTURA POLÍTICA NA NOVA REPÚBLICA: A REVISTA "CHICLETE COM BANANA".....P. 210**

**HUMOR, BEHAVIOR AND POLITICAL CULTURE IN THE NEW REPUBLIC: THE MAGAZINE "CHICLETE COM BANANA"**

*Marcio José Melo Malta*

## CONSENSUS IN MEROVINGIAN POLITICS: THE ANGLOPHONE CONTRIBUTION<sup>1</sup>

Ian Wood

University of Leeds  
i.n.wood@leeds.ac.uk

**Abstract:** This article seeks to analyze the contributions made over the last few decades by English-speaking medievalists to the debate about consensus as a tool for social analysis. The work gives special emphasis to the contributions made by Paul Fouracre, responsible for inserting the concept at the center of Merovingian studies during the 1980s. Strongly inspired by Social Anthropology, the English academic tradition has tended to treat consensus in direct relation to conflict. Following the influence of Evans-Pritchard's anthropological writings among medievalists from the 1970s onwards, Fouracre and other English authors proposed that consensus within a group would often be linked to the exclusion of certain subjects from such a group. Thus, aspects such as "envy" and the threat of conflict have a central position in this tradition of consensus interpretation during the Merovingian period.

---

<sup>1</sup> This is a revised version of a paper ['Consensus in Merovingian Politics: an assessment of the validity of the concept of consensus in seventh-century Francia'], which was given at the International Medieval Congress in the University of Leeds on 8th July 2018, at a session to celebrate the work of Paul Fouracre.

In a characteristically generous and judicious review of the 2017 *Konstanzer Arbeitskreis* volume on *Recht und Konsens im frühen Mittelalter* Paul Fouracre noted the strengths of the German *Rechtshistoriker* tradition of scholarship in dealing with the subject of consensus, as well as its limitations. (FOURACRE, 2018, p. 272-274) He praised the precise analysis of terminology to be found in the volume, but at the same time pointed to the frequent absence of a sense of how the detailed discussions contributed to a wider understanding of the period, such as was achieved by Patrick Wormald in his '*Lex Scripta and Verbum Regis*' of 1977 (WORMALD, 1977, p. 105-138),<sup>2</sup> and he also drew attention to the value of anthropology, with specific reference to the work of Simon Roberts, whose 1979 handbook *Order and Dispute* can be taken as exemplifying a whole tradition of political anthropology, which had a considerable impact on English early medieval scholarship in the 1980s. (ROBERTS, 1979) Within the world of Anglophone early-medievalists consensus is primarily a social (or socio-political) matter, whereas within the German academic tradition it is more frequently a topic for legal historians.

Of course, not every contribution to the Reichenau volume was constrained by the traditions of *Rechtsgeschichte*: one can immediately list the English-language contributions of Chris Wickham (2017, p. 389-426), Tom Noble (2017, p. 47-62) and John Moorhead (2017, p. 129-149), as well as the lengthy concluding remarks of Stefan Esders, which makes a particularly strong case for putting the Church and its councils into the equation. (ESDERS, 2017, p. 451-455) But the near total absence of any reference within the German volume to Anglophone scholarship of the three generations following 1945, despite a reference to Jinty Nelson's 'Legislation and Consensus in the Reign of Charles the Bald' in the second footnote of Verena Epp's historical introduction is striking. (EPP, 2017, p. 9)<sup>3</sup> Christoph Meyer provides a brief overview of 'Germanistische Frühmittelalterforschungen seit den 1970er Jahren', (MEYER, 2017, p. 27-39) and Steffen Patzold also looks at "'Konsens" in der jüngeren deutschen Forschung' (PATZOLD, 2017), but there is no sense here or in

---

<sup>2</sup> Reprinted in Wormald, Patrick. **Legal Culture in the Early Medieval West: Law as Text, Image and Experience**. London: The Hambledon Press, 1999, p. 1-43.

<sup>3</sup> Citing NELSON, Janet. Legislation and Consensus in the Reign of Charles the Bald. *In*: WORMALD, Patrick (ed.), **Ideal and Reality in Frankish and Anglo-Saxon Society: Studies presented to J.M. Wallace-Handrill**, Oxford: Blackwell Publishers, 1983, p. 202-227.

the majority of contributions that consensus had been an interpretative concept in any scholarly tradition other than the German (despite the fact that Patzold, like Epp, cites Nelson's article). (PATZOLD, 2017, p. 267)

One can contrast this silence with a comment of Mayke de Jong made in the course of a conference held in 1995 devoted to the Franks and Alamanni, 'To the outsider the consensus in English is so strong as to be quite overwhelming'. (DE JONG, 1998, p. 311) The papers by Guy Halsall and by Fouracre himself in the same volume see consensus as a significant feature of early medieval political society, while at the same time noting that it was not automatic, and stressing the breakdown in consensus that took place in the course of the second half of the seventh century. (HALSALL, 1998, p. 141-175)<sup>4</sup> Although not everyone was willing to place the same emphasis on the concept, in the concluding debate Simon Loseby affirmed with regard to Merovingian history, that 'some sort of consensus must have been essential'. (LOSEBY, 1998, p. 391) Wickham has more recently endorsed the importance of consensus, as realised through assemblies, in the Frankish world. (WICKHAM, 2017, p. 406-415) The limits of consensus in the Merovingian period are quite rightly a subject of debate, but the concept has unquestionably proved useful in Anglophone attempts to understand the functioning of Frankish society in the seventh century. (WOOD, 2005, p. 16-18) And not only the seventh century: one can add that Philippe Buc in his study of 'the dangers of ritual', which put the interpretation of consensus more generally under the spotlight, also specifically applied the concept to his reading of the works of Gregory of Tours. (BUC, 2001, p. 88-122) Consensus is central to Peter Brown's reading of the same bishop's presentation of the cult of relics. (BROWN, 1977, p. 1-22)<sup>5</sup>

The concept of consensus, as employed by scholars of the early Middle Ages in the English-speaking world, has not only been applied to the study of Frankish society. It has been very present in the study of late-antique and early medieval ritual, not least in Sabine MacCormack's study of late-Roman ceremony.

---

<sup>4</sup> Reprinted in HALSALL, Guy. Social identities and social relationships in early Merovingian Gaul *In: FOURACRE, Paul. Frankish History: Studies in the Construction of Power*. London: Routledge, 2013.

<sup>5</sup> Reprinted in BROWN, Peter. *Society and the Holy in Late Antiquity*. Berkeley: University of California Press, 1983, p. 222-250.

(MacCORMARK, 1981) Buc does not confine his attention to Gregory of Tours, but also looks at late-antique martyr acts, as well as Liudprand of Cremona. Wickham's contribution to the *Konstanzer Arbeitskreis* volume covers most of western Europe, including Spain, Italy, England, and Scandinavia, as well as Francia. In the same volume Moorhead looks at the evidence for Ostrogothic Italy (MOORHEAD, 2017), and Noble at that provided by Gregory the Great. (NOBLE, 2017) Rachel Stocking (2001) places consensus at the heart of her reading of the Visigothic kingdom in Spain from 589 to 633, and above all of its Church councils. (STOCKING, 2000) Her study of the Councils of Toledo effectively foreshadows the comments of Esders on the value of consensus-theory for the study of ecclesiastical assemblies. (ESDERS, 2017, p. 451-455) For Stocking, however, the concept of consensus is a Christian ideal rather than one drawn from political anthropology. Her reading looks back primarily to the work of Peter Brown (STOCKING, 2000, p. 4-12), not least to his study of relics (BROWN, 1977, p. 1-22), and of the ordeal. (BROWN, 1975, p. 133-151)<sup>6</sup> In formulating his ideas Brown drew on social anthropology, albeit on different traditions within the discipline than the school of political anthropology represented by Roberts, cited by Fouracre. Above all he made use of the work of Mary Douglas and Evans-Pritchard.

It is worth pausing on the origins of the Anglophone concern for consensus, because, as Mayke de Jong stated, it was indeed a central concept for British early-medievalists in the last quarter of the twentieth century. On a personal note I might refer to my first article on 'Kings, kingdoms and consent' from 1977 (SAWYER; WOOD, 1977, p. 6-29) and to the title of the chapter of *The Merovingian Kingdoms* of 1994 that dealt with the second half of the seventh century: 'The failure of consensus'. (WOOD, 1994, p. 221-238) An interest in consensus, however, was not new in Anglophone medieval studies: the late-medievalist K.B. McFarlane had already developed the idea in the context of relations between the crown and the aristocracy in the late Middle Ages. (McFARLANE, 1973) But there was also a general context for the emphasis placed on consensus in the last three decades of the twentieth century. In 1969 the Secretary of State for Employment and Productivity,

---

<sup>6</sup> Reprinted in BROWN, Peter. **Society and the Holy in Late Antiquity**. Berkeley: University of California Press, 1983, p. 302-322.

Barbara Castle, produced a major paper dealing with relations between the State and the unions, *In Place of Strife*. Ten years later Margaret Thatcher became Prime Minister, and ushered in a period of bitter political division. This surely attuned British scholars to the question of consensus and disagreement.

There was also a more specifically intellectual context for the emphasis placed on consensus by early-medievalists. An obvious clue to the origins of this concern lies in the title of Janet Nelson's contribution to the 1983 Festschrift for Michael Wallace-Hadrill – 'Legislation and Consensus in the reign of Charles the Bald'. (NELSON, 1983) In the 1960s and 70s there were two titans of Merovingian scholarship, Wallace-Hadrill and Eugen Ewig – and although the latter's work on the *Teilreiche* and on ecclesiastical privileges are the foundations of much subsequent scholarship (EWIG, 1976/2009), it was Wallace-Hadrill who provided the overarching interpretation of the period – despite the fact that his pared down and elusive style does not make him the easiest of guides. (WALLACE-HADRILL, 1962)

I doubt whether Wallace-Hadrill used the specific term 'consensus', but Nelson's contribution to his Festschrift was entirely appropriate, for central to his work was a search for the mechanisms by which peace was achieved in the Merovingian and Carolingian periods, most obviously in his papers on the 'The Bloodfeud of the Franks' (1959, p. 459-487)<sup>7</sup> and 'War and Peace in the early Middle Ages', (WALLACE-HADRILL, 1975, p. 157-174)<sup>8</sup> but also in his inaugural lecture as Chichele Professor, with its emphasis on 'nobility of mind'. (WALLACE-HADRILL, 1975, p. 18) Wallace-Hadrill's personal concern with the topic arose, I would guess, from his experience as an intelligence officer during the Second War, from 1939 to 1945, but his conceptual approach certainly reflected the influence of the Anglo-Saxonist Dorothy Whitelock. (WOOD, 2004, p. 332-355; 2006, p. 489-504) It was surely enhanced by the work of another anglophone anthropologist, Max Gluckman (1955), Wallace-Hadrill's colleague from his days as Professor of History at Manchester. (WOOD, 2006) Gluckman's short, but seminal, book *Custom and Conflict*

---

<sup>7</sup> Reprinted in WALLACE-HADRILL, John M. **The Long-Haired Kings: And Other Studies in Frankish History**. London: Routledge, 1962, p. 121-147.

<sup>8</sup> Reprinted in WALLACE-HADRILL, John M. **Early Medieval History**. Oxford: Basil Blackwell, 1975, p. 19-38.

*in Africa*, published in 1970, contains two chapters, 'The peace in the feud' and 'the frailty in authority', that became central to Anglophone readings of early-medieval social structures.<sup>9</sup> (GLUCKMAN, 1955, p. 1-53) For undergraduates in Oxford in the 1970s Gluckman was required reading, as, in the 1980s, was Simon Roberts for British early-medievalists. The English emphasis on consensus, in other words, was, to a large extent, inspired by a branch of social anthropology that concentrated on political structures, an area of study which had particular resonance in the 1970s and 1980s.

Paul Fouracre was probably the scholar who put consensus most firmly at the centre of Merovingian studies in the 1980s. He was an undergraduate in Oxford during Wallace-Hadrill's early days as Chichele Professor, before becoming a doctoral student of Jinty Nelson at King's College London, where he wrote a thesis on the career of the Neustrian mayor of the palace, Ebroin. (FOURACRE, 2013, p. ix) The thesis is not published, but some of its contents can be gleaned from his 1984 article on 'Merovingians, mayors of the palace, and the notion of a "low born" Ebroin' (FOURACRE, 1984, p. 1-14)<sup>10</sup>, as well as two substantial pieces on Merovingian hagiography: a 1979 article on Audoenus and Eligius (FOURACRE, 1979, 77-91)<sup>11</sup>, and a 1990 article on 'Merovingian History and Merovingian hagiography' (FOURACRE, 1990, p. 3-38)<sup>12</sup>, together with a study of the murder of Merovingian bishops published in 2003. (FOURACRE, 2003, p. 13-35)<sup>13</sup> Some of the broader themes are set out in the opening chapter of the 2000 study of *The Age of Charles Martel* (FOURACRE, 2000, p. 12-32), and also in the account of 'Francia in the seventh century', to be found in the first volume of the *New Cambridge Medieval History*. (FOURACRE, 2005, p. 371-96) In addition there is Fouracre's 1996 work of

---

<sup>9</sup> See WHITE, Stephen D. "'The peace in the feud" revisited: feuds in the peace in medieval European feuds', In: COOPER, Kate LEYSER, Conrad (Eds.) **Making Early Medieval Societies: conflict and belonging in the Latin West, 300-1200**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016, p. p. 220-43.

<sup>10</sup> Reprinted in FOURACRE, Paul. **Frankish History: Studies in the Construction of Power**. London: Routledge, 2013.

<sup>11</sup> Reprinted in FOURACRE, Paul. **Frankish History: Studies in the Construction of Power**. London: Routledge, 2013.

<sup>12</sup> Reprinted in FOURACRE, Paul. **Frankish History: Studies in the Construction of Power**. London: Routledge, 2013.

<sup>13</sup> Reprinted in FOURACRE, Paul. **Frankish History: Studies in the Construction of Power**. London: Routledge, 2013.

translation and commentary, *Late Merovingian France, History and Hagiography*, written with Dick Gerberding. (FOURACRE & GERBERDING, 1996) The recurrent discussions of consensus in the San Marino volume on Franks and Alamanni, where de Jong noted the significance of the subject within British scholarship, need to be read against this background.<sup>14</sup>

As Fouracre noted in his volume of collected essays, his doctoral thesis not only provided a deconstruction and reconstruction of the narrative of Ebroin's life (which involved a great deal of meticulous source-criticism, which was to be the springboard for the hagiographical studies), but also an analysis of the nature of political power in the Merovingian period: hence the concern with the notion of consensus, and with its failure in the days of Ebroin (and subsequently with the creation of a new Carolingian consensus in the mid to late eighth century). Fouracre touched on the notion of consensus again in 2016, in a paper entitled 'The incidence of rebellion in the early medieval West', in which he argued that Frankish assemblies 'might also explode into violence as different factions came face to face, but they were nevertheless moments expressing a consensus about the nature of authority, even if they saw bickering about the distribution of power.' (FOURACRE, 2016, p. 113)

Fouracre's reading of the political structure of the seventh century is clearly expressed in the commentary on the translation of part of the *Liber Historiae Francorum* to be found in the joint Fouracre and Gerberding volume of 1996

The basic political dynamic of those years has usually been thought to have resulted from a continuing conflict between the crown and the court as a politically centralising force on the one hand and on the other a political force of local nobility seeking to stop royal Neustrian encroachment and to stop political autonomy. Yet for the author of the LHF it was not conflict between nobility and Crown but co-operation between them which was the basis of the political order. A properly functioning system had a Merovingian on the throne reigning in concert with the great of the realm. The mechanism which bound Crown and nobility together was the *consilium*, the plan or advice. Kings acted properly when

---

<sup>14</sup> See the index entry on 'consensus' in **Franks and Alamanni in the Merovingian Period: An Ethnographic Perspective**. Woodbridge: Boydell & Brewer, 1998, p. 461.

they acted *cum consilio* of the Neustrian nobility and bad kings acted heedlessly. (FOURACRE and GERBERDING, 1996, p. 80-81)

Wickham has returned to the same issue in his discussion of assemblies. (WICKHAM, 2017, p. 411-412)

This emphasis on noble counsel is certainly a reading that Wallace-Hadrill would have understood, and one might note that while Nelson supervised Fouracre's thesis, Wallace-Hadrill supervised Dick Gerberding's. Wallace-Hadrill had already challenged the once dominant reading that saw Chlothar's Edict of Paris as a major concession to the magnates. (WALLACE-HADRILL, 1962, p. 411-412) His own reading of the seventh century was dominated by the functioning of the religious group associated with the courts of Chlothar II and Dagobert, as revealed above all in the correspondence of Desiderius of Cahors. (WALLACE-HADRILL, 1962, p. 222-223) Fouracre and Gerberding's discussion of the *Liber Historiae Francorum* and of the great hagiographical works of the late seventh century is the counterpart of Wallace-Hadrill's comments on Desiderius, and what can be drawn from his correspondence.

The word 'consensus' is not in the passage by Fouracre and Gerberding cited above, but *consilium* is. (FOURACRE and GERBERDING, 1996, p. 80-81) This is entirely in keeping with the conclusions of Steffen Patzold (2017), following his exhaustive analysis of the word *consensus* in the Merovingian sources (an exercise that is far easier nowadays than it would have been even as recently as the 1990s). Patzold notes the relative scarcity of appearances of the word *consensus*, and suggests, surely correctly, that the terms *consilium*, *placitum*, *tractare* deserve greater scrutiny. (PATZOLD, 2017, p. 297) One might add that *placita* were at the heart of the discussions of the so-called Bucknell group, some scholars who met (and meet) regularly at the house of Wendy Davies. Among the contributions to the first volume to be produced by the group, *The Settlement of Disputes*, edited by Davies and Fouracre, the papers by Fouracre and Wormald pay particular attention to

*placita*.<sup>15</sup> (FOURACRE, 1986, 23-43) The word *consensus*, however, was used in the sixth century, sometimes strikingly: Cassiodorus, writing in the name of Athalaric, speaks of *Gothorum Romanorumque suavissimus consensus in regnum nostrum*. (CASSIODORUS, 1894, VIII, 3)

Words are only the building blocks for constructing an image of a functioning society – and it is the functioning of society rather than any decontextualised set of words that has been at the heart of all Fouracre’s work. The same is true of most Anglophone studies that consider consensus in the early Middle Ages. In his contribution to the *Konstanzer Arbeitskreis* Chris Wickham placed the importance of assemblies firmly at the heart of the consensus of Visigothic Spain, Lombard Italy and the Frankish kingdom. (WICKHAM, 2017) Consensus in its modern sense (for as both Patzold and Esders imply in the Reichenau volume dedicated to the topic, the early medieval use of the term does not have exactly the meaning envisaged in modern discourse) is a handy concept when we wish to comment on the frequently smooth functioning of Merovingian political society. The sociological concept can provide a key to understanding the seventh century, regardless of the appearance or non-appearance of the Latin term in our sources – and regardless of the fact that, as Detlef Liebs states in the same Reichenau volume, there was little aristocratic participation in the issuing of Roman law of the sub-Roman kingdoms, which reflects royal authority. (LIEBS, 2017, p. 63-85) The Anglophone concept of consensus, however, was never tied to legal history. But as Guy Halsall argued at San Marino, ‘Consensus is neither a constant nor a given, and recognizing this reveals the central dynamic of early medieval politics.’ (HALSALL, 1998, p. 144) This was a general point with which everyone was in agreement, although there were varying views of the extent to which consensus was under threat in the Merovingian period.

Much of the anthropologically-inspired work in English that deals with consensus has been concerned primarily with its opposite: conflict. Keith Hopkins, one of the first and most prominent ancient-historians to make use of anthropology, was already talking about ‘consensus and dissensus’ as a pair in a collection on

---

<sup>15</sup> Reprinted in Fouracre, **Frankish History**. Patrick Wormald, 'Charters, law and the settlement of disputes in Anglo-Saxon England', in Davies and Fouracre, eds., **The Settlement of Disputes**, p. 149-68, reprinted in Wormald, ed., **Legal Culture in the early Medieval West**, p. 289-311.

*History and Social Anthropology* that was published in 1968. (HOPKINS, 1968, p. 77-79) The same concern with the balance between consensus and the threats posed to it dominated study of the Merovingians. In his study of 'Francia in the seventh century' Fouracre sets out an account of the 'feuding' and 'faction-fighting' of the élite, before noting 'the overall stability of the Frankish polity'. (FOURACRE, 2005, p. 394-5) Here he does not use the term 'consensus', but he could very well have done. Perhaps, equally important, the introduction of the term 'feuding' takes us back to Wallace-Hadrill and to Gluckman, and thus to the anthropological base of much Anglophone interpretation.

Although he does not use the term in his contribution to the *New Cambridge Medieval History*, the threat to consensus has been a recurrent theme in Fouracre's work. In his consideration of Frankish political institutions at San Marino, he remarked:

First, decisions to condemn individuals appear to have reflected a consensus amongst the magnates, which meant that they were willing to enforce that decision. Second, at least in the three cases about which we are best informed (those of bishops Aunemund, Praejectus and Leudegar), local opposition to the figure in question played a key role in formulating charges against him and in aiding his prosecution (or persecution, according to our hagiographical sources). Both factors reveal the dynamic of competition or rivalry, expressed really very frequently in our sources through the concept of envy. (FOURACRE, 2013, p. 293-294)

This observation contains a crucial perception: consensus within a group may involve exclusion of certain individuals. On the other hand, attempts to exclude complete factions, as in the case of Ebroin's blocking the access of the Burgundian nobility to the king, recorded in the *Passio Leodegarii*, was a cause for open hostilities.

Reference to envy occurs several times in Fouracre's work, and the term even gets its own index entry in his collected essays. (FOURACRE, 2013) He notes that "Envy" is the explanation most often offered for why particular bishops had enemies'. (FOURACRE, 2003, p. 24) Here, in place of a discussion of feuding, we are introduced to a term that points to the origins of faction-fighting. Envy, one might

note, is a further concept that had attracted British anthropologists. Evans-Pritchard, another of the anthropologists much read by British early medievalists in the 1970s, had made a good deal of the concept of envy in his study of witchcraft. (EVANS-PRITCHARD, 1937) Interestingly, *invidia* is a word that neither Krusch nor Levison saw fit to index in their edition of Gregory of Tours' *Histories*, although they did index the word *insidia* (KRUSCH; LEVISON, 1951, I, 1), with which it is sometimes associated. Perhaps, even more interesting, while Fouracre is unquestionably correct to point to the centrality of *invidia* in accounts of the fate of Praejectus, Leodegar and also Lambert, the term appears remarkably infrequently in early medieval sources, despite the inclusion of envy in lists of vices. It is present in the *Histories* of Gregory of Tours, where it appears in a citation from Sallust (GREGORY, 1951, IV, 13), as well as in several passages of Book One, and otherwise in tales of religious rivalry (GREGORY, 1951, I, 2, 9, 20, 25; II, 3; III, 18; VI, 36; VIII, 11; X, 8). Despite the Sallust citation, in the early Middle Ages the term had a primarily religious connotation, as one of the most discussed sins. It is used most often by Gregory the Great in the work where he sets out the seven deadly sins, the *Moralia in Job* (GREGORY, 1979, XXXI) – which one might note is the text, apart from the Bible, that is best represented among Merovingian manuscripts. (WOOD, 2017, p. 203) As Fouracre observed, envy is seen as the central factor in the political conflicts of the seventh century. But one can go on to add that this is the view of a very particular group, and the vision would seem to be ecclesiastical in origin.

Merovingian consensus has to be understood alongside the rivalry that threatened it: in De Jong's terms, conflict and consensus are two sides of the same coin. (DE JONG, 1998, p. 165) One could rephrase this in Gluckman's words: 'the peace in the feud'. (MAX, 1955, p. 1-26) The threat of conflict was a major factor in creating consensus. But the two elements are also held together in the more recent formulation of 'coopétition', which the French scholar Régine Le Jan has introduced to early medieval studies. (LE JAN; BUHRER-THIERRY; GASPARI, 2018) The coinage 'coopétition' is a useful reminder that competition and cooperation often go together, and need to be considered in tandem.

At various moments in the sixth and seventh centuries the Merovingian world very nearly fell apart. Although it is easy to think that *bella civilia* filled more

years than was actually the case (because of the power of Gregory of Tours' language), there certainly were civil wars in the sixth century. In the seventh one can point to the last years of Theudebert II and of the family of Theuderic II, to the brief campaigns of Ebroin, and to those in which the Pippinids and Arnulfings came to the fore. By comparison with the civil wars of the Later Roman Empire and of the sons of Louis the Pious, however, these were all relatively minor. In most years during the seventh century there was peace, even if simmering away under that peace was a great deal of rivalry. And it was not just rivalry between competing secular aristocrats. Despite the fact that the Church gave the Merovingians an ideology that went a long way towards uniting Frankish society, bishops were in competition, as were monasteries and their abbots – here we can see Le Jan's 'coopétition' in operation. (WOOD, 2018, 24-113) Occasionally this competition boiled over, and led to martyrdom, as Fouracre (2003) has graphically noted. But it was present even when it did not lead to open disagreement – and one might point here to the divisions within the monastic communities that looked back to the figure of Columbanus. (WOOD, 2018, 24-113)

If by consensus we mean universal sweetness and light, of course it did not exist in the Merovingian world, and modern scholarship is right to look at the simmering conflicts of the period. It is also correct to stress that in so far as it existed, it did so primarily for the élite, although the Church's vision embraced the whole of society. But if, like Wallace-Hadrill, and those influenced by him, we want to remember that this was a world that survived relatively peacefully for a remarkable length of time, the concept as developed by the political anthropologists can stand as a useful shorthand. Not surprisingly it has been at the core of Anglophone interpretations of the Merovingian period for several decades.

## Documents

CASSIODORUS, *Variae*. In: Theodor Mommsen (Ed.). **Monumenta Germaniae Historica, Auctores Antiquissimi, XII**. Berlin, 1894.

GREGORY, **Decem Libri Historiarum. Monumenta Germaniae Historica, Scriptores Rerum Merovingicarum.** Bruno Krusch & Wilhelm Levison (Eds.). Hannover, 1951.

GREGORY I, *Moralia in Iob.* In: Mark Adrien. (Ed.) **Corpus Christianorum, Series Latina 143, 143A, 143B.** Turnhout, 1979.

### Works cited

BROWN, Peter. "Society and the Supernatural: A Medieval Change," **Daedalus 104:2**, p. 133-151, Spring 1975.

BROWN, Peter. "*Relics and Social Status in the Age of Gregory of Tours*," in **The Stenton Lecture 1976.** Reading: University of Reading, p. 1-22, 1977.

BROWN, Peter. **Society and the Holy in Late Antiquity.** Berkeley: University of California Press, 1983.

BUC, Philippe. **The Dangers of Ritual: Between Early Medieval Texts and Social Scientific Theory.** Princeton: Princeton University Press, 2001.

DE JONG, Mayke. **An Unresolved Riddle: Early Medieval Incest Legislation.** In: WOOD, I. (Ed.) *Franks and Alamanni in the Merovingian Period: An Ethnographic Perspective.* Woodbridge: Boydell & Brewer, **1998.**

EPP, Verena and MEYER, Christoph (Eds.) **Recht und Konsens im frühen Mittelalter**, (Vorträge und Forschungen 82), Ostfildern 2017.

ESDERS, Stefan. *Zwischen Historie und Rechtshistorie: der *consensus iuris* im frühen Mittelalter* In: EPP, Verena and MEYER, Christoph (Eds.), **Recht und Konsens im frühen Mittelalter** (Vorträge und Forschungen 82; Konstanz, 2017).

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. **Witchcraft, oracles and magic among the Azande.** Oxford: Oxford University Press, 1937.

EWIG, Eugen. **Spätantikes und Fränkisches Gallien: Gesammelte Schriften (1952-1973)**, Ed. H. Atsma, vol. 3, ed. M. Becher, T. Kölzer, and U. Nonn, BdF III, 3 vols. (Munich: Artemis, 1976-9; vol. 3, Ostfildern: Thorbecke, 2009), vol. 2.

FOURACRE, Paul. *The Work of Audoenus of Rouen and Eligius of Noyon in Extending Episcopal Influence from the Town to the Country in Seventh-Century Neustria.* **Studies in Church History, 16**, 1979, 77-91.

FOURACRE, Paul. Merovingians, Mayors of the Palace and the Notion of a 'Low-Born' Ebroin, *Bulletin of the Institute of Historical Research*, Volume 57, Issue 135, May 1984, p. 1–14.

FOURACRE, Paul. "Placita" and the settlement of disputes in later Merovingian Francia *In*: DAVIES, Wendy & FOURACRE, Paul. (Eds.), **The Settlement of Disputes in Early Medieval Europe**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

FOURACRE, Paul. MEROVINGIAN HISTORY AND MEROVINGIAN HAGIOGRAPHY, *Past & Present*, Volume 127, Issue 1, May 1990, Pages 3–38.

FOURACRE, Paul and GERBERDING, Richard. **Late Merovingian France: History and Hagiography 640-720**. Manchester: Manchester University Press, 1996.

FOURACRE, Paul. *The Age of Charles Martel*. London: Routledge, 2000.

FOURACRE, Paul. **Why were so many bishops killed in Merovingian Francia**. *In*: FRYDE, Natalie; REITZ, Dirk (Eds.). **Bischofsmord in Mittelalter. Vandenhoeck and Ruprecht**, 2003, p. 13-35.

FOURACRE, Paul. Francia in the seventh century. *In*: P. Fouracre (Ed.), **The New Cambridge Medieval History** (The New Cambridge Medieval History, pp. 371-396). Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

FOURACRE, Paul. **Frankish History: Studies in the Construction of Power**. London: Routledge, 2013.

FOURACRE, P. The incidence of rebellion in the early medieval West. *In*: COOPER, Kate LEYSER, Conrad (Eds.) **Making Early Medieval Societies: conflict and belonging in the Latin West, 300-1200**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016, p. 104-24.

FOURACRE, Paul. Recht und Konsens im frühen Mittelalter, *German History*, Volume 36, Issue 2, June 2018, p. 272–274.

HALSALL, Guy. Social identities and social relationships in early Merovingian Gaul. *In*: WOOD, I. (Ed.) **Franks and Alamanni in the Merovingian Period: An Ethnographic Perspective**. Woodbridge: Boydell & Brewer, 1998, p. 140-75.

HALSALL, Guy. Social identities and social relationships in early Merovingian Gaul *In*: FOURACRE, Paul. **Frankish History: Studies in the Construction of Power**. London: Routledge, 2013.

HOPKINS, Keith. Structural differentiation in Rome (200-31 B.C.): The genesis of a historical bureaucratic society. *In*: LEWIS, T. M. **History and Social Anthropology**. London: Tavistock Publishers, 1968, p. 63-79.

LIEBS, Detlef. Geltung kraft Konsenses oder kraft königlichem Befehl? Die *lex Romana* unter den Westgoten, Burgundern und Franken. In: EPP, Verena and MEYER, Christoph (Eds.). **Recht und Konsens im frühen Mittelalter**, (Vorträge und Forschungen 82), Ostfildern 2017, p. 63-85.

LOSEBY, Simon. Gregory's cities: urban functions in sixth-century Gaul. In: WOOD, I. (Ed.) **Franks and Alamanni in the Merovingian Period: An Ethnographic Perspective**. Woodbridge: Boydell & Brewer, 1998.

MAX, Gluckman. **Custom and Conflict in Africa**. Oxford: Basil Blackwell, 1955.

MacCORMARK, Sabine. **Art and Ceremony in Late Antiquity**. Berkeley: University of California Press, 1981.

McFARLANE, Kenneth Bruce. **The Nobility of Later Medieval England**. Oxford: Clarendon Press, 1973.

MEYER, Christoph. Konsens in der Rechtsgeschichte des frühen Mittelalters. In: EPP, Verena and MEYER, Christoph (Eds.). **Recht und Konsens im frühen Mittelalter** (p. 19-45). Ostfildern: Thorbecke, 2017.

MOORHEAD, John. The Making and Qualities of Ostrogothic Kings in the Decade after Theoderic. In: EPP, Verena and MEYER, Christoph (Eds.). **Recht und Konsens im frühen Mittelalter**, (Vorträge und Forschungen 82), Ostfildern 2017.

NELSON, Janet. Legislation and Consensus in the Reign of Charles the Bald. In: WORMALD, Patrick (ed.), **Ideal and Reality in Frankish and Anglo-Saxon Society: Studies presented to J.M. Wallace-Handrill**, Oxford: Blackwell Publishers, 1983.

NOBLE, Thomas. Theological Perspectives on Law and Consensus in the Writings of Gregory the Great. In: EPP, Verena and MEYER, Christoph (Eds.). **Recht und Konsens im frühen Mittelalter**, (Vorträge und Forschungen 82), Ostfildern 2017.

PATZOLD, Steffen. "Konsens" und "consensus" im Merowingerreich. In: EPP, Verena and MEYER, Christoph (Eds.). **Recht und Konsens im frühen Mittelalter**, (Vorträge und Forschungen 82), Ostfildern 2017.

ROBERTS, Simon. **Order and Dispute: an introduction to legal anthropology**. Harmondsworth: Penguin Books, 1979.

SAWYER, Peter; WOOD, Ian. (Eds.) **Early Medieval Kingship**. Leeds, England: University of Leeds, 1977.

STOCKING, Rachel. **Bishops, Councils, and Consensus in the Visigothic Kingdom, 589-633**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2000.

WALLACE-HADRILL, John. **War and Peace in the earlier Middle Ages.** Transactions of the Royal Historical Society, 25, 157-174, 1975.

WALLACE-HADRILL, John M. **Early Medieval History.** Oxford: Basil Blackwell, 1975.

WALLACE-HADRILL, John M. **The Long-Haired Kings: And Other Studies in Frankish History.** London: Routledge, 1962.

WICKHAM, Chris. Consensus and Assemblies in the Romano-Germanic Kingdoms: A Comparative Approach. In: EPP, Verena and MEYER, Christoph (eds.). **Recht und Konsens im frühen Mittelalter** (Vorträge und Forschungen 82; Konstanz, 2017).

WOOD, Ian. **The Merovingian Kingdoms 40-751.** Harlow: Longman, 1994.

WOOD, Ian. John Michael Wallace-Hadrill 1916-1985. In: **Proceedings of the British Academy, Biographical Memoirs of Fellows, III**, v. 124, p. 332-355, 2004.

WOOD, Ian. Land tenure and military obligations in the Anglo-Saxon and Merovingian Kingdoms: the evidence of Bede and Boniface in context. **Bulletin of International Medieval Research**, 9-10, p.3-22, 2005.

WOOD, Ian. 'The Bloodfeud of the Franks': a historiographical legend. **Early Medieval Europe**, 14: 489-504, 2006.

WOOD, Ian. The Problem of late Merovingian Culture. In: S. Dusil, G. Schwedler and R. Schwitter. **Exzerpieren – Kompilieren – Tradieren: Transformationen des Wissens zwischen Spätantike und Frühmittelalter.** Berlin: De Gruyter, 2017, p. 199-222.

WOOD, Ian. La compétition monastique à l'âge de saint Colomban. LE JAN, Régine; BUHRER-THIERRY, Geneviève; GASPARI, Stefano (Eds.) In: **Collectif, Coopétition: rivaliser, coopérer dans les sociétés du haut Moyen Âge (500-1100)**, Turnhout, Brepols (haut Moyen Âge, 31), 2018, p. 113-125.

WORMALD, Patrick. Lex Scripta and Verbum Regis. In: SAWYER, Peter; WOOD, Ian. (Eds.) **Early Medieval Kingship.** Leeds, England: University of Leeds, 1977.

WORMALD, Patrick. **Legal Culture in the Early Medieval West: Law as Text, Image and Experience.** London: The Hambledon Press, 1999.

Recebido: 08/07/2021  
Aprovado: 10/08/2021

## CONSENSO NA POLÍTICA MEROVÍNGIA: A CONTRIBUIÇÃO ANGLÓFONA<sup>1</sup>

Ian Wood

Universidade de Leeds  
i.n.wood@leeds.ac.uk

**Resumo:** O presente artigo busca analisar as contribuições oferecidas ao longo das últimas décadas pelos medievalistas anglófonos ao debate acerca do consenso como ferramenta de análise social. O trabalho dá ênfase especial às contribuições elaboradas por Paul Fouracre, responsável pela inserção do conceito no centro dos estudos merovíngios, durante a década de 1980. Fortemente inspirada pela Antropologia Social, a tradição acadêmica inglesa tendeu a tratar o consenso em relação direta com o conflito. Seguindo a influência dos escritos antropológicos de Evans-Pritchard entre os medievalistas a partir da década de 1970, Fouracre e outros autores ingleses propuseram que o consenso no interior de um grupo muitas vezes estaria atrelado a exclusões de determinados sujeitos de tal grupo. Sendo assim, aspectos como a “inveja” e as ameaças de conflito possuem posição central nessa tradição de interpretação do consenso durante o período merovíngio.

---

<sup>1</sup> Tradução de Eduardo Daflon e revisão de Fabiana Martins e Paulo Pachá. Este texto é a versão revisada de um artigo – “Consenso na Política Merovíngia: uma avaliação da validade do conceito de consenso na França do século VII” – que foi apresentado na Universidade de Leeds em 8 de julho de 2018, em uma sessão para celebrar o trabalho de Paul Fouracre. Palavras em alemão foram mantidas no original e em itálico com a tradução entre colchetes na sequência. Por sua vez, os títulos de obras foram mantidos em seus idiomas originais e deixados em itálico. Quando a tradução de um termo do inglês poderia gerar dúvidas ao leitor fez-se a opção por deixar no original e acrescentar uma nota explicativa.

Em uma revisão caracteristicamente generosa e criteriosa do volume de *Konstanzer Arbeitskreis* de 2017 sobre *Recht und Konsens im frühen Mittelalter*, Paul Fouracre observou os pontos fortes da tradição alemã *Rechtshistoriker* [historiador do Direito] em lidar com a temática do consenso, bem como suas limitações (FOURACRE, 2018, p. 272-274). Ele elogiou a análise precisa da terminologia encontrada no volume, mas ao mesmo tempo apontou a frequente ausência de uma noção de como as discussões detalhadas contribuíram para uma compreensão mais ampla do período, como foi alcançado por Patrick Wormald em seu “*Lex Scripta and Verbum Regis*” de 1977 (WORMALD, 1977, p. 105-138)<sup>2</sup>, e também chamou a atenção para o valor da antropologia, com referência específica ao trabalho de Simon Roberts, cujo manual de 1979 *Order and Dispute* pode ser tomado como exemplo de toda uma tradição de antropologia política, a qual teve um impacto considerável na historiografia inglesa da Alta Idade Média na década de 1980 (ROBERTS, 1979). No mundo dos medievalistas anglófonos dedicados à Alta Idade Média, o consenso é principalmente uma questão social (ou sociopolítica), enquanto na tradição acadêmica alemã é mais frequentemente um tópico para historiadores do Direito.

É evidente que nem todas as contribuições para o volume de Reichenau foram limitadas pelas tradições de *Rechtsgeschichte* [História do Direito]: pode-se listar imediatamente as contribuições em inglês de Chris Wickham (2017, p. 389-426), Tom Noble (2017, p. 47-62) e John Moorhead (2017, p. 129-149), bem como as longas observações finais de Stefan Esders, o qual defende enfaticamente colocar a Igreja e seus concílios na equação (ESDERS, 2017, p. 451-455). Mas é notável a quase total ausência de qualquer referência dentro do volume alemão aos estudos anglófonos das três gerações seguintes a 1945, apesar de uma referência ao texto *Legislation and Consensus in the Reign of Charles the Bald* de Jinty Nelson, na segunda nota de rodapé da introdução histórica de Verena Epp. (EPP, 2017, p. 9)<sup>3</sup> Christoph

---

<sup>2</sup> Reeditado em WORMALD, Patrick. **Legal Culture in the Early Medieval West: Law as Text, Image and Experience**. London: The Hambledon Press, 1999, p. 1-43.

<sup>3</sup> Referenciando NELSON, Janet. *Legislation and Consensus in the Reign of Charles the Bald*. In: WORMALD, Patrick (ed.), **Ideal and Reality in Frankish and Anglo-Saxon Society: Studies presented to J.M. Wallace-Handrill**, Oxford: Blackwell Publishers, 1983, p. 202-227.

Meyer fornece uma breve visão geral em “*Germanistische Frühmittelalterforschungen seit den 1970er Jahren*” (MEYER, 2017, p. 27-39) e Steffen Patzold também analisa em “*'Konsens' in der jüngeren deutschen Forschung*” (PATZOLD, 2017), mas não há qualquer ideia aqui ou na maioria das contribuições de que o consenso tenha sido um conceito interpretativo em qualquer tradição acadêmica que não seja a alemã (apesar do fato de Patzold, como Epp, citar o artigo de Nelson) (PATZOLD, 2017, p. 267).

Pode-se contrastar esse silêncio com um comentário de Mayke de Jong feito no decorrer de uma conferência realizada em 1995 dedicada aos francos e alamanos: “Para um observador externo, o consenso em inglês é tão forte que chega a ser esmagador” (DE JONG, 1998, p. 311). Os artigos de Guy Halsall e do próprio Fouracre no mesmo volume veem o consenso como uma característica significativa da sociedade política medieval, ao mesmo tempo em que observam que não era automático e enfatizam a quebra de consenso que ocorreu na segunda metade do século VII (HALSALL, 1998, p. 141-175).<sup>4</sup> Embora nem todos estivessem dispostos a colocar a mesma ênfase no conceito, no debate final Simon Loseby afirmou em relação à história merovíngia que “algum tipo de consenso deve ter sido essencial” (LOSEBY, 1998, p. 391). Mais recentemente, Wickham endossou a importância do consenso, realizado por meio de assembleias, no mundo franco (WICKHAM, 2017, p. 406-415). Os limites do consenso no período merovíngio são justamente um tema para debate, mas o conceito inquestionavelmente provou ser útil nas tentativas anglófonas de entender o funcionamento da sociedade franca no século VII (WOOD, 2005, p. 16-18). E não apenas no século VII: pode-se acrescentar que Philippe Buc em seu estudo sobre “os perigos do ritual”, que colocou a interpretação do consenso mais diretamente sob os holofotes, também aplicou especificamente o conceito à sua leitura das obras de Gregório de Tours (BUC, 2001, p. 88-122). O consenso é central para a leitura de Peter Brown da apresentação do mesmo bispo sobre o culto das relíquias (BROWN, 1977, p. 1-22).<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Reeditado em HALSALL, Guy. Social identities and social relationships in early Merovingian Gaul *In: FOURACRE, Paul. Frankish History: Studies in the Construction of Power*. London: Routledge, 2013.

<sup>5</sup> Reeditado em BROWN, Peter. *Society and the Holy in Late Antiquity*. Berkeley: University of California Press, 1983, p. 222-250.

O conceito de consenso, como empregado por estudiosos da Alta Idade Média no mundo de língua inglesa, não foi aplicado apenas ao estudo da sociedade franca. Este conceito tem estado muito presente no estudo do ritual da Antiguidade Tardia e do início da Idade Média, não menos no estudo de Sabine MacCormack sobre a cerimônia tardo-romana. (MacCORMACK, 1981) Buc não limita sua atenção a Gregório de Tours, mas também olha para atos de mártires da Antiguidade Tardia, bem como Liudprando de Cremona. A contribuição de Wickham para o volume *Konstanzer Arbeitskreis* cobre a maior parte da Europa Ocidental, incluindo Espanha, Itália, Inglaterra e Escandinávia, bem como a Francia. No mesmo volume, Moorhead examina as evidências da Itália ostrogótica (MOORHEAD, 2017), e Noble as fornecidas por Gregório Magno. (NOBLE, 2017) Rachel Stocking (2001) coloca o consenso no centro de sua leitura do reino visigótico na Espanha de 589 a 633, e sobretudo de seus concílios da Igreja (STOCKING, 2000). Seu estudo dos Concílios de Toledo efetivamente prenuncia os comentários de Esders sobre o valor da teoria do consenso para o estudo das assembleias eclesiásticas (ESDERS, 2017, p. 451-455). Para Stocking, no entanto, o conceito de consenso é um ideal cristão, e não um extraído da antropologia política. Sua leitura remonta principalmente ao trabalho de Peter Brown (STOCKING, 2000, p. 4-12), principalmente para seu estudo sobre relíquias (BROWN, 1977, p. 1-22) e do ordálio (BROWN, 1975, p. 133-151).<sup>6</sup> Ao formular suas ideias, Brown baseou-se na antropologia social, embora em tradições diferentes dentro da disciplina do que a escola de antropologia política representada por Roberts, citado por Fouracre. Acima de tudo, ele fez uso do trabalho de Mary Douglas e Evans-Pritchard.

Vale a pena fazer uma pausa sobre as origens da preocupação anglófona com o consenso, porque, como Mayke de Jong afirmou, era de fato um conceito central para os medievalistas britânicos que analisavam a Alta Idade Média no último quartel do século XX. A título pessoal, posso referir-me ao meu primeiro artigo “*Kings, kingdoms and consent*” de 1977 (SAWYER; WOOD, 1977, p. 6-29) e ao título do capítulo do livro “*The Merovingian Kingdoms*” de 1994 que tratou da segunda metade do século VII: “*The failure of consensus*” (WOOD, 1994, p. 221-238). Um

---

<sup>6</sup> Reeditado em BROWN, Peter. **Society and the Holy in Late Antiquity**. Berkeley: University of California Press, 1983, p. 302-322.

interesse pelo consenso, no entanto, não era novo nos estudos medievais anglófonos: o tardo-medievalista K.B. McFarlane já havia desenvolvido a ideia no contexto das relações entre a coroa e a aristocracia no final da Idade Média (McFARLANE, 1973). Mas havia também um contexto geral para a ênfase colocada no consenso nas últimas três décadas do século XX. Em 1969, a Secretária de Estado para Emprego e Produtividade, Barbara Castle, produziu um importante documento sobre as relações entre o Estado e os sindicatos: “*In Place of Strife*”. Dez anos depois, Margaret Thatcher tornou-se primeira-ministra e inaugurou um período de amarga divisão política. Isso certamente sintonizou os estudiosos britânicos com a questão do consenso e do desacordo.

Havia também um contexto mais especificamente intelectual para a ênfase colocada no consenso pelos medievalistas que investigavam a Alta Idade Média. Uma pista óbvia para as origens dessa preocupação está no título da contribuição de Janet Nelson ao *Festschrift* [livro em homenagem] para Michael Wallace-Hadrill de 1983 – “*Legislation and Consensus in the reign of Charles the Bald*” (NELSON, 1983). Nas décadas de 1960 e 1970, havia dois titãs da historiografia merovíngia, Wallace-Hadrill e Eugen Ewig – e embora o trabalho deste último sobre o *Teilreiche* e sobre os privilégios eclesiásticos sejam as bases de muitos estudos subsequentes (EWIG, 1976/2009), foi Wallace-Hadrill quem forneceu a interpretação geral do período – apesar de seu estilo sucinto e elusivo não torná-lo o mais fácil dos guias (WALLACE-HADRILL, 1962).

Eu duvido que Wallace-Hadrill tenha usado especificamente o termo “consenso”, mas a contribuição de Nelson para seu *Festschrift* [livro em homenagem] foi inteiramente apropriada, pois central em seu trabalho era a busca dos mecanismos pelos quais a paz era alcançada nos períodos merovíngio e carolíngio, mais claramente em seus trabalhos sobre “*The Bloodfeud of the Franks* (1959, p. 459-487)<sup>7</sup> e *War and Peace in the Early Middle Ages*” (WALLACE-HADRILL, 1975, p. 157-174)<sup>8</sup>, mas também em sua palestra inaugural como *Chichele*

---

<sup>7</sup> Reeditado em WALLACE-HADRILL, John M. **The Long-Haired Kings: And Other Studies in Frankish History**. London: Routledge, 1962, p. 121-147.

<sup>8</sup> Reeditado em WALLACE-HADRILL, John M. **Early Medieval History**. Oxford: Basil Blackwell, 1975, p. 19-38.

*Professor*,<sup>9</sup> com ênfase na “nobreza do espírito” (WALLACE-HADRILL, 1975, p. 18). A preocupação pessoal de Wallace-Hadrill com o tema surgiu, suponho, de sua experiência como oficial de inteligência durante a Segunda Guerra, de 1939 a 1945, mas sua abordagem conceitual certamente refletia a influência da anglo-saxonista, Dorothy Whitelock (WOOD, 2004, p. 332-355; 2006, p. 489-504). Certamente foi aprimorado pelo trabalho de outro antropólogo anglófono, Max Gluckman (1955), colega de Wallace-Hadrill em seus dias como professor de história em Manchester (WOOD, 2006). O livro curto, mas seminal, de Gluckman, “*Custom and Conflict in Africa*”, publicado em 1970, contém dois capítulos, “*The peace in the feud*” e “*The frailty in authority*”, que se tornaram centrais para as leituras anglófonas das estruturas sociais do início da Idade Média<sup>10</sup> (GLUCKMAN, 1955, p. 1-53). Para estudantes de graduação em Oxford na década de 1970, Gluckman era leitura obrigatória, assim como, na década de 1980, Simon Roberts era para os medievalistas britânicos que pesquisavam a Alta Idade Média. A ênfase inglesa no consenso, em outras palavras, foi, em grande medida, inspirada por um ramo da antropologia social que se concentrava nas estruturas políticas, uma área de estudo que teve particular ressonância nas décadas de 1970 e 1980.

Paul Fouracre foi provavelmente o estudioso que colocou o consenso mais firmemente no centro dos estudos merovíngios na década de 1980. Ele era um estudante de graduação em *Oxford* durante os primeiros dias de Wallace-Hadrill como *Chichele Professor*, antes de se tornar um estudante de doutorado de Jinty Nelson no *King's College London*, onde escreveu uma tese sobre a carreira de Ebroin, mordomo do palácio de origem Nêustria (FOURACRE, 2013, p. ix). A tese não foi publicada, mas parte de seu conteúdo pode ser visto em seu artigo de 1984 sobre “*Merovingians, mayors of the palace, and the notion of a “low born” Ebroin*” (FOURACRE, 1984, p. 1-14)<sup>11</sup>, bem como em duas peças substanciais sobre hagiografia merovíngia: um artigo de 1979 sobre Audoenus e Eligius (FOURACRE,

---

<sup>9</sup> Nota do tradutor: Espécie de cargo de honra na Universidade de Oxford.

<sup>10</sup> Ver WHITE, Stephen D. “‘The peace in the feud’ revisited: feuds in the peace in medieval European feuds’, In: COOPER, Kate LEYSER, Conrad (Eds.) **Making Early Medieval Societies: conflict and belonging in the Latin West, 300-1200**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016, p. p. 220-43.

<sup>11</sup> Reeditado em FOURACRE, Paul. **Frankish History: Studies in the Construction of Power**. London: Routledge, 2013.

1979, 77-91)<sup>12</sup>, e um artigo de 1990 intitulado “*Merovingian History and Merovingian hagiography*” (FOURACRE, 1990, p. 3-38)<sup>13</sup>, juntamente com um estudo sobre o assassinato de bispos merovíngios publicado em 2003 (FOURACRE, 2003, p. 13-35).<sup>14</sup> Alguns dos temas mais amplos são apresentados no capítulo de abertura do estudo de 2000 de “*The Age of Charles Martel*” (FOURACRE, 2000, p. 12-32), e no capítulo “*Francia in the seventh century*”, que se encontra no primeiro volume da “*New Cambridge Medieval History*” (FOURACRE, 2005, p. 371-96). Além disso, há o trabalho de tradução e comentário de Fouracre de 1996, “*Late Merovingian France, History and Hagiography*”, escrito com Dick Gerberding (FOURACRE & GERBERDING, 1996). AS recorrentes discussões sobre consenso no volume de San Marino sobre francos e alamanos, onde de Jong notou a importância do assunto dentro dos estudos britânicos, precisam ser lidas neste contexto.<sup>15</sup>

Como Fouracre observou em seu volume de ensaios reunidos, sua tese de doutorado não apenas forneceu uma desconstrução e reconstrução da narrativa da vida de Ebroin (que envolveu uma grande quantidade de meticulosa crítica às fontes, que seria o trampolim para os estudos hagiográficos), mas também uma análise da natureza do poder político no período merovíngio: daí a preocupação com a noção de consenso, e com seu fracasso nos dias de Ebroin (e subsequentemente com a criação de um novo consenso carolíngio de meados para o fim do século VIII). Fouracre tocou no consenso novamente em 2016, em um artigo intitulado “*The incidence of rebellion in the early medieval West*”, no qual argumenta que as assembleias francas “poderiam também explodir em violência à medida que diferentes facções se encontravam, mas elas eram ainda assim momentos de expressão de um consenso sobre a natureza da autoridade, mesmo se envolviam disputas sobre a distribuição do poder.” (FOURACRE, 2016, p. 113).

---

<sup>12</sup> Reeditado em FOURACRE, Paul. **Frankish History: Studies in the Construction of Power**. London: Routledge, 2013.

<sup>13</sup> Reeditado em FOURACRE, Paul. **Frankish History: Studies in the Construction of Power**. London: Routledge, 2013.

<sup>14</sup> Reeditado em FOURACRE, Paul. **Frankish History: Studies in the Construction of Power**. London: Routledge, 2013.

<sup>15</sup> Ver no index a entrada para 'consensus' in **Franks and Alamanni in the Merovingian Period: An Ethnographic Perspective**. Woodbridge: Boydell & Brewer, 1998, p. 461.

A leitura de Fouracre da estrutura política do século VII é claramente expressa no comentário sobre a tradução de parte do *Liber Historiae Francorum* (LHF), a qual se encontra no volume conjunto de Fouracre e Gerberding de 1996:

Acredita-se que a dinâmica política básica daqueles anos tenha resultado de um conflito contínuo entre a coroa e a corte como, por um lado, uma força politicamente centralizadora e, por outro, a força política da nobreza local que buscava impedir a expansão da Nêustria e encerrar a autonomia política. (...) Contudo, para o autor do LHF, não era o conflito entre a nobreza e a Coroa, mas a cooperação entre eles que era a base da ordem política. Um sistema funcionando adequadamente tinha um merovíngio no trono reinando em conjunto com os grandes do reino. O mecanismo que unia a Coroa e a nobreza era o *consilium*, o plano ou conselho. Os reis agiam corretamente quando agiam *cum consilio* da nobreza da Nêustria e os maus reis agiam de forma descuidada (FOURACRE and GERBERDING, 1996, p. 80-1).

Wickham voltou ao mesmo assunto em sua discussão sobre as assembleias (WICKHAM, 2017, p. 411-412).

Essa ênfase no conselho nobre é certamente uma leitura que Wallace-Hadrill teria entendido, e pode-se notar que enquanto Nelson supervisionava a tese de Fouracre, Wallace-Hadrill supervisionava a de Dick Gerberding. Wallace-Hadrill já havia desafiado a leitura outrora dominante que via o Édito de Paris de Clotário como uma grande concessão aos poderosos (WALLACE-HADRILL, 1962, p. 411-412). A sua própria leitura do século VII foi dominada pelo funcionamento do grupo religioso associado às cortes de Clotário II e Dagoberto, como se revela sobretudo na correspondência de Desidério de Cahors (WALLACE-HADRILL, 1962, p. 222-223). A discussão de Fouracre e Gerberding do *Liber Historiae Francorum* e das grandes obras hagiográficas do final do século VII é a contraparte dos comentários de Wallace-Hadrill sobre Desidério e o que pode ser extraído de sua correspondência.

A palavra “consenso” não está na passagem de Fouracre e Gerberding citada acima, mas *consilium* está (FOURACRE & GERBERDING, 1996, p. 80-81). Isso está inteiramente de acordo com as conclusões de Steffen Patzold (2017), após sua exaustiva análise da palavra consenso nas fontes merovíngias (um exercício muito mais fácil hoje em dia do que teria sido tão recentemente quanto a década de 1990). Patzold observa a relativa escassez de aparições da palavra *consensus* e sugere,

seguramente de forma correta, que os termos *consilium*, *placitum*, *tractare* merecem maior escrutínio (PATZOLD, 2017, p. 297). Pode-se acrescentar que *placita* estava no centro das discussões do chamado grupo Bucknell, alguns estudiosos que se reuniam (e se reúnem) regularmente na casa de Wendy Davies. Entre as contribuições para o primeiro volume a ser produzido pelo grupo, *The Settlement of Disputes*, editado por Davies e Fouracre, os artigos de Fouracre<sup>16</sup> (1986, 23-43) e Wormald<sup>17</sup> (1986, 149-168) dão particular atenção ao termo *placita*. A palavra *consensus*, no entanto, foi usada no sexto século, às vezes de forma impressionante: Cassiodoro, escrevendo em nome de Atalarico, fala de *Gothorum Romanorumque suavissimus consensu in regnum nostrum* (CASSIODORUS, 1894, VIII).<sup>18</sup>

As palavras são apenas os blocos para a construção de uma imagem de uma sociedade em funcionamento – e é o funcionamento da sociedade, e não qualquer conjunto descontextualizado de palavras, que esteve no centro de todo o trabalho de Fouracre. O mesmo é verdade para a maioria dos estudos anglófonos que consideram o consenso na Alta Idade Média. Em sua contribuição ao *Konstanzer Arbeitskreis*, Chris Wickham colocou a importância das assembleias firmemente no centro do consenso da Espanha visigótica, da Itália lombarda e do reino franco (WICKHAM, 2017). Consenso, em seu sentido moderno (pois, como Patzold e Esders sugerem no volume de *Reichenau* dedicado ao tema, o uso medieval do termo não tem exatamente o significado previsto no discurso moderno), é um conceito útil quando desejamos comentar sobre o funcionamento frequentemente tranquilo da sociedade política merovíngia. O conceito sociológico pode fornecer uma chave para a compreensão do século VII, independentemente do aparecimento ou não do termo latino em nossas fontes – e independentemente do fato de que, como afirma Detlef Liebs no mesmo volume de *Reichenau*, havia pouca participação aristocrática na emissão do direito romano dos reinos sub-romanos, que reflete a autoridade real (LIEBS, 2017, p. 63-85). O conceito anglófono de consenso, no entanto, nunca esteve

---

<sup>16</sup> Reprinted in FOURACRE, Paul. **Frankish History: Studies in the Construction of Power**. London: Routledge, 2013.

<sup>17</sup> Reprinted in WORMALD, Patrick. **Legal Culture in the early Medieval West**. London and Rio Grande: The Hambledon Press, 1999, p. 289-311.

<sup>18</sup> Ver MOORHEAD, John. The Making and Qualities of Ostrogothic Kings in the Decade after Theoderic. In: EPP, Verena and MEYER, Christoph (Eds.). **Recht und Konsens im frühen Mittelalter, (Vorträge und Forschungen 82)**, Ostfildern 2017, p. 146-147.

vinculado à história do direito. Mas, como Guy Halsall argumentou em San Marino, “o consenso não é uma constante nem um dado, e reconhecer isso revela a dinâmica central da política altomedieval” (HALSALL, 1998, p. 144). Este era um ponto geral com o qual todos estavam de acordo, embora houvesse opiniões variadas sobre até que ponto o consenso estava ameaçado no período merovíngio.

Grande parte do trabalho em inglês de inspiração antropológica que trata do consenso se preocupou principalmente com seu oposto: conflito. Keith Hopkins, um dos primeiros e mais proeminentes historiadores da antiguidade a fazer uso da antropologia, já falava em “consenso e dissenso” como um par em uma coletânea sobre *History and Social Anthropology* publicada em 1968 (HOPKINS, 1968, p. 77-79). A mesma preocupação com o equilíbrio entre o consenso e as ameaças que lhe são impostas dominam o estudo dos merovíngios. Em seu estudo “*Francia in the seventh century*”, Fouracre apresenta um relato de “*feuding*” [disputa]<sup>19</sup> e “luta de facções” da elite, antes de observar “a estabilidade geral da estrutura política franca” (FOURACRE, 2005, p. 394-395). Aqui ele não usa o termo “consenso”, mas poderia muito bem tê-lo feito. Talvez, igualmente importante, a introdução do termo “*feuding*” [disputa] nos leve de volta a Wallace-Hadrill e a Gluckman e, portanto, à base antropológica de muitas interpretações anglófonas.

Embora ele não use o termo em sua contribuição para a “*New Cambridge Medieval History*”, a ameaça ao consenso tem sido um tema recorrente no trabalho de Fouracre. Em sua consideração das instituições políticas francas em San Marino, ele observou:

Primeiro, as decisões de condenar indivíduos parecem ter refletido um consenso entre os poderosos, o que significava que eles estavam dispostos a fazer cumprir essa decisão. Segundo, pelo menos nos três casos sobre os quais estamos mais bem informados (os dos bispos Aunemund, Praejectus e Leudegar), a oposição local à figura em questão desempenhou um papel fundamental na formulação de acusações contra ele e no auxílio à sua acusação (ou perseguição, de acordo com nossas fontes hagiográficas). Ambos os fatores revelam a dinâmica da competição ou rivalidade, expressa com muita frequência em nossas fontes através do conceito de inveja (FOURACRE, 2013, p. 293-294).

---

<sup>19</sup> Aqui e em todas as vezes posteriores mantivemos “*feud*” e outras palavras derivadas no original em inglês com a tradução entre colchetes para deixar mais explícita a conexão que o autor faz aos textos de Wallace-Hadrill e a Gluckman anteriormente citados.

Essa observação contém uma percepção crucial: o consenso dentro de um grupo pode envolver a exclusão de certos indivíduos. Por outro lado, as tentativas de exclusão de facções completas, como no caso de Ebroin bloqueando o acesso da nobreza burgúndia ao rei, registrado na *Passio Leodegarii*, foi motivo de hostilidades abertas.

A referência à inveja ocorre várias vezes na obra de Fouracre, e o termo ainda ganha sua própria entrada no índice em sua coletânea de ensaios (FOURACRE, 2013). Ele observa que “‘inveja’ é a explicação mais frequentemente oferecida do porque determinados bispos tinham inimigos” (FOURACRE, 2003, p. 24). Aqui, no lugar de uma discussão sobre *feuding* [disputa], somos apresentados a um termo que aponta para as origens da luta de facções. A inveja, pode-se notar, é outro conceito que atraiu antropólogos britânicos. Evans-Pritchard, outro dos antropólogos muito lidos pelos britânicos estudiosos da Alta Idade Média na década de 1970, havia trabalhado bastante no conceito de inveja em seu estudo sobre feitiçaria (EVANS-PRITCHARD, 1937). Curiosamente, *invidia* é uma palavra que nem Krusch nem Levison acharam adequada indexar em sua edição das Histórias de Gregório de Tours, embora tenham indexado a palavra *insidia* (GREGORY, 1951, I, 1), à qual às vezes é associada. Talvez, ainda mais interessante, enquanto Fouracre está inquestionavelmente correto ao apontar para a centralidade da *invidia* nos relatos dos destinos de Praejectus, Leodegar e também Lambert, o termo aparece com pouca frequência nas fontes altomedievais, apesar da inclusão da inveja nas listas de vícios. Está presente nas Histórias de Gregório de Tours, onde aparece em uma citação de Salústio (GREGORY, 1951, IV, 13), bem como em várias passagens do Livro Um, e também em contos de rivalidade religiosa (GREGORY, 1951, I, 2, 9, 20, 25; II, 3; III, 18; VI, 36; VIII, 11; X, 8). Apesar da citação de Salústio, na Alta Idade Média o termo tinha uma conotação primordialmente religiosa, como um dos pecados mais discutidos. É usado com mais frequência por Gregório Magno na obra em que expõe os sete pecados capitais, a *Moralia em Job* (GREGORY, 1979, XXXI) – que se pode notar como sendo o texto, com exceção da Bíblia, mais bem representado entre os manuscritos merovíngios (WOOD, 2017, p. 203). Como observou Fouracre, a inveja é vista como o fator central nos conflitos políticos do

século VII. Mas pode-se acrescentar que esta é a visão de um grupo muito particular, e a visão parece ser de origem eclesiástica.

O consenso merovíngio deve ser entendido ao lado da rivalidade que o ameaçou: nos termos de De Jong, conflito e consenso são dois lados da mesma moeda. (DE JONG, 1998, p. 165) Pode-se reformular isso nas palavras de Gluckman: “a paz na *feud* [disputa]” (MAX, 1955, p. 1-26). A ameaça de conflito foi um fator importante na criação de consenso. Mas os dois elementos também são mantidos juntos na formulação mais recente de “*coopétition*”, que a estudiosa francesa Régine Le Jan introduziu nos estudos da Alta Idade Média (LE JAN, 2018). A formulação “*coopétition*” é um lembrete útil de que competição e cooperação muitas vezes andam juntas e precisam ser consideradas em conjunto.

Em vários momentos dos séculos VI e VII, o mundo merovíngio quase se desfez. Embora seja fácil pensar que a *bella civilia* tenha preenchido mais anos do que realmente aconteceu (por causa do poder da linguagem de Gregório de Tours), certamente houve guerras civis no século VI. Na sétima centúria pode-se apontar para os últimos anos de Teudeberto II e da família de Teodorico II, para as breves campanhas de Ebroin, e para aquelas em que os pipinídeos e arnulfos vieram à tona. Em comparação com as guerras civis do Império Romano Tardio e dos filhos de Luís, o Piedoso, no entanto, todas foram relativamente pequenas. Na maioria dos anos, durante o século VII, houve paz, mesmo que a fervilhar sob essa paz estivesse uma grande rivalidade. E não era apenas rivalidade entre aristocratas seculares concorrentes. Apesar de a Igreja ter dado aos merovíngios uma ideologia que contribuiu muito para unir a sociedade franca, os bispos estavam em competição, assim como os mosteiros e seus abades – aqui podemos ver a “*coopétition*” de Le Jan em operação (WOOD, 2018, 24-113). Ocasionalmente, essa competição transbordava e levava ao martírio, como Fouracre (2003) observou graficamente. Mas estava presente mesmo quando não levava a desacordo aberto – e pode-se apontar aqui as divisões dentro das comunidades monásticas que remontavam à figura de Columbano (WOOD, 2018, 24-113).

Se por consenso queremos dizer doçura universal e leveza, é claro que não existia no mundo merovíngio, e a historiografia moderna está certa em olhar para os conflitos latentes do período. Também é correto sublinhar que, na medida em que

existiu, o fez principalmente para a elite, embora a visão da Igreja abrangesse toda a sociedade. Mas se, como Wallace-Hadrill e aqueles influenciados por ele, quisermos lembrar que este foi um mundo que sobreviveu relativamente pacificamente por um período de tempo notável, o conceito desenvolvido pelos antropólogos políticos pode ser uma abreviação útil. Não é de surpreender que tenha estado no centro das interpretações anglófonas do período merovíngio por várias décadas.

### **Documentos**

CASSIODORUS, *Variae*. In: Theodor Mommsen (Ed.). **Monumenta Germaniae Historica, Auctores Antiquissimi, XII**. Berlin, 1894.

GREGORY, **Decem Libri Historiarum. Monumenta Germaniae Historica, Scriptores Rerum Merovingicarum**. Bruno Krusch & Wilhelm Levison (Eds.). Hannover, 1951.

GREGORY I, *Moralia in Iob*. In: Mark Adrien. (Ed.) **Corpus Christianorum, Series Latina 143, 143A, 143B**. Turnhout, 1979.

### **Referências Bibliográficas**

BROWN, Peter. "Society and the Supernatural: A Medieval Change," **Daedalus 104:2**, p. 133-151, Spring 1975.

BROWN, Peter. "*Relics and Social Status in the Age of Gregory of Tours*," in **The Stenton Lecture 1976**. Reading: University of Reading, p. 1-22, 1977.

BROWN, Peter. **Society and the Holy in Late Antiquity**. Berkeley: University of California Press, 1983.

BUC, Philippe. **The Dangers of Ritual: Between Early Medieval Texts and Social Scientific Theory**. Princeton: Princeton University Press, 2001.

DE JONG, Mayke. **An Unresolved Riddle: Early Medieval Incest Legislation**. In: WOOD, I. (Ed.) *Franks and Alamanni in the Merovingian Period: An Ethnographic Perspective*. Woodbridge: Boydell & Brewer, **1998**.

EPP, Verena and MEYER, Christoph (Eds.) **Recht und Konsens im frühen Mittelalter**, (Vorträge und Forschungen 82), Ostfildern 2017.

ESDERS, Stefan. Zwischen Historie und Rechtshistorie: der *consensus iuris* im frühen Mittelalter *In: EPP, Verena and MEYER, Christoph (Eds.), **Recht und Konsens im frühen Mittelalter** (Vorträge und Forschungen 82; Konstanz, 2017).*

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. **Witchcraft, oracles and magic among the Azande.** Oxford: Oxford University Press, 1937.

EWIG, Eugen. *Spätantikes und Fränkisches Gallien: Gesammelte Schriften (1952–1973)*, Ed. H. Atsma, vol. 3, ed. M. Becher, T. Kölzer, and U. Nonn, BdF III, 3 vols. (Munich: Artemis, 1976–9; vol. 3, Ostfildern: Thorbecke, 2009), vol. 2.

FOURACRE, Paul. The Work of Audoenus of Rouen and Eligius of Noyon in Extending Episcopal Influence from the Town to the Country in Seventh-Century Neustria. **Studies in Church History**, 16, 1979, 77-91.

FOURACRE, Paul. Merovingians, Mayors of the Palace and the Notion of a 'Low-Born' Ebroin, *Bulletin of the Institute of Historical Research*, Volume 57, Issue 135, May 1984, p. 1–14.

FOURACRE, Paul. "Placita" and the settlement of disputes in later Merovingian Francia *In: DAVIES, Wendy & FOURACRE, Paul. (Eds.), **The Settlement of Disputes in Early Medieval Europe.** Cambridge: Cambridge University Press, 1986.*

FOURACRE, Paul. MEROVINGIAN HISTORY AND MEROVINGIAN HAGIOGRAPHY, *Past & Present*, Volume 127, Issue 1, May 1990, Pages 3–38.

FOURACRE, Paul and GERBERDING, Richard. **Late Merovingian France: History and Hagiography 640-720.** Manchester: Manchester University Press, 1996.

FOURACRE, Paul. The Age of Charles Martel. London: Routledge, 2000.

FOURACRE, Paul. **Why were so many bishops killed in Merovingian Francia.** *In: FRYDE, Natalie; REITZ, Dirk (Eds.). **Bischofsmord in Mittelalter. Vandenhoeck and Ruprecht**, 2003, p. 13-35.*

FOURACRE, Paul. Francia in the seventh century. *In: P. Fouracre (Ed.), **The New Cambridge Medieval History** (The New Cambridge Medieval History, pp. 371-396). Cambridge: Cambridge University Press, 2005.*

FOURACRE, Paul. **Frankish History: Studies in the Construction of Power.** London: Routledge, 2013.

FOURACRE, P. The incidence of rebellion in the early medieval West. *In: COOPER, Kate LEYSER, Conrad (Eds.) **Making Early Medieval Societies: conflict and belonging in the Latin West, 300-1200.** Cambridge: Cambridge University Press, 2016, p. 104-24.*

FOURACRE, Paul. Recht und Konsens im frühen Mittelalter, *German History*, Volume 36, Issue 2, June 2018, p. 272–274.

HALSALL, Guy. Social identities and social relationships in early Merovingian Gaul. In: WOOD, I. (Ed.) **Franks and Alamanni in the Merovingian Period: An Ethnographic Perspective**. Woodbridge: Boydell & Brewer, 1998, p. 140-75.

HALSALL, Guy. Social identities and social relationships in early Merovingian Gaul. In: FOURACRE, Paul. **Frankish History: Studies in the Construction of Power**. London: Routledge, 2013.

HOPKINS, Keith. Structural differentiation in Rome (200-31 B.C.): The genesis of a historical bureaucratic society. In: LEWIS, T. M. **History and Social Anthropology**. London: Tavistock Publishers, 1968, p. 63-79.

LIEBS, Detlef. Geltung kraft Konsenses oder kraft königlichem Befehl? Die *lex Romana* unter den Westgoten, Burgundern und Franken. In: EPP, Verena and MEYER, Christoph (Eds.). **Recht und Konsens im frühen Mittelalter**, (Vorträge und Forschungen 82), Ostfildern 2017, p. 63-85.

LOSEBY, Simon. Gregory's cities: urban functions in sixth-century Gaul. In: WOOD, I. (Ed.) **Franks and Alamanni in the Merovingian Period: An Ethnographic Perspective**. Woodbridge: Boydell & Brewer, 1998.

MAX, Gluckman. **Custom and Conflict in Africa**. Oxford: Basil Blackwell, 1955.

MacCORMARK, Sabine. **Art and Ceremony in Late Antiquity**. Berkeley: University of California Press, 1981.

McFARLANE, Kenneth Bruce. **The Nobility of Later Medieval England**. Oxford: Clarendon Press, 1973.

MEYER, Christoph. Konsens in der Rechtsgeschichte des frühen Mittelalters. In: EPP, Verena and MEYER, Christoph (Eds.). **Recht und Konsens im frühen Mittelalter** (p. 19-45). Ostfildern: Thorbecke, 2017.

MOORHEAD, John. The Making and Qualities of Ostrogothic Kings in the Decade after Theoderic. In: EPP, Verena and MEYER, Christoph (Eds.). **Recht und Konsens im frühen Mittelalter**, (Vorträge und Forschungen 82), Ostfildern 2017.

NELSON, Janet. Legislation and Consensus in the Reign of Charles the Bald. In: WORMALD, Patrick (ed.), **Ideal and Reality in Frankish and Anglo-Saxon Society: Studies presented to J.M. Wallace-Handrill**, Oxford: Blackwell Publishers, 1983.

NOBLE, Thomas. Theological Perspectives on Law and Consensus in the Writings of Gregory the Great. In: EPP, Verena and MEYER, Christoph (Eds.). **Recht und Konsens im frühen Mittelalter**, (Vorträge und Forschungen 82), Ostfildern 2017.

PATZOLD, Steffen. "Konsens" und "consensus" im Merowingerreich. *In*: EPP, Verena and MEYER, Christoph (Eds.). **Recht und Konsens im frühen Mittelalter**, (Vorträge und Forschungen 82), Ostfildern 2017.

ROBERTS, Simon. **Order and Dispute: an introduction to legal anthropology**. Harmondsworth: Penguin Books, 1979.

SAWYER, Peter; WOOD, Ian. (Eds.) **Early Medieval Kingship**. Leeds, England: University of Leeds, 1977.

STOCKING, Rachel. **Bishops, Councils, and Consensus in the Visigothic Kingdom, 589-633**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2000.

WALLACE-HADRILL, John. **War and Peace in the earlier Middle Ages**. *Transactions of the Royal Historical Society*, 25, 157-174, 1975.

WALLACE-HADRILL, John M. **Early Medieval History**. Oxford: Basil Blackwell, 1975.

WALLACE-HADRILL, John M. **The Long-Haired Kings: And Other Studies in Frankish History**. London: Routledge, 1962.

WICKHAM, Chris. Consensus and Assemblies in the Romano-Germanic Kingdoms: A Comparative Approach. *In*: EPP, Verena and MEYER, Christoph (eds.). **Recht und Konsens im frühen Mittelalter** (Vorträge und Forschungen 82; Konstanz, 2017).

WOOD, Ian. **The Merovingian Kingdoms 40-751**. Harlow: Longman, 1994.

WOOD, Ian. John Michael Wallace-Hadrill 1916-1985. *In*: **Proceedings of the British Academy, Biographical Memoirs of Fellows, III**, v. 124, p. 332-355, 2004.

WOOD, Ian. Land tenure and military obligations in the Anglo-Saxon and Merovingian Kingdoms: the evidence of Bede and Boniface in context. **Bulletin of International Medieval Research**, 9-10, p.3-22, 2005.

WOOD, Ian. 'The Bloodfeud of the Franks': a historiographical legend. **Early Medieval Europe**, 14: 489-504, 2006.

WOOD, Ian. The Problem of late Merovingian Culture. *In*: S. Dusil, G. Schwedler and R. Schwitter. **Exzerpieren – Kompilieren – Tradieren: Transformationen des Wissens zwischen Spätantike und Frühmittelalter**. Berlin: De Gruyter, 2017, p. 199-222.

WOOD, Ian. La compétition monastique à l'âge de saint Colomban. LE JAN, Régine; BUHRER-THIERRY, Geneviève; GASPARI, Stefano (Eds.) *In*:

**Collectif, *Coopétition: rivaliser, coopérer dans les sociétés du haut Moyen Âge (500-1100)***, Turnhout, Brepols (haut Moyen Âge, 31), 2018, p. 113-125.

WORMALD, Patrick. Lex Scripta and Verbum Regis. *In*: SAWYER, Peter; WOOD, Ian. (Eds.) **Early Medieval Kingship**. Leeds, England: University of Leeds, 1977.

WORMALD, Patrick. **Legal Culture in the Early Medieval West: Law as Text, Image and Experience**. London: The Hambledon Press, 1999.

**Recebido:** 08/07/2021

**Aprovado:** 10/08/2021

# A TRANSTEMPORALIDADE ALEGÓRICA DOS GIGANTES DO NONO CÍRCULO DO *INFERNO* DE DANTE<sup>1</sup>

## THE ALLEGORICAL TRANSTEMPORALITY OF THE GIANTS IN THE NINTH CIRCLE OF DANTE'S *INFERNO*

Daniel Lula Costa

Universidade Federal de Santa Catarina  
danielcosta23@yahoo.com.br

**Resumo:** O objetivo central deste artigo é analisar as presenças de passados transtemporais emanadas nas figuras dos gigantes do nono círculo do *Inferno* de Dante. Para isso, detenho a atenção na *Commedia*, principalmente ao Canto XXXI do *Inferno*. Nesse Canto, os gigantes são descritos e apresentados por Dante como grandiosos seres parecidos com torres que se encontram na entrada do nono círculo infernal. Neste artigo, operacionalizo o conceito de revelação figural para compreender esses gigantes como seres híbridos humanoides detentores de entrelaçamentos culturais e temporais que relampejam presenças de passado da mitologia greco-romana e judaico-cristã, funcionando como alegorias construídas por meio das vivências de Dante, como da leitura das obras *Farsália*, *Eneida* e *Tebaida*.

**Palavras-chave:** gigantes; revelação figural; *Commedia*.

**Abstract:** The aim of this article is to analyze the presence of transtemporal pasts from the figures of the giants of the ninth circle of Dante's *Inferno*. For this, I focus on *Commedia*, especially *Inferno's* Canto XXXI. In this Canto, the giants are described and presented by Dante as great beings compared with towers that stand at the entrance to the ninth infernal circle. In this article, I operationalize the approach of figural revelation to understand these giants as humanoid hybrid beings holding cultural and temporal entanglements, which flash past presences of Greco-Roman and Judeo-Christian mythology, functioning as allegories constructed through of Dante's experiences, such as reading Lucan's *Pharsalia*, Virgil's *Aeneid* and Statius's *Thebaid*.

**Keywords:** giants; figural revelation; *Commedia*.

---

<sup>1</sup> Esta pesquisa se baseia na tese de doutorado de seu autor "Revelação Figural: alegoria e presença dos seres híbridos na Divina Comédia, de Dante Alighieri", defendida em 2019 no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, com apoio de bolsa CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e, durante o doutorado sanduíche, da Fapesc (Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina).

## Considerações iniciais

A *Commedia* de Dante Alighieri foi escrita no século XIV, entre 1301 e 1321, ano em que Dante morre em Ravenna. A obra é composta por três partes – *Inferno*, *Purgatório* e *Paraíso* – que narram a viagem do próprio Dante pelos três ambientes do pós-morte medieval. Nesses locais, é possível verificar a presença de culturas e temporalidades que se cruzam e manifestam visões de mundo de um medieval plural e conectado, no qual as etnias e culturas dissipam saberes e imagens, fator que Silveira (2015) e Tischler (2014) operam enquanto entrelaçamentos culturais. A partir do estudo da *Commedia*<sup>2</sup>, é possível averiguar a presença e o uso de inúmeras fontes de mitologias e conteúdos que perpassam a forma como a crença movimenta saberes e fomenta a recriação de inúmeros seres. Com base na averiguação das presenças de passado e de sua função na *Commedia*, problematizamos o entrelaçamento cultural dos gigantes e a forma como configuram cruzamentos de mundos passados manifestados pela revelação figural de Dante.

Para isso, convém delimitar o aporte teórico-metodológico desta pesquisa. Para aplicar uma teoria que funcionasse como um método de análise, foi necessário refletir sobre as relações entre as temporalidades e as formas de compreensão e usos dos saberes antigos no medieval. Sendo assim, encontramos em três autores as ferramentas necessárias para operacionalizar o que denominamos enquanto revelação figural. Este conceito é composto pela elucidação de Erich Auerbach (1997) no que tange às pré-figurações e figurações pensadas pela patrística, Walter Benjamin (1984) e a compreensão de alegoria histórica como a conjunção de múltiplos “agoras” que fomentam as presenças de tempos passados, e de presença do passado de Hans Ulrich Gumbrecht (2009), que identifica na cultura medieval uma forma corpórea de sentir o mundo e a si mesmo com base no que denomina como “cultura de presença”.

Diante dessa proposta teórica, o entendimento da dimensão dos entrelaçamentos de temporalidades ou transtemporalidades faz referência aos

---

<sup>2</sup> Para a análise, utilizo a edição italiana da *Commedia* escrita em toscano medieval e editada pela Garzanti (2014). A escrita em toscano foi inserida neste artigo em nota de rodapé, já no corpo do texto, optei por utilizar a tradução da *Commedia* realizada por Cristiano Martins (1991), com o objetivo de deixar a leitura mais fluida.

movimentos dos tempos que se cruzam na realidade sociocultural do agente e da obra em questão, ou seja, a *Commedia* e Dante Alighieri. As fontes históricas que foram lidas, ouvidas, vistas por Dante colocam em cena o movimento de tempos e de culturas em conjunto com a própria vivência de Dante com inúmeras outras formas materiais e imateriais de culturas, entendimentos de mundo e da existência. Assim, uma cultura de presença, tal como proposta por Gumbrecht (2009), entende que os mundos passados são presentificados no mundo medieval. Dessa forma, quando Dante utiliza da alegoria, ele está manifestando a união de eventos/acontecimentos mitológicos antigos no pós-morte medieval, fundindo essas temporalidades e mitologias, construindo a tensão de inúmeros “agoras” que emergem da conexão entre os tempos. Nesse sentido que operacionalizamos a alegoria de Walter Benjamin (1984), ao entendê-la como um instrumento que auxilia na visibilidade do encontro de vivências e culturas que se movimentam nas fontes históricas por meio do ato produtor de um agente histórico, em nosso caso, Dante Alighieri.

Além disso, entendemos que o poeta opera as tipologias medievais utilizadas pela patrística, como é o caso da figuração. Auerbach (1997) afirma que a figuração funciona pela relação entre os eventos pré-figurados entendidos como anúncios de futuro e a figuração revelada, que elenca a revelação atribuída diante da hermenêutica praticada na leitura de uma obra e de suas possíveis profecias. Dessa forma que a patrística operou as leituras da *Bíblia*, lendo no Antigo Testamento a manifestação de anúncios que são presenciados e revelados no Novo Testamento. Dante realiza essa forma de leitura na construção dos híbridos, como é o caso dos gigantes analisados neste artigo. Ele lê no passado antigo as presenças que anunciam a revelação do pós-morte e faz isso por meio de construções alegóricas que operam entrelaçamentos temporais e culturais de forma neoplatônica, modo de leitura que entendemos por revelação figural (COSTA, 2020). Por meio dessa compreensão, entendo os gigantes como seres híbridos humanoides que foram revelados figurativamente por Dante. A partir disso, a análise se atenta às obras lidas

por Dante, como a *Bíblia*, a *Farsália*<sup>3</sup> de Lucano (39 EC - 65 EC), a *Tebaida*<sup>4</sup> de Estácio (69 EC - 96 EC) e a *Eneida*<sup>5</sup> de Virgílio (70 AEC– 19 AEC), com o objetivo de investigar os vestígios das pré-figurações dos gigantes que se presentificam na revelação figural dantesca.

A revelação figural permite compreender as presenças de mundos passados como unidos na confluência dos tempos, que no enredo da obra se configura na eternidade, onde a alegoria delimita a junção de acontecimentos, imagens e personagens de mitologias outras, funcionando como fusão da pré-figuração na figuração alegórica. Por isso, ao denominar esses gigantes como seres híbridos humanoides, entendo-os como personagens que emanam temporalidades múltiplas, reveladas por Dante, funcionando como híbridos no sentido de confluência de entrelaçamentos culturais e temporais, e humanoides por serem descritos enquanto seres com corpos próximos do fenótipo humano. Há outras categorias de híbridos presentes na *Commedia* de Dante que podem ser investigadas, como o caso de híbridos antropobestiais e bestiais<sup>6</sup>. A diferença desses está em sua descrição física, sendo os antropobestiais híbridos de temporalidades que possuem a presença de diferentes espécies em um único corpo, como Minós, Minotauro, Gérião, dentre outros; já os bestiais são aqueles descritos como seres que intensificam ou detêm a presença de seres bestiais em um único corpo, como Cérbero e Pluto. O interesse deste artigo reside nos gigantes, compreendidos enquanto seres híbridos humanoides.

Considerando esse raciocínio, os gigantes são compreendidos enquanto seres híbridos humanoides construídos com base na espiritualidade dantesca presente na narrativa mítica da *Commedia*, sendo possível de analisá-los por meio da revelação figural. Os gigantes são descritos no canto XXXI do *Inferno* de Dante. Neste Canto, Dante e seu guia, Virgílio, descem para o último dos nove círculos infernais, onde são

---

<sup>3</sup> Escrita pelo poeta latino Marco Anneo Lucano. A obra é um poema épico sobre a guerra civil entre César e Pompeu.

<sup>4</sup> Denominado *Puplius Papinius Statius*, foi um poeta latino que escreveu a *Tebaida*. Essa obra foi inspirada na *Eneida* de Virgílio e possui tema mitológico com base na disputa de Etéocles e Polínices (Casa de Édipo) pelo direito de reinar sobre Tebas.

<sup>5</sup> Poema épico escrito pelo poeta latino Virgílio. Nessa obra é narrada a saga de Eneias, sobrevivente da Guerra de Troia.

<sup>6</sup> Estas categorias foram desenvolvidas na tese de doutorado “Revelação Figural: alegoria e presença dos seres híbridos na Divina Comédia de Dante Alighieri” (COSTA, 2019).

punidos os traidores. É na entrada desse círculo que os gigantes são manifestados enquanto guardiões que presentificam o passado antigo e revelam a figuração do pós-morte dantesco por meio da confluência de mitologias antigas judaico-cristãs e greco-romanas, além de inúmeras outras que podem ser analisadas no decorrer do estudo. A análise operacionaliza os conceitos de revelação figural e de seres híbridos, e busca as relações transculturais e transtemporais presentes no objeto de estudo. Partimos para a apresentação e análise dos gigantes, iniciando com Nemrod e seguindo para Anteu, Efiante e Briareu. Após isso, concluo por meio dos resultados verificados.

### **Os gigantes: o caso de Nemrod**

Depois de descerem e presenciarem os dez fossos do oitavo círculo do inferno, Dante e Virgílio direcionam seus passos para o nono e último círculo, onde são punidos os traidores. A escuridão do oitavo ainda persiste no caminho ao nono e em sua descida Dante demonstra estar com a visão e a audição atentas, pois a sua primeira reação é visualizar no horizonte grandes torres ou sombras que parecem ser de algo grandioso. Além de avistá-las, Dante também escuta o som de uma trompa, evento que o deixa curioso, mas assustado com o barulho, principalmente por este parecer provir do caminho em que ele e seu guia estão trilhando.

A sombra grandiosa e o barulho da trompa provêm dos gigantes, os híbridos humanoides que guardam a entrada do nono círculo do inferno. Dante menciona seis dos gigantes, mas descreve e posiciona sua atenção em três deles: Anteu, Efiante e Nemrod. Os três que ele não descreve são Briareu, Tício e Tifeu, sendo que estes aparecem na narrativa em uma informação complementar à história dos três primeiros, o que não nos permite deduzir que Tício e Tifeu estavam ao lado dos três gigantes que mencionamos em primeiro plano (Anteu, Efiante e Nemrod), ou seja, dentro do poço observado por Dante, com exceção de Briareu, que está no poço, mas em local diferente de onde Dante e seu guia estão.

Os gigantes Anteu e Efiante são descritos e mencionados apenas no Canto XXXI, ao qual nos atentaremos para compreender a revelação figural dantesca. Já Nemrod, aparece neste círculo do inferno, descrito no Canto XXXI, e é mencionado

em um verso do *Purgatório* e em outro do *Paraíso*. A análise se restringe ao Canto XXXI, concentrado no caminho do oitavo para o nono círculo, local em que são encontrados os gigantes acorrentados e aquele está livre, Anteu. A identificação do passado presente está pautada em fontes específicas: *Eneida*, *Tebaida*, *Bíblia* e *Farsália*.

O primeiro gigante com quem Dante se depara é Nemrod. Além de vê-lo e descrevê-lo ao leitor, o poeta também o escuta, sendo esta ação a porta de entrada para a recepção desses gigantes e, principalmente, de Nemrod. Este é o único dos gigantes que não está presente na mitologia greco-romana, mas na hebraica e babilônica. Dentre as fontes em que investigamos sua aparição, foi possível encontrar rastros e vestígios presentes na *Bíblia de Jerusalém*, no *Gênesis* e em *Miqueias*.

Outros meios que auxiliaram a pesquisa foram as notas explicativas presentes em algumas edições da *Commedia* e em estudos específicos que detalham alguma informação sobre Nemrod. Por isso, este estudo se concentra em sua revelação figural por meio da aparição bíblica e da relação com os demais gigantes. Dante, então, ouve:

O som de uma trombeta retumbante,  
mais alto que o trovão, e mais potente.  
Para ele me voltei no mesmo instante.  
(*Inf.*, XXXI,13-15)<sup>7</sup>

O som da trompa ou “*cornò*” é alto e forte, invade a mente de Dante tal como um susto e o faz se virar para o local de onde vem o som, com a vontade de se tranquilizar ao olhar o destino de tal barulho: “*dirizzo li occhi*”. Ao dirigir seus olhos para conhecer a proveniência do som, Dante se surpreende com grandes torres, e, então, olha: “Mal pus naquele ponto a vista atenta / julguei ver torres várias se alteando, / e disse: ‘Mestre, o que é que se apresenta?’” (*Inf.*, XXXI, 19-21)<sup>8</sup>. Ouvir e ver são as ações seguidas que o poeta demonstra ao escutar o som e ver o que ele

---

<sup>7</sup> “ma io senti’ sonare un alto corno, / tanto ch’avrebbe ogne tuon tanto fioco, / che, contra sé la sua via seguitando, / dirizzò li occhi miei tutti ad un luco.” (*Inf.*, XXXI, 12-15).

<sup>8</sup> “Poco portai in là volta la testa, / che me parve veder molte alte torri; / ond’io: ‘Maestro, dí, che terra è questa?’” (*Inf.*, XXXI, 19-21).

imagina ser torres, o que em seu contexto pode significar defesa e fortaleza. Virgílio pontua que ele verá melhor do que se trata quando se aproximar de seu destino, próximo às torres, pois, “quanto a distância o senso nos altera” (*Inf.*, XXXI, 26)<sup>9</sup>.

De acordo com esse verso citado, é possível conhecer ao se aproximar, ao se permitir deixar ver as torres e ouvir o som que fora dissipado de forma tão alta quanto a trombeta que Orlando soprou na derrota de Carlos Magno (*Inf.*, XXXI, 16-18). Ao se referir ao instrumento, Dante utiliza a palavra “*cornò*”, ou seja, pode ser um chifre de algum animal que fora abatido na caça e que foi operado em sua prática, como o olifante tocado por Orlando, a quem Dante faz referência quando o som é ouvido na entrada do círculo. O corno emissor de som é também uma figuração que anuncia a função de Nemrod enquanto um grande caçador da região de Seenar, habilidade que é relembrada nos versos do *Gênesis* como alusão à sua lembrança rememorada no Antigo Testamento, conforme será demonstrado adiante. O caçador é figurado no corno que o gigante mesopotâmico carrega e toca para se lembrar de que não pode pronunciar linguagem falada que seja compreensível.

Ao se aproximarem das tais torres, Virgílio revela a Dante a essência delas quando afirma “sabe que não são torres, certamente, / mas gigantes, no poço mergulhando, / do umbigo para baixo apenasmente.” (*Inf.*, XXXI, 31-33)<sup>10</sup>. Esta é a forma como Dante apresenta os gigantes ao seu leitor, inseridos em um poço do umbigo para baixo tal como está Lúcifer em Judeca<sup>11</sup> (*Inf.*, XXXIV, 29-31); e como este foi punido perante o seu orgulho e a sua traição de Deus, os gigantes também o são. Eles estão no nono círculo como guardiões e símbolos alegóricos da traição, a qual realizaram contra o Olimpo. Já Nemrod é aquele que se revoltou contra Deus ao agir na construção da torre de Babel e defender a ideia de que conseguiria chegar aos céus e se apresentar aos Deuses. Dante o apresenta:

Eu divisava de um já a caraça,  
E o peito, e o ombro, e o ventre em grande parte,  
**As mãos às costas, como quem as traça.**

---

<sup>9</sup> “quanto ‘l senso s’inganna di lontano;” (*Inf.*, XXXI, 26).

<sup>10</sup> “sappi che non sono torri, ma giganti, / e son nel pozzo intorno da la ripa / da l’umbilico in giuso tutti quanti” (*Inf.*, XXXI, 31-33).

<sup>11</sup> O nono círculo do inferno dantesco é dividido em quatro partes: Caína, Antenora, Ptolomeia e Judeca.

Fez bem Natura em esquecer a arte  
De gerar estes monstros a mancheias,  
Tais ajudantes sonogando a Marte.  
(*Inf.*, XXXI, 46-51)<sup>12</sup>

Vi-lhe oscilar a face enorme e hirsuta,  
Tal como em Roma de São Pedro a pinha;  
E as partes mais na proporção desfruta.

**Na cava até à cinta se mantinha,**  
Mas tanto acima o busto se lhe alçava,  
Que para lhe chegar da frente à linha

De três Frisões a altura não bastava:  
Calculei que medisse **uns trinta palmos**  
Dos flancos ao pescoço, que inclinava.

**Rafel maí amech zábi almos**

- ,grasnou, então, abrindo a boca aflita,  
Sem poder modular mais doces salmos.

Virgílio lhe bradou: '**Fera maldita!**  
**Tens a trompa, e por ela, tão somente,**  
**Te debes exprimir,** se algo te excita!

Olha, e acharás no peito, bem à frente,  
A segura correia que a afivela,  
Transpassada a teu busto, firmemente!'

E a mim: 'Este por si já se revela:

**É Nemrode, que em louco empreendimento**

---

<sup>12</sup> "E io scorgeva già d'alcun la faccia, / le spalle e 'l petto e del ventre gran parte, / e per le coste giú ambo le braccia. / Natura certo, quando lasciò l'arte / di sí fatti animali, assai fé bene / per tòrre tali essecutori a Marte." (*Inf.*, XXXI, 46-51).

### A humana língua em mais de mil parcela.

(*Inf.*, XXXI. 58-78 – grifo nosso)<sup>13</sup>

Os elementos alegóricos atribuídos a Nemrod são mencionados logo no início, quando Dante confunde os gigantes com torres. O fato é que a ele foi atribuída a construção da Torre de Babel e este vestígio o situa com a aparência de torre o que funde o passado babilônico ao primeiro dos gigantes apresentados. Outro fator é a descrição que Dante faz de seu rosto relacionando-o com a Pinha de São Pedro que está em Roma, ou seja, com um objeto escultural a que é atribuído à salvação e ao poder da igreja cristã, “Vi-lhe oscilar a face enorme e hirsuta, / tal como em Roma de São Pedro a pinha;” (*Inf.*, XXXI, 58-59)<sup>14</sup>.

Para Maurício Santana Dias, essa comparação aproxima “o sujeito da danação (no caso, Nemrod) ao objeto de salvação (a basílica de São Pedro).” (DIAS, 2005, p. 14). É interessante pensar que a pinha da igreja de São Pedro relembra também a coroa utilizada pelos assírios, em formato longo e cheio de protuberâncias, parecida com a pinha, apesar de em alguns casos elas serem um pouco diferentes. Dante descreve o corpo de Nemrod, seu ventre, seu peito e a sua cabeça quando ele a relaciona com a pinha de São Pedro “Vi-lhe oscilar a face enorme e hirsuta, / tal como em Roma de São Pedro a pinha;” (*Inf.*, XXXI, 58-59). Nesse caso, Dante apresenta a coroa ou a pinha como um sinal do poder que Nemrod possuía ao construir Babel, ele ainda a carrega assim como o corno, pois o seu passado é presente no cenário dantesco da revelação figural, sendo apresentado enquanto um gigante e confundido com uma grandiosa torre tal qual a que construíra. Ao descrever Nemrod, Dante também enaltece que o corno fica próximo ao peito do gigante, que o usa assim que percebe um movimento estranho em sua direção, no caso, Dante e Virgílio. Alguns comentadores da *Commedia*, como Francesco da Buti (1324-

---

<sup>13</sup> “La faccia sua mi parea lunga e grossa / come la pina di San Pietro a Roma, / e a sua proporzione eran l’altre ossa; / sí che la ripa, ch’era perizoma / dal mezzo in giù, ne mostrava ben tanto / ter Frison s’averien dato mal vanto; / però ch’i’ne vedea trenta gran palmi / dal loco in giù dov’omo affibbia ‘l manto. / ‘*Raphèl maí amècche zabí almi*’, / cominciò a gridar la fiera boca, / cui non si convenia piú dolci salmi. / E ‘l duca mio ver’lui: ‘Anima sciocca, / tienti col corno, e con quel ti disfoga / quando’ira o altra passion ti tocca! / Cércati al collo, e troverai la soga / che ‘l tien legato, o anima confusa, / e vedi lui che ‘l gran petto ti dogà’. / Poi disse a me: ‘Elli stessi s’accusa; / questi è Nembrotto [er lo cui mal coto / pur un linguaggio nel mondo non s’usa.” (*Inf.*, XXXI, 58-78).

<sup>14</sup> “La faccia sua mi parea lunga e grossa / come la pina di San Pietro a Roma” (*Inf.*, XXXI, 58-59).

1406)<sup>15</sup>, sinalizam que o corno ficava suspenso em seu peito, local em que está o coração, como se apontasse o instrumento de som para enaltecer a soberba que Nemrod havia praticado. O termo utilizado pelo poeta para se referir ao instrumento musical também tem relação com o chifre dos animais, o que pode denotar a figura da fera e da crueldade ou, até mesmo, o poder que Nemrod detinha enquanto rei.

Após essa apresentação, Nemrod pronuncia algo ininteligível para os personagens, sendo sua prática de fala a imagem alegórica de seu posto no passado mitológico do *Gênesis*, no qual empreendia o papel de Rei da Babilônia, quando a Torre de Babel era construída. Nemrod tinha a vontade de chegar aos Deuses, por isso empenha seus objetivos na construção desta torre. Seu orgulho demonstra a Dante o quanto seu reinado fora corrompido pela sua vontade, sendo castigado por Deus, que dinamizou milhões de línguas entre aqueles que construíam a torre, algo saliente na fala de Virgílio: “É Nemrode, que em louco empreendimento / a humana língua em mais de mil parcela” (*Inf.*, XXXI, 77-78)<sup>16</sup>.

Sendo assim, Nemrod deve tocar um instrumento para se comunicar, mas não proferir palavras por meio da língua falada, já que tal prática não pertence mais a ele, “*Rafel maí amech zábi almos*” (*Inf.*, XXXI, 67). Esse verso 67 é a frase emitida por Nemrod que é ininteligível mesmo muitos pesquisadores<sup>17</sup> tendo se defrontado com ela e tentado encontrar algum sentido oculto manifestado pelo primeiro gigante do nono círculo, seja como uma variação do hebraico, do árabe, dentre outras línguas possíveis de se encaixar. Peter Dronke difere um pouco dos criptógrafos que se envolveram com essa frase, pois para o autor é importante buscar os testemunhos paralelos que criaram línguas imaginárias no medievo (DRONKE, 1988, p. 63).

---

<sup>15</sup> Foi escritor e notário da cidade de Pisa. Em 1385, fez a leitura pública de parte da *Commedia* de Dante e foi um dos comentadores da obra do poeta. Os manuscritos dos comentários estão armazenados na Biblioteca Riccardiana de Florença. Disponível em: <https://dante.dartmouth.edu/> Acesso em: 01 ago. 2022.

<sup>16</sup> “questi è Nembrotto per lo cui mal coto / pur un linguaggio nel mondo non s’usa.” (*Inf.*, XXXI, 77-78).

<sup>17</sup> Algumas pesquisas que demonstram a inquietação com a frase de Nemrod são: NARDI, Bruno. *Saggi e note di critica dantesca*. Milano: R. Ricciardi, 1966; LANCI, M. A. *I versi di Nembrotte e di Pluto nella Divina Commedia di Dante*. Roma: Presso Lino Contedifi, 1819; LINDORFER, Bettina. Language as a Mirror of the Soul: Guilt and Punishment in Dante’s concept of language. In: FORTUNA, Sara; et al. *Dante’s Plurilingualism: Authority, knowledge, subjectivity*. Legenda: Oxford, 2011; LEMAY, R. Le Nemrod de l’Enfer de Dante et le Liber Nemroth. *Studi danteschi*, 40, 1963. p. 57-128; TOTARO, E. *Presenze e immagini dell’islam nella ‘Commedia’ di Dante*. Tesi di Laurea in filologia e critica dantesca. Università di Bologna, 2012.

A partir de algumas obras medievais, Dronke demonstra a construção de palavras e línguas fomentadas em contextos diversos como é o caso do *Ordo Stellae* do século XII, que apresenta algumas línguas faladas pelos Reis Magos, sendo uma delas semítica e outra desconhecida. Ele remonta também aos papiros gregos do segundo século e à Hildegard de Bingen, do século XII, que inventou uma língua própria e a inseriu em suas canções para causar um efeito enigmático (DRONKE, 1988, p. 63). O autor continua com a intenção de produzir inquietação e melhor compreensão da imaginação dantesca ao construir a frase de Nemrod, concluindo que “Dante conhecia palavras hebraicas e árabes suficientes não para construir uma adivinhação para os criptógrafos de nosso século, mas para inventar um verso convincente da língua *babélica*, seguindo a tradição das línguas fingidas empregadas na igreja para as festas de Epifania e de Páscoa” (DRONKE, 1988, p. 64 – tradução nossa).

Nemrod também ficou conhecido na Idade Média por outros livros e por algumas lendas que envolviam o seu nome, como é o caso do *Liber Nemroth* que aparece desde o século XI, mas que pode ter sido traduzido anteriormente de outro livro do século VIII EC (DRONKE, 1988). Para Dronke (1988), Bruno Nardi (1966) esclarece que o Nemrod desse livro não é estranho e rebelde perante Deus, como descrito por Dante, pois o texto demonstra como a sua cosmologia aprofunda os conhecimentos sobre a criação. O autor também afirma que provavelmente Dante não tivesse conhecimento de tal obra como fora afirmado por Richard Lemay (1963), mas que conhecia outro trabalho escrito por Pedro Comestor, a *Historia scholastica*, em que Nemrod aparece como astrônomo, gigante e rei da Babilônia. A sua tese se fortalece quando o próprio Dante afirma ter conhecimento sobre Pedro Comestor quando o menciona no *Paraíso*, em seu quarto céu, o sol, “Eis Hugo San Vittore, ardendo em zelos, / mais Pedro Comestor e Pedro Hispano, / a reluzir nos doze livros belos;” (*Par.* XII, 133-135)<sup>18</sup>.

Dante apresenta Nemrod como um dos traidores de Deus, inserindo-o no nono círculo, onde está acorrentado no poço que forma o lago Cocito. No *Gênesis* traduzido na *Bíblia de Jerusalém*, Nemrod é citado da seguinte maneira:

---

<sup>18</sup> “Ugo San Vittore è qui con elli, / e Pietro Mangiadore e Pietro Spano, / lo qual giù luce in dodici libelli;” (*Inf.*, XII, 133-135).

Cuch gerou Nemrod, que foi o primeiro potentado sobre a terra. Foi um valente caçador diante de Iahweh, e é por isso que se diz: “Como Nemrod, valente caçador diante de Iahweh”. Os sustentáculos de seu império foram Babel, Arac, Acad e Calane, cidades que estão todas na terra de Senaar. (*Gn*, 10, 8-10)

Há, portanto, uma relação entre Nemrod e Babel, além de um poderio que o liga a regiões pertencentes às terras de Senaar. Como “valente caçador”, Nemrod pode ser um rei mesopotâmico, já que é valente e está diante de Iahweh, algo que pode levar a interpretá-lo como um ser detentor de poder que é valente perante Deus, mas não que é valente por Deus. O nome Nemrod, algumas vezes traduzido como *Nembroth* ou *Nimrod*, significa, etimologicamente, “aquele que se rebelou” ou “rebelde”.

Atualmente, o nome Nimroud ou Nimrud está vinculado a uma antiga cidade da região da Mesopotâmia e próxima a Nínive (LAYARD, 1853, p. 5). Na catalogação de monumentos de Nínive realizada por Austen Henry Layard, a cidade de Nimroud é mencionada e há à disposição um mapa da cidade (*99-GroundPlanof Nimroud*), porém esse nome lhe fora atribuído no período pós Idade Média e provavelmente não era o nome usado na época medieval. A cidade era conhecida como Kalhu e passou a ser chamada de Nimroud em referência ao Nemrod mesopotâmico mencionado no Antigo Testamento (FRAHM, 2013, p. 3678). Para Dante assim como para Agostinho (354-430 EC), Nemrod foi um rei mesopotâmico que dominou a região de Seenar e construiu a Torre de Babel, elemento que enfatizou sua soberba perante o Deus judaico-cristão. Em Filón de Alexandria (I EC), sob o subtítulo *Sobre os gigantes*, também é possível encontrar o nome Nemrod, ele o apresenta como filho da terra, desertor e um dos gigantes sobre a terra (FILÓN, 1976, p. 35).

Outra menção a Nemrod é encontrada no livro de *Miqueias* em que é narrado o futuro da Assíria perante a glória dos descendentes de Davi, Miqueias afirma “Eles [sete pastores e oito chefes de homens] apascentarão a terra da Assíria pela espada e a terra de Nemrod pelo seu punhal.” (*Miq.* 5, 5). Na mitologia cristã, Miqueias ficou muito conhecido por profetizar a cidade de nascimento do messias. Na passagem

citada, Miqueias está afirmando que se a Assíria os atacar, a guerra será o próximo passo. Ao que parece, vencer ou conquistar as terras de Nemrod é um artifício difícil e um desafio necessário.

Dante insere Nemrod como um dos gigantes, sendo que este elemento de destaque de altura não está presente no Antigo Testamento, o personagem é mencionado apenas em *Gênesis* e em *Miqueias* enquanto um dos descendentes de Cuch. Dias (2005) pontua que o termo “gigante”, para classificar Nemrod, foi usado somente por Dante na época medieval. Agostinho também o usa em *Cidade de Deus* quando anuncia que Nemrod pode ser um caçador e rebelde, mas também o fundador da Babilônia “Donde se conclui que foi seu fundador o dito gigante Nebróth” (AGOSTINHO, 2000, IV, p. 1462). A leitura de Agostinho foi um dos pilares de Dante, assim como a *Consolação da Filosofia* de Boécio (480-524 EC). No caso, o termo gigante e a sua associação com um rebelde e soberbo podem estar relacionados com a exegese de Agostinho, pois Rossini afirma que “A sua [Agostinho] hipótese é, então, de que se trata daqueles anjos rebeldes que apoiaram a revolta de Lúcifer” (ROSSINI, 2004, p. 268 – tradução nossa).

De acordo com as notas explicativas presentes na *Bíblia de Jerusalém*, Nemrod é “Figura popular, [...] atrás da qual se esconde um herói da Mesopotâmia, cuja identificação é incerta” (*Bíblia de Jerusalém*, 2002, p. 47). Sendo assim, a passagem do *Gênesis* foi lida na Idade Média e visualizada pela patrística enquanto narrativa de um dos gigantes pertencentes à linhagem de Cuch, um dos descendentes de Cam, que carregava o estigma da rebeldia em seus atos, sendo ele compreendido enquanto o gigante orgulhoso que ameaçava a hegemonia do Deus único. É esta a visão que Agostinho sustenta sobre Nemrod em seu terceiro volume da *Cidade de Deus*:

Assim se deve pois entender que este gigante foi caçador ‘contra’ o Senhor. Que se quis aqui significar com este nome de ‘caçador’ senão ‘enganador’, ‘opressor’, ‘exterminador’, de animais terrestres? Elevava (Nébroth) com os seus povos contra o Senhor uma torre, sinal de ímpia soberba. Porém, a sua má intenção sofreu um justo castigo, mesmo sem ir avante. (AGOSTINHO, 2000, IV, p. 1463)

Essa passagem de Agostinho descreve Nemrod (Nebroth, no caso da citação) como um gigante caçador, enganador, exterminador que elevou uma grande torre contra Deus. Essa grande torre é uma referência à Torre de Babel, onde acontece a confusão das línguas e que remete à forma como Agostinho explica o significado da palavra Babilônia “De facto, Babilônia significa <confusão>” (AGOSTINHO, 2000, IV, p. 1462). Na *Etimologias* de Isidoro de Sevilha (560-636 EC), o nome de Nemrod (Nembroth) aparece no Livro XV *Dos edifícios e dos campos*. Isidoro parece não ver em Nemrod a figura de um gigante e apenas informa que ele fundou a cidade de Edesa depois de sair da Babilônia, logo após residir nela haveria fundado Chalanne (ISIDORO, 1951, Livro XV, c.1, p. 363). A soberba de Nemrod, identificada pelo fato de prosseguir com a construção de uma torre com a intenção de chegar aos céus, é um elemento considerado por Dante ao imaginar o rei mesopotâmico como um gigante que balbucia palavras incompreensíveis aos outros e que só podem ser entendidas por ele mesmo, isto o impossibilita de se comunicar. O próprio Nemrod e os outros gigantes são entendidos como torres, o que relaciona o fato de a torre construída por ele ser parte dele nesse círculo, ou seja, uma pré-figuração de seu passado presente na eternidade dantesca.

Foi dessa forma que Dante visualizou no passado a pré-figuração de um acontecimento, como a construção da Torre de Babel e de seu gigante construtor, enquanto prática de soberba e de orgulho perante Deus, sendo, então, merecedor do nono círculo infernal, ao lado de outros gigantes que foram, também, traidores de seus Deuses. Eles são a presença de um passado de traição que se configura na figuração da alegoria de suas imagens apresentadas na *Commedia*, presente no Canto XXXI. Para Agostinho, o castigo de Nemrod é o de não ser mais compreendido por aqueles que ele deve comandar, ou seja, seus súditos, pois “o poder de quem comanda se realiza pela palavra, nela é que foi condenada a soberba” (AGOSTINHO, 2000, IV, p. 1463); “*Rafel maí amech zábi almos*” (*Inf.*, XXXI, 67), soberba esta presentificada por Dante na fala de Nemrod aos peregrinos.

Além dessas referências a Nembròt ou Nembrotto presentes na *Commedia*, Dante também o cita no *Purgatório* e no *Paraíso*. As menções encontradas nessas obras são reforços do que Nemrod realizou em vida, no evento da criação do tempo

da “confusão”, nos termos de Agostinho, ou seja, da criação dos vários idiomas. No Canto XXVI do *Paraíso*, Dante se encontra com Adão, ele comunica sobre o Jardim do Éden e sua desobediência perante o mandamento divino quando teve que andar pelo mundo e, então, pontua: “A língua que eu falava se extinguiu / antes que o rei Nemrode à interminável / obra pusesse a mão, como se viu;” (*Par.*, XXVI, 124-126)<sup>19</sup>.

Porém, ao mencionar Nemrod no *Purgatório*, Dante informa qual fora a sua pré-figuração, “Vi Nemrode, a observar a grã factura, / meio perdido, e em Senaar a gente / que a soberba provou, amarga e dura.” (*Purg.*, XII, 34-36)<sup>20</sup>. O papel do primeiro terraço do purgatório onde os peregrinos caminham é punir os soberbos e em seu extenso piso estão desenhados eventos que tiveram como palco algum ser soberbo, dentre eles Nemrod. Em todo caso, foi a soberba que impulsionou a vontade de Nemrod em encontrar na grã factura a vontade dos Deuses, porém, para Dante, ele perdeu-se em sua amargura e encontrou na confusão dos idiomas o seu destino, agora figurado no *Inferno* dantesco, como aquele que em sua soberba e orgulho passou a trair a vontade do desconhecido, sendo, agora, alegoria da soberba e da traição. Estas são encontradas na vontade de efetuar em uma “grã factura”, o alcance da sabedoria dos céus e dos ídolos, tal como afirma Brunetto Latini (1220-1294)<sup>21</sup> em seu *Il tesoro*:

[...] como Nembrot construiu a torre di Babel na Babilônia, de onde advém a diversidade do falar e a sua confusão, as vontades das linguagens. E Nembrot mesmo mudou a sua língua do hebreu para o caldeu. E, então, ele foi à Pérsia. Mas ao final ele retornou ao seu reino, isto é, à Babilônia. E ensinou à sua gente a nova lei. E fez eles adorarem o fogo como Deus. E, então, as pessoas começaram a adorar ídolos. E se sabe que a cidade da Babilônia tem em torno de sessenta milhões de passos. (LATINI, 1839, p. 32 – tradução nossa)

---

<sup>19</sup> “La língua ch’io parlai fu tutta spenta / innanzi che a l’ovra inconsummabile / fosse la gente di Nembrotto atenta:” (*Par.*, XXVI, 124-126).

<sup>20</sup> “Vede a Nembròt a piè del gran lavoro / quase smaritto, e riguardar le genti / che ‘n Sennaar con lui superbi fuoro.” (*Purg.*, XII, 34-36).

<sup>21</sup> Foi notário e escritor na cidade de Florença. Escreveu obras como *Il tesoretto* e *Li livres du Tresor*. Latini foi mestre de Dante, sendo mencionado pelo poeta no Canto XV do *Inferno* (*Inf.* XV, 82-85).

Brunetto afirma que Nemrod incitou o seu povo a adorar o fogo e outros Deuses, o que permite a dedução de que Dante, ao ler os livros e conversar com seu mestre, tenha identificado no passado desse “rei caçador” os vícios da soberba e da traição enquanto elementos figurados que revelam ao poeta o ambiente em que esses personagens bíblicos figurariam no pós-morte, tal como ocorre com os demais gigantes. Frutos da traição, os gigantes revelam, nos atos mitológicos codificados nas obras antigas, as ligações que permitem a Dante reuni-los no poço do Cocito. A ideia da adoração do fogo inserida no argumento de Latini provém de uma lenda judaica presente no *Midrash Genesis Noach*, que, de acordo com Dronke (1988), é datada do século V EC, “Nemrod ordena aos homens que adorem o fogo. Quando Abraão o rejeita, Nemrod o lança em uma fornalha, mas Abraão sai são e salvo. Mais tarde, este *Midrash* diz que Nemrod ‘incitou o mundo à rebelião contra Deus’” (DRONKE, 1988, p. 66 – tradução nossa).

Isidoro afirma na *Etimologias* que os gigantes eram considerados pelos gregos como os filhos da terra, eles teriam sido criados da terra mais profunda (ISIDORO, 1951, Livro XI, c.3, p. 281). Dante concebe a sua ideia dos gigantes baseando-se nas questões relativas à terra e insere-os no círculo de gelo de Lúcifer, bem no centro do planeta. Os gigantes, longe de serem apenas demônios condenados, estão inseridos como guardiões do nono círculo, os quais demonstram àqueles que chegam ou caminham pelo abismo a realização dos feitos mitológicos, agora figurados no pós-morte pela união de seu passado alegórico manifesto na eternidade do pós-morte. Os gigantes e os seres híbridos são imagens em movimento, que ensinam a sabedoria dos tempos e mostram a Dante a universalidade desse saber, ao fazer coexistir culturas diversas, mas confluentes, no pós-morte transcultural medieval.

#### **A revelação figural dos gigantes Briareu, Anteu e Efialte, e a presença de Lúcifer**

Tornando à esquerda, prossequimos viagem;  
Quase a um tiro de besta sibilante,  
Outro maior topamos, mais selvagem.

À cadeira, que do alto da coleira  
Lhe constringia o busto desnudado,  
Em cinco voltas, bem chumbada à beira.

‘Medir-se pretendeu, desabusado,  
Co’ o sumo Jove’, disse então meu guia,  
‘e foi por esta forma castigado.

É, pois, **Efialto** que sua ousadia  
Demonstrou contra o Olimpo na escalada:  
Imóveis tem as mãos que em fúria erguia.’

‘Espero’, eu lhe implorei, ‘que apresentada  
Seja aqui aos meus olhos de **Briareu**  
A figura sem par, desmesurada.’

‘Vais ver’, tornou-me, ‘e bem de perto, **Anteu**,  
Que fala, e estando livre, num instante  
Nos porá onde Lúcifer desceu.  
(*Inf.*, XXXI, 82-102 – grifo nosso)<sup>22</sup>

Outros gigantes são mencionados por Dante, mas não são vistos por ele, como o caso de Briareu (*Inf.*, XXXI, 98), Tifeu e Tício (*Inf.*, XXXI, 124). Na passagem acima, percebe-se que Briareu é usado como estratégia de experiência, na qual Dante evoca que aos seus olhos seja apresentada a figura desmesurada de Briareu, que o poeta pensa possuir cem braços e várias cabeças. Virgílio, então, lhe explica que a ele será apresentada a figura de Anteu que “nos porá onde Lúcifer desceu” (*Inf.*, XXXI, 102)<sup>23</sup>,

---

<sup>22</sup> “Faccemo adunque piú lungo Viaggio, / vòlto a sinistra; e al trar d’un balestro / trovammo l’altro assai piú fero e maggio. / A cigner lui qual che fosse ‘l maestro, / non so io dir, ma el tenea soccinto / dinanzi l’altro e dietro il braccio destro / d’una catena che ‘l tenea avvinto / dal collo in giú, sí che ‘n su lo scoperto / si r avvolgea infino al giro quinto. / ‘Questo superbo volle esser esperto / di sua potenza contra ‘l sommo Giove’, / disse ‘l mio duca, ‘ond’ elli ha cotal merto. / Fialte ha nome, e fece le gran prove / quando i giganti fer paura a’ déi; / le braccia ch’el menò, già mai non move’. / E io a lui: ‘S’esser puote, io vorrei / che de lo smisurato Briareo / esperienza avesser li occhi mei’. / Ond’ei rispuose: “Tu vedrai Anteo / presso di qui che parla ed è disciolto, / che ne porrà nel fondo d’ogne reo.” (*Inf.*, XXXI, 82-102).

<sup>23</sup> “che ne porrà nel fondo d’ogne reo.” (*Inf.*, XXXI, 102).

ou seja, que lhes servirá de transporte ao nono círculo do inferno, sendo Briareu parecido com Anteu, cuja forma é humanoide.

Virgílio, na *Eneida*, afirma que Briareu é filho de Urano com Gaia e um dos três hecatônquiros, gigantes com cem braços e cinquenta cabeças. O poeta romano também o denomina Egeu em seu Livro X, quando descreve o corpo de Briareu, “cem braços” e “cinquenta bocas” (*Eneida*, X, 565;567). Eneias encontra Briareu ao entrar no Averno, evento rápido narrado no Livro VI da *Eneida*. Briareu e seus irmãos são aprisionados no Tártaro por Cronos, posteriormente, ajudam Zeus a vencer os titãs.

Na *Commedia* não há descrição de Briareu, apenas menção ao seu nome e à característica de ser grande e poderoso; “*smisurato*” (imenso) nos termos de Dante, que o adota de Estácio, em sua *Tebaida* (Livro II), “*ne svelse un rozzo e smisurato sasso*” (*Tebaida*, II). A referência acontece no *Inferno*, provável memória virgiliana do encontro entre Eneias e Briareu. Já o olhar que Dante evoca em seus olhos está relacionado à potência de todos os olhos de Briareu, o poeta tem curiosidade e estima ver a figura que fora descrita como diferente e misteriosa, ele deseja visualizar os gigantes com detalhe para conhecer e saber mais sobre os eventuais seres que encontra. Briareu é, para Dante, a alegoria da soberba, como o poeta afirma no *Purgatório*, quando ele e Virgílio caminham pela cornija da soberba onde o piso transmite imagens que representam o castigo dos soberbos, dentre elas está a de Lúcifer e de Briareu; “Vi, bem próximo dele [Lúcifer], Briareu, / por um dardo varado, que jazia / no solo, onde seu corpo se abateu.” (*Purg.*, XII, 28-30)<sup>24</sup>.

Virgílio continua ao expor que Briareu não se encontra nesta região do nono círculo, mas que está lá, em ferros, “O que mencionas [Briareu] fica muito adiante, / em ferros, e é como este conformado, / apenas mais feroz em seu semblante.” (*Inf.*, XXXI, 103-105)<sup>25</sup>. Ao que os versos indicam, Briareu está no poço, acorrentado como Efiálte, somente com a aparência mais feroz. A afirmação de Virgílio afeta Efiálte que se agita fortemente ao ouvir que é menos feroz que Briareu “como agitar-se eu vi Efiálto, irado.” (*Inf.*, XXXI, 108)<sup>26</sup>.

---

<sup>24</sup> “Vede Briareo fitto dal telo / celestial giacer, da l'altra parte, / grave a la terra per lo mortal gelo.” (*Purg.*, XII, 28-30).

<sup>25</sup> “Quel che tu vuo' veder, piú là è molto / ed è legato e fatto come questo, / salvo che piú feroce par nel volto.” (*Inf.*, XXXI, 103-105).

<sup>26</sup> “come Fialte a scuotersi fu presto.” (*Inf.*, XXXI, 108).

A partir disso, Virgílio afirma que maior detalhe Dante terá de Anteu, é nesse gigante que, possivelmente, encontremos mais vestígios de passados presentes que resultam na revelação figural dantesca. Anteu é presença do passado da *Fársalia* de Lucano e da *Tebaida* de Estácio, já que na *Eneida*, Anteu não aparece como um dos gigantes; em Homero e em Hesíodo, o termo não aparece. Encontramos vestígios de Efiante na *Ilíada* e *Odisseia* de Homero, na *Eneida* de Virgílio e na *Farsália* de Lucano. Sendo esta última aquela que mais apresenta vestígios de tais gigantes, os quais parecem ser mais presentificados por meio da pré-figuração de Lucano.

Na *Odisseia*, Livro XI, é narrada a titanomaquia ou revolta dos titãs contra o Olimpo. Esse evento mitológico é identificado por Dante como uma pré-figuração da presença dos gigantes no inferno, em especial, Anteu e Efiante, mesmo que o primeiro não tenha participado do conflito. Para Dante, Efiante foi aquele que, pela ousadia, “demonstrou contra o Olimpo na escalada: / imóveis tem as mãos que em fúria erguia” (*Inf.*, XXXI, 95-96)<sup>27</sup>. Essa posição de Efiante no inferno parece revelar a memória virgiliana presente no Livro VI da *Eneida*, quando Eneias caminha pelo Averno. Virgílio afirma o seguinte:

Lá se contorce no fundo do abismo os Titãs afamados,  
filhos mais velhos da Terra, do raio feridos de morte.  
Vi nessa altura os dois gêmeos Aloidas, disformes, de corpo  
desmesurados, que, mãos desarmadas, aos céus se atreveram,  
com o fim de a Júpiter sumo arrancar do seu trono soberbo.  
(*Eneida*, Livro VI, 580-584)

Os dois gêmeos Aloidas são Odo e Efiante, filhos de Netuno e Ifimedia, que se unem para enfrentar o Olimpo e destituir Júpiter, a quem Dante nomeia *Giove*, do trono. Dante cita somente Efiante como *Fialte*, a variação linguística que conhecia. Esses dois gigantes são posteriores a Briareu, o qual Virgílio insere na expressão *Titãs afamados*, aqueles que vieram antes, os filhos mais velhos da Terra e que estão no Tártaro por terem sido do “raio feridos de morte”. Briareu foi um dos primeiros gigantes, classificado como um hecatônquiros, como visto anteriormente. Diferente

---

<sup>27</sup> “quando i giganti fer paura a’ dèi; / le braccia ch’el menò, già mai non move” (*Inf.*, XXXI, 95-96).

dos demais, Briareu é filho de Urano com Gaia e participa da titanomaquia ao lado de Cronos, sendo depois aprisionado por este no Tártaro.

A presença de Efilte e Nemrod em um determinado evento de traição é alegorizada pelas correntes que possuem em seus braços. Apenas Anteu não está acorrentado, o que nos permite deduzir que Dante teve contato com obras antigas que lhe afirmaram sobre o não envolvimento de Anteu no conflito contra os Deuses. Nemrod e Efilte estão acorrentados no poço do Cocito; Efilte é dominado pela ira e impacta o medo profundo de Dante, que ao vê-lo se tranquiliza pelas correntes que contornam seus pulsos: “mais não fora mister que o grande medo / se não tivesse visto a algema forte.” (*Inf.*, XXXI, 110-111)<sup>28</sup>.

Aqui, convém destacar que a prática da traição era uma das mais condenáveis no período medieval, já que essa se baseava em rituais sagrados e celebrações que envolviam o laço do vassalo com seu suserano sacralizado pelos laços divinos. Essa tensão entre Deus e os detentores de poderes terrenos transmitia a ideia de que mesmo quando a traição ocorresse no plano terreno, entre duas pessoas, ela também ocorria contra Deus. Mesmo sendo considerada uma falta gravíssima para com a sociedade nobre do período que convivia com “uma cultura de guerra e agressão” (DUBY, 1980), a traição era praticada.

Dante divide a traição em quatro espaços, cada qual é o local de determinados praticantes de uma traição em específico. Caína<sup>29</sup>, o primeiro giro do nono círculo é onde estão os traidores de parentes; Antenora<sup>30</sup> é o local dos traidores da pátria; Ptolomeia<sup>31</sup> é dos traidores de seus hóspedes; Judeca<sup>32</sup> é o local dos traidores de benfeitores. Tais atos eram punidos violentamente no medievo, “Podia-se esperar um poder coercitivo, respondendo à violência pela violência.” (GAUVARD, 2006, p. 609). Como é o caso da tortura e da repressão violenta que pode incluir o homicídio como uma resposta à honra que fora ofendida (GAUVARD, 2006). Dos danados presentes no nono círculo, o mais conhecido é o conde Ugolino della Gherardesca

---

<sup>28</sup> “e non v’era mestier piú avante allota, / s’io non avessi viste le ritorte.” (*Inf.*, XXXI, 110-111).

<sup>29</sup> Esse termo provém do nome de Cain, que matou seu irmão Abel (*Gênesis*).

<sup>30</sup> Antenor traiu os troianos ao se comunicar secretamente com os gregos.

<sup>31</sup> Provém do Ptolomeu bíblico (I *Macabeus*), que mata Simão e seus dois filhos enquanto se hospedavam em sua casa.

<sup>32</sup> Uma referência a Judas, traidor de Cristo.

(1220-1289) (*Inf.*, XXXIII), que fora acusado de traição pelo arcebispo Ruggieri que o trancou na Torre da Fome<sup>33</sup> ao lado de seus filhos e netos. Ali eles ficaram presos até morrerem de fome.

No *Inferno* de Dante, Lúcifer é um dos casos de traição suprema, de mais alto nível, já que ele se voltou contra Deus. Em sua boca, sendo mastigados, estão Judas (traidor de Cristo), Brutus e Cássio (traidores de César), cada um em uma das três bocas. Judeca é o local em que estão os traidores de seus benfeitores. Os gigantes e Lúcifer carregam elementos de proximidade, já que ambos foram aqueles que tentaram se rebelar contra uma determinada ordem. Lúcifer também é descrito como um gigante, porém com atributos bestiais o que o difere dos demais gigantes. Além disso, ele se encontra na última parte do nono círculo, Judeca, onde estão os traidores de Deus e dos imperadores; já os gigantes são guardiões do círculo e se encontram em sua entrada, dentro de um poço.

Esses gigantes, incluindo Lúcifer, são elementos que alegorizam os atos que ameaçam os poderes e a ordem medieval que era mantida, em muitos casos, por meio de uma violência legítima. Todos os gigantes que pertencem ao nono círculo foram praticantes da traição contra o poder divino, o que inclui o vício da soberba, como é o caso de Nemrod, Efilte e Lúcifer.

A bestialidade de Lúcifer e a sua localização remetem a um ser que é traidor e que fora corrompido pela sua soberba e pelo orgulho, o desejo de se igualar a Deus, elementos que alegorizam a prática da traição e do ferimento da honra. Seu corpo possui três faces, uma amarela, outra negra e outra vermelha (*Inf.*, XXXIV, 37-45); seu corpo é pleno de pelos o que caracteriza a sua bestialidade (*Inf.*, XXXIV, 73-75); em suas costas estão armadas e batendo constantemente os três pares de asas de morcego, que quando se movimentam aumentam os ventos do nono círculo e congelam o ambiente e os traidores “um moinho se vê que em fúria gira” (*Inf.*, XXXIV, 6)<sup>34</sup>. Sendo assim, Lúcifer é também uma alegoria das revoltas e traições que ameaçavam as ordens políticas do medievo, assim como os demais gigantes “Se foi

---

<sup>33</sup> Ficou com esse nome após o ocorrido. A torre fica na cidade de Pisa.

<sup>34</sup> “par di lungi un molin che 'l vento gira” (*Inf.*, XXXIV, 6)

tão belo quanto agora é hirsuto, / e se contra o Criador se ergueu, furente, / é natural que engendre a dor, o luto.” (*Inf.*, XXIV, 34-36)<sup>35</sup>.

Além do pecado, Lúcifer e os demais gigantes estão inseridos na água, porém, no que concerne aos gigantes, é um grande poço que os envolve, ao contrário de Lúcifer que está nas águas congeladas do rio Cocito que o prende, estando livre da cintura para cima. No poço de entrada os gigantes são identificados como grandes torres, conforme aquelas que circundam as cidades medievais e as protegem de invasores. No caso, Lúcifer é o centro do nono círculo para onde todos os quatro giros se direcionam até ele. O poço e as torres anunciam que o rei está a ser apresentado. Ele é “*il vermo reo*” (*Inf.*, XXXIV, 108), o verme rei, ou seja, a figura central do inferno dantesco, o grande traidor. A traição e a soberba dos gigantes foram realizadas contra a supremacia dos Deuses e Deusas, próximo da relação entre Lúcifer e o Deus cristão. No caso, parece-me que Dante não faz diferença entre as práticas contra os Deuses e Deusas e o Deus cristão, este poder divino emana de todos eles confluindo para um ser que é único, no caso, a luz divina: Deus presente no empíreo (*Par.*, XXXIII).

Os Deuses e Deusas antigos funcionam como anúncios do Deus cristão figurado. Esse fenômeno demonstra que a ação que eles praticaram no passado corrobora com seu estado de figuração no pós-morte dantesco, onde eles são presentificados com alguns vestígios de passado, de presente e futuro. Por isso, para identificar os indícios dos seres híbridos na *Commedia* é necessário verificar a atuação de uma cultura de presença (GUMBRECHT, 2009) que funde as temporalidades; os híbridos são o que são no pós-morte dantesco porque anunciam temporalidades cruzadas. No caso, para entendê-los é necessário visualizar seus entrelaçamentos culturais e temporais, sua transtemporalidade, e a revelação que Dante presentifica na *Commedia*.

A figuração dos híbridos é dotada de eternidade, do evento passado revelador da figuração anunciada na obra dantesca (AUERBACH, 1997). Essa forma de interpretação permite verificar o porquê Dante insere gigantes da mitologia greco-romana no nono círculo ao lado de Lúcifer ao invés de inserir os *nefelim* ou

---

<sup>35</sup> “S’el fu sí bel com’elli è ora brutto, / e contra ’l suo fattore alzò le ciglia, / ben dee da lui procedere ogne lutto.” (*Inf.*, XXXIV, 34-36).

anjos caídos que estavam presentes nas tradições antigas e medievais, como o caso do *Livro de Enoch*<sup>36</sup>, *Jubileus*<sup>37</sup> e do *Gênesis*, “No livro do Gênesis (Gn- 6,4), os gigantes são apresentados como fruto da união entre as ‘filhas dos homens’ e os ‘filhos de Deus’” (ROSSINI, 2004, p. 267 – tradução nossa)<sup>38</sup>.

Para Dante, as mitologias antigas anunciam os gigantes como seres divinos e poderosos que ambicionam o poder dos Deuses e Deusas, eles estão próximos da visão medieval relacionada ao anjo Lúcifer que era poderoso e caíra por conta de sua ambição, “O imperador do reino causticante / tinha, do gelo, sobrealçado o peito; / mais posso comparar-me co’um gigante / do que um gigante com seu braço, a jeito;” (*Inf.*, XXXIV, 28-31)<sup>39</sup>. Sendo assim, Dante menciona os gigantes no início da jornada para a traição, pois a soberba e o orgulho deles funcionam como eventos que pré-figuram a aparição figurada de Lúcifer. Os papéis cumpridos pelos gigantes anunciam o pior dos pecados e o peso de todos os demais, a soberba e o orgulho são os pilares possíveis para atração da traição e, por isso, os gigantes mitológicos greco-romanos são comparados a Lúcifer.

Lúcifer está preso no Cocito e os gigantes Efialte e Briareu também estão aprisionados, mas com grandes correntes que os impedem de se mover. “Lo ‘mperador del doloroso regno” (*Inf.*, XXXIV, 28) é comparado à altura dos gigantes do Canto XXXI e Dante menciona que é mais fácil ele mesmo se comparar com um gigante do que comparar um gigante com Lúcifer devido ao tamanho grandioso deste híbrido, já que um gigante estaria mais próximo em tamanho do braço de Dite<sup>40</sup>. De acordo com Rossini (2004), quatro livros apontam os pontos negativos que a patrística enxerga nos gigantes: o livro do profeta Baruch, o livro de Judite, o livro da Sabedoria e o livro de Eclesiastes; já a rebelião comum aos gigantes apresentados foram inspirações que Dante obteve das leituras de Ovídio, Virgílio e

---

<sup>36</sup> O *Livro de Enoch* é um apócrifo da literatura judaica escrito provavelmente no século I EC. Nessa obra, Enoch tem uma visão escatológica ao viajar pelos céus e infernos.

<sup>37</sup> O *Livro dos Jubileus* foi escrito no século II AEC.

<sup>38</sup> “Nel libro della Genesi (6.4) i giganti vengono presentati come frutto del congiungimento tra le ‘figlie degli uomini’ e i ‘figli di Dio’”.

<sup>39</sup> “Lo ‘mperador del doloroso regno / da mezzo ‘l petto uscia fuor de la ghiaccia; / e più con un gigante io mi convegno, / che i giganti non fan con le sue braccia;” (*Inf.*, XXXIV, 28-31).

<sup>40</sup> Dante usa três nomes para se referir a Lúcifer: Lucifero, Belzebu e Dite.

de “Arnoldo di Orleans, Giovanni di Garlandia e Giovanni del Virgilio, comentadores medievais da *Metamorfoses* de Ovídio” (ROSSINI, 2004, p. 269 – tradução nossa)<sup>41</sup>.

Efialte ou Fialte, é o gigante acorrentado e irado do *Inferno* dantesco. Sua presença de passado aflora na expressão que Dante usa para caracterizá-lo, “*piú fero e maggio*”, ou seja, o mais feroz e maior dentre os gigantes do nono círculo. Sua ira é consequência da vontade de enfrentar os Deuses, ao lado de seu irmão Oto, “até contra os imortais no Olimpo ameaçaram / instaurar combate de guerra encapelada.” (*Odisseia*, XI, 313-314). Efialte é o gigante que, estrategicamente, participou da guerra em Flegra (região em que ocorreu a gigantomaquia) e tentou vencer os Deuses do Olimpo. Sua soberba fez dele a revelação figural para ser um dos guardiões do nono círculo infernal. Fato que aparece em Nemrod e Anteu, porém, neste último, a soberba acontece de outra forma.

Assim como Homero, o imaginário de Dante visualiza Fialte com “grande-fama” e como um dos “mais altos” dos gigantes. Sua fama aparece devido à reação de se revoltar contra os Deuses e sua altura é um dos fatores que assusta o peregrino. Homero também menciona Efialte na *Ilíada* (Livro V), quando faz menção ao rapto de Marte, praticado por Oto e Efialte, durante a gigantomaquia, o evento de revolta contra os Deuses.

Já mencionamos as presenças do passado de Nemrod e de Efialte, ambas carregadas de ideias que culminam na associação da traição e da soberba, algo imposto, também, aos anjos que se rebelaram contra Deus e que foram castigados para ficar na Terra, sem retornar aos céus, evento narrado no *Livro de Enoch*: “E agora os gigantes, que são o preço do comércio do espírito e da carne, serão chamados, na terra, de maus espíritos e sua morada será na terra.” (ENOCH, 1982, p. 38). Vejamos como Anteu é apresentado por Dante e a sua condição em Lucano e Estácio, nos quais o poeta busca as pré-figurações para revelar seu ambiente e comportamento no inferno.

Prosseguimos a marcha no rochedo

Em direção a **Anteu**, que sobrealçado

---

<sup>41</sup> “Arnoldo di Orleans, Giovanni di Garlandia e Giovanni del Virgilio, commentatori medievali delle *Metamorfosi* d’Ovidio”.

Estava, umas dez braças, no degredo.

‘Ó tu, que pelo vale afortunado  
Em que Cipião cumpriu a grã proeza,  
Deixando nele Aníbal derrotado,

De milhares de leões fizeste a presa,  
Se entrado houveras na famosa guerra  
Contra os Deuses, não creio que surpresa

A vitória causasse dos da Terra:  
Não te recuses a nos por, **Anteu**,  
No fundo, onde o Cocito o gelo encerra,

Sem que a Tício o roguemos, ou Tifeu!  
Dar-te-emos o que aqui mais se reclama!  
À obra, pois! Não falte o auxílio teu!  
(*Inf.*, XXXI, 112-126 – grifo nosso)<sup>42</sup>

O poço dos gigantes é o início do nono círculo e o local onde as águas do Cocito desaguam, local de entrada para o fundo do inferno, “No fundo, onde o Cocito o gelo encerra” (*Inf.*, XXXI, 123). É nessa direção que Dante e Virgílio devem seguir com a ajuda de um dos gigantes para que ele os coloque na superfície do nono círculo, onde impera o frio e o gelo do rio Cocito. Dos quatro rios infernais este é considerado por Dante o mais perigoso, pois no frio nada se cultiva e poucos seres sobrevivem, quase um sinônimo de morte. Na *Eneida* (Livro VI), o Cocito é o rio por onde o barqueiro Caronte navega, algo que Dante alterara em sua disposição dos rios infernais. Em seu centro está Lúcifer, o último e mais alto dos gigantes. Anteu, considerado o mais

---

<sup>42</sup> “Noi procedemmo piú avante allotta, / e venimmo ad Anteo, che ben cinque alle, / sanza la testa, uscia fuor de la grotta. / “O tu che ne la fortunata valle / che fece Scipion di gloria reda, / quand’ Anibàl co’ suoi diede le spalle, / recasti già mille leon per preda, / e che, se fossi stato a l’alta guerra / de’ tuoi fratelli, ancor par che si creda / ch’avrebber vinto i figli de la terra: / mettime giù, e non ten vegna schifo, / dove Cocito la freddura serra. / Non ci fare ire a Tizio né a Tifo: / questi può dar di quel che qui si brama; / però ti china e non torcer lo grifo.” (*Inf.*, XXXI, 112-126).

forte dos gigantes, é quem transporta Dante e Virgílio para continuar pelo caminho do inferno.

O principal fator que Dante demonstra acerca dos três gigantes aqui estudados é a sua força e grande altura, algo que os caracteriza enquanto fortes seres, quase imbatíveis. O fato, porém, é que Nemrod, Efialte, Briareu, Tício e Tifeu (estes três últimos não estudados por serem apenas mencionados) são gigantes que desafiaram os Deuses, ou seja, por mais fortes e altos que fossem, eles não conseguiram vencer o poder divino. Esse fator é uma pré-figuração de sua ação mitológica, enquanto que a sua figuração é a presença de todos no nono círculo infernal, onde também se encontra Lúcifer.

Lúcifer foi o anjo rebelde, gigante (para Dante) e poderoso, que buscou, pela soberba e orgulho, avançar no poderio divino, ultrapassando as forças deste. Por isso, foi punido e inserido no inferno, aprisionado. A figuração dantesca para os gigantes é a de anjos caídos, que desafiaram o poder divino pela soberba e orgulho ao tentarem tomar o poder divino, algo que Lúcifer também fizera. Nesse caso, os gigantes inseridos por Dante no nono círculo do inferno são a figuração de anjos caídos, tal qual *Enoch* demonstra em seu texto, considerado apócrifo pelo cristianismo, conforme visto anteriormente: “Então serão lançados às profundezas de um fogo que os atormentará incessantemente e lá permanecerão por toda eternidade” (ENOCH, 1982, p. 27).

Anteu é o único gigante que não se rebelou contra os Deuses, aquele que não demonstra, em primeiro plano, qualquer indício de rebeldia divina, já que, diferente dos demais, ele não está acorrentado e preso. Então, porque está no nono círculo ao lado dos outros gigantes? Qual é a pré-figuração demonstrada em Anteu? E a sua figuração? Dante utiliza duas presenças de passado demonstradas pela linguagem de sua obra: *Farsália*, de Lucano; *Tebaida*, de Estácio. Lucano apresenta Anteu em sua obra, na qual consigo perceber sintonias de mundos passados que Dante demonstra na *Commedia*:

Prosseguimos a marcha no rochedo  
Em direção a **Anteu**, que sobrealçado  
Estava, umas dez braças, no degredo.

Uns montes erodidos **Curião** percorre  
Que não vã tradição chama “**terras de Anteu**”.  
Ao curioso indagador do antigo título,

‘Ó tu, que **pelo vale afortunado**  
Em que **Cipião** cumpriu a grã proeza,  
Deixando nele **Aníbal** derrotado,

**De milhares de leões fizeste a presa,  
Se entrado houveras na famosa guerra  
Contra os Deuses, não creio que  
surpresa**

**A vitória causasse dos da Terra:**  
Não te recuses a nos por, **Anteu**,  
No fundo, onde o Cocito o gelo encerra,  
Sem que a **Tício** o roguemos, ou **Tifeu!**  
Dar-te-emos o que aqui mais se reclama!  
À obra, pois! Não falte o auxílio teu!  
(*Inf.*, XXXI, 112-126 – grifo nosso)<sup>43</sup>

Um rude Líbio ensina o que seus pais contaram.  
“Tendo os Titãs gerado, a Terra inda fecunda  
Pariu, nas grutas Líbias, Anteu, prole horrenda.  
**Nem Tífon, Tício ou Briareu tal glória deram  
À mãe que o céu poupou em não criá-lo em Flegra.  
Ao seu rebento cede a Terra este poder:**  
Se enfraquecido ao só tocá-la ganha força.  
Tinha por lar esta caverna e atrás desta alta  
**Penha – dizem – comia os leões que caçava.**  
Para dormir não costumava debruçar-se  
Sobre montões de folha ou pele de animais,  
À flor da terra recobrava as forças. Líbios  
Muitos ali matou e quem por mar chegasse.  
Destro em duelos muito aguenta sem cair,  
Dispensando o materno favor: era invicto,  
Pois, mesmo em pé, forçado. A fama dos flagelos  
Dele correu e ao grande Alcides, monstrosida  
Em toda a parte, às Líbias plagas atraíu.  
(*Farsália*, Canto IV, 589-609 – grifo nosso)

Nessas duas passagens citadas acima, é possível verificar o conhecimento que Dante possuía da obra *Farsália*, de Lucano. Essa obra, considerada sucessora da *Eneida*, foi lida e compreendida por Dante, apesar de sua temática não envolver os acontecimentos mitológicos enquanto fatores importantes na narrativa, ela presa pelo saber mitológico, ou seja, os acontecimentos narrados na *Farsália* estão relacionados à guerra civil e a mitologia serve de suporte para compreender esse arco, enquanto um movimento de espiritualidade. Nesse caso, a obra não é cosmogônica, de origem ou escatológica, não tem o propósito de narrar os eventos mitológicos que aconteceram *illo tempore*. Anteu é o gigante descrito por Lucano, o

---

<sup>43</sup> “Noi procedemmo piú avante allotta, / e venimmo ad Anteo, che ben cinque alle, / sanza la testa, uscia fuor de la grotta. / “O tu che ne la fortunata valle / che fece Scipion di gloria reda, / quand’ Anibàl co’ suoi diede le spalle, / recasti già mille leon per preda, / e che, se fossi stato a l’alta guerra / de’ tuoi fratelli, ancor par che si creda / ch’avrebber vinto i figli de la terra: / mettime giù, e non ten vegna schifo, / dove Cocito la freddura serra. / Non ci fare ire a Tizio né a Tifo: / questi può dar di quel che qui si brama; / però ti china e non torcer lo grifo.” (*Inf.*, XXXI, 112-126).

qual é figurado por Dante no nono círculo do inferno. O “vale afortunado” citado por Dante é o local em que Cipião ou Curião venceu Aníbal, ou seja, onde Lucano menciona como “Terras de Anteu”. As passagens sobre Tifón, Tício e Briareu também são demonstradas por Dante, que cita Briareu como um dos gigantes e menciona Tício e Tifeu quando, na narrativa, Virgílio pede a Anteu que leve ele e o peregrino vivente ao nono círculo.

Outro fator importante a ser verificado, conforme questão levantada, é a causa de Anteu estar no inferno como presença do círculo da traição. Dante presentifica a afirmação de Lucano quando menciona a “famosa guerra”, aquela que foi travada “contra os deuses”; a presença dada por estes versos é reforçar a força de Anteu que, “[...] não creio que surpresa / a vitória causasse dos da Terra” (*Inf.*, XXXI, 20-21)<sup>44</sup>, ou seja, com a ajuda deste gigante, a vitória seria dos revoltados e não dos Deuses. Lucano também menciona este fator “A mãe que o céu poupou em não criá-lo em Flegra.” (*Farsália*, Canto IV, 96), pois, se Anteu estivesse na gigantomaquia, os gigantes venceriam.

A vida de Anteu, antes de ser derrotado por Hércules ou Heracles ou Alcides (de acordo com a obra de Lucano), é manifesta e descrita em ambas as obras. A presença do passado lucaniano na *Commedia* é demonstrada, também, no verso 118, “De milhares de leões fizestes a presa” (*Inf.*, XXXI, 118)<sup>45</sup>; na *Farsália*, “tinha por lar esta caverna e atrás desta alta / Penha – dizem – comia os leões que caçava” (Livro IV, 598-599). Anteu era forte e destemido, pois avançava contra leões e os devorava para saciar sua fome. Além disso, fez de sua morada o local em que Cipião vencera Aníbal, como Dante menciona, ou seja, em local de prestígio. Essas considerações do local e do alimento são vestígios de como o poeta florentino revelara sua figuração, pois, apesar de não ser um dos gigantes de Flegra, Anteu é dominado pela soberba, ao comer leões (animal encontrado no Canto I da *Commedia* como alegoria da soberba) e ao ser o mais forte dentre os gigantes, um legítimo filho da Terra (Gaia) de quem nutria suas forças.

---

<sup>44</sup> “[...] ancor par che si creda / ch’avrebbero vinto i figli de la terra” (*Inf.*, XXXI, 20-21).

<sup>45</sup> “recasti già mille leon per preda,” (*Inf.*, XXXI, 118).

Pegou-o ali, a imensa mão baixando,  
De que **Hércules** provara a força ingente.  
(*Inf.*, XXXI, 131-132 – grifo nosso)<sup>46</sup>

Por fim o **herói** descobre que o toque da  
**mãe**  
Ajuda **Anteu** e diz: ‘Vou manter-te de pé,  
Vou te vedar o chão, **seio que te alimenta**.  
Ficarás preso aqui, comprimido em meu  
tórax:  
Aqui terás jazigo’. E ergueu a criatura [...]  
(*Farsália*, Canto IV, 645-649 – grifo nosso)

É com a mão “de que Hércules provara a força ingente” que Anteu pega os peregrinos para descê-los ao nono círculo do inferno. Hércules vencera Anteu quando descobrira que este nutria suas forças ao estar em contato com o “chão, seio que te alimenta”; foi deixando-o sem contato com a Terra e erguendo-o no ar que Hércules conseguiu vencer o gigante. Essa narrativa também está presente na *Tebaida*, de Estácio: “Como o líbico Anteo entre os robustos / braços suados por Hércules; quando a sua força / e a sua fraude foram percebidas, e ele o elevou / suspenso, e removeu toda a esperança, / já que não o deixou com o pé tocar a mãe” (*Tebaida*, Livro V – tradução nossa). Infelizmente, a obra de Estácio não possui muitas informações sobre Anteu, porém o trecho acima mencionado possibilita fazer as ligações diretas entre a *Commedia* e a *Tebaida*.

A força de Anteu é, para Dante, a figuração legítima de que, mesmo o mais forte dos gigantes, não conseguiu sobreviver e foi vencido pelo herói greco-romano. Hércules derrotara Anteu, aquele que tem como mãe a Terra e foi astuto o suficiente para isso, como afirma Quaglio e Pasquini, “sua impotência gigantesca, culpada e condenada, nas quais estão os verdadeiros castigos destes monstros, agora inofensivos e assustadores” (QUAGLIO; PASQUINI, 2014, p. 390 – tradução nossa). Anteu é, então, presentificação do passado luciano e estaciano e fruto da soberba, figurado ao lado de Nemrod e Efialte.

Figurado enquanto um ser que ameaçara Hércules quase o vencendo, e que devorava animais ferozes como leões, Anteu é o gigante que serve de transporte para os peregrinos, deslocando-os da superfície do oitavo para o nono círculo. A

---

<sup>46</sup> “le man distese, e prese l duca mio, / ond’Ercule sentí già grande stretta.” (*Inf.*, XXXI, 131-132).

imagem de Anteu pegando Dante e Virgílio e se inclinando para deixá-los no Cocito relembra ao poeta a paisagem da Garisenda, uma das torres construídas em Bologna no ano de 1110 que tem por característica ser um pouco inclinada como a de Pisa. Quando se olha para o céu é possível notar a inclinação da torre, que parece ter a vontade de tocar o chão “sob as nuvens em marcha, a Garisenda, / e vê-la desabar crê, e suspira” (*Inf.*, XXXI, 137-138).

A comparação dos gigantes com as torres é um dos símiles usados por Dante para demonstrar que o poço no qual esses seres estão localizados é o Cocito e que os gigantes o contornam como se fossem grandiosas torres. No início do Canto XXXI, Dante acredita ter visto grandes torres que logo se revelaram como gigantes, sendo um deles o autor de Babel; depois são comparados com as torres que contornam a cidade de Monterregioni, na Toscana “de Monterrégio as torres sobrealçadas” (*Inf.*, XXXI, 41)<sup>47</sup>, e, por último, a comparação de Anteu com a Garisenda. A torre que parece desabar é a que desloca os peregrinos. De acordo com Cecchetti, os gigantes foram construídos pelo imaginário criativo de Dante ao criar o nono círculo como imagem de Monterregioni “[...] ele faz isso, porque esta experiência funciona como fonte para que ele possa desenhar – feito isso por meio de percepções sensoriais diretas ou indiretas ou por suas amplificações e distorções.” (CECCHETTI, 1974, p. 221 – tradução nossa).

Esse formato de torres funciona como uma fortaleza que defende o que está no centro, no caso, “*L’imperador*”, Lúcifer que é o imperador deste reino. Aqui elas pré-figuram as ações de Lúcifer e também parecem ser agentes que defendem o grande soberbo que está preso no Cocito, o qual funciona como um vassalo traidor que conseguiu seu local de desejo no inferno, na danação de seus atos, sendo guardado por gigantes.

### **Considerações Finais**

Perante os gigantes analisados, é possível afirmar que os passados de Nemrod e Efilte são pré-figurações da traição e da soberba, estando aprisionados no fosso do Cocito, assim como o mencionado Briareu e outros não vistos pelos

---

<sup>47</sup> “Monteregion di torri si corona” (*Inf.*, XXXI, 41).

peregrinos como Tício e Tifeu. Ao lado da traição, também é possível verificar a presentificação da soberba dos antigos gigantes manifestada na *Commedia*, como é o caso de Anteu, o qual é pré-figuração da soberba e do orgulho.

No caso, foi possível analisar cada um dos gigantes, começando por Nemrod e sua revelação figural. Por meio da identificação do gigante com os mundos passados mesopotâmicos e judaico-cristãos, foi possível relacionar suas pré-figurações antigas com o presente de Dante, expandindo o entrelaçamento de temporalidades e culturas por meio da revelação figural, que funde o passado pré-figurado (o caçador perante Iahweh e o construtor da Torre de Babel) com o presente e o desejo de futuro (Nemrod como um dos guardiões do nono círculo), manifestos na eternidade presente no enredo da *Commedia*. Após isso, analisamos os demais gigantes que o personagem encontra na obra: Efialte, Briareu e Anteu. Diante deles, Dante manifesta as presenças de passado estacianas (*Tebaida*), lucanianas (*Farsália*) e virgilianas (*Eneida*), elencando a presença desses passados por meio de sua hermenêutica literária e espiritual, entendendo-os como alegorias reveladas no pós-morte medieval: ambos presentes no nono círculo do inferno como guardiões. A diferença manifestada entre os gigantes é o caso de Anteu, que ao revelar a alegoria da traição e da soberba como os demais, não está acorrentado, demonstrando sua não atuação na guerra contra os deuses do Olimpo, mas contra um dos heróis, Hércules. Além disso, sinalizamos as presenças que Lúcifer emana em cada um dos gigantes analisados diante dos pecados e ações que presentifica, exteriorizados pela descrição e alegoria dantescas presentes na *Commedia*.

Todos esses gigantes desafiaram o poder divino: Nemrod desafiou Deus perante a construção da Torre de Babel; Briareu e Efialte desafiaram o Olimpo; Anteu não participou da ameaça ao Olimpo, mas desafiara Hércules (DIAS, 2005). Seus pés tocam o nono círculo do inferno dantesco como indicação da intensa ameaça que constituíram ao reino dos Deuses e Deusas. Além disso, os gigantes são fortes perante a sua associação à terra o que favorece seu local de atuação, como se estes tivessem voltado para o local de onde vieram. Os gigantes são pré-figurados nas obras dos antigos e revelados por Dante enquanto alegorias de gigantes caídos, dominados pela traição e soberba, os quais funcionam como figuras de agentes revoltados contra a ordem divina. Dante utiliza-se dos saberes virgilianos,

lucanianos e estacianos, além de sua exegese bíblica para encontrar nos gigantes a revelação da verdade proferida em tais obras e manifestada na *Commedia*. Os gigantes são os guardiões legítimos do nono círculo do inferno, onde está Lúcifer, preso no Cocito.

### Fontes

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. Traduzida, anotada e comentada por Cristiano Martins. Belo Horizonte: Itatiaia, 1991.

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. 1ª Edição (1998). Prefácio por Carmelo Distante, tradução e notas por Italo Eugenio Mauro. Edição bilíngue. 15ª Ed. São Paulo: Editora 34, 2008.

ALIGHIERI, Dante. **Inferno**. A cura di Emilio Pasquini e Antonio Quaglio. Milano: Garzanti, 2014.

AGOSTINHO. **Cidade de Deus**. Volume III. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

BÍBLIA, de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2012.

ESTÁCIO. **La Tebaide**. Torino: Unione Torinese, 1928.

FÍLON DE ALEJANDRIA. **Obras completas de Filón de Alejandría**. Tomo II. Traducción directa del griego, introducción y notas de José María Triviño. Buenos Aires: Universidad Nacional de La Plata, 1976.

HOMERO. **Odisseia**. Tradução e prefácio de FREDERICO Lourenço. São Paulo: Penguin Companhia das Letras, 2011.

LATINI, Brunetto. **Il tesoro**. Tradução por Bono Giamboni. Vol. 1. Venezia: Co'tipi del gondoliere, 1839.

LIVRO DE ENOCH. Tradução de Márcio Pugliesi e Norberto de Paula Lima. São Paulo: Hemus, 1982.

LUCANO. **Farsália**: Cantos de I a V. Introdução, tradução e notas por Brunno V. G. Vieira. Campinas: Unicamp, 2011.

ISIDORO DE SEVILHA. **Etimologias**. Madrid: La Editorial Católica, 1951.

VIRGÍLIO. **A Eneida**. São Paulo: Atena editora, 1956.

## Referências bibliográficas

AUERBACH, Erich. **Figura**. São Paulo: Ática, 1997.

BENJAMIN, Walter. **Origem do drama barroco alemão**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CECCHETTI, Giovanni. Dante's giant-tower and tower-giants. **Forum italicum**, v. 8, n.2, 1974.

COSTA, Daniel Lula. **Revelação figural: alegoria e presença dos seres híbridos na Divina Comédia, de Dante Alighieri**. 2019. Tese (Doutorado em História Cultural) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

COSTA, Daniel Lula. Mitologia dantesca: a presença alegórica de Gérião na Commedia, de Dante Alighieri. **Revista Signum**, v. 21, n. 2, 2020.

DIAS, Maurício Santana. Dante no espelho de Nemrod: língua e exílio na Commedia. **Italianística**, X-XI, 2005. p. 11-21.

DRONKE, Peter. Nemrod en la tradición medieval y en Dante. In: BELTRÁN, Vicente. **Actas del I Congreso de la Asociación Hispánica de Lietratura Medieval**. Barcelona: PPU, 1988.

DUBY, Georges. **Guerreiros e camponeses: os primórdios do crescimento econômico europeu do século VII a século XII**. Lisboa: Estampa, 1980.

FRAHM, Eckart. Kalhu (Nimrud). In: BAGNALL, R. S; et all. **The Encyclopedia of Ancient History**. Wiley Blackwell, 2013.

GAUVARD, Claude. Violência. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: Edusc, 2002.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. A presença realizada na linguagem: com atenção especial para a presença do passado. **História da Historiografia**, n. 03, set., 2009. p. 10-22.

LAYARD, Austen Henry. **The monuments of Nineveh**. London: John Murray, 1853.

LEMAY, R. Le Nemrod de l'Enfer de Dante et le Liber Nemroth. **Studi danteschi**, 40, 1963. p. 57-128.

NARDI, Bruno. **Saggi e note di critica dantesca**. Milano: R. Ricciardi, 1966.

QUAGLIO, Antonio; PASQUINI, Emilio. Introdução e notas. In: ALIGHIERI, Dante. **Inferno**. A cura di Emilio Pasquini e Antonio Quaglio. Milano: Garzanti, 2014.

ROSSINI, Antonio. I giganti di Inferno 31: dalla patrística a Dante. **Rivista di cultura classica e medioevale**, vol.46, no. 2, luglio-dicembre, pp. 265-274, 2004.

SILVEIRA, Aline Dias da. Saber em movimento na obra andaluza Gāyat al-hakīm, o Picatrix: problematização e propostas. **Revista Diálogos Mediterrânicos**, n.9, dez., 2015.

TISCHLER, M. Academic Challenges in a Changing World. **Journal of transcultural Medieval Studies**, 1, 2014. p.1-8.

Recebido: 06/09/2022  
Aprovado: 18/09/2022

## FEITIÇARIA E PRÁTICAS MÁGICAS NO INTERIOR FLUMINENSE (VILA DE PIRAÍ, 1844)

WITCHCRAFT AND MAGICAL PRACTICES IN THE INTERIOR FLUMINENSE (VILLAGE OF PIRAÍ, 1844)

Aguiomar Rodrigues Bruno  
CECERJ/CEDERJ  
aguiomarrbprof@gmail.com

Miriam Paulo da Silva  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
miriampaula2011@hotmail.com

**Resumo:** O presente artigo discute acerca das crenças religiosas afro-brasileiras no contexto da escravidão no interior fluminense, século XIX. Essas práticas religiosas foram interpretadas como feitiçarias, tanto pela Igreja Católica como pela justiça dentro do contexto Brasil Império. A princípio, discutiremos a formação histórica e econômica da região do Vale do Paraíba Fluminense, pautada na escravidão negra e no surgimento de uma elite agromercantil local. Logo depois, faremos uma breve exposição sobre as práticas religiosas afro-brasileiras e sua interpretação à luz da Igreja Católica e das instituições burocráticas no período colonial e imperial. Por fim, utilizaremos como fonte o processo crime do cativo Victoriano. Ele foi acusado pelas autoridades locais como feitiçeiro, na freguesia São João Batista do Arrozal, situada na vila de Piraí, em 1844.

**Palavras-chave:** Feitiçaria; Escravidão; Processo-Crime.

**Abstract:** This article discusses Afro-Brazilian religious beliefs in the context of slavery in the interior of Rio de Janeiro, 19th century. These religious practices were interpreted as witchcraft, both by the Catholic Church and by justice within the Brazilian Empire context. At first, we will discuss the historical and economic formation of the Vale do Paraíba Fluminense region based on black slavery and the emergence of a local agromercantile elite. Soon after, we will make a brief exposition on Afro-Brazilian religious practices and their interpretation in the light of the Catholic Church and bureaucratic institutions in the colonial and imperial period. Finally, we will use the criminal case of the Victorian captive as a source. He was accused by the local authorities as a sorcerer, in the parish of São João Batista do Arrozal, located in the village of Piraí, in 1844.

**Keywords:** Sorcery; Slavery; Criminal Procedure.

## Introdução

No século XIX, o Vale do Paraíba Fluminense ganhou destaque no âmbito social e econômico no Império brasileiro. A região, até então marcada por uma extensa vegetação e pouco povoada, seria remodelada pela produção cafeeira voltada para exportação, ocupando as terras virgens do entorno do rio Paraíba do Sul, nas primeiras décadas dos Oitocentos. O incremento e o sucesso do café, além de transformar o perfil econômico da região, permitiu também a formação de uma classe senhorial, que se moldou aos padrões da nobreza europeia e da própria Corte carioca (SCHNOOR, 1995, p. 42). Dessa forma, o aspecto visual do Vale do Paraíba ficou marcado pelas grandes unidades rurais cafeeiras, detentoras de numerosas escravarias oriundas do tráfico transatlântico.

Apesar da formação nesta área de uma cultura influenciada pelas elites, isto é, grupos de indivíduos que foram definidos pela detenção de certo poder ou produto de uma seleção social ou intelectual (HEINZ, 2006, p. 8), que, uma vez, estabelecidas com bases na tradição religiosa cristã, alicerçou os padrões sociais da vida familiar. Por sua vez, a população escravizada mesmo diante da doutrina religiosa imposta pelos costumes católicos, manteve viva em diferentes momentos as suas crenças e costumes referentes ao seu passado africano. Por isso, as devoções e crenças dos escravizados africanos e seus descendentes foram vistas como práticas de feitiçaria ou bruxaria, sendo por essa razão motivo de preocupação para as elites e para a Igreja (SOUZA, 2009, p. 15).

Dito isso, essa pesquisa assentará suas bases através do potencial da *História Social da Cultura* (BARROS, 2013, p. 56) e a partir do método qualitativo. Essa metodologia permite que os “dados [estejam] baseados nas categorias de significados dos participantes e são coletados em menor número de casos ou sujeitos, o que possibilita uma maior profundidade da análise” (SILVEIRA, 2010, p. 4). Partindo de um estudo de caso, buscaremos responder quais foram às razões que legitimaram a abertura de um processo-crime que acusou de feiticeiro o escravizado chamado Victoriano. Além disso, a nossa fonte documental, conforme explica Rejane Rodrigues, poderá nos fornecer uma análise das relações entre os indivíduos com as normas de sociabilização, e “um panorama dos padrões de comportamento e das

representações sociais, de acordo com os sujeitos em análise” (RODRIGUES, 2016, p. 29).

Neste artigo, nos propomos compreender nosso objeto de estudo a partir da contribuição historiográfica referente à temática da feitiçaria. A nossa pesquisa, também será realizada por meio de pesquisa bibliográfica. Neste sentido, através de uma extensa bibliografia dividida entre artigos, teses e livros, apontaremos a relação conflituosa que se deu entre as autoridades eclesiásticas juntamente com o poder civil diante das práticas religiosas de matriz africana. Assim como as crenças de origem africana, que subsistiram ao tráfico transatlântico e que auxiliaram, por sua vez, na formulação de uma espécie de estratégia de resistência diante do excludente e violento sistema escravista cafeeiro no Vale do Paraíba (REIS; SILVA, 2009).

O trabalho foi dividido em três subitens. O primeiro, estabelecemos a pesquisa a partir do seu recorte espaço-temporal. Na periodização, buscamos identificar as rupturas, datar as mudanças e fornecer definições aos fenômenos (PROST, 2012, p. 107). Dessa forma, analisamos a formação e o desenvolvimento socioeconômico da região do Vale do Paraíba Fluminense, marcado pela exploração da mão de obra cativa para a produção cafeeira nos *plantations*. Ademais, identificamos as características e a estrutura da sociedade marcadamente desigual que se formou nessa região a partir do século XIX.

Em seguida, no segundo subitem, analisamos de que forma a Igreja e os poderes civis conceberam e explicaram as crenças e práticas religiosas populares, fruto dos sincretismos religiosos que uniram elementos das culturas africanas e indígenas àquela prescrita pela religião católica europeia. Destacamos, também, quais foram as formas encontradas pela Igreja e demais poderes públicos instituídos para combater essas manifestações religiosas.

Por fim, propomos uma análise de nossa fonte documental: o processo-crime. A partir dessa documentação, analisamos o perfil social do escravizado Victoriano: as redes de sociabilidade, seus interesses particulares, assim como aspectos de sua vida enquanto cativo, no interior da província fluminense. Da mesma forma, neste terceiro subitem, a partir dos depoimentos contidos na fonte, tentamos compreender qual era a lógica mental dos outros envolvidos no processo. Pois, os

representantes das elites entendiam que a prática religiosa do escravizado representava uma ameaça à integridade física e, também, espiritual.

### **Elite cafeeira, diáspora africana e escravismo no Vale do Paraíba Fluminense, século XIX**

O Vale do Paraíba Fluminense, considerado a “menina dos olhos” do Império brasileiro, possuía uma numerosa escravaria, sendo, por essa razão, o sustentáculo econômico e político da monarquia durante o século XIX. Símbolo da opulência dos grandes cafeicultores escravistas, essa região possuía “com efeito fazendas com enormes terreiros, amplas senzalas em quadra e casas de vivenda monumentais que marcaram de modo indelével a paisagem do Vale” (MARQUESE, 2010, p. 84).

O café passou a delinear o perfil econômico do Vale já na primeira metade do século XIX. Conforme Maria Celina Whately, as primeiras mudas de café saíram da fazenda Mendanha, pertencente ao padre Antonio do Couto Fonseca, para povoar as terras da serra acima, como São João Marcos e Campo Alegre (2003, p. 19). Nesse período, experimentou um processo de expansão agrícola em um ritmo bastante acelerado, responsável pela transformação econômica e espacial da região. Rafael Marquese e Dale Tomich mencionam que o sucesso da cultura do café proporcionou a inserção do Império brasileiro no mercado mundial a partir do início do século XIX (2015, p. 25).

Ao longo do século XVIII, os principais produtores de café no mundo foram os holandeses, na ilha de Java, e os franceses, na colônia de São Domingos, por volta de 1750. Contudo, o predomínio da comercialização do artigo no mercado internacional ficou nas mãos dos produtores franceses, que, produziram na ilha caribenha metade da produção mundial de café, por volta de 1790 (*Ibid.*, p. 25). A prosperidade econômica da monocultura em São Domingos sofreria, entretanto, um significativo abalo na virada do século. Nesse momento, a colônia vivenciou um processo de rebelião sem precedentes na História. Iniciada em janeiro de 1804, uma revolta comandada essencialmente por cativos colocaria fim à escravidão na colônia, declarando-a, por sua vez, independente da metrópole francesa. Tornava-se assim, o segundo Estado soberano das Américas.

Todavia, o que nos importa destacar é que esse processo revolucionário causou impacto direto no mercado mundial do café. Com a Revolução do Haiti, a produção cafeeira outrora voltada para a exportação, destinada principalmente ao público europeu urbano, se assentava agora basicamente na produção camponesa. Os grandes cafeicultores da ilha se exilaram em outras colônias após o sucesso da revolta escrava, abandonando dessa maneira as suas propriedades. Com isso, o centro produtor de café passava a concentrar-se na ilha cubana, visto que essa foi a região que mais recebeu fazendeiros exilados de São Domingos. Em 1810, a ilha hispânica alcançou a cifra de 4.600 toneladas do produto (*Ibid.*, p. 32). Dito isso, entendemos que a crise do escravismo colonial no Haiti permitiu que se abrissem novos espaços escravistas no século XIX. A partir de então, “Cuba e Brasil competiriam palmo a palmo pelo comércio internacional de açúcar e café após 1790” (*Ibid.*, p. 31).

Em fins do século XVIII e início do XIX, os cafezais no Brasil começaram a ser plantados próximos ao vale do Rio do Paraíba do Sul. Nas regiões litorâneas não se produzia um café tão bom e rentável quanto o de terras com altitudes mais elevadas e solos mais adequados (FARIA, 2005, p. 8). Segundo Warren Dean, “o café foi a princípio plantado ao longo do litoral, onde pode ter sofrido um pouco com os ventos salinos oceânicos. Logo foi transferido para o planalto um pouco mais fresco [...]” (1996, p. 195). A região do Vale do Paraíba apresentou-se, portanto, como espaço ideal para o cultivo do café, visto que sua natureza e vegetação eram propícias à lavoura. Paulo Lamego descreve as características naturais do Vale, no início dos Setecentos:

Era coberto por uma mata primária, um contínuo e entrelaçado matagal que cobria as serranias, desdobrava-se por morros e colinas, abafava os vales apertados, onde o curso d’água desaparecia sob os tetos das ramagens. O Vale era quase um indevassável labirinto vegetal, uma selva virgem. Grande parte da bacia serrana do Paraíba do Sul jazia mergulhada em mato bravo (LAMEGO, 2006, p. 57).

A paisagem natural da região foi ideal para a cultura do café. Dessa forma, as plantações do produto seriam deslocadas serra acima, para as áreas do Vale do Paraíba fluminense e, posteriormente, paulista. Além da boa qualidade do solo das

matas virgens e do clima ideal, o sucesso da produção se deu por conta de outros fatores, como a infraestrutura das estradas montada nos anos finais do século XVIII;

[...] cruzavam o Vale do Paraíba no sentido norte-sul (Caminho Novo entre o Rio de Janeiro e a capitania de Minas Gerais aberto na década de 1720) e leste-oeste (Caminho Novo da Piedade, articulando o Rio de Janeiro a São Paulo, aberto na década de 1770 para facilitar as comunicações da sede do Vice-Reino com as minas de Goiás e Mato Grosso [...]) e um completo sistema de transporte baseado em tropas de mulas, muito eficazes – diante dos meios disponíveis do período- para enfrentar a topografia acidentada do centro-sul do Brasil (MARQUESE; TOMICH, 2015, p. 34-35).

Para que se compreenda o sucesso do café brasileiro, devemos considerar também os eventos políticos que marcaram a colônia e o despontar dos Oitocentos. Com a chegada da Corte ao Brasil, em 1808, elevou-se significativamente o contingente populacional. Este fato permitiu o aumento da demanda de gêneros alimentícios de primeira necessidade, possibilitando a construção de novas vias e estradas para o escoamento e transporte desses produtos. Kirsten Schultz (2008, p. 161) menciona que “houve um crescimento extraordinário da população do Rio de Janeiro, que dobrou para 80 mil habitantes entre 1810 e 1821”. Em *A interiorização da metrópole*, Maria Odila Leite da Silva Dias enfatiza essa preocupação da Coroa na melhoria dos meios de comunicação e transporte para o incremento do comércio entre as províncias (2009, p. 36). O surgimento dessas novas estradas na região ocasionou, por sua vez, o deslocamento de um número elevado de pessoas para essas áreas. Além disso, torna-se importante destacar que, desde o início da colonização até o século XIX, a base da formação da sociedade rural era a posse de terra ou a obtenção de sesmarias (LAMEGO, 2006, p. 59). E mais, com a vinda da família real para os trópicos, muitas pessoas receberam por parte da Coroa terras na região do Vale. Este fato aumentou de igual modo os fluxos migratórios para a área (GUIMARÃES, 2010, p. 24).

Todas essas circunstâncias foram favoráveis ao sucesso da lavoura de café no Vale do Paraíba. No quinquênio 1812-1816, a produção brasileira de café subiu para uma média anual de 1.500 toneladas (MARQUESE; TOMICH, 2015, p. 37). A seguir, o *boom* econômico da cafeicultura pôde ser visto em fins da década de 1820. Manolo Florentino, João Fragoço e Sheila de Castro mostram que em 1826 o país

exportou perto de 1.958,925 toneladas (1998, p. 98). Em virtude disso, o Estado Imperial despontará na próxima década apresentando-se como o maior produtor mundial do artigo (MARQUESE; TOMICH, 2015, p. 37). Por exemplo, o Brasil exportou cerca de 3.237,190 toneladas de café em 1835 (FRAGOSO; FLORENTINO; FARIA, 1998, p. 98). A crescente demanda internacional pelo produto a partir desse momento fez com que surgisse a necessidade dos cafeicultores de investirem cada vez mais na sua produção, o que significava, na prática, o aumento da mão de obra. Entre 1811 e 1830, chegaram aos portos do Rio de Janeiro um total de 1229 navios negreiros. Em termos numéricos, a cidade carioca recebeu perto de 500 mil africanos da região congo-angolana (*Ibid.*, p. 103). Os apontamentos de Alexandre Vieira Ribeiro mostram a participação das grandes áreas e portos de procedência do comércio transatlântico de escravizados para o Brasil;

A Senegâmbia compreendia a costa entre os rios Senegal e Gâmbia e foi uma das primeiras regiões a fornecer escravos ao tráfico transatlântico. Os navios luso-brasileiros embarcavam escravos nos portos de Cachéu e Bissau e em mercados próximos, estabelecidos na região de Serra Leoa, nas ilhas de Cabo Verde e Bijagós. A Costa da Mina era o maior território costeiro envolvido no comércio de escravos. Compreendia a área entre as atuais Libéria e Nigéria. Nessa região, os capitães luso-brasileiros costumavam negociar na baía do Benin. Na baía de Biafra, entre os atuais Nigéria e Camarões [...] também saíam escravos em quantidade para os comerciantes brasileiros. A região Centro-Ocidental (do atual Gabão até o sul de Angola) estava entre as primeiras grandes fornecedoras de cativos para o Brasil. E o Sudeste africano, principalmente a atual costa de Moçambique, era a mais longa rota de atividade negreira (RIBEIRO, 2014, p. 30).

Dessa forma, o desenvolvimento da atividade cafeeira estava estritamente ligado ao desenvolvimento do comércio negreiro. Essa relação deu mostras, inclusive, de evolução constante, no sentido de uma agricultura de *plantation*, a partir da primeira metade do século XIX. Nessa conformidade, as transformações demográficas do Vale foram sentidas principalmente a partir do incremento progressivo da população cativa (MOTTA, 1991, p. 409). Nesse sentido, os dados apontados por Marquese e Tomich mostram que, entre 1828 e 1829, entraram no Brasil perto de 45.000 a 47.000 africanos, respectivamente. Este elevado número de

cativos foi designado em maior parte para as áreas do Vale do Paraíba Fluminense (2015, p. 46).

A demografia - como já mencionado - foi completamente alterada no decorrer do século. Ao tomarmos, como exemplo, a região de Piraí (uma das zonas cafeeiras mais prósperas do Vale), percebemos que em 1835, um pouco antes de ser erguida à condição de vila, a localidade possuía, conforme aponta informações publicadas no *Jornal do Commercio*, cerca de 3.800 escravizados, com uma produção anual entorno de 150.000 arrobas de café (1835, p. 2). Uma parcela significativa desses cativos pertencia à fazenda da Barra Limpa. Em 1835, o inventário de Maria Isabel de Souza mostrou um plantel de 104 escravizados. A análise demográfica indicou a predominância da região congo-angolana, isto é, 33%. Os dados indicam que quatorze cativos eram de Benguela, onze escravizados tinham origem no Congo e dez indivíduos vinham da região Cabinda (AMP, 1835).

O crescimento populacional, dentro da vila de Piraí, na segunda metade do século, pode ser constatado quando analisamos o *Relatório da Presidência da Província do Rio de Janeiro*, em 1851. O Censo demográfico da província apresentava a vila de Piraí com uma população cativa total em torno de 19.000 escravos (RIO DE JANEIRO, 1851, p. 98). Para termos uma base de comparação, neste mesmo período, a região de Vassouras possuía 19.210 escravizados, ficando atrás de Valença que, por sua vez, possuía 20.119 escravizados (SALLES, 2008, p. 185). Nesse sentido, Piraí, Valença e Vassouras despontam como sendo as três maiores zonas cafeeiras do Vale na segunda metade do século XIX. Este aumento vertiginoso da população escravizada seguiu-se de acordo com o fluxo da produção da monocultura de café em larga escala destinada ao mercado externo, sendo o grosso dessa produção obtida em unidades rurais que empregavam escravarias numerosas (MARQUESE; TOMICH, 2015, p. 84).

Esse processo de expansão das lavouras, aliado ao aumento demográfico, só foi possível graças à estrutura das grandes unidades de produção que começavam a surgir com mais frequência no período. O sucesso do café esteve alinhado à formação das grandes fazendas, que “se tornaram cada vez mais especializadas, divididas entre as senzalas, os planteis e as suntuosas casas grandes a partir de grandes extensões de terra e centenas de trabalhadores escravizados”

(GUIMARÃES, 2010, p. 25), representando, portanto, o auge do poder econômico e social dos cafeicultores do Vale do Paraíba.

O dinamismo dessas propriedades cafeeiras no Vale, em especial na região de Pirai, pode ser compreendido a partir das pesquisas feitas por Daniel Nogueira Grandra. Os estudos mostram, por exemplo, a existência de uma grande *plantation* escravista denominada Ribeirão Frio. Nela havia aproximadamente 382 negros e um milhão de pés de café, em 1840 (2016, p. 01). Essa soma pode ser entendida à luz da consideração feita por Ricardo Salles e Rafael Marquese. Eles afirmam que nesse período “a propriedade escravista da cafeicultura nascente já vinha ao mundo concentrada e ao mesmo tempo difundida” (2015, p. 119).

Distinguindo materialmente o poder e a riqueza dos fazendeiros, os complexos cafeeiros transformaram a paisagem e a vida social da região vale-paraibana. De acordo com Mariana Muaze;

Nas muitas fazendas do Vale, essa lógica se traduziu na construção de novas sedes mais sofisticadas, na maioria em estilo neoclássico, com jardins contendo palmeiras imperiais como símbolo de poder e riqueza de seus proprietários. Paralelamente, houve ainda o investimento da classe senhorial na compra de móveis, louças, viagens, indumentárias, joias, além do aumento e especialização da escravaria doméstica. Todos os esforços eram reunidos no sentido de apresentar a riqueza que essas famílias foram capazes de acumular (MUAZE, 2015, p. 82).

Indo de encontro com essa perspectiva, Eduardo Schnoor aponta que a estrutura das grandes fazendas de café do Vale do Paraíba buscou como ideal de inspiração a Corte carioca e a Europa (1995, p. 42). O requinte dessas propriedades, além de transformar a paisagem natural, moldou também uma espécie de cultura do refinamento, tornando-se, por sua vez, uma arma poderosa para a construção das identidades de classe dos senhores de escravizados (MARQUESE, 2006, p. 121). Essas unidades produtoras buscaram separar, em seu modelo arquitetônico, uma distância possível entre os terreiros de café e a casa grande, para que a família branca ficasse distante dos olhos dos escravizados e trabalhadores. Esses entre outros hábitos, foram baseados nas noções de individualidade e privacidade burguesa que se disseminavam no momento (FARIA, 2005, p. 62).

Nesse sentido, a classe senhorial que surge a partir de então, além de se destacar a partir da riqueza oriunda da base agrária, buscou, conforme apontou Ricardo Salles, moldar a própria estrutura social, a partir de

[...] comportamentos, modos de ser, identidades e lugares sociais, configurando assim um território social e simbólico com lugares específicos, como a Corte, a civilização a província, a fazenda, a boa sociedade e, malgrado à ela, a escravidão que tudo sustentava e tudo media (SALLES, 2008, p. 54).

Conhecidos como barões do café, os ricos senhores do Vale recebiam essa designação como representação da ostentação de poder econômico e social. Conforme apontou Sheila de Castro Faria, as pretensões aristocráticas dos brasileiros estavam diretamente vinculadas à escravidão do século XIX. Dessa forma, o título de barão estava reservado, desde a época de Dom João, aos proprietários rurais que se projetavam por sua riqueza (2005, p. 61). Sendo assim, entendemos que a representação social no Brasil Império passava necessariamente pela concentração de terras e pessoas escravizadas (CAMPOS, 2010, p. 38). No Vale Paraíba a riqueza gerada pelo café, repercutia nos modos de vida, principalmente da elite que se moldava ao estilo da nobreza carioca. Dessa forma, a cultura do refinamento tornou-se uma arma poderosa para a construção das identidades de classe dos senhores escravistas (MARQUESE, 2006, p. 121). Todo esse *éthos* senhorial escondia o universo plural de identidades culturais e religiosas dos escravizados. Não demoraria muito para que esses dois universos entrassem em rota de colisão no interior fluminense.

### **Magia e feitiçaria no universo católico**

Na América Portuguesa, foi criado um discurso salvacionista durante os séculos em que durou a escravidão, onde se buscava legitimar a escravatura a partir de um ponto de vista pedagógico. O cativo era entendido enquanto um meio de passagem que permitiria que a alma pecaminosa do preto africano alcançasse a salvação no Além-túmulo. Um dos principais defensores dessa doutrina foi o padre Antônio Vieira, em particular, no Sermão XIV do Rosário, de 1633. Nele, enfatizava que a escravidão poderia ser entendida como um castigo e ao mesmo tempo como

uma dádiva, dado que seria a partir dela que Deus colocaria para os pretos a possibilidade de resgate do pecado (OLIVEIRA, 2006, p. 361).

De acordo com a visão dos missionários católicos, o continente africano era o espaço que representava, por excelência, o inferno terrestre. Portanto, os sacerdotes e religiosos oriundos dessa região seriam feiticeiros e/ou agentes do diabo (MOTT, 2010, p. 24). Dessa forma, seria necessária a formulação de uma catequese específica para estas almas (OLIVEIRA, 2006, p. 385). Em vista disso, foi criada na colônia uma espécie de *teologia da transmigração*, segundo a qual o Brasil representava a “[...] transição entre a terra da escravidão (do pecado, é claro) que é a África, e o Céu, que é o lugar de definitiva libertação” (HOONAERT, 1982, p. 76).

Segundo Jean Delumeau, ao longo dos séculos XIV e XV, a “Europa ocidental foi acompanhada de um inacreditável medo do diabo” (2009, p. 354). Laura de Mello e Souza menciona que o frei Vicente do Salvador (1564-1636), “despejou [sobre o Brasil] toda a carga do imaginário europeu, no qual, desde pelo menos o século XI, o demônio ocupava o papel de destaque [...]” (2009, p. 28). Dessa forma, todos os fatos da vida coletiva foram justificados pela sombria e inescapável mediação do maligno (LEVACK, 1988, p. 101).

Mediante isso, os indígenas, antes de tudo, foram considerados povos do diabo pelos jesuítas (DECKMANN, 2007). Mas, pouco a pouco, o elemento africano transformou-se no representante máximo do ideal de agente satânico e feiticeiro. Os teólogos da escravidão salvadora, não mediram esforços em combater as práticas religiosas que fugiam à ortodoxia cristã. A preocupação, a propósito, foi claramente expressa nas *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia* de 1707. Neste conjunto de normas canônicas que regulamentavam a doutrina católica na colônia, em específico, no seu Quinto Livro sob o título *Das feitiçarias, Supertições, Sorte e Agouros* dizia;

Toda a pessoa que fizer alguma cousa conhecidamente procedida de Arte Mágica como é formar aparências fantásticas, transmutações de corpos, e vozes, que se ouçam, sem se ver quem falla, e outras cousas que excedem a efficácia das cousas naturais, incorrerá em pena de excomunhão [...] e sendo plebeo, em quem caiba pena vil, será posto à porta da Sé em penitencia pública com uma carocha na cabeça, e vela na mão em um domingo, ou dia Santo de guarda no tempo da missa Conventual [...] e cahíndo segunda vez

fará a mesma penitência e será degredado para algum lugar de África (VIDE, 1720, p. 313).

Logo em seguida, no Título IV *Quem nem-uma pessoa tenha pacto com o demonio, nem use de feitiçarias* menciona notoriamente que qualquer indivíduo que tivesse pacto com o demônio ou invocá-lo sob qualquer pretexto, abarcando até as práticas de feitiçarias, sofreria penalizações eclesiásticas. As *Constituições Primeiras* condenavam os indivíduos segundo o *status* social, em geral, as punições discriminavam aos clérigos passando pelos nobres até os indivíduos qualificados como plebeus. De um modo geral, as punições eram a excomunhão, a pena pecuniária até o degredo em São Tomé (VIDE, 1720, p. 314).

As referências nos códigos canônicos relativos às punições que remetiam os “infiéis” ao degredo “para algum lugar de África”, reforçavam no imaginário da época a associação do continente enquanto uma terra de Satã. Assim, o castigo para aqueles que insistissem em associações demoníacas e/ou práticas de feitiçarias deveriam sofrer punições, inclusive o exílio. Este fato evidencia uma espécie de segregação geográfica do sagrado, sobretudo, pelo pensamento cristão medieval, que buscava associar os habitantes da África à descendência de Cam – filho amaldiçoado por Noé. Essa noção, a propósito, foi “responsável por abrir um campo fértil aos defensores da inferioridade das populações negras” (MACEDO, 2001, p. 123).

Apesar dos esforços dos missionários frente à catequese baseada nessa pedagogia que legitimava a escravidão, a Igreja não conseguiu criar um modelo ideal de cativo fiel à doutrina católica. Efetivamente, os vínculos com o território africano se romperam, porém o “Deus africano acabou subsistindo por trás da máscara fornecida pela tradição cristã” (ORTIZ, 1976, p. 121). Se para o catolicismo a feitiçaria era sinônimo de pacto com demônio, para o africano a crença na feitiçaria era um sistema de valor que regulava a vida na comunidade. Dessa forma, as relações causais e os acontecimentos do dia a dia só poderiam ser compreendidos à luz do sobrenatural. Logo, se uma tragédia acontecia a alguém, a única explicação plausível para isso seria a crença na existência de uma ação mágica responsável pela desgraça (PRITCHARD, 2005, p. 49).

Essa forma de enxergar a vida social a partir da eficácia da magia ingressou na sociedade brasileira, abrindo, portanto, espaço para um sincretismo religioso que uniu aspectos dessa visão de mundo com aquela prescrita pela religião católica europeia. Nesse sentido, a partir da contribuição dos estudos de Carlo Ginzburg, entendemos que esse sincretismo só foi possível por meio dos contatos estabelecidos entre uma cultura popular, baseada em crenças e comportamento forjados no cotidiano das classes subalternas, frente a um sistema de valores estabelecidos pelas classes dominantes, que se interligaram num “relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se movia de baixo para cima, bem como de cima para baixo” (2006, p. 10).

Este foi o fator responsável que deu origem, no Brasil, às diversas práticas religiosas cotidianas que muitas vezes fugiam às crenças oficialmente reconhecidas pelo Estado e pela Igreja. Donald Ramos aponta que o cruzamento entre esses costumes diversos foi o elemento crucial que impediu a “imposição integral da cultura hierárquica portuguesa” (2000, p. 143). À vista disso, estudos apontam para o surgimento de duas formas de catolicismo que se moldaram no Brasil. Aquele que pertencia exclusivamente aos religiosos católicos, inseridos dentro da hierarquia sacerdotal e outro catolicismo, substancialmente popular, que muitas vezes “se serviu fartamente em sua relação com o sobrenatural a partir de intermediários que não foram reconhecidos pela Igreja Católica” (SOUZA, 2008, p. 130). Ao mesmo tempo “unidos e separados, visto que participavam da religião de seu senhorio, embora como um ser inferior” (BASTIDE, 1973, p. 158). O elemento negro formulou diante da catequese católica um apanhado de noções espirituais que vinculou os elementos cristãos como os santos e mártires junto às divindades africanas locais ou a espíritos ancestrais que poderiam não só fazer revelações sobre o “outro mundo”, mas também intervir na resolução de problemas relativos ao cotidiano, deste mundo sensível e terreno (OLIVEIRA, 2006, p. 66).

Até o início do século XIX, os médicos formados em faculdades quase não existiam na América Portuguesa. Por esse motivo, os curandeiros, barbeiros, sangradores, benzedeiros e outros agentes de cura eram bastante solicitados pela comunidade (SAMPAIO, 2001, p. 25). Nesta época

O corpo humano era visto como um território nebuloso cujo conhecimento baseava-se em noções situadas no entrelaçamento da realidade à imaginação. Além dos sinais exteriorizados, tudo era obscuro e por isso mesmo sujeito à intromissão de forças igualmente desconhecidas. Era, enfim, um campo ideal para a manipulação da magia (RIBEIRO, 1997, p. 90).

Por mais que a cultura letrada se esforçasse para impedir o acesso dos populares aos assuntos ligados ao mundo oculto ou sobrenatural - até porque os poderes ligados à Igreja e à medicina tentavam reservar para si o controle do campo mágico (RIBEIRO, 1997, p. 93) - os curandeiros e/ou feiticeiros tinham a confiança da população, em particular, escravizados, livres e pobres (BARBOSA, 2016, p. 292). A ação desses agentes era voltada, em especial, para o cotidiano, “enquanto a Igreja, geralmente, estava presente de forma mais determinante em ocasiões nas quais sua chancela era indispensável, tais como os batismos e os casamentos” (SOUZA, 2008, p. 130). Para Claude Lévi-Strauss a eficácia da magia e do feitiço está ligada ao contexto cultural do grupo social. Por isso, o autor menciona que o indivíduo consciente que está sob um malefício é “persuadido, pelas mais solenes tradições de seu grupo, de que está condenado” (LÉVI-STRAUSS, 1970, p. 183). Logo, a cultura não só condiciona a visão de mundo, como também condiciona aspectos biológicos e “até mesmo decidir sobre a vida e a morte dos membros do sistema” (LARAIA, 2001, p. 75).

Em 1763, o Santo Ofício censurou a mameluca Domingas Gomes da Ressurreição por curar quebranto e erisipela, no Grão-Pará. O processo inquisitorial mencionava que a acusada pronunciava orações e fazia o sinal da cruz com as mãos no enfermo. O inquisidor tentou convencer Domingas de que suas ações e palavras não eram sagradas e, tampouco, comunicavam virtudes os dizeres supersticiosos (RIBEIRO, 1997, p. 94). Ainda no século XVIII, na vila de Itu, a escravizada Maria foi acusada de feitiçaria. Segundo Márcia Moisés Ribeiro, a cativa era reconhecida pela comunidade como possuidora de poderes, e por isso, a acusada “era muito solicitada para curar toda casta de doenças” (1997, p. 103). No desenrolar do processo, a cativa Maria acabou encarcerada, mas as testemunhas ouvidas pelo vigário não deram elementos para condená-la como tal. Mas, mesmo assim, a escravizada recebeu a pena da excomunhão (RIBEIRO, 1997, p. 104).

Circunstâncias que remetem a um mesmo clima de desconfiança e sincretismo podiam ser vistas na vila de São João do Príncipe, no interior fluminense. Uma região marcada por uma intensa escravaria, encontramos relatos de um misterioso culto religioso coordenado por escravizados em uma espécie de seita conhecida como São Miguel. A origem do culto religioso se deu numa propriedade do Comendador Joaquim José de Souza Breves, em 1853:

Os escravos de suas e das demais fazendas da região “andavam se reunindo de noite, há seis meses, em grupos ocultos [numa] sociedade chamada Dom Miguel”. Cada iniciado [segundo as investigações do próprio comendador Breves] era queimado e bebia pólvora com misteriosas misturas (COUCEIRO, 2008, p. 233).

Os cativos do comendador Breves, reunidos entorno da seita Dom Miguel, também possuíam fortes vínculos de devoção à figura de Santo Antônio, conforme aponta o relatório e as cartas trocadas entre o Comendador e os chefes de polícia daquela região. “Os escravos de São João do Príncipe acreditavam que no dia de Santo Antônio seria o fim do mundo” (COUCEIRO, 2008, p. 236). Os casos de religiosidade mística e feitiçaria no interior fluminense também ocorriam na capital do Império. Juca Rosa, um negro liberto, estudado por Gabriela dos Reis Sampaio, pode ser visto como um exemplo de grande líder feiticeiro atuante na Corte carioca, na segunda metade do século XIX:

Nascido em 1833, filho de mãe africana, Juca Rosa liderava uma misteriosa seita havia alguns anos, contando com diversos adeptos. Além de muitos negros, trabalhadores e pessoas pobres, entre seus seguidores havia também políticos, ricos comerciantes, membros das classes dominantes brancas e letradas, que se deslocavam até sua casa em busca dos seus conselhos e prodigiosas curas, participando de seus rituais de magia (SAMPAIO, 2009, p. 388).

Atuava ao mesmo tempo como feiticeiro e curandeiro, visto que era muito procurado por conta de seus serviços que prometiam a cura das mais variadas moléstias e doenças. A atuação dele causou ao mesmo tempo espanto e admiração no Rio de Janeiro. Ele foi perseguido e denunciado por exercer diversas atividades religiosas de cunho místico sendo, porém, sentenciado pela Justiça da Corte pelo crime de estelionato, uma vez que o seu ofício dependia de pagamentos em dinheiro. Na época de sua sentença, ganhou notoriedade nacional e os jornais de influência não perderam a oportunidade de explorar o caso. Juca Rosa foi condenado a seis

anos de prisão, porém sua personalidade havia se tornado célebre na sociedade carioca, de modo que influenciou inúmeros feiticeiros e curandeiros que ampliaram suas ações a partir de todos os cantos da Corte (SAMPAIO, 2009, p. 416).

A presença de escravizados infamados como feiticeiros no Brasil do século XIX foi um fato existente. Conforme aponta Glícia Caldas, tais indivíduos eram conhecidos geralmente por serem

Detentores de saberes “mágicos”, e a fama pública fazia-os requisitados também pelos senhores, o que geralmente elevava seu status junto à sua própria comunidade e possibilitava, através das práticas mágico-religiosas, a obtenção de ganhos materiais, não só em dinheiro, mas também em gêneros (CALDAS, 2006, p. 129).

Os casos conhecidos por feitiçaria no Brasil escravista foram em geral malvistas, tanto pela Igreja quanto pela ciência. Eles buscaram reforçar os discursos supersticiosos, a partir da confecção de diversas normas eclesiásticas e tratados científicos, a fim de regular a vida espiritual e física dos fiéis. Entretanto, mesmo diante dos esforços das elites, os aspectos da religiosidade dos africanos e de seus descendentes subsistiram ao cativeiro. Este resultado, por sua vez, gerou uma diversidade de cultos e percepções religiosas que mesclaram os elementos da fé cristã com as crenças africanas. Esta era uma realidade observada em diversas partes do Brasil, inclusive na pequena freguesia de São João Baptista de Arrozal, pertencente à vila de Santana do Piraí, no interior do Vale do Paraíba Fluminense.

### **Um escravo feiticeiro na vila de Piraí**

Há algum tempo, o escravizado chamado Victoriano vinha perambulando pelas ruas da freguesia de São João Baptista do Arrozal, situada na vila de Santana do Piraí, no interior fluminense. Ele abordava outros pretos prometendo ensinar, em troca de determinada quantia em dinheiro, uma espécie de arte sobrenatural cuja finalidade seria muito útil: amansar o coração dos senhores escravocratas. Numa tarde do dia 17 de novembro de 1844, a taberna seria o local de encontro com o escravizado Francisco, onde o cativo andarilho finalmente conseguiu o que tanto desejava. Ele convenceu seu parceiro de possuir poderes para amansar o coração do seu senhor – Francisco de Medeiros Torres –, isto se Francisco lhe pagasse por tais

serviços. Ao fim, Victoriano conquistou a confiança do amigo cativo que, atraído por suas promessas de feitiço, partiu junto a ele até à fazenda do senhor Medeiros Torres, situada em Arrozal. Medeiros Torres foi um escravista de expressão social reconhecida entre os seus pares. Em 1871, ele e mais centenas de outros senhores escravistas figuravam no abaixo-assinado contra a “libertação do ventre” publicado no *Jornal do Commercio* (1871, p. 4).

Todavia, os acontecimentos seguintes naquela tarde junto à fazenda não terminariam como os cativos planejaram, há pouco, na taberna. Isso porque o escravizado Victoriano acabou preso em flagrante por João – filho de Francisco Medeiros Torres – praticando sua “sublime” arte. Questionando o cativo, sobre “quem ele era e o que ali fazia? Pois que ele não queria ali escravos entrando” (AMP, 1844, p. 25), o jovem escravista foi surpreendido por aquele desconhecido escravizado com as seguintes palavras: “o que senhor moço tem a ver comigo?” (*Ibid.*, p. 25). Diante da resposta afrontosa, o cativo foi gravemente espancado pelo filho de Medeiros Torres, que cumpria a função de feitor.

Para Silvia Hunold Lara, a aplicação de castigos aos escravizados era a representação máxima do exercício do poder senhorial e, por conseguinte, a reafirmação de sua dominação. Até porque, constituía um meio para “ordenar o trabalho, dividi-lo e regulá-lo, mas também porque marcava nos escravizados as regras de sua submissão” (1988, p. 96). Logo, castigar aquele afamado feiticeiro diante dos demais cativos poderia servir como uma espécie de lição e exemplo. Sobre esse aspecto, Jacob Gorender aponta que

Recorria-se a torturas mais atrozes à vista de todos os companheiros, tendo em mira o efeito pedagógico de aterrorização do plantel em conjunto. A dominação escravocrata se apoiava não só na violência efetivamente praticada e consumada, mas também na ameaça permanente da violência (GORENDER, 1990, p. 27).

De acordo com a lógica senhorial da família Medeiros Torres, a existência de um escravizado desconhecido ensinando para um membro de seu plantel as artes da feitiçaria dentro de sua própria fazenda, poderia provocar efeitos muito prejudiciais tanto à sua alma, quanto ao plano mais concreto da sua vida, tais como: doenças, infortúnios e prejuízos financeiros. Dessa forma, entende-se que “os crimes contra a propriedade senhorial se mesclavam aos que visavam à integridade física

dos Senhores constituindo dessa forma talvez o ponto mais agudo da contestação ao sistema escravista através da feitiçaria” (SOUZA, 2008, p. 209).

O episódio, narrado com riqueza de detalhes, ficou registrado nas documentações do processo-crime aberto pelo Alferes Francisco José Affonso. O conteúdo processual mostra que ele era dono do escravizado espancado, e, enquanto proprietário recorreu à justiça para que a família Medeiros Torres custeasse os danos causados ao cativo Victoriano. Vale destacar que, o estudo dessa documentação possibilita uma análise metódica dos aspectos sociais, comportamentos e práticas individuais (MAGALHÃES; BENDER, 2008, p. 35), que analisados sob a luz da micro história permitem uma atenção maior às complexas relações de poder entre senhores e escravizados no Brasil Oitocentista.

Nos depoimentos anexados ao processo estavam os testemunhos de Francisco de Medeiros Torres e mais duas outras testemunhas, a saber: Antônio Ignácio Ferreira e Antônio Ferreira da Cruz. Este último pertencia a família de pequenos proprietários escravistas de Piráí (AMP, 1857). Acrescenta-se ainda o depoimento de mais três escravizados do plantel da família Medeiros Torres, incluindo o próprio Francisco, coparticipante do ocorrido. Todos os depoimentos foram prestados na subdelegacia de polícia da freguesia de São João Baptista do Arrozal (vila de Santana do Piráí), na presença do subdelegado de polícia, José Joaquim de Souza Breves; o juiz municipal, na figura de Ovídio Saraiva e; por fim, o escrivão Joaquim Manoel de Sá. Todos esses agentes sociais, membros das elites agrárias e/ou mercantis, espraíram suas redes de relações clientelistas para muito além do mundo rural, situando seu *locus* de poder nas instituições políticas locais, em especial, na freguesia de Arrozal (BRUNO, 2020, p. 40).

Conforme depoimento de Francisco de Medeiros Torres, naquela tarde se encontrava tranquilo em sua propriedade chamada “fazenda do Arrozal”, no momento em que ouviu em seus quintais um grande alarido e logo decidiu averiguar o alvoroço. Neste instante, afirma Medeiros Torres, observou o dito escravizado Victoriano em companhia do preto Francisco, atordoados diante do feitor e filho - João de Medeiros Torres. Questionado pelas autoridades na subdelegacia, o senhor escravista afirmou que o preto até então desconhecido teria ido “a sua caza para seduzir seus escravos a título de lhes ensinar feitiçarias convidando-os a fugirem

para o mato onde melhor aprenderiam sua arte” (AMP, 1844, p. 23). Esta teria sido, portanto, a razão que levou o primogênito de Medeiros Torres a agredi-lo.

O processo-crime não aborda nada em relação à origem do escravizado feiticeiro, nem traz detalhes sobre a idade. Mas, a fonte apresenta outras informações valiosas que apontam aspectos da vida pessoal do acusado. Victoriano, de modo diferente dos outros escravizados, desfrutava de certa autonomia e mobilidade, visto que circulava pelas redondezas da freguesia de Arrozal. Ele podia ser visto em outros locais para além da propriedade de seu senhor, “no dia contado do requerimento de queixa, vindo ele ao Arrozal assistir ao casamento de dois parceiros seus, na volta para casa encontrou o preto Victoriano na taberna dos recém-casados” (AMP, 1844, p. 25), afirmou o escravizado Francisco. Seguindo a leitura do processo, o depoente assegurou que foi neste lugar que o acusado insistentemente “tomou a meter-lhe na cabeça que ele [Francisco] aprendesse a arte que tinha de abrandar o coração de seu senhor [e] de poder sair à noite sem que seu senhor o pressentisse” (*Ibid.*).

A procura por benefícios que de alguma forma pudessem melhorar as condições cotidianas em relação ao cativo foram uma realidade bastante presente no Brasil Oitocentista. De acordo com Luis Figueiredo, os escravizados estavam dissociados

[...] de qualquer tipo de poder formal, oprimidos fisicamente por feitores e pelo trabalho penoso, a resistência possível pertencia ao domínio daquilo que, em meio às sucessivas violências da escravidão, ficou preservado na consciência do dominado pelo desconhecimento do dominador. Se as danças, a capoeira, a música expressavam essa realidade, a feitiçaria constituiria, em alguns momentos, a dimensão mais agressiva de tal resistência (FIGUEIREDO, 1997, p. 178).

Se, por um lado, havia a possibilidade de acúmulo de pecúlios ou algum benefício útil a sobrevivência cotidiana de Victoriano; por outro lado, o escravizado Francisco havia a probabilidade existente de amansar o coração de seu senhor através da magia. Tal fato, poderia lhe render outros benefícios não menos importantes, como o controle do poder e do temperamento possivelmente agressivo de seu senhor. A procura por tais métodos de amansamento senhorial revelam que

muitos escravizados buscavam por meio de encantos moldarem o comportamento de seus senhores, utilizando assim recursos sobrenaturais como forma de estabelecer “relações sociais favoráveis à inclinação de vontades” (SOUZA, 2012, p. 103), uma espécie de resistência via adaptação (NOGUEIRA, 2004, p. 171). Esse fenômeno e mesmo o “vocabulário da feitiçaria de resistência escrava estavam disseminados pelo Brasil afora [...]” (REIS, 2008, p. 148).

Sendo assim, o desejo de Francisco em encantar seu senhor através do poder do feitiço pode ser analisado a partir da observação feita por Laura de Mello e Souza. Segundo autora, a “magia maléfica ou a feitiçaria tornou-se uma necessidade na formação social escravista, visto que ela não dava apenas armas aos escravizados para moverem uma luta surda contra seus Senhores, mas também legitimava a repressão e a violência exercidas sobre a pessoa do cativo” (2009, p. 204).

Diante disso, nós podemos afirmar que o escravo Francisco realmente acreditava que a magia poderia lhe ser útil de alguma forma. A partir da contribuição que a análise das sensibilidades pode proporcionar ao historiador, o imaginário coletivo também pode ser entendido enquanto objeto de pesquisa (PESAVENTO, 1995, p. 13). Dito isso, baseando-se na documentação, podemos entender que a crença na eficácia da magia não era compartilhada somente por esse escravizado, mas também pelos outros atores envolvidos no processo-crime.

A testemunha Antônio Ferreira da Cruz afirma ter encontrado na casa do fazendeiro Medeiros Torres uma “carapuça que diz pertencer ao dito preto cheia de raises malacachetas, caramujo e um chifre de cabrito, insistindo em dizer que tudo isso pertencia a arte diabólica de feitiço” (AMP, 1844, p. 28). O uso de substâncias naturais como raízes de plantas, restos de animais e minérios como pedras, evidencia a existência de uma prática bastante comum de feitiço que foi vista principalmente no período colonial. Conhecidas em geral como mandingas, esses ingredientes possuíam a função de dar proteção ou poder à pessoa que as usavam: o poder de atrair o amor ou a proteção contra um senhor rigoroso (RAMOS, 2000, p. 154). Apontou Donald Ramos que a visão destes componentes possuía um poder sobrenatural e foi aceita por todas as camadas da sociedade, não estando, portanto, “circunscrita aos escravizados e pobres, mas penetrava-se em todas as camadas sociais e raciais” (RAMOS, 2000, p. 155). De origem africana islamizada, em especial,

do reino muçulmano de Mali, as bolsas de mandinga eram amuletos produzidos e usados pelo povo malinke ou mandinga para lhes trazer proteção e poder (BERTOLOSSI, 2006).

Outro aspecto relevante ao processo chama atenção. Victoriano frequentava ambientes para além de seu local de trabalho no interior da propriedade de seu senhor. Tal fato, sugere que o mesmo desfrutava de certa margem de autonomia diante de um sistema de trabalho fixamente vigiado e controlado, como ocorria nas grandes fazendas cafeeiras. Nós compreendemos que os espaços socialmente construídos no interior das fazendas, enquanto locais hierarquicamente bem definidos, fixavam os lugares que cada elemento ocupava quanto pelo seu modelo arquitetônico. Espaços fortemente disciplinados, as propriedades adotaram novas formas de controle espacial dos trabalhadores escravizados. Ou seja, os espaços alicerçavam a “estrutura de classe e raça das fazendas escravistas de café no Vale do Paraíba”, explica Marquese (2010, p. 112).

Acrescentando à perspectiva historiográfica sobre os espaços de controle, Camila Agostini analisa a extensão das propriedades cafeeiras também como espaços estruturais, mas, também, liminares. Para a autora, dentro dessas paisagens ordenadas pela arquitetura quadrilátera das fazendas que muitos cativos buscaram formular estratégias de negociação frente aos seus senhores, transformando cotidianamente esses mesmos espaços estruturais em lugares de liminaridade, ou seja, espaços de contestação e mudança (AGOSTINI, 2013, p. 76-77).

Mesmo diante da construção de espaços negociados que permitiram alguma margem de autonomia aos cativos, “as tentativas de contenção e controle da ação senhorial nunca conseguiu debelar por completo as movimentações alternativas da escravaria” (SANTOS, 2014, p. 149). Os cativos, na medida em que a ordem instituída permitia, conseguiam ocupar outros locais, distantes do núcleo que englobava as casas grandes, as lavouras de café e as senzalas. Tomemos como exemplo as brechas oferecidas pelo tempo livre permitida pelos senhores para que o escravizado cumprisse com suas obrigações cristãs, como a suspensão do trabalho dominical e do descanso nos dias santos;

Nessas datas, normalmente, os escravos eram dispensados de suas funções nas propriedades senhoriais e aproveitavam a folga para trabalhar em suas próprias roças e para participar das celebrações locais. Também os senhores costumavam se dirigir à Igreja matriz da vila, onde ouviam a missa e participavam das festividades organizadas pela comunidade. Tratava-se, portanto, de um momento de menor vigilância senhorial (CARVALHO, 2013, p. 195).

Posto isto, a ideia do escravizado Victoriano de desfrutar de autonomia - tendo um tratamento diferenciado comparado aos demais escravizados do eito - reforça-se a partir das informações prestadas pelo escravizado Marianno, de nação Moçambique. Ele disse no processo-crime que “no dia dezessete de novembro estando ele em companhia de uns noivos seus parceiros, encontrou-se com o preto Victoriano pelas ruas” (AMP, 1844, p. 26) que o abordando, perguntou se ele “queria comprar uns manganezes que tinha para abrandar o coração de seu senhor e de seu senhor moço [e] que ele lha vendia por quatro mil réis” (*Ibid.*). Além disso, outras informações prestadas por Luís Crioulo - outro escravizado de Francisco de Medeiros Torres - mostraram que Victoriano não só possuía maior liberdade como praticava atividades econômicas autônomas. Ao depor ao subdelegado de polícia, Luís afirmou que o escravizado feiticeiro em diversas ocasiões lhe teria oferecido em troca de certa quantia, uma espécie de “remédio para que também pudesse abrandar o coração de seu senhor” (*Ibid.*, p. 27).

Os depoimentos mostram as estratégias de aquisição de benefícios no interior do cativeiro. Ciro Flamarion Cardoso mostra que através das pequenas margens de autonomia cedida pelas brechas inerente ao sistema, muitos cativos buscaram conquistar vantagens econômicas, como o acúmulo de pecúlios (CARDOSO, 1987, p.120). Diante disso, nós podemos avaliar que Victoriano buscou utilizar as oportunidades de locomoção que possuía para comercializar um saber muito peculiar, isto é, seus feitiços. Sá Junior entende que os usos de feitiços foram por muitas vezes negociados pelos escravizados detentores de saberes místicos enquanto uma forma de mercadoria. Em diversas ocasiões, seus praticantes buscaram alcançar vantagens com tais recursos, através daquilo que qualificou como sendo feitiçaria de ganho (SÁ JUNIOR, 2011, p. 56). O caso do escravizado Victoriano, demonstrou aspectos importantes da reinvenção e das estratégias cotidianas dos escravizados em forjarem para si espaços de autonomia econômica,

social e cultural, moldando o sistema escravista que procurava “reduzi-los a meros instrumentos de produção de riquezas” (MACHADO, 1988, p. 146).

Em 10 de abril de 1845, o Juiz de Direito da vila de Santana do Pirai, Ovídio Saraiva entendeu que João de Medeiros Torres feriu o escravo feiticeiro “em defesa de seus direitos” (*Ibid.*, p. 34), tendo o júri decidido por oito votos que não houve no momento daquele ocorrido, a existência por parte do escravocrata “outro meio menos prejudicial para a realização do castigo do escravo” (*Ibid.*). A sentença nos mostra qual era a percepção da justiça da época em relação aos conflitos que se davam entre senhores e escravizados, em particular, as acusações de práticas subversivas, como a feitiçaria. Desde os fins do séc. XVIII, percebe-se que o poder político dominado pelos detentores do poder, tentam obter através das leis o controle moral “sobre as camadas mais baixas, mais pobres, as camadas populares” (FOUCAULT, 2009, p. 94).

A análise do Juiz em considerar a ação do escravizado prejudicial à dignidade desses indivíduos evidencia como os membros da elite cafeeira, homens da justiça também, enxergavam tais práticas como grave à ordem institucional e à doutrina da Igreja. A sentença do processo crime em análise teve como base o Código Criminal de 1831, legislação, que a propósito, buscou em diversos pontos resguardar a religiosidade católica (PINTO, 2011, p. 7).

## **Conclusão**

Neste trabalho mostramos que as práticas religiosas dentro do universo escravista negro foram frutos de sincretismos que uniram aspectos e características do catolicismo europeu com elementos relacionados ao passado africano, num processo de circularidade cultural. Os escravizados forjaram para si uma combinação de costumes e crenças que foram vistos pelas elites e pela Igreja como magias e práticas de feitiçarias, portanto, associadas à ação demoníaca.

Este artigo buscou fazer uma análise de um processo crime, onde um cativo foi acusado de feiticeiro por um membro da elite senhorial cafeeira, numa rica região do Vale do Paraíba Fluminense, em 1844. A partir da análise desse estudo de caso, buscamos avaliar como os poderes hegemônicos no século XIX reagiram e buscaram

combater as crenças e os costumes dos escravizados, por entenderem que tais ações representavam um mal tanto à ordem terrena quanto a vida espiritual das almas cristãs católicas.

### **Fontes:**

Arquivo Histórico Municipal de Pirai (AMP). Processo-Crime (1844). Fundo Judiciário. Caixa 5, n. 004.02.01.110.

AMP. Inventário de Maria Isabel de Souza. Fundo Judiciário. Serie Cível. 1835. Caixa 02. N. 004.01.114.13.

AMP. Inventário de Possidônia Maria do Rosário. Fundo Judiciário. Serie Cível. 1857. Caixa 18. N. 004.01.114. 168.

RIO DE JANEIRO. Relatório do vice-presidente da província do Rio de Janeiro, o veador João Pereira Darrigue Faro, na abertura da primeira sessão da nonalegislatura da Assembléa Legislativa Provincial no dia 1º de agosto de 1852, acompanhado do orçamento da receita e despeza para o anno de 1853. Niterói: Typographia de Amaral & Irmão, 1851.

Disponível em:

[http://ddsnext.crl.edu/titles/184?terms=1851&item\\_id=4751#?h=1851&c=4&m=22&s=0&cv=99&r=0&xywh=-1710%2C-1%2C6963%2C4912](http://ddsnext.crl.edu/titles/184?terms=1851&item_id=4751#?h=1851&c=4&m=22&s=0&cv=99&r=0&xywh=-1710%2C-1%2C6963%2C4912). Acesso em: 21/07/2021.

VIDE, Sebastião de Castro da. Constituições primeiras do arcebispado da Bahia feitas, e ordenadas pelo ilustríssimo e reverendíssimo senhor Sebastião Monteiro da Vide, arcebispo do dito arcebispado, e do Conselho de Sua Majestade, propostas e aceitas no sínodo diocesano, que o dito senhor celebrou em 12 de junho de 1707. Coimbra: Real Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1720.

Jornal do Commercio, Anno IX, n. 70, Rio de Janeiro, 30 de março de 1835. Disponível em:

[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568\\_02&pasta=ano%20183&pesq=Pirahy&pagfis=6394](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_02&pasta=ano%20183&pesq=Pirahy&pagfis=6394) . Acesso em: 21/07/2021.

Jornal do Commercio, 27 de julho de 1871, Ano 50, n. 206. p. 4. Disponível em:

[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568\\_06&pesq=%22Francisco%20Medeiros%20Torres%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=2958](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_06&pesq=%22Francisco%20Medeiros%20Torres%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=2958) Acesso em: 21/07/2021

### **Referências bibliográficas**

AGOSTINI, Camila. Estrutura e liminaridade na paisagem cafeeira do século XIX. In: \_\_\_\_ (org.). **Objetos da escravidão: abordagens sobre a cultura matéria da escravidão e seu legado**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

BARBOSA, Keith de Oliveira; GOMES, Flávio. Doenças, morte e escravidão africana: perspectivas historiográficas. In: PIMENTA, Tânia Salgado; GOMES, Flávio. (org.). **Escravidão, Doenças e práticas de cura no Brasil**. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2016.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil: Contribuição a uma sociologia das interpretações das civilizações**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1973.

BERTOLOSSI, Leonardo Carvalho. **A medicina mágica das bolsas de mandinga no Brasil, séc. VIII**. In: Encontro Regional de História – Usos do Passado – Anpuh-Rio, 2006, Niterói.

BRUNO, Aguiomar Rodrigues. **A morte como negócio: os comerciantes funerários no interior fluminense (Piraí, 1839-1889)**. 2020. 194 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

CALDAS, Glícia. A magia do feitiço: apropriações africanas no Brasil Colônia. **Revista Eletrônica Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa**, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 127-144, 2007.

CAMPOS, Thiago. **O Império dos Souza Breves nos Oitocentos: Política e escravidão nas trajetórias dos Comendadores José e Joaquim de Souza Breves**. 2010. 199 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, Niterói.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Escravo ou Camponês? O protocampesinato negro das Américas**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CARVALHO, Fábio Pereira de. **Vassouras: comunidade escrava, conflitos e sociabilidades**. 2013. 291 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, Niterói.

COUCEIRO, Luiz Alberto. Acusações de feitiçaria e insurreições escravas no sudeste do Império do Brasil. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 38, p. 211-244, 2008.

DEAN, Warren. **A ferro e fogo: a história e a devastação da mata atlântica brasileira**. Tradução: Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DECKMANN, Eliane Cristina Fleck. O domínio das almas e o controle dos corpos: estratégias jesuíticas para o “viver em redução” (província jesuítica do Paraguai, século XVII). **Universum. Revista de Humanidades y Ciencias Sociales**, vol 2, n 22, p. 70-87, 2007.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**. Tradução: Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **A interiorização da metrópole e outros estudos**. 2ed. São Paulo: Alameda, 2009.

FARIA, Sheila de Castro. **Barões do Café: a modernização da nobreza no século XIX**. São Paulo: Atual, 2005.

\_\_\_\_\_. Os barões do Brasil. *In: Revista de História da Biblioteca Nacional: Loucura*. Ano 1. n. 2, p. 58-64, ago. 2005.

FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida. **Barrocas Famílias: vida familiar em Minas Gerais no século XVIII**. São Paulo: Hucitec, 1997.

FRAGOSO, João; FLORENTINO, Manolo; FARIA, Sheila de Castro. **A economia colonial brasileira (séculos XVI-XIX)**. São Paulo: Atual, 1998.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Tradução: Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2003.

GANDRA, Daniel Nogueira. **A era negra do Vale: Café, escravos e senhores em Piraí**. 2016. 182 f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

GINZBURG, Carlo. **Os queijos e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. Tradução: Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GORENDER, Jacob. **A escravidão reabilitada**. São Paulo: Ática, 1990.

GUIMARÃES, Carlos Gabriel. O Café e a Conta. *In: Revista de História da Biblioteca Nacional: O poder do café*. v. 5, n.57, p.24-26, jun. 2010.

HEINZ, Flávio. **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

HOORNAERT, Eduardo. **A Igreja no Brasil-Colônia (1580-1800)**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

LAMEGO, Paulo. **O Brasil é o Vale**. Valença: Gráfica PC Duboc, 2006.

LARA, Silvia Hunold. **Campos da violência: escravos e senhores na capitania do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

LARAIÁ, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LEVACK, Brian P. **A caça às bruxas: na Europa no limiar da Idade Moderna**. Tradução: Ivo Korytowski. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O feiticeiro e sua magia. *In: \_\_\_\_*. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.

MACEDO, José Rivair. Os filhos de Cam: a África e o saber enciclopédico medieval. **SIGNUM: Revista da ABREM**, Vol. 3, p. 101-132, 2001.

MACHADO, Maria Helena P T. Em torno da autonomia escrava: uma nova direção para a história social da escravidão. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.8, n.16, p.143-160, mar./ago. 1988.

MAGALHÃES, Magna Lima; BENDER, Lucas Petry. Histórias Desveladas: Os Processos-Crime como Fonte Histórica. **Prâksis**, Novo Hamburgo, v.1, p.29-36, jan./jun. 2008.

MARQUESE, Rafael Bivar. O Vale do Paraíba cafeeiro e o regime visual da segunda escravidão: o caso da fazenda Resgate. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, v.18, n.1, p. 83-128, jan/jun. 2010.

\_\_\_\_. Revisitando casas grandes e senzalas: a arquitetura das plantations escravistas americanas no século XIX. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v.14, n.1, p. 11-57, jan./jun. 2006.

\_\_\_\_. TOMICH, Dale. O Vale do Paraíba escravista e a formação do mercado mundial do café no século XIX. *In: MUAZE, Mariana; SALLES, Ricardo. (org.). O Vale do Paraíba e o Império do Brasil nos quadros da Segunda Escravidão*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.

\_\_\_\_. SALLES, Ricardo. A cartografia do poder senhorial: cafeicultura, escravidão e formação do Estado nacional brasileiro, 1822-1848. *In: MUAZE, Mariana; SALLES, Ricardo. (org.). O Vale do Paraíba e o Império do Brasil nos quadros da Segunda Escravidão*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.

MOTT, Luiz. Benditos pactos diabólicos. *In: Revista de História da Biblioteca Nacional: Feitiçaria diabólica*. ano 5. nº 56, p.24-25, maio. 2010.

MOTTA, José Flávio. O advento da cafeicultura e a estrutura da posse de escravos (Bananal, 1801-1829). **Estudos Econômicos**, São Paulo, v.21, n.3, p. 409-434, set./dez. 1991.

MUAZE, Mariana. Novas considerações sobre o Vale do Paraíba e a dinâmica imperial. In: MUAZE, Marian; SALLES, Ricardo. (org.). **O Vale do Paraíba e o Império do Brasil nos quadros da Segunda Escravidão**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.

NOGUEIRA, André. Da trama: práticas mágicas/feiticeira como espelho das relações sociais – Minas Gerais, século XVIII. **Revista de Humanidades**, Caicó, vol.5, n.11, p. 163-180, jul./set. 2004.

OLIVEIRA, Anderson José Machado de. Devoção e identidades: significados do culto de Santo Elesbão e Santa Efigênia no Rio de Janeiro e nas Minas Gerais dos setecentos. **Topoi**, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 12, p.60-115, jan./jun. 2006.

ORTIZ, Renato. A morte branca do feiticeiro negro. **Revista Centro de Estudos Rurais e Urbanos**, Brasília, n.9, p.119-125, 1976.

PESAVENTO, Sandra Jatáhy. Em busca de uma outra História: imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.15, n. 29, p. 9-27, 1995.

PINTO, Luciano Rocha. Moral e Religião no Código Criminal Imperial ou Uma Apologia da Soberania em Tempos de Ilustração. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História**. ANPUH, São Paulo, jul.2021.

PRITCHARD, Evans. **Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

PROST, Antoine. Os tempos da história. In: \_\_\_\_\_. **Doze lições sobre a história**. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

RAMOS, Donald. A influência africana e a cultura popular em Minas Gerais: um comentário sobre a interpretação da escravidão. In: SILVA, Maria Beatriz Nizza da. (org.). **Brasil: Colonização e escravidão**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

REIS, João José. **Domingos Sodré um sacerdote africano: Escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. SILVA, Eduardo. **Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RIBEIRO, Márcia Moisés. **A ciência dos trópicos: a arte médica no Brasil do século XVIII**. São Paulo: Hucitec, 1997.

RIBEIRO, Alexandre Vieira. Escravo é aquele que não sou eu. In: **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Vende-se gente: o comércio de escravos na formação do nosso mundo. Ano 10, n 108, setembro 2014.

RODRIGUES, Rejane Trindade. Os Processos Crimes Como Fonte Histórica: Possibilidades e Usos Na Construção da História do Sul da Província de Mato Grosso. **Revista Trilhas da História**. Três Lagoas, v.6, nº11, p.26-41, jul./dez. 2016.

SÁ JUNIOR, Mario Teixeira de. **Feitiçaria de ganho no Mato Grosso setecentista**. **Mneme Revista de Humanidades**, Caicó, v.11, n.29, p. 52-74, jan./jul. 2011.

SALLES, Ricardo. **E o Vale era o Escravo: Vassouras, século XIX. Senhores e escravos no coração do Império**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. **Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro Imperial**. Campinas: Editora Unicamp, 2001.

\_\_\_\_\_. Tenebrosos mistérios: Juca Rosa e as relações entre crença e cura no Rio de Janeiro Imperial. In: CHALHOUB, Sidney; MARQUES, Vera Regina Beltrão; SAMPAIO, Gabriela dos Reis; SOBRINHO, Carlos Roberto Galvão. (org.). **Artes e Ofícios de curar no Brasil: Capítulos de História Social**. Campinas: Editora Unicamp, 2009.

SANTOS, Marco Aurélio dos. **Geografia da escravidão na crise do Império: Bananal, 1850-1888**. 2014. 279 f. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo.

SCHNOOR, Eduardo Cavalcanti. Das casas de morada à casa de vivenda. In: MATTOS, Hebe; SCHNOOR, Eduardo. (org.). **Resgate: uma janela para o Oitocentos**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

SCHULTZ, Kirsten. **Versalhes Tropical: império, monarquia e a corte real portuguesa no Rio de Janeiro, 1808-1821**. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SILVEIRA, Eder da Silva. Estudo de caso e micro-história: distanciamentos, características e aproximações. **Revista História em Reflexão**. Vol 4, nº 8 – UFGD – Dourados, jul/dez. 2010.

SOUSA, Giulliano Glória de. **Negros feiticheiros das Geraes: Práticas mágicas e cultos africanos em Minas Gerais, 1748-180**. 2012. 125 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de Ciências Sociais, Política e Jurídica. Universidade Federal de São João del-Rei. São João del-Rei.

SOUZA, Laura de Mello e. **O Diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SOUZA, Ricardo Luiz de. O Catolicismo popular e a Igreja: conflitos e interações. **História UNISINOS**, Sete Lagoas, vol. 2, n. 2, p. 127-139, maio/ago. 2008.

WHATELY, Maria Celina. **Resende, a cultura pioneira do café no Vale do Paraíba.**  
Resende: Gráfica La Salle, 2003.

**Recebido:** 06/02/2022  
**Aprovado:** 17/10/2022

## ELEIÇÕES E DISSÍDIOS ENTRE OPOSICIONISTAS NA PRIMEIRA REPÚBLICA BRASILEIRA: O CASO DAS DISPUTAS PARA O CARGO DE DEPUTADO FEDERAL NO ESTADO DO PARANÁ (1899-1912)

ELECTIONS AND DISSENSIONS BETWEEN OPPOSITIONISTS IN THE FIRST BRAZILIAN REPUBLIC: THE CASE OF DISPUTES FOR THE POSITION OF FEDERAL DEPUTY IN THE STATE OF PARANÁ (1899-1912)

Sandro Aramis Richter Gomes  
Universidade Federal do Paraná  
argomes8@gmail.com

**Resumo:** Neste artigo desenvolve-se um estudo comparado acerca do desempenho de candidatos oposicionistas em dois pleitos para o cargo de deputado federal pelo Estado do Paraná. Esses pleitos ocorreram nos anos de 1899 e 1912. O objetivo deste estudo é avançar no entendimento do desempenho eleitoral das oposições estaduais ao tempo da Primeira República. Há três argumentos sustentados nesta abordagem. Primeiro, demonstra-se que, nas três primeiras décadas republicanas, o grupo oposicionista do Paraná era comandado por indivíduos politicamente ativos desde a época do Império. Segundo, cabe salientar que nos anos 1900 ocorreu a desarticulação entre os próceres da oposição estadual. Nesse contexto, os partidos minoritários eram efêmeros. Terceiro, evidencia-se que o aumento do número de candidaturas avulsas foi uma decorrência da desagregação entre os oposicionistas.

**Palavras-chave:** Eleições parlamentares; Oposição paranaense; Primeira República brasileira.

**Abstract:** This article analyzes, in comparative perspective, the performance of opposition candidates in two elections for the position of federal deputy for the State of Paraná. Such elections took place in the years 1899 and 1912. The objective of this study is to advance the understanding of the electoral performance of regional oppositions at the time of the First Republic. There are three arguments presented in this analysis. First, in the first three republican decades the opposition group of Paraná was led by politically active individuals since the time of the Empire. Second, in the 1900s there was a disarticulation among the leaders of the state opposition. In this context, the minority parties were ephemeral. Third, the increase of the independent candidacies resulted of the divergences among the oppositionists.

**Keywords:** First Brazilian Republic; Oppositionists of Paraná; Parliamentary elections.

## Introdução

Neste estudo realiza-se uma análise comparada a respeito do desempenho de candidatos de oposição em dois pleitos para o cargo de deputado federal pelo Estado do Paraná. Os pleitos estudados neste trabalho ocorreram nos anos de 1899 e 1912. O ano de 1899 é referente à eleição em que a oposição paranaense atingiu um alto nível de coesão. Trata-se, pois, do momento em que houve o lançamento de um maior número de candidaturas oposicionistas por apenas uma agremiação. O ano de 1912, por sua vez, é alusivo à disputa em que todos os postulantes da oposição à Câmara dos Deputados não possuíam filiação partidária. Em tal época, portanto, os antagonistas do governismo paranaense estavam desarticulados.

O recorte temporal aqui adotado diz respeito ao processo de desagregação de um grupo de oposicionistas que atuou na cena política de um estado sulino no início da Primeira República. Por meio do estudo do caso paranaense, o propósito desta investigação é avançar no entendimento das estratégias e do desempenho eleitoral de oposicionistas no mencionado contexto. Nesse âmbito, cumpre salientar os fatores e os impactos políticos do rompimento da aliança que eles constituíram nos anos 1890.

Há três argumentos sustentados neste estudo. Primeiro, cabe salientar que as vagas de deputado federal pelo Paraná eram pleiteadas pelos expoentes da oposição, os quais estavam politicamente ativos desde a época do Segundo Reinado. Assim, demonstra-se que o campo da oposição paranaense era comandado tanto por egressos dos partidos monárquicos quanto por republicanos históricos que tiveram breve passagem pela agremiação situacionista.

Segundo, cumpre destacar que não prosperou a tentativa, efetuada no fim dos anos 1890, de reunir os oposicionistas do estado em apenas um partido. No decorrer da década de 1900, no Paraná, houve a restauração de um cenário que caracterizou a vida política regional nos anos seguintes à queda do Império. Esse cenário era marcado pela inclinação dos oposicionistas para não apresentarem chapas completas, bem como para se absterem de participar de determinados pleitos eleitorais.

Terceiro, ressalta-se que o pleito eleitoral de 1912 evidenciou a natureza volúvel do comportamento político dos oposicionistas do Paraná. Um indicador dessa volubilidade reside no fato de que a aliança que mantiveram durante a campanha presidencial de 1910 foi sucedida pela indisposição de se reunirem em apenas uma agremiação. Nesse contexto, as candidaturas independentes tornaram-se mais numerosas.

\*\*\*

Os estudos históricos têm avançado na compreensão sobre a competição eleitoral ao tempo da Primeira República. Um avanço consiste na análise das contestações, realizadas pelas oposições estaduais, acerca dos resultados de eleições para a Câmara dos Deputados. Esses estudos reconhecem que o Congresso Nacional teve papel decisivo na mediação das contendas eleitorais travadas nos estados. (ZULINI; RICCI, 2014, p. 443-479; ZULINI, 2016) Outro avanço reside em identificar as formas de ação eleitoral de oposicionistas em contextos estaduais. A análise do caso de Minas Gerais, por exemplo, possibilitou um entendimento acerca das condições de êxito eleitoral de candidatos não pertencentes às chapas governistas (FIGUEIREDO, 2017).

No entanto, permanece incipiente na historiografia o estudo da organização interna de partidos de oposição, das trajetórias de lideranças oposicionistas e dos fatores que impuseram obstáculos à aliança entre os antagonistas das agremiações estaduais. Há tempos, os estudos políticos atinentes à Primeira República são mais afeitos à análise da estrutura e da ação eleitoral dos partidos situacionistas. De fato, esses estudos comportam informações cruciais acerca do desempenho eleitoral e da composição de grupos oposicionistas (FERREIRA, 2011). Porém, mantém-se episódico o aparecimento de análises que deem maior ênfase aos processos de constituição e ocaso das alianças entre líderes das oposições estaduais (ANTONACCI, 1981; SACCOL, 2018; LEVI-MOREIRA, 1991; PRADO, 1986).

Nesse âmbito, convém salientar que os estudos concernentes à história política do Paraná também não conferiram relevante atenção à composição social dos partidos minoritários e aos limites da força eleitoral dos oposicionistas. Permanece pouco frequente o aparecimento de análises que investiguem as

circunstâncias do surgimento e da extinção das agremiações oposicionistas desse estado (GRANATO, 2018, p. 36-55).

De sua parte, a presente investigação se volta à tarefa de analisar a dissolução de um grupo oposicionista formado nos anos 1890. Compete identificar as diferenças quanto às carreiras políticas desenvolvidas pelos membros desse grupo no decorrer de um período que abrange os anos finais do Segundo Reinado e as primeiras três décadas do regime republicano. Para tanto, a abordagem aqui desenvolvida emprega métodos de abordagem inspirados na prosopografia (CHARLE, 2011, p. 115-137).

A reunião massiva de informações referentes a esses oposicionistas possibilita salientar aspectos convergentes quanto à origem e ao desenvolvimento seus percursos na cena partidária do Paraná. Essas informações, em síntese, permitem o reconhecimento dos perfis sociais e políticos de lideranças partidárias do estado na mencionada época.<sup>1</sup>

### **O contexto político paranaense dos anos 1890: a competição entre as forças da situação e da oposição**

Nesta seção apresenta-se uma análise no quadro partidário do Paraná na primeira década republicana. Nessa época, o Partido Republicano era a agremiação mais competitiva. Pertencente ao campo da situação, essa agremiação era formada por republicanos históricos e ex-integrantes do Partido Conservador. O seu principal dirigente era o advogado e senador Vicente Machado da Silva Lima (1860-1907) (**A República**, Curitiba, 25 jul. 1895, p. 1).

Na ala oposicionista, o partido mais longo foi a União Republicana, a qual era constituída por egressos do Partido Liberal, bem como por uma pequena parcela de participantes do Movimento Republicano. O líder maior dessa agremiação era o bacharel e ex-deputado geral Generoso Marques dos Santos (1844-1928). O Partido Operário, por seu turno, era comandado pelo empresário Agostinho Leandro da Costa (1857-1904) (ARAÚJO, 1992). O envolvimento dessa agremiação na vida

---

<sup>1</sup> As fontes empregadas nesta investigação consistem em jornais e anais parlamentares. Essas fontes estão disponíveis para consulta no sítio eletrônico da Hemeroteca Digital Brasileira: <memoria.bn.br>

política regional foi circunscrito aos anos 1890. Dessa maneira, nas primeiras décadas republicanas a vida política paranaense foi marcada pela polarização entre os partidos de Vicente Machado e Generoso Marques (SÊGA, 2005).

Compete evidenciar as oscilações da força eleitoral dessas agremiações por meio da análise dos pleitos para a Câmara dos Deputados. Esses pleitos ocorreram entre os anos de 1890 e 1896. Cumpre, pois, evidenciar as flutuações da votação dos candidatos a deputado federal no contexto em que as agremiações oposicionistas não estavam suficientemente organizadas para participar de forma contínua das disputas eleitorais.

Os resultados das eleições para deputado federal ocorridas no Paraná da Primeira República comportam informações detalhadas sobre o desempenho dos candidatos não eleitos. As informações alusivas a esses pleitos permitem evidenciar com maior precisão os vínculos políticos dos candidatos. O desenvolvimento dessa abordagem requer, inicialmente, a atenção às informações da Tabela 1.

**Tabela 1** – Votação de candidatos governistas e oposicionistas ao cargo de deputado federal pelo Estado do Paraná (1890-1896)

1890					
Total de candidatos governistas	Total de votos dos candidatos governistas (em números absolutos)	Percentual da votação governista	Total de candidatos oposicionistas	Total de votos dos candidatos oposicionistas (em números absolutos)	Percentual da votação oposicionista
4	32.768	94,1	4	2.060	5,9
1895					
Total de candidatos governistas	Total de votos dos candidatos governistas (em números absolutos)	Percentual da votação governista	Total de candidatos da dissidência governista	Total de votos dos candidatos dissidentes (em números absolutos)	Percentual da votação oposicionista
4	15.133	76,4	4	4.680	23,6
1896					
Total de candidatos governistas	Total de votos dos candidatos governistas (em números absolutos)	Percentual da votação governista	Total de candidatos da dissidência governista	Total de votos do candidato dissidente (em números absolutos)	Percentual da votação oposicionista

4	20.794	88,8	1	2.642	11,2
---	--------	------	---	-------	------

Fonte: BRASIL. **Anais da Câmara dos Deputados**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional: 1890-1896.

Os dados contidos na Tabela 1 permitem a formulação de quatro afirmações. Primeiro, convém salientar que em 1890 houve uma iniciativa de opositoristas para amealhar, em sua totalidade, as vagas da bancada paranaense na Assembleia Nacional Constituinte. Essa bancada era composta por quatro cadeiras na Câmara dos Deputados e três cadeiras no Senado. A agremiação opositorista que lançou chapa completa nessa ocasião foi o Partido Operário (**Sete de Março**, Curitiba, 6 set. 1890, p. 2.).

Todavia, essa iniciativa não teve relevante apoio do eleitorado. A Tabela 1 evidencia que em 1890 foi pouco expressivo o número de eleitores que apoiaram os candidatos de oposição na disputa pelas vagas do Paraná na Câmara dos Deputados. Por consequência, não houve candidato do Partido Operário eleito nessa ocasião.<sup>2</sup> A referida Tabela também demonstra que no decorrer da década o eleitorado da oposição não experimentou um relevante crescimento. Ao contrário, ele declinou após conhecer um sensível aumento no pleito de 1895. Nesse período, era pouco estável o contingente de eleitores alinhados politicamente com os adversários do situacionismo paranaense.<sup>3</sup>

<sup>2</sup> O pleito de 1890 foi a única ocasião em que o Partido Operário apresentou chapa completa. Em verdade, essa agremiação não se consolidou com uma relevante força eleitoral da oposição paranaense. A última informação do seu envolvimento em uma campanha eleitoral data do ano de 1896. **A República**, Curitiba, 21 jan. 1896, p. 3. Nessa oportunidade, o Partido Operário elegeu um candidato a deputado estadual pelo fato de que os governistas apresentaram chapa incompleta. **A República**, Curitiba, 23 set. 1896, p. 2. Portanto, a curta duração e a baixa competitividade eleitoral são aspectos que aproximam o Partido Operário dos partidos minoritários criados no Paraná ao longo da Primeira República.

<sup>3</sup> A Tabela 1 mostra que, em números absolutos, a votação conquistada pela situação e pela oposição em 1890 foi superior àquela registrada nos anos de 1895 e 1896. É plausível considerar que essa situação decorreu do fato de que em 1890 os eleitores tinham de votar em uma chapa completa. Em tal ano, no Paraná, o eleitorado precisou escolher quatro nomes para deputado federal. Assim, o número total de eleitores da situação e da oposição não era de cerca de 32 mil e 2 mil indivíduos, respectivamente. Esse eleitorado era de um quarto desses números. A partir da vigência da Lei Federal nº 35, de 26 de janeiro de 1892, foi implantado o voto limitado. Ou seja, os eleitores não votariam em uma chapa completa. No Paraná, os eleitores passaram a escolher três candidatos de um total de quatro vagas à Câmara dos Deputados. Acerca das mudanças nas leis eleitorais na Primeira República, ver NICOLAU, Jairo. **Eleições no Brasil: do Império aos dias atuais**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

No início dos anos 1890, os opositores do estado já adotavam uma prática que se tornaria frequente durante as primeiras quatro décadas republicanas. Essa prática consistia em dissolver uma agremiação após um insucesso eleitoral. Desse modo, cumpre salientar que o afastamento entre os membros fundadores do Partido Operário ocorreu nos anos seguintes ao pleito de 1890. A perda de correligionários foi um problema enfrentado por essa agremiação após o malogro de seus candidatos na eleição para o Congresso Nacional Constituinte.<sup>4</sup>

Nesse período, não era incomum o aparecimento de cizânias no interior das agremiações minoritárias e majoritárias que funcionavam nos estados. Na Bahia, por exemplo, o Partido Operário se desagregou no início dos anos 1890.<sup>5</sup> No Paraná, ocorreram dissídios tanto entre chefes opositores quanto no grupo de lideranças governistas. Em estados como o Rio Grande do Sul, a mencionada década também foi marcada pela eclosão de contendas no interior da agremiação predominante.<sup>6</sup>

De modo análogo ao caso sul-rio-grandense, no Paraná as querelas na ordem governista não foram sucedidas pelo estabelecimento de uma perene aliança entre membros históricos e novatos da oposição. Ao contrário, os antagonistas do situacionismo eram inclinados a adotar movimentos independentes no cenário político.<sup>7</sup> Conforme destacado no decorrer desta análise, essa inclinação permaneceu inerente ao comportamento dos opositores paranaenses nas décadas de 1900 e 1910.

---

<sup>4</sup> Membro fundador do Partido Operário do Paraná, o advogado Justiniano de Mello e Silva (1852-1940) encerrou sua carreira política em 1897. Em tal ano, ele retornou a Sergipe, seu estado natal. Acerca do percurso político de Mello, ver ALVES, Alessandro Cavassin. **A Província do Paraná (1853-1889). A classe política. A parentela no Governo**. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2014. Agostinho Leandro da Costa, outro expoente do Partido Operário, também foi absorvido pelos opositores congregados na União Republicana. **Diário do Comércio**, Curitiba, 27 abr. 1891, p. 3.

<sup>5</sup> A esse respeito, ver CASTELLUCCI, Aldrin. **Trabalhadores, máquina política e eleições na Primeira República**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2008.

<sup>6</sup> A primeira dissidência aberta do Partido Republicano Rio-Grandense data do limiar dos anos 1890. A esse respeito, ver SACCOL, Tassiana Maria Parcianello. *Op. cit.*

<sup>7</sup> No Paraná, foram raros os casos de dissidentes que se filiaram a um partido minoritário após se desligarem da agremiação oficial. Dentre esses casos, encontra-se o do bacharel Ubaldino do Amaral Fontoura (1842-1920). Em 1897, ele tentou, sem sucesso, um novo mandato de senador pelo partido opositor liderado por Generoso Marques. **A República**, Curitiba, 30 jul. 1897, p. 1. Dessa forma, a migração para uma agremiação opositora comumente provocava a redução da base eleitoral do governista dissidente.

Convém, pois, fundamentar a segunda afirmação desta seção. Naquele estado, a desarticulação entre os oposicionistas se acentuou nas eleições parlamentares de 1895. De fato, as informações da Tabela 1 demonstram que os candidatos não eleitos a deputado federal naquele ano tiveram um desempenho proporcionalmente mais expressivo em relação aos postulantes não eleitos do pleito ocorrido em 1890. A participação de situacionistas dissidentes como candidatos de oposição foi um fator que impediu o crescimento da votação da chapa oficial em 1895. Esses dissidentes, portanto, conseguiram preservar um pequeno rol de apoiadores ao se afastarem momentaneamente do situacionismo.

Por outro lado, cabe destacar que em 1895 não havia um partido de oposição em funcionamento. Os remanescentes da União Republicana reativaram essa agremiação somente no fim de tal ano. Nesse contexto, eles não participaram da disputa para a Câmara dos Deputados. Ou seja, esses correligionários não estavam suficientemente organizados para lançar candidatos. Naquele pleito, os oposicionistas paranaenses permaneceram eleitoralmente pouco competitivos e internamente desagregados (**A República**, Curitiba, 29 jan. 1896, p. 1.).

Os quatro candidatos não eleitos que constam na Tabela 1 eram indivíduos que possuíam ligações com o grupo governista. Mais precisamente, os não eleitos foram preteridos da chapa de deputados federais confeccionada pelo Partido Republicano, que permanecia como a agremiação dominante. Dessa forma, nesse contexto eles não possuíam a força política necessária para terem as suas candidaturas canceladas pelos dirigentes do partido. Os governistas cujas candidaturas foram preteridas abriram uma dissidência e lançaram chapa própria (**A República**, 13 jan. 1895, p. 1895, p. 1.). Essa dissidência não prosperou. Por consequência, os insurgentes foram reincorporados aos quadros da agremiação oficial.<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> Os dissidentes não eleitos eram os seguintes: João Cândido Ferreira (1.567 votos); Manuel de Faria Albuquerque (1.556 votos); Ottoni Ferreira Maciel (1.532 votos); Leôncio Correia (25 sufrágios). **A República**, Curitiba, 8 jan. 1895, p. 2. Nesse rol de dissidentes, apenas Manuel Albuquerque não obteve o apoio do partido governista para pleitear uma vaga de deputado federal em eleições ocorridas entre as décadas 1890 e 1910. Acerca das origens e efeitos dos dissídios ocorridos na agremiação governista do Paraná durante a Primeira República, ver MACIEL, Ottoni Ferreira. **Bastidores políticos**. Curitiba: Edição do Autor, 1925.

Em uma época caracterizada pela falta de coesão entre os oposicionistas, o pleito de 1895 para a Câmara dos Deputados foi marcado pela competição entre governistas desigualmente posicionados na estrutura interna do partido oficial. Os candidatos dotados de menor influência nessa agremiação foram os menos votados nessa ocasião.

Por um lado, o resultado desse pleito consiste em um indício de que uma parcela do eleitorado governista não acatou as candidaturas recomendadas pelo diretório central da agremiação predominante. Os líderes da situação não tiveram sucesso em promover a irrestrita disciplina partidária junto ao seu rol de correligionários. Por outro lado, o mencionado resultado evidencia que não existia uma agremiação oposicionista em atividade no Paraná. Nesse contexto, houve eleições em que os governistas foram combatidos por antigos aliados que não possuíam a condição de influir na montagem das chapas do partido oficial. Ou seja, existiram ocasiões em que a oposição aos situacionistas foi realizada por governista dissidentes. Em resumo, não havia um grupo político permanentemente organizado para contrabalançar o predomínio eleitoral dos situacionistas.

Cumprido, pois, fundamentar a terceira constatação desta seção. Em 1896, permanecia baixo o grau de integração entre os representantes da oposição. A limitada força política dos contendores do governismo é evidenciada pelo fato de que nessa época não havia uma agremiação oposicionista eleitoralmente ativa. Nessa ocasião, o candidato a deputado federal não eleito foi o engenheiro civil Francisco de Almeida Torres (1848-1902). Egresso do partido governista, ele se lançou como postulante avulso nessa disputa. A iniciativa de apresentar candidatura independente decorreu do fato de que os líderes da agremiação governista não apoiaram sua reeleição para a Câmara dos Deputados (**A República**, Curitiba, 12 jan. 1897, p. 1.).

De modo análogo ao pleito de 1895, a eleição federal realizada em 1896 foi marcada exclusivamente pela participação de candidatos que possuíam ligações com a ordem política governista. A limitação da atividade política da oposição estadual nessa época é evidenciada pelo fato de que sua participação em disputas eleitorais era pouco frequente.

Trata-se, por fim, de fundamentar a quarta afirmação desta seção. No período correspondente aos anos de 1890 a 1896, as forças de oposição do Paraná não eram eleitoralmente ameaçadoras. De fato, a perda de aliados após o pleito de 1890 impediu que o Partido Republicano voltasse a conquistar, de forma reiterada, o apoio de parcela superior a 90% do eleitorado.

Entretanto, as flutuações da votação dos governistas para a Câmara dos Deputados não provocaram a perda do domínio no jogo eleitoral. De sua parte, a oposição enfrentou permanente variação do seu contingente de apoiadores. Conforme demonstrado na seção seguinte deste estudo, a aproximação entre os oposicionistas tornou-se mais sólida no fim dos anos 1890. Essa integração foi acompanhada pelo crescimento da força eleitoral da oposição.

### **O jogo político paranaense e a eleição de deputados federais no ano de 1899: o perfil político e social dos candidatos de oposição**

Na presente seção é empreendida a análise da origem de atividade política dos oposicionistas que em 1899 concorreram à Câmara dos Deputados pelo Paraná. De um lado, trata-se de salientar que na primeira década republicana, nesse estado, não houve a emergência de novas lideranças oposicionistas. Os chefes locais da oposição eram veteranos que se aliaram após tentativas frustradas de se acomodarem no grupo governista.

De outro lado, demonstra-se que a união entre esses candidatos foi circunstancial. Ela foi construída às vésperas do mencionado pleito e logo se desfez. Desse modo, convém ressaltar o caráter pouco consistente dos vínculos entre os adversários do situacionismo regional. O desenvolvimento desses argumentos exige, preliminarmente, o estudo das informações presentes no Quadro 1.

**Quadro 1** – Perfil político e profissional dos candidatos de oposição à Câmara dos Deputados no Paraná (1899)

Nome	Município de origem	Profissão	Posição no quadro partidário estadual (1889-1899)	Total de cargos comissionados (anteriores a 1899)	Total de mandatos no Poder Legislativo (anteriores a 1899)	Total de mandatos de Poder Executivo (anteriores a 1899)

Belarmino Augusto de Mendonça Lobo	Barra Mansa (RJ)	Militar	Situação	0	1	0
Manuel Correia de Freitas	Paranaguá (PR)	Jornalista	Situação/Oposição	1	1	0
Teófilo Soares Gomes	Antonina (PR)	Empresário	Situação/Oposição	2	1	1

Fontes: **A República** (PR); **Dezenove de Dezembro** (PR); **Diário da Tarde** (PR); **Diário do Comércio** (PR); **Gazeta Paranaense** (PR).

As informações contidas no Quadro 1 possibilitam a fundamentação de três constatações. Primeiro, cumpre destacar que todos os candidatos de oposição à Câmara dos Deputados pelo Paraná em 1899 tiveram passagens pelo grupo governista. Eles se diferenciavam em virtude do tempo que permaneceram vinculados ao grupo político dominante. Esses postulantes também se distinguiam em decorrência das oportunidades que obtiveram ao se integrarem a esse grupo. Assim, cumpre desenvolver um comparativo quanto aos percursos do jornalista Manuel Correia de Freitas (1851-1932) e do empresário Teófilo Soares Gomes (1854-1935).

Eles estavam politicamente ativos desde a época do Segundo Reinado. Contudo, nesse contexto não pertenciam ao mesmo grupo partidário. A mais remota informação acerca dos vínculos políticos de Teófilo Soares data do ano de 1879. Nessa época, ele desempenhou o posto Administrador da Mesa de Rendas da cidade Antonina, localizada do litoral paranaense. Soares obteve esse posto comissionado na época em que os liberais comandavam o Gabinete Ministerial e exerciam o controle dos esquemas locais de nomeações para cargos públicos (**Dezenove de Dezembro**, Curitiba, 10 abr. 1879, p. 4.).

Em 1885, com o retorno do Partido Conservador ao Gabinete, Soares foi exonerado dessa função (**Gazeta Paranaense**, Curitiba, 10 set. 1885, p. 4.). Esse empresário era uma notabilidade local. As suas atividades políticas e econômicas, do Segundo Reinado ao início da Primeira República, foram circunscritas à região

litorânea do Paraná. Em suma, em tal época o seu percurso foi marcado pela limitada circulação por instituições administrativas.<sup>9</sup>

No começo dos anos 1890, Soares estava vinculado à União Republicana. Dessa forma, no começo do período republicano ele permaneceu ligado aos seus correligionários do Partido Liberal. O momento de maior projeção política de tal indivíduo ocorreu em janeiro de 1894, quando exerceu interinamente o cargo de governador do Paraná. De 1893 a 1894, foram os integrantes da União Republicana que comandaram o Governo Estadual. Esses correligionários participaram da Revolução Federalista (1893-1895) na condição de apoiadores das forças do general Gumercindo Saraiva, as quais foram derrotadas pelo Exército no contexto em que o marechal Floriano Peixoto era o presidente da República.<sup>10</sup> Assim, Soares fez parte de um grupo partidário que controlou a administração paranaense no limiar dos anos 1890.

A mencionada derrota ocasionou a saída dos membros da União Republicana de cargos no Governo do Paraná. Teófilo Soares foi um dos integrantes desse partido que se exilaram após o fim do mencionado conflito. A Argentina foi o principal destino dos exilados. Após dois anos de residência em Buenos Aires, Soares retornou ao Brasil em 1896 (**A República**, Curitiba, 5 abr. 1896, p. 2.). Cabe assinalar que a agremiação pela qual esse opositor se candidatou a deputado federal em 1899 era denominada de Partido Republicano. Ela era composta por antigos participantes da União Republicana. Essa informação permite corroborar a afirmação segundo a qual, no Paraná, o fim do século XIX foi uma época em que os opositores desenvolveram uma ação política unificada.

Compete, por consequência, dedicar atenção aos primórdios do percurso político de Manuel Correia de Freitas. Ele era um republicano histórico. Na qualidade de jornalista, atuou como propagandista das ideias em defesa do fim do regime

---

<sup>9</sup> Após ser destituído da chefia da Mesa de Rendas de Antonina, Soares dedicou-se a negócios particulares. Nos anos finais do Império, ele foi produtor de arroz nesse município. **A República**, Curitiba, 24 fev. 1888, p. 3. No início da República, exerceu um cargo público em Paranaguá. Nessa época, ele desempenhou o posto de adido da Alfândega dessa cidade. **A República**, Curitiba, 16 jan. 1893, p. 3.

<sup>10</sup> A Revolução Federalista foi uma guerra civil suscitada por opositores do governador Júlio de Castilhos, do Rio Grande do Sul. De 1893 a 1895, os conflitos se estenderam pelos demais estados sulinos. Acerca do envolvimento de membros da elite política paranaense nesse conflito, ver VERNALHA, Milton Miró. **Maragatos X Pica-Paus**. Curitiba: Lítero-Técnica, 1984.

monárquico. Participou da fundação do Clube Republicano de Paranaguá, em 1887, e manteve conexões com integrantes do Movimento Republicano de distintas províncias (CORRÊA, 2006, p. 101-123).

Correia de Freitas pertenceu à categoria dos republicanos históricos que, nos anos seguintes à queda do Império, não obtiveram relevantes oportunidades políticas. De fato, após a formação do Governo Provisório do Marechal Deodoro da Fonseca ele conquistou um cargo público. Em 1890, Correia de Freitas foi investido no posto de superintendente de Terras e Colonização do Paraná e Santa Catarina (**A República**, Curitiba, 8 jan. 1890, p. 2.). Contudo, foi pouco duradoura sua permanência nesse cargo. Em meados desse ano, já exonerado da função, ele se filiou ao Partido Operário. Ele tentou, sem sucesso, ser eleito deputado federal por essa agremiação (**A República**, Curitiba, 19 out. 1891, p. 1). Em 1891, deixou desse partido e ingressou na União Republicana, pela qual foi eleito deputado estadual (**Diário do Comércio**, Curitiba, 8 mai. 1891, p. 3.).

Em 1895, Correia de Freitas experimentou nova derrota. Nessa oportunidade, ele não conseguiu vencer a disputa para o cargo de senador. Para atestar o desnível da competitividade de governistas e oposicionistas no Paraná nessa época, cabe mencionar que o candidato situacionista ao Senado, Artur Ferreira de Abreu (1850-1900), obteve 4.359 votos (80%). Correia de Freitas, por sua vez, angariou 1.086 sufrágios (20%) (**A República**, Curitiba, 2 mar. 1895, p. 2.).

Nesse âmbito, trata-se de salientar a ausência de um eleitorado cativo para a oposição paranaense. Os resultados dos pleitos para senador permitem corroborar a afirmação de que o início da Primeira República foi marcado por variações quanto ao contingente de eleitores dos adversários do governismo. De 1892 a 1895, a oposição vivenciou o declínio de sua força eleitoral. Em 1892, Ubaldino do Amaral, candidato governista ao Senado pelo Paraná, angariou 5.240 votos (56,9%). Manuel Alves de Araújo, postulante lançado pela oposição, amealhou 3.964 sufrágios (43,1%) (**A República**, Curitiba, 21 jun. 1892, p. 2.). Contudo, em 1895, na ocasião em que Correia de Freitas se candidatou a senador, a oposição regional paranaense tinha o apoio de apenas um quinto do eleitorado.

Conforme demonstrado no decorrer desta seção, no contexto das eleições parlamentares de 1899 ainda perduravam as dificuldades para que os

oposicionistas paranaenses atingissem um maior grau de unidade. Naquele ano, às vésperas do pleito para deputado federal, Correia de Freitas e Teófilo Soares não possuíam longa experiência parlamentar. Em última análise, os postulantes escolhidos por aquela agremiação eram caracterizados pela atuação episódica nas instituições políticas.

No referido ano, outro candidato de oposição era o militar fluminense Belarmino Augusto de Mendonça Lobo, que não teve uma participação longa em instituições legislativas. Ele era um governista dissidente que foi deputado federal pelo Paraná de 1890 a 1893, época em que pertenceu ao partido dominante desse estado (**A República**, Curitiba, 19 out. 1890, p. 1.).

Os candidatos oposicionistas a deputado federal, no Paraná, em 1899, não exerciam cargos públicos desde o início da década. De um lado, o militar Lobo tentava recuperar uma vaga na Câmara. De outro lado, Teófilo Soares e Correia de Freitas estavam empenhados em reorganizar o grupo político que se esfacelara em virtude das derrotas eleitorais e do insucesso dos revoltosos na Revolução Federalista.<sup>11</sup>

Compete, por fim, sustentar a terceira afirmação desta seção. Cabe mencionar que os antigos dirigentes da União Republicana organizaram uma nova agremiação em 1897 (**A República**, Curitiba, 7 jun. 1897, p. 2.). Ela recebeu o nome de Partido Republicano (PR).<sup>12</sup> Nesse contexto, os líderes da nova agremiação encontraram dificuldades para promover a aliança entre os opositores do partido situacionista. Uma das dificuldades foi a demora na conquista de apoios aos seus candidatos. Essa demora decorreu do fato de que a oposição paranaense estava cindida. Foi apenas na primeira semana de dezembro de 1899 que ocorreu a formalização da aliança entre os líderes da oposição estadual. Portanto, no pleito para deputado federal

---

<sup>11</sup> Cumpre salientar que apoiadores dos revoltosos responderam a processos judiciais após a Revolução Federalista. Esse foi o caso de Teófilo Soares Gomes e do líder maior da União Republicana, o senador Generoso Marques dos Santos (1844-1928). Analogamente a Soares, Marques também se exilou após a derrota do general revolucionário Gumercindo Saraiva. Os membros da União Republicana se diferenciaram em virtude do tempo em que permaneceram distantes da vida política do Paraná após a Revolução Federalista. Um dos membros do partido, o médico e ex-governador João de Menezes Dória (1857-1934), retornou ao estado somente em 1899. **Diário da Tarde**, Curitiba, 18 jul. 1899, p. 1. Acerca das etapas desse conflito, ver VERNALHA, Milton Miró. **Maragatos X Pica-paus**. *Op. cit.*

<sup>12</sup> A agremiação dominante, nessa época, era denominada Partido Republicano Federal.

realizado em 31 de dezembro de 1899 os postulantes do PR surgiram como candidatos oficiais da oposição (**Diário da Tarde**, Curitiba, 7 dez. 1899, p. 1.).

Conforme evidenciado no curso desta investigação, as primeiras campanhas oposicionistas que se beneficiaram do trabalho de comitês eleitorais instalados na capital do estado datam dos anos 1910. Esses comitês surgiram para sustentar as candidaturas de postulantes avulsos. Cumpre demonstrar que a implantação desses órgãos de propaganda política é um indício das dificuldades de a oposição paranaense permanecer integrada a um partido.

### **A oposição paranaense nas eleições parlamentares de 1899: um comparativo entre estados de distrito eleitoral único**

Na presente seção, trata-se de analisar o resultado do pleito para deputado federal ocorrido no Paraná em 1899. Ao mesmo tempo, cumpre situar essa disputa em um cenário mais amplo. Convém salientar as diferenças quanto ao desempenho dos candidatos de grupos minoritários dos estados que, assim como o Paraná, compunham as pequenas bancadas da Câmara dos Deputados. Esses estados se assemelhavam pelo fato de que possuíam apenas um distrito eleitoral. Para a execução dessa abordagem, é necessário dedicar atenção às informações presentes na Tabela 2.

**Tabela 2 – Resultado da eleição para quatro vagas de deputado federal pelo Estado do Paraná (1899)**

Nome do candidato	Partido	Posição no quadro político estadual	Votação (em números absolutos)	Percentual da votação do candidato	Resultado
João Cândido Ferreira	Partido Republicano Federal	Situação	6.951	15,5	Eleito
Manuel de Alencar Guimarães	Partido Republicano Federal	Situação	6.860	15,3	Eleito
Bento José Lamenha Lins	Partido Republicano Federal	Situação	6.846	15,25	Eleito
Carlos Cavalcanti de Albuquerque	Partido Republicano Federal	Situação	6.813	15,2	Eleito

Belarmino Augusto de Mendonça Lobo	Partido Republicano	Oposição	5.813	12,95	Não eleito
Manuel Correia de Freitas	Partido Republicano	Oposição	5.800	12,92	Não eleito
Teófilo Soares Gomes	Partido Republicano	Oposição	5.780	12,88	Não eleito

Fonte: BRASIL. **Anais da Câmara dos Deputados**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900, v. 1, p. 102.

Na Tabela 1, verifica-se que no fim dos anos 1890 houve um crescimento do eleitorado da oposição paranaense. Assim, no ano de 1899 não foi muito díspar a votação obtida pelos candidatos da oposição e da situação para o cargo de deputado federal. O fato de os opositoristas terem sustentado três postulantes à Câmara dos Deputados denota que eles pretenderam sair da condição de grupo político minoritário. Para tanto, disputaram a maioria das vagas do Paraná naquela instituição. O caráter ambicioso do projeto político da oposição paranaense também é constatado no fato de que, em 1899, ela tentou vencer os situacionistas nas disputas pelos cargos de senador e governador.<sup>13</sup> Em tal ano, portanto, a oposição regional buscou ampliar sua presença nas esferas dos poderes Executivo e Legislativo.

Nesse contexto, era comum que as oposições estaduais lançassem poucas candidaturas, ou mesmo apresentassem candidatura única, em pleitos para a Câmara dos Deputados. Assim, elas buscavam concentrar os votos nos seus candidatos mais competitivos. Os opositoristas eram inclinados a buscar uma presença mínima nas instituições políticas. Ao apresentar poucas candidaturas, eles pretendiam evitar a dispersão dos votos de seu eleitorado em postulantes pouco competitivos.<sup>14</sup>

No Paraná, nos anos 1890, a oposição ora não apresentava candidaturas, a exemplo do ocorrido em 1895 e 1896, ora ambicionava obter a maioria das vagas em disputa, conforme se verificou nos pleitos de 1890 e 1899. Havia, em suma,

<sup>13</sup> Acerca da votação opositorista no pleito para governador do Paraná ocorrido em 1899, ver **A República**, Curitiba, 23 set. 1899, p. 2. Concernente, por seu turno, ao resultado da eleição senatorial realizada naquele ano, ver **A República**, Curitiba, 9 jan. 1899, p. 2.

<sup>14</sup> Acerca das estratégias eleitorais das oposições estaduais ao tempo da Primeira República, ver FIGUEIREDO, Vítor Fonseca. **Voto e competição política**. *Op. cit.*

diferenças quanto ao comportamento eleitoral das oposições regionais. O estudo dessas distinções demanda a análise das informações expostas na Tabela 3.

**Tabela 3** – Votação de candidatos eleitos e não eleitos para a Câmara dos Deputados em 1899  
(estados de distrito eleitoral único)<sup>15</sup>

Estado	Total de candidatos eleitos	Total de votos dos candidatos eleitos	Percentual a votação dos candidatos eleitos	Total de candidatos não eleitos	Total de votos dos candidatos não eleitos	Percentual da votação dos candidatos não eleitos
Goiás	4	28.314	67,2	3	13.822	32,8
Mato Grosso	4	8.904	80,4	4	2.162	19,6
Paraíba	4	10.928	45	7	13.357	55
Paraná	4	27.470	61,25	3	17.393	38,75

Fonte: BRASIL. **Anais da Câmara dos Deputados**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900, vols. 1-2.

O estudo da Tabela 3 permite a sustentação de duas afirmações. Primeiro, cumpre mencionar que no final dos anos 1890 a oposição paranaense atingira um nível de integração suficiente para almejar a quase totalidade das vagas em disputa. Nessa ocasião, a votação da chapa oposicionista não foi irrisória. A referida Tabela mostra que os postulantes do Partido Republicano angariaram pouco menos de 40% do total de sufrágios. Contudo, a eleição de um deputado federal de oposição tornou-se inviável porque a agremiação governista apresentou chapa completa.

A apresentação de chapas incompletas pelos situacionistas do Paraná era mais frequente nas disputas ao Congresso Legislativo Estadual. O lançamento de chapas incompletas à Câmara dos Deputados pelo partido dominante e a eleição oposicionistas desse estado para o cargo de deputado federal ocorreram apenas nos anos de 1906, 1912 e 1915 (**A República**, Curitiba, 12 out. 1915, p. 1.). Em outros estados de distrito único, o lançamento de chapas incompletas pelos partidos majoritários também era a principal forma de os membros da minoria obterem

<sup>15</sup> Os estados arrolados na Tabela 3 são aqueles cujos resultados eleitorais foram homologados na época em que os resultados da eleição ocorrida no Paraná foram reconhecidos pela Câmara dos Deputados.

mandatos. Em Goiás, em 1899, a eleição de um oposicionista para a Câmara derivou da apresentação de apenas três candidaturas pela agremiação dominante (**Goyaz**, Cidade de Goiás, 23 mai. 1900, p. 3.). Em verdade, nos estados compostos por mais de um distrito eleitoral as oposições também dependiam dessa cessão de vagas para terem um acesso circunstancial àquela instituição.<sup>16</sup>

Em segundo lugar, cabe salientar que uma diferença entre as oposições regionais dizia respeito à maior ou menor integração entre os seus componentes. Em 1899, Mato Grosso e Paraíba eram estados nos quais essa integração era pouco consistente. Tal situação é evidenciada na Tabela 2. Nela, constata-se a profusão de candidatos derrotados a deputado federal em ambos os estados.

Nesse cenário, ocorreu a dispersão dos sufrágios do eleitorado oposicionista em diversos postulantes eleitoralmente pouco competitivos. No Mato Grosso, a votação dos candidatos não eleitos variou de 747 a 386 sufrágios (BRASIL. **Anais da Câmara dos Deputados**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900, p. 397.). Na Paraíba, a votação dos postulantes derrotados oscilou de 2.151 a 1.507 sufrágios (BRASIL. **Anais**. *Op. cit.*, p. 106.). Ou seja, havia estados em que a força eleitoral dos candidatos minoritários era equivalente.

Em última instância, cumpre salientar que as dificuldades para a reaproximação entre as lideranças oposicionistas do Paraná não inviabilizaram a formação de uma base eleitoral. Ao contrário, os postulantes apoiados pelo Partido Republicano tiveram um desempenho proporcionalmente superior ao alcançado pelos oposicionistas de outros estados de distrito eleitoral único.

Todavia, a oposição paranaense, de forma análoga aos oposicionistas dos demais estados, necessitava das concessões de governistas para eleger os seus representantes. Na seção seguinte deste estudo, é evidenciado que a apresentação de chapa incompleta pelos governistas era o artifício por meio do qual os oposicionistas do Paraná conquistaram um pequeno espaço na Câmara dos Deputados.

---

<sup>16</sup> No Estado do Rio de Janeiro, até os anos finais da Primeira República, os oposicionistas necessitaram dessa concessão para elegerem seus candidatos a deputado federal. FERREIRA, Marieta de Moraes. **Em busca da Idade de Ouro**. *Op. cit.*, p. 133-135.

## O contexto político paranaense nos anos 1900: as oscilações da força eleitoral da oposição

Nesta seção é empreendida uma análise do desempenho da oposição paranaense nas eleições para deputado federal ocorridas nos anos de 1903, 1906 e 1909. Trata-se de demonstrar que a aliança realizada pelos próceres da oposição estadual em 1899 não foi sucedida pelo crescimento da força política do Partido Republicano. Nos anos seguintes a esse pleito, a atividade eleitoral dessa agremiação tornou-se inconstante.

Assim, cumpre destacar que ao longo dos anos 1900 houve a restauração do cenário político que vigorou no Paraná dos anos 1890. Nesse cenário, a baixa integração entre os oposicionistas ora gerava o surgimento de postulantes independentes, ora provocava a não apresentação de candidatos. Para o desenvolvimento dessas afirmações, convém analisar as informações da Tabela 4.

**Tabela 4** – Votação de candidatos governistas e oposicionistas ao cargo de deputado federal pelo Estado do Paraná (1903-1909)

1903					
Total de candidatos governistas	Total de votos dos candidatos governistas (em números absolutos)	Percentual da votação governista	Total de candidatos oposicionistas	Total de votos dos candidatos oposicionistas (em números absolutos)	Percentual da votação oposicionista
4	37.527	100	0	0	0
1906					
Total de candidatos governistas	Total de votos dos candidatos governistas (em números absolutos)	Percentual da votação governista	Total de candidatos oposicionistas	Total de votos dos candidatos oposicionistas (em números absolutos)	Percentual da votação oposicionista
3	26.282	61,2	2	16.630	38,8
1909					
Total de candidatos governistas	Total de votos dos candidatos governistas (em números absolutos)	Percentual da votação governista	Total de candidatos oposicionistas	Total de votos dos candidatos oposicionistas (em números absolutos)	Percentual da votação oposicionista
4	37.229	83,1	2	7.542	16,9

Fonte: BRASIL. **Anais da Câmara dos Deputados**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional: 1903-1909.

O estudo da Tabela 4 possibilita a sustentação de três constatações. Primeiro, convém salientar que em 1903 a oposição paranaense não possuía a organização interna necessária para lançar uma chapa de candidatos. Desde a eleição de 1899, ela vivenciava a redução de sua força eleitoral. Nessa época, o Partido Republicano ainda funcionava. Contudo, os seus dirigentes optaram por não lançar candidaturas (**A República**, Curitiba, 14 jan. 1903, p. 1.). Nesse contexto, portanto, não havia estímulos para a emergência de lideranças no campo da oposição. O ex-senador Generoso Marques, que estava politicamente ativo desde os anos 1860, permanecia como o principal nome da oposição paranaense.<sup>17</sup> Essa situação não foi incomum a outros estados brasileiros. No início da Primeira República, houve egressos dos partidos monárquicos que recuperaram seus mandatos em instituições legislativas.<sup>18</sup>

No Paraná, no decorrer dos anos 1900, houve oposicionistas que se transferiram para o campo governista. Dentre os indivíduos que ingressaram no partido majoritário, estavam dois participantes da eleição deputado federal ocorrida em 1899. Esses participantes eram Manuel Correia de Freitas e Teófilo Soares Gomes. Ou seja, na mencionada década a oposição paranaense passou por um processo de desagregação.

Em 1903, Soares já estava integrado ao grupo situacionista. Em tal ano, ele se tornou dirigente do Partido Republicano Federal na cidade de Antonina (**A República**, Curitiba, 11 dez. 1903, p. 2.). Correia de Freitas, por sua vez, migrou para a agremiação majoritária em 1908.<sup>19</sup> Nessa época, ao passo que em estados como São Paulo os governistas eram combatidos por antigos aliados, os governistas do Paraná exerciam estável domínio na vida política do estado.<sup>20</sup>

---

<sup>17</sup> Concernente às etapas do percurso político de Generoso Marques dos Santos, ver MARQUES, Enéas. **Generoso Marques**. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1941.

<sup>18</sup> Acerca do contingente de monarquistas que conseguiram se eleger para o Congresso Nacional Constituinte, em 1890, ver VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. **Unidos perderemos: a construção do federalismo republicano brasileiro**. Curitiba: CRV, 2017, p. 103.

<sup>19</sup> Acerca da trajetória política de Manuel Correia de Freitas, ver VANALI, Ana Christina. **“Ao povo paranaense”: a vida do cidadão Corrêa de Freitas**. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2017.

<sup>20</sup> Referente à dissidência ocorrida no Partido Republicano Paulista no início dos anos 1900, ver LEVI-MOREIRA, Sílvia. **Liberalismo e democracia**. *Op. cit.*

Trata-se, pois, de fundamentar a segunda constatação desta seção. Nos anos 1900, os êxitos eleitorais da oposição paranaense foram decorrentes da não apresentação de chapas completas pelos governistas em eleições para os cargos de deputado estadual e deputado federal. Nesse período, os sucessos eleitorais da oposição paranaense dependiam da decisão dos situacionistas acerca da cessão aos seus adversários de um terço das vagas em eleições parlamentares.

Essa cessão de vagas permitiu ao Partido Republicano eleger dez deputados ao Congresso Legislativo do Paraná em dezembro de 1905, e um deputado federal em janeiro de 1906. Esses pleitos foram os momentos de maior atividade da oposição paranaense ao longo dos anos 1900. De todo modo, a concessão da vaga da minoria estimulou a referida agremiação a lançar duas candidaturas deputado federal em 1906.

Nesse pleito, os oposicionistas tiveram um desempenho eleitoral expressivo, visto que conquistaram pouco menos de 40% do total de sufrágios. Esse desempenho, contudo, não levou ao fortalecimento do Partido Republicano. Em 1908, essa agremiação se extinguiu. A extinção foi motivada pelo fato de que a maioria dos seus dirigentes migrou para o partido situacionista, que assumira a denominação de Coligação Republicana.<sup>21</sup>

Cumpre, por fim, fundamentar a terceira afirmação desta seção. No biênio 1908-1909, houve nova tentativa de manter em atividade uma agremiação oposicionista – o Partido Republicano Federal (PRF). Porém, os seus dirigentes não tiveram o respaldo dos oposicionistas históricos. O citado Menezes Dória, por exemplo, optou por não se filiar a esse partido. Na qualidade de candidato avulso, ele tentou, sem sucesso, a reeleição para o cargo de deputado federal em 1909. Nessa ocasião, o postulante lançado pelo PRF era o governista dissidente Randolpho Pereira

---

<sup>21</sup> Até o ano de 1907, a política paranaense foi marcada pelo confronto entre o situacionista Vicente Machado e o oposicionista Generoso Marques. A morte do governador Machado e a perda de apoio de seu sucessor, o médico João Cândido Ferreira (1864-1948), promoveram uma aproximação entre os situacionistas e uma parcela dos oposicionistas. Ao se unirem, esses antigos adversários fundaram a Coligação Republicana. De sua parte, os remanescentes do grupo oposicionista se desagregaram e não tiveram sucesso em combater o domínio político dos governistas. Acerca das circunstâncias que levaram ao surgimento da Coligação Republicana, ver GOULART, Mônica Helena Harrich Silva. **Classe dominante e jogo político na Assembleia Legislativa Paranaense (1889-1930)**. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2008.

de Serzedelo (1862-1919). Contudo, ele não se elegeu.<sup>22</sup> Nesse contexto, o lançamento de candidaturas avulsas já evidenciava a natureza volúvel das alianças entre os oposicionistas paranaenses.

Em grande medida, a decisão dos governistas de não cederem uma vaga aos seus adversários ocasionou, em relação ao pleito de 1906, um fraco desempenho eleitoral da oposição. Desprovido de relevantes apoios, o Partido Republicano Federal foi extinto em meados de 1909 (**Diário da Tarde**, Curitiba, 31 mai. 1909, p. 1.). Em última instância, o estudo de resultados de eleições ocorridas no Paraná nos anos 1900 evidencia a instabilidade da organização interna e da base eleitoral da oposição.

Em verdade, de 1909 a 1910 houve uma reaproximação entre os oposicionistas do Paraná. Essa reaproximação ocorreu por ocasião da Campanha Civilista, a qual sustentou a candidatura presidencial do senador baiano Rui Barbosa (1849-1923). Houve integrantes do partido dominante desse estado que defenderam tal candidatura.<sup>23</sup> Essa campanha promoveu uma episódica aliança entre indivíduos que, no contexto político paranaense, estavam acomodados em distintos grupos políticos.<sup>24</sup>

Nessa época, Manuel Correia de Freitas já havia retornado ao campo da oposição. Ele foi um entusiasta da Campanha Civilista (**Diário da Tarde**, Curitiba, 28 jan. 1910, p. 1.). Em estados como Paraná e Santa Catarina, os partidários da candidatura de Rui Barbosa permaneceram em evidência na cena política nas eleições parlamentares de 1912.<sup>25</sup>

---

<sup>22</sup> A despeito de pertencer a uma agremiação marcada por incipiente enraizamento no estado, Serzedelo teve um desempenho eleitoral superior ao de Menezes Dória. Ao passo que Serzedelo obteve 8.666 votos, Menezes Dória angariou 556 sufrágios. **A República**, Curitiba, 2 mar. 1909, p. 1. Desse modo, a filiação a um partido assegurou a Serzedelo uma base de apoio mais expressiva do que a conquistada por Dória.

<sup>23</sup> A candidatura de Rui Barbosa contou com o apoio de integrantes dos partidos dominantes da Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo. Acerca da organização da Campanha Civilista e de seu significado político, ver SANTOS, Marcelo. **Rui Barbosa e Pinheiro Machado: disputa política em torno da candidatura e do governo do Marechal Hermes da Fonseca**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2005.

<sup>24</sup> Acerca dos apoios conquistados pela Campanha Civilista no Paraná e da configuração do quadro partidário regional nos anos 1910, ver CARNEIRO, Newton. **Um precursor da justiça social: David Carneiro e a economia paranaense**. Curitiba: s/e, 1965.

<sup>25</sup> Em 1912, no Paraná, o civilista Manuel Correia de Freitas se conservava na liderança da oposição estadual. Nesse ano, os civilistas de Santa Catarina permaneciam unidos. Eles apoiaram o engenheiro

No Paraná, essa mobilização de opositoristas não propiciou ao senador baiano um expressivo desempenho eleitoral. Nesse estado, ele teve uma votação ligeiramente inferior à obtida em âmbito nacional. No cômputo geral dos votos, o governista Hermes da Fonseca angariou 403.867 votos (64,5%). Rui Barbosa, por seu turno, obteve 222.822 sufrágios (35,5%) (PORTO, 2002, p. 172). No Paraná, Fonseca conquistou 11.717 votos (65,2%). Barbosa, por sua vez, amealhou 6.263 sufrágios (34,8%) (**Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 21 jun. 1910, p. 2.).

Dessa maneira, a união entre os opositoristas e o apoio de uma parte dos governistas não ameaçou localmente a vitória do marechal Hermes da Fonseca, que era o postulante escolhido pelos líderes da agremiação dominante no estado. Ao fim dessa campanha eleitoral, foi restaurado o cenário político que vigorou nesse estado durante os anos 1900. Um dos aspectos desse cenário era a ausência de um partido estadual de oposição. No contexto das eleições parlamentares de 1912, os candidatos que combateram os governistas não estavam ligados a uma agremiação. Nesse ano, existiam apenas partidos municipais, os quais tiveram curta duração.<sup>26</sup>

Nesse âmbito, cumpre investigar as características das campanhas eleitorais dos opositoristas que pleitearam uma vaga na Câmara dos Deputados pelo Paraná em 1912. Trata-se de destacar a importância da imprensa e dos comitês eleitorais para respaldar indivíduos que se lançaram como postulantes independentes.

### **O jogo político paranaense e a eleição de deputados federais no ano de 1912: o perfil político e social dos candidatos de oposição**

Nesta seção é desenvolvida uma investigação respeitante à origem da atividade política dos opositoristas que pleitearam uma vaga de deputado federal pelo Paraná, no ano de 1912. De um lado, cumpre evidenciar que esse rol de candidatos era composto por veteranos que tiveram passagens por grupo governista. De outro lado, trata-se de salientar que esses opositoristas não

---

civil Manuel Vitorino de Paula Ramos (1860-1925) em sua candidatura de deputado federal. Contudo, Ramos não conseguiu se eleger. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 2 fev. 1912, p. 2.

<sup>26</sup> Em 1912, na cidade de Guarapuava, área do terceiro planalto do Paraná, houve a fundação do Partido Republicano Municipal. **Diário da Tarde**, Curitiba, 18 jun. 1912, p. 1. Em tal ano, no contexto da eleição para a Câmara Municipal de Curitiba, ocorreu a criação do Partido Independente. Ele apresentou uma chapa completa, mas os seus postulantes não superaram os candidatos governistas. **Diário da Tarde**, Curitiba, 22 jun. 1912, p. 1.

desenvolveram entre si uma ação política conjunta para combater a agremiação dominante. Em última análise, convém evidenciar a permanência, no contexto dos anos 1910, da desarticulação entre os antigos líderes da oposição paranaense. A realização dessa análise exige a atenção às informações inseridas no Quadro 2.

**Quadro 2** – Perfil político e profissional dos candidatos de oposição à Câmara dos Deputados no Paraná (1912)

Nome	Município de origem	Profissão	Posição no quadro partidário estadual (1889-1912)	Total de cargos comissionados (anteriores a 1912)	Total de mandatos no Poder Legislativo (anteriores a 1912)	Total de mandatos de Poder Executivo (anteriores a 1912)
Domingos Virgílio do Nascimento	Guaraqueçaba (PR)	Militar	Situação/Oposição	0	3	0
João de Menezes Dória	Paranaguá (PR)	Médico	Situação/Oposição	0	3	1
Leôncio Correia	Paranaguá (PR)	Jornalista	Situação/Oposição	0	4	0
Manuel Correia de Freitas	Paranaguá (PR)	Jornalista	Situação/Oposição	1	2	0

Fontes: **A República** (PR); **Dezenove de Dezembro** (PR); **Diário da Tarde** (PR); **Diário do Comércio** (PR); **Gazeta Paranaense** (PR).

A análise do Quadro 2 permite a sustentação de três afirmações. Primeiro, trata-se de destacar que os candidatos de oposição a deputado federal pelo Paraná em 1912 estavam integrados ao quadro partidário regional desde os anos 1880. Essa vivência foi marcada pelo exercício de cargos legislativos em instituições locais e nacionais. Foi nos anos finais do Segundo Reinado que esses postulantes ingressaram cena política paranaense. Menezes Dória estreou nessa cena na qualidade de deputado provincial pelo Partido Liberal. Por outro lado, o início da atividade política de Manuel Correia de Freitas, Domingos Virgílio do Nascimento

(1862-1915) e Leôncio Correia (1865-1950) foi caracterizado pelo engajamento no Movimento Republicano.<sup>27</sup>

Todavia, nos anos seguintes à queda do Império esses republicanos históricos já se encontravam apartados. Conforme destacado, Correia de Freitas pertenceu ao campo oposicionista nos decênios de 1890 e 1900. Leôncio Correia, por seu turno, foi membro do partido dominante do Paraná durante a primeira década republicana. Assim, na época do pleito de 1912 fazia mais de uma década que ele não exercia um cargo eletivo, bem como não tinha um consistente envolvimento na vida política estadual. Ao tempo dessa eleição, Leôncio Correia vivia na cidade do Rio de Janeiro, a então capital federal. (CORRÊA, 2006, p. 128). Esses antigos propagandistas da República se assemelhavam pelo fato de que conquistaram a legitimidade de interferir na vida interna das agremiações às quais pertenceram. No contexto das eleições de 1912, eles já possuíam experiência em tarefas como a gestão de diretórios partidários e a montagem de chapas de candidatos.<sup>28</sup>

Domingos Nascimento, por sua vez, foi o republicano histórico que teve uma passagem mais longa pelo grupo governista. A sua terceira e última eleição para deputado estadual, a qual contou com o apoio do partido oficial, data de 1905 (**A República**, Curitiba, 23 jan. 1906, p. 1.). Em resumo, no limiar dos anos 1910 os principais nomes da oposição paranaense estavam politicamente ativos havia três décadas. Durante as primeiras três décadas republicanas, eram os recém-egressos do situacionismo que controlaram o campo da oposição.

A segunda constatação diz respeito ao fato de que esses candidatos, ao migrarem para o campo oposicionista, não desenvolveram trajetórias análogas. Eles se distinguiam em virtude da maior ou menor inclinação para reabilitarem suas

---

<sup>27</sup> Acerca da atuação de Manuel Correia de Freitas e Leôncio Correia nas atividades de propaganda republicana, ver CORRÊA, Amélia Siegel. **Imprensa e política**. *Op. cit.* Domingos Nascimento, por seu turno, envolveu-se na causa republicana ao tempo em que viveu na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. MARTINS, Romário. **Terra e gente do Paraná**. Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense, 1944, p. 69.

<sup>28</sup> Em 1891, Manuel Correia de Freitas pertenceu ao núcleo dirigente da União Republicana. Em tal ano, ele interferiu na confecção da chapa de candidatos que o partido apresentou ao Congresso Legislativo do Paraná. **Diário do Comércio**, 14 mar. 1891, p. 3. Leôncio Correia, por seu turno, participou de deliberações no diretório central do Partido Republicano Federal. Em meados dos anos 1890, ele formulou sugestões para a reorganização administrativa dessa agremiação. **A República**, Curitiba, 6 nov. 1896, p. 1.

ligações com os governistas. Dentre os indivíduos arrolados no Quadro 3, João de Menezes Dória foi o único que não se aproximou de situacionistas ao longo das décadas de 1900 e 1910. Ele teve uma presença mais estável no campo oposicionista.

Os demais postulantes conquistaram mandatos e cargos públicos em suas eventuais passagens pelo grupo situacionista. A identificação dos vínculos que eles mantiveram com os governistas permite destacar o caráter multifacetado dos laços políticos que constituíram nos mencionados decênios.

Atente-se, inicialmente, ao caso de Leôncio Correia. Desde o começo dos anos 1900, ele era um contendor do partido dominante do Paraná. Por outro lado, apoiou o grupo político que comandou o Governo Federal no princípio dos anos 1910. Correia não fez parte do rol de oposicionistas paranaenses que participaram da Campanha Civilista. Ele optou pela candidatura do marechal Hermes da Fonseca. De modo semelhante aos dirigentes do partido situacionista do Paraná, Correia apoiou a gestão de Fonseca como presidente da República. Esse apoio lhe propiciou o envolvimento em esquemas de nomeações para cargos públicos. Em 1913, por exemplo, ele assumiu a função de diretor da Imprensa Nacional (**Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 20 mai. 1913, p. 8.).

Domingos Nascimento também não estava alinhado aos oposicionistas do Paraná no contexto da campanha presidencial de 1910. Ele foi eleitor do marechal Hermes. Contudo, essa preferência política não o impediu de obter o apoio de uma fração dos líderes oposicionistas no pleito para deputado federal ocorrido em 1912. O citado Randolpho Serzedelo, que foi um dos coordenadores da Campanha Civilista no Paraná, aderiu à candidatura de Nascimento (**Diário da Tarde**, Curitiba, 29 jan. 1912, p. 2.).

Portanto, Serzedelo deixou de apoiar de Leôncio Correia, que foi seu candidato a senador em 1909, para endossar o nome de um político recém-ingresso no campo da oposição. Essa informação permite corroborar o argumento segundo o qual eram instáveis as alianças entre os próceres da oposição estadual. Comumente, essas alianças não se estendiam para além de um pleito eleitoral. Quando migravam para a oposição, os antigos membros do partido governista do Paraná não eram inclinados permanecerem como aliados.

A terceira constatação, por fim, refere-se à convergência das trajetórias dos mencionados candidatos a deputado federal. Essa convergência é evidenciada na atividade política que desenvolveram nos decênios de 1890 e 1900. Nessa época, eles possuíam filiação partidária. Domingos Nascimento e Leôncio Correia eram membros da agremiação situacionista. Na primeira década republicana, obtiveram análogas oportunidades políticas. Nesse contexto, atuaram juntos em instituições estaduais. A inclusão na chapa de candidatos governistas ao Congresso Legislativo Paraná foi uma oportunidade conquistada por ambos em meados dos anos 1890 (**A República**, Curitiba, 4 jul. 1893, p. 2.).

De outra parte, Manuel Correia de Freitas e João de Menezes Dória conviveram tanto na União Republicana quanto no Partido Republicano. Dessa forma, esses candidatos pertenceram a geração que teve a experiência de construir os primeiros partidos de situação e de oposição do Paraná. Nessa época, o lançamento de candidaturas avulsas ainda não era um acontecimento frequente na vida política estadual.

Conforme destacado, nos anos 1890 a candidatura independente era um recurso de governistas que perderam o apoio dos dirigentes de seu partido. Os quatro indivíduos arrolados no Quadro 3 pertenceram a uma época de transição na cena política regional. Ao final desse período, as alianças entre os líderes oposicionistas e as agremiações minoritárias se tornaram marcadas pela curta duração. Por conseguinte, a falta de unidade entre os rivais da situação motivou ao aparecimento de postulantes avulsos.

Em 1912, houve acentuada disparidade entre a votação de Manuel Correia de Freitas e a dos demais candidatos oposicionistas. Na última seção deste trabalho, cumpre salientar que essa diferença decorreu das desigualdades existentes entre eles quanto às condições de desenvolverem uma campanha eleitoral. Trata-se de ressaltar que a consolidação da prática do lançamento de candidaturas avulsas foi acompanhada pelo aumento das distinções entre os oposicionistas no que concerne à capacidade de formarem um rol de correligionários em distintos municípios. Os postulantes independentes, com exceção de Correia de Freitas, não possuíam uma consistente estratégia direcionada a angariar adesões para suas candidaturas.

## O desempenho da oposição paranaense na eleição parlamentar de 1912: uma abordagem comparada

Na presente seção é efetuada a análise do resultado da eleição de deputado federal ocorrido no Paraná, em 30 de janeiro de 1912. Nessa oportunidade, os governistas ainda cultivavam a prática de apresentar chapa incompleta de deputados federais. Assim, eles buscavam assegurar aos seus adversários uma vaga na Câmara dos Deputados. Essa prática permitiu que Correia de Freitas obtivesse um mandato.

De outro lado, cumpre salientar que a sua eleição não derivou apenas da cessão de uma vaga pelos situacionistas. Ela também decorreu da estrutura de sua campanha eleitoral. A montagem de uma campanha dotada do apoio da imprensa e de comitês independentes lhe permitiu suplantar os demais postulantes da oposição. O estudo dos fatores de sua reeleição ao cargo de deputado federal exige, preliminarmente, a análise das informações contidas na Tabela 5.

**Tabela 5** – Resultado da eleição para quatro vagas de deputado federal pelo Estado do Paraná (1912)

Nome do candidato	Partido	Posição no quadro político estadual	Votação (em números absolutos)	Percentual da votação do candidato	Resultado
Luiz Antônio Xavier	Partido Republicano Paranaense	Situação	15.256	25,6	Eleito
Antônio Augusto de Carvalho Chaves	Partido Republicano Paranaense	Situação	15.080	25,4	Eleito
Bento José Lamenha Lins	Partido Republicano Paranaense	Situação	14.806	24,8	Eleito
Manoel Correia de Freitas	Sem partido	Oposição	6.682	11,2	Eleito
Domingos Virgílio do Nascimento	Sem partido	Oposição	3.341	5,6	Não eleito
João de Menezes Dória	Sem partido	Oposição	2.398	4,1	Não eleito
Leôncio Correia	Sem partido	Oposição	1.971	3,3	Não eleito

Fonte: BRASIL. **Anais da Câmara dos Deputados**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1912, v. 1, p. 38.

As informações contidas na Tabela 5 permitem fundamentar duas afirmações. Primeiro, verifica-se que a votação de Correia de Freitas não ameaçou a vitória do candidato menos votado da situação. A agremiação governista, que na época era denominada Partido Republicano Paranaense, continuava a exercer um estável domínio sobre a vida eleitoral do estado. Desse modo, os opositores disputaram entre si um exíguo espaço na Câmara dos Deputados.

Para atestar essa competição entre os opositores, que destacar que os postulantes derrotados nesse pleito não aceitaram o resultado. Por consequência, encaminharam recursos à Comissão de Verificação de Poderes da Câmara dos Deputados. Eles apontaram irregularidades na apuração dos votos de Correia de Freitas. Em recursos apresentados separadamente, os opositores derrotados sustentaram que esse candidato não poderia ser diplomado. No entanto, a Comissão não acatou essas demandas (BRASIL, 1912, p. 38-40).

Em segundo lugar, convém destacar que o êxito eleitoral de Correia de Freitas decorreu de dois fatores. Um dos fatores era o apoio da imprensa. O jornal curitibano *Diário da Tarde* desempenhou um papel central na defesa da candidatura do então deputado federal. De fato, a historiografia tem salientado que nessa época a chancela da imprensa era decisivo àqueles que almejavam conquistar um espaço na cena política.<sup>29</sup>

No referido periódico, Freitas era apresentado como o postulante que possuía um consistente repertório de propostas. Dentre as ideias sustentadas por esse candidato, estava o combate ao alcoolismo, ao analfabetismo e ao jogo (**Diário da Tarde**, Curitiba, 24 jan. 1912, p. 1.). Assim, a mensagem política que ele apresentou nessa ocasião era revestida por preocupações sociais. Os demais candidatos não estavam familiarizados com a sustentação de uma plataforma de propostas. Menezes Dória, por exemplo, declarou que não possuía o intuito de apresentar sugestões programáticas (**Diário da Tarde**, Curitiba, 17 jan. 1912, p. 1.).

Outro fator do sucesso eleitoral de Correia de Freitas decorreu da montagem de um comitê responsável pela propaganda de sua candidatura. Mais precisamente,

---

<sup>29</sup> Acerca da importância do apoio da imprensa nas campanhas eleitorais da Primeira República, ver BORGES, Vera Lúcia Borgéa. **A batalha eleitoral de 1910: imprensa e cultura política na Primeira República**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011; SÁ PINTO, Surama Conde. **Só para iniciados**. *Op. cit.*

em tal pleito houve a implantação de um *Comitê Pró-Freitas*, o qual estava instalado em Curitiba, a capital do estado (**Diário da Tarde**, Curitiba, 27 jan. 1912, p. 1.). Em um cenário carente de partidos de oposição, esse órgão atuou como um diretório responsável por organizar a ação eleitoral dos correligionários do citado candidato. Os opositoristas que concorreram com Correia de Freitas a uma vaga na Câmara dos Deputados não tiveram os apoios necessários para implantar esses comitês. Ou seja, eles não tiveram correligionários dedicados a promover suas candidaturas por meio da imprensa e de um comitê eleitoral.

Os três postulantes não eleitos à Câmara dos Deputados pelo Paraná eram veteranos cujas bases eleitorais se esfacelaram ao tempo em que não desempenharam cargos públicos. De fato, dentre os apoiadores desses postulantes havia indivíduos que reconheciam a importância da propaganda e da criação de comitês. Esses apoiadores, porém, eram pouco numerosos. Eles não estavam suficientemente organizados para difundir uma mensagem em defesa de seus candidatos. A esse respeito, cabe destacar que existiu um comitê composto por apoiadores de Leôncio Correia. As atividades desse comitê não tiveram ampla divulgação. Correia, portanto, não contou com o apoio ostensivo de órgãos da imprensa regional (**Diário da Tarde**, Curitiba, 3 fev. 1912, p. 2.).

Cumprido mencionar que na eleição parlamentar de 1912 notou-se a permanência de uma situação verificada no pleito de 1899. Tal situação era existência de distinções entre os estados de distrito eleitoral único quanto ao grau de coesão interna das oposições. Para a identificação dessas diferenças, atente-se às informações da Tabela 6.

**Tabela 6** – Votação de candidatos eleitos e não eleitos para a Câmara dos Deputados em 1912 (estados de distrito eleitoral único)<sup>30</sup>

Estado	Total de candidatos eleitos	Total de votos dos candidatos eleitos	Percentual da votação dos candidatos eleitos	Total de candidatos não eleitos	Total de votos dos candidatos não eleitos	Percentual da votação dos candidatos não eleitos

<sup>30</sup> Os estados arrolados na Tabela 6 são aqueles cujos resultados eleitorais foram homologados na época em que os resultados da eleição ocorrida no Paraná foram reconhecidos pela Câmara dos Deputados.

Paraná	4	51.824	87	3	7.710	13
Piauí	4	37.981	76,7	2	11.576	23,3
Santa Catarina	4	37.745	88,2	1	5.035	11,8
Sergipe	4	18.278	81	4	4.377	19

Fonte: BRASIL. **Anais da Câmara dos Deputados**. Vols. 1-2. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1912.

As informações presentes na Tabela 6 permitem sustentar duas afirmações. Primeiro, nota-se que não havia marcantes diferenças entre os grupos políticos minoritários dos mencionados estados no que concerne ao seu desempenho eleitoral. Os opositores derrotados no Paraná conquistaram uma votação que, proporcionalmente, não era muito distante da amealhada por postulantes minoritários de estados como Santa Catarina e Sergipe. Nesses dois estados, os candidatos eleitoralmente mais fracos conseguiam, juntos, votações superiores a 10% do total de sufrágios. Em 1912, portanto, os governistas possuíam concorrentes. A abstenção eleitoral não era adotada com frequência pelos opositores de estados que compunham as pequenas bancadas da Câmara dos Deputados.

Segundo, convém destacar que no mencionado ano um aspecto inerente às oposições estaduais foi a falta de unidade. Em Santa Catarina, por exemplo, Celso Bayma venceu Manuel Vitorino de Paula Ramos na disputa pela vaga destinada à minoria.<sup>31</sup> Conforme evidenciado na Tabela 6, o lançamento de diversas candidaturas de oposição também foi peculiar às eleições ocorridas no Paraná, Piauí e Sergipe.<sup>32</sup>

Havia, por certo, diferenças entre esses estados quanto à composição dos seus grupos de oposição. Ao contrário do ocorrido em Sergipe, a totalidade dos candidatos de oposição no Paraná era veterana na vida política. Assim, uma

<sup>31</sup> Para o conhecimento das origens sociais e dos percursos políticos dos deputados federais da época da Primeira República, ver ABREU, Alzira Alves de (Coord.). **Dicionário histórico-biográfico da Primeira República (1889-1930)**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2015.

<sup>32</sup> Nesse estado, o candidato não eleito mais votado angariou 2.804 votos. O menos votado conquistou 262 sufrágios. BRASIL. **Anais da Câmara dos Deputados**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1912, p. 65.

distinção entre os estados dizia respeito às formas de ação política dos novatos.<sup>33</sup> Naquele estado sulino, ao tempo da Primeira República, o cargo de deputado federal não era habitualmente pleiteado por iniciantes nas lides partidárias.

Dessa forma, a convergência entre a vida política do Paraná e a dos estados que também compunham as pequenas bancadas da Câmara dos Deputados reside na ausência de partidos estaduais de oposição que funcionassem de modo ininterrupto. Outra semelhança era a presença de egressos do governismo no campo da oposição. Frequentemente, eram esses egressos que obtinham a faculdade de representar os antagonistas da situação em eleições parlamentares.

### **Considerações finais**

O presente artigo objetivou analisar o processo de esgotamento das relações políticas entre membros de um grupo regional de oposição no contexto da Primeira República. O estudo comparado de resultados eleitorais propiciou salientar as oscilações quanto ao grau de unidade e a força eleitoral da oposição paranaense no contexto da Primeira República. Há três resultados centrais expostos neste trabalho.

Primeiro, convém destacar que a eleição parlamentar ocorrida no Paraná em 1899 apresentou um elevado nível de coesão entre os opositores. Um indicador dessa unidade era a existência de uma agremiação minoritária que homologou três candidaturas à Câmara dos Deputados. Nesse período, o partido opositor que atuava naquele estado adotou uma prática pouco comum entre as agremiações minoritárias então existentes no país. Essa prática consistia em pleitear a maioria das vagas que um estado possuía na mencionada instituição.

Entretanto, do final dos anos 1900 ao princípio da década de 1910 a oposição paranaense permaneceu internamente pouco organizada. Nessa época, o lançamento de candidaturas avulsas, a breve duração dos partidos de oposição e a

---

<sup>33</sup> Em 1912, o advogado Gilberto Amado, então com 25 anos de idade, candidatou-se a deputado federal por Sergipe na qualidade de postulante independente. Esta foi sua primeira candidatura. Ele obteve a oitava colocação (262 votos) e não conseguiu se eleger. No contexto dos anos 1910, Amado foi absorvido pelo grupo governista do mencionado estado. Por consequência, desenvolveu uma estável carreira política. Ver AMADO, Gilberto. **Presença na política**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1958.

volúvel aliança entre os contendores do situacionismo foram aspectos inerentes da vida política paranaense.

Segundo, demonstrou-se que o grupo oposicionista do Paraná não experimentou relevante modificação no seu quadro de líderes. Nos anos 1910, esse grupo tinha como expoentes indivíduos que começaram a atuar no jogo político regional ao tempo do Segundo Reinado. Eles tiveram passagens pelo grupo governista. Os oposicionistas que se candidataram a deputado federal pelo Paraná no ano de 1912 eram políticos cujas trajetórias foram marcadas pela circulação por partidos da situação e da oposição.

Terceiro, convém salientar que a vida política paranaense, do início dos anos 1890 ao princípio dos anos 1910, possui semelhanças com a dinâmica política de outros estados. Um elemento convergente entre a maior parte dos estados de distrito eleitoral único era a falta de agremiações oposicionistas bem-estruturadas. Outro elemento era o lançamento de candidaturas avulsas que buscavam angariar os votos dos adversários dos partidos situacionistas. Portanto, a falta de unidade entre os líderes oposicionistas foi um aspecto peculiar à cena política de diferentes estados.

### **Referências bibliográficas**

ABREU, Alzira Alves de (Coord.). **Dicionário histórico-biográfico da Primeira República (1889-1930)**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2015.

ALVES, Alessandro Cavassin. **A Província do Paraná (1853-1889). A classe política. A parentela no Governo**. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2014.

AMADO, Gilberto. **Presença na política**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1958.  
ANTONACCI, Maria Antonieta. **RS, as oposições e a Revolução de 23**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.

ARAÚJO, Sílvia; CARDOSO, Alcina. **Jornalismo e militância operária**. Curitiba: Ed. UFPR, 1992.

BORGES, Vera Lúcia Borgéa. **A batalha eleitoral de 1910: imprensa e cultura política na Primeira República**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

CARNEIRO, Newton. **Um precursor da justiça social: David Carneiro e a economia paranaense**. Curitiba: s/e, 1965.

CASTELLUCCI, Aldrin. **Trabalhadores, máquina política e eleições na Primeira República**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2008.

CHARLE, Christophe. A prosopografia ou biografias coletivas: balanço e perspectivas. In: HEINZ, Flávio (org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2010, p. 41-54.

CORRÊA, Amélia Siegel. **Imprensa e política no Paraná: prosopografia dos redatores e pensamento republicano no final do século XIX**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2006.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **Em busca da idade de ouro: as elites políticas fluminenses na Primeira República, 1889-1930**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.

FIGUEIREDO, Vítor Fonseca. **Voto e competição política na Primeira República: o caso de Minas Gerais (1889-1930)**. Curitiba: Editora CRV, 2017.

GOULART, Mônica Helena Harrich Silva. **Classe dominante e jogo político na Assembleia Legislativa Paranaense (1889-1930)**. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2008.

GRANATO, Natália Cristina. O Partido Democrático Paranaense: um estudo sobre os capitais familiares e sociais de seus dirigentes. **Revista do Núcleo de Estudos Paranaenses**, Curitiba, v. 4, n. 1, p. 36-55, 2018.

LEVI-MOREIRA, Sílvia. **Liberalismo e democracia na dissidência republicana paulista: estudo sobre o Partido Republicano Dissidente de São Paulo, 1901-1906**. Tese (Doutorado em História Social). Universidade de São Paulo. São Paulo, 1991.

MACIEL, Ottoni Ferreira. **Bastidores políticos**. Curitiba: Edição do Autor, 1925.

MARQUES, Enéas. **Generoso Marques**. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1941.

MARTINS, Romário. **Terra e gente do Paraná**. Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense, 1944.

NICOLAU, Jairo. **Eleições no Brasil: do Império aos dias atuais**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

RICCI, Paolo; ZULINI, Jaqueline Porto. Partidos, competição política e fraude eleitoral: a tônica das eleições na Primeira República. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 57, n. 2, p. 443-479, 2014.

- PORTO, Walter Costa. **História do voto no Brasil**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.
- PRADO, Maria Lígia Coelho. **A democracia ilustrada: o Partido Democrático de São Paulo, 1926-1934**. São Paulo: Ática, 1986.
- SÁ PINTO, Surama Conde. **Só para iniciados: o jogo político na antiga capital federal**. Rio de Janeiro: Mauad, 2011.
- SACCOL, Tassiana Maria Parcianello. **De líderes históricos a opositores: as dissidências republicanas e o jogo político regional (Rio Grande do Sul, 1890-1907)**. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2018.
- SANTOS, Marcelo. **Rui Barbosa e Pinheiro Machado: disputa política em torno da candidatura e do governo do Marechal Hermes da Fonseca**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2005.
- SÊGA, Rafael. **Tempos belicosos: a Revolução Federalista no Paraná (1889-1907)**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2005.
- STONE, Lawrence. Prosopografia. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 19, n. 39, p. 115-137, 2011.
- VANALI, Ana. **“Ao povo paranaense”: a vida do cidadão Corrêa de Freitas**. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2017.
- VERNALHA, Milton Miró. **Maragatos X Pica-Paus**. Curitiba: Lítero-Técnica, 1984.
- VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. **Unidos perderemos: a construção do federalismo republicano brasileiro**. Curitiba: Editora CRV, 2017.
- ZULINI, Jaqueline Porto. **Modos do bom governo na Primeira República brasileira: o papel do Parlamento no regime de 1889-1930**. Tese (Doutorado em Ciência Política), Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.

Recebido: 09/03/2022  
Aprovado: 23/09/2022

## A SEGURANÇA PÚBLICA BRASILEIRA EM PERSPECTIVA COMPARADA: UM CONFRONTO ENTRE O CONTESTADO E O RIO DE JANEIRO

BRAZILIAN PUBLIC SECURITY IN A COMPARATIVE PERSPECTIVE: A CONFRONTATION  
BETWEEN THE CONTESTADO AND THE STATE OF RIO DE JANEIRO

Eduardo Rizzatti Salomão  
Escola Superior de Guerra (ESG)  
salomao.edu@gmail.com

**Resumo:** O artigo se propõe a confrontar dois momentos da história brasileira, similares quanto ao problema do emprego das Forças Armadas em conflitos que envolvem a população nacional: a Guerra do Contestado (1912-1916) e a intervenção federal na Segurança Pública do Rio de Janeiro (2018). O referencial teórico-metodológico que norteou a pesquisa é fundamentado na História Comparada em parceria com referenciais da História dos Conceitos e da Sociologia Histórica. Buscaram-se diferenças e similaridades, com o propósito de oferecer uma melhor compreensão desses fenômenos históricos e iluminar o problema de como essas operações afetam o Exército Brasileiro e a relação dos militares com a sociedade civil.

**Palavras-chave:** Contestado; Intervenção Federal no Rio de Janeiro; segurança pública.

**Abstract:** The article proposes to confront two moments in Brazilian history, similar in terms of the problem of the employment of the Armed Forces in conflicts involving the national population: the Brazil's Contestado Rebellion (1912-1916) and the federal intervention in the public security of Rio de Janeiro (2018). The theoretical-methodological reference that guided the research is based on comparative history dialoguing with references from the history of concepts and from the historical sociology. Differences and similarities were sought to provide a better understanding of these historical phenomena and illuminate the problem of how these operations affect the Brazilian Army and the relationship of the military with civil society.

**Keywords:** Contestado; Federal Intervention in the State of Rio de Janeiro; public security.

## **Eventos singulares, comparações possíveis**

Há aproximadamente 100 anos, no território que atualmente compõe o Estado de Santa Catarina, ao sul do Brasil, um movimento social, permeado de expressões de religiosidade, foi encerrado pela fúria dos obuses e metralhadoras do Exército nacional. O evento foi nomeado de Guerra do Contestado, encerrando termo que alude à disputa diplomática entre a Argentina e o Brasil, e ao posterior contencioso entre o Paraná e Santa Catarina pela posse do território “contestado”. Não foi uma guerra no sentido estrito do termo, não se tratando de um confronto entre forças militares equivalentes ou uma força guerrilheira *versus* tropas militares, mas a magnitude dos acontecimentos, exigindo a mobilização do Exército para atuar na região, sob o fundamento de reestabelecer a ordem, consagrou um termo controverso desde aqueles tempos.

Em fevereiro de 2018, foi decretada a intervenção federal na Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro, marcando o ápice da política de emprego das Forças Armadas em operação de garantia da lei e da ordem (GLO) nos últimos vinte anos. O decreto submetia todo o aparato policial ao mando do general à frente do Comando Militar do Leste (CML), a quem coube nomear um novo secretário de Segurança Pública (BRASIL, 2018, Seção 1, p. 1). Durante um ano, o mandato conferido impôs aos militares federais agir no policiamento ostensivo e no cumprimento de ordens judiciais de busca e apreensão, entre outras missões, registrando-se confrontos armados entre as forças militares e os integrantes de facções com interesse criminal.

O desafio a que esse artigo se propõe, tendo como metodologia o instrumental teórico-metodológico da História Comparada, em parceria com referenciais metodológicos da História dos Conceitos e da Sociologia Histórica, envolve confrontar dois momentos distintos da história brasileira, porém similares quanto aos problemas da recorrência do emprego das Forças Armadas em conflitos que envolvem a população civil. Decorridos cerca de 100 anos entre os eventos citados, as alterações no arcabouço legal brasileiro e o reconhecimento dos Direitos Humanos como fundamentais ao Estado Democrático de Direito refletiram uma mudança de mentalidade. Tratar os problemas sociais e as crises políticas como

questões de polícia ou tema de interferência das Forças Armadas não é mais admissível aos olhos da lei, mas deve-se reconhecer que, notoriamente, ainda na atualidade, há defensores dessa postura. A História observa com cautela o universo jurídico, sabendo que as leis refletem mudanças no cenário político em atendimento a novas demandas, mas que tais alterações não são absolutas e imutáveis, pois sendo socialmente construídas estão sujeitas a novas interpretações e passíveis de modificações.

Qual a justificativa para se confrontar os acontecimentos no Contestado e no Rio de Janeiro? Pensando a questão com o olhar do historiador, é necessário lembrar que, se a intervenção federal no Rio de Janeiro foi percebida como uma excepcionalidade, na História brasileira, esse expediente foi amplamente empregado para solucionar problemas políticos e de ordem pública. Da contenção de revoltas com adesão popular, a exemplo de Canudos (1897), Juazeiro do Norte (1914) e Caldeirão (1937), a ação contra grevistas em Volta Redonda (1988) ou para liberar o trânsito em rodovias federais em virtude do movimento dos caminhoneiros em 2018, diversos são os exemplos que percorrem a memória nacional referente ao emprego das Forças Armadas, com destaque para o Exército Brasileiro, em operações envolvendo o uso do poder militar contra a população civil. O Contestado é um dos exemplos de grande expressão, dada sua duração (cerca de 4 anos), a mobilização militar envolvida e o custo (ainda controverso) de 10 a 20 mil vidas perdidas, além de ser um tema privilegiado por dispor de expressivo quantitativo de fontes documentais, obras de época e significativa produção acadêmica.

Os eventos do Contestado e do Rio de Janeiro são em muitos aspectos distintos, mas expressam similaridades. A semelhança entre o Contestado e as operações de GLO no Rio de Janeiro se evidencia por se tratarem de intervenções do aparato militar federal em crises de ordem pública, notadamente em operações de natureza policial com forças treinadas para atuar na hipótese de guerra. Ainda que as diferenças nos ambientes de ocorrências, marcadas pela distância espacial e a separação temporal, não se pode ignorar a possibilidade de influência desses fenômenos na memória institucional do Exército, incluindo reflexos na formação militar com repercussão na relação entre militares e civis. O confronto entre esses eventos possibilita iluminar o problema de como tais operações afetaram o Exército

e a relação dos militares com a sociedade em geral e o que essa questão oferece para a compreensão desses fenômenos históricos.

O limite da pesquisa envolve comparar a atuação do Exército nos dois momentos, atentos às armadilhas do anacronismo, da analogia enganadora e da generalização, como alerta José Barros (2014). A escala de observação não é linear ou contígua, pois envolve observar as particularidades de cada fenômeno, bem como se dedica a apreender o que a comparação entre o Contestado e a intervenção no Rio de Janeiro pode informar sobre o comportamento dos militares em sua relação com a sociedade em geral. O foco de iluminação é recíproco, pois envolve questionar como os militares se comportaram na Primeira República e no passado recente perante a missão de atuar contra seus compatriotas e disso observar as analogias e diferenças no emprego do Exército em operações contra a população civil e o que se infere dessa ação em termos políticos e sociais.

Sobre a metodologia comparativa, encontrou-se orientação na produção de Charles Tilly, expoente da corrente conhecida com Sociologia Histórica. Tilly dedicou-se ao estudo da formação do Estado e das sociedades, valendo-se do método comparativo para analisar como as estruturas sociais foram moldadas pelos processos históricos. Em sua obra *Coerção, capital e estados europeus*, o autor analisou o processo de formação do Estado Nacional, o que inclui o estudo das relações de poder, da violência e o papel atribuído aos militares (TILLY, 1996). Em *Big structures, larges processes, huge comparisons* (“Grandes estruturas, grandes processos, grandes comparações”, em tradução livre), Tilly (1984) apresentou quatro estratégias de classificação. A estratégia individualizadora tem por objetivo contrastar as especificidades de dado fenômeno, na busca por apreender as peculiaridades de cada caso. Busca-se, a seguir, com a estratégia universalizadora, estabelecer se cada instância de um fenômeno segue, em essência, uma mesma regra. As variações (diferenças e as semelhanças) são objeto de apreciação a partir da comparação individualizada, constituindo a estratégia diferenciadora (ou de identificação da diferença). A última estratégia é a globalizadora (ou englobante), que a partir das diferentes instâncias visa explicar as características de cada caso.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> “First comes the individualizing comparison, in which the point is to contrast specific instances of a given phenomenon as a means of grasping the peculiarities of each case. [...] At the general end of the

As estratégias de Tilly foram aplicadas na busca por particularidades e diferenças, observando as variações no caráter ou na intensidade do fenômeno em seus respectivos contextos históricos, questionando, por fim, se há, em essência, uma mesma regra a envolver os casos em estudo. Com essas estratégias como guias, e atendendo “a obrigação de compreender os conflitos sociais e políticos do passado por meio das delimitações conceituais e interpretação dos usos da linguagem feitos pelos contemporâneos de então” (KOSELLECK, 2006, p. 103), os próximos tópicos abordam os eventos do Contestado e da Intervenção Federal no Rio de Janeiro, percorrendo os conceitos de ordem, segurança pública e guerra no passado de experiência e na atualidade.

### **Ordem e segurança pública**

Para melhor compreender o cenário recente do protagonismo militar e os seus reflexos na manutenção da lei e da ordem, é esclarecedor apreciar a construção histórica e o sentido do termo ordem pública na tradição luso-brasileira. No século XVIII, o Dicionário da Língua Portuguesa, de autoria de Rafael Bluteau e acréscimos de Antônio Moraes Silva, registrou “ordem” com o significado de “disposição, colocação das coisas em seu lugar” (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 137), atribuindo, também, representações relacionadas a exemplos da vida religiosa, do léxico jurídico e do ambiente militar, tais como “ordem monástica”, “ordem e regra”, “mandado” e “não tinham ordem de matar” (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 137). Na consolidação da acepção mais próxima da atual dada ao termo, o pensamento jusnaturalista relacionou ordem como expressão de concórdia, tranquilidade pública, em oposição à desordem como fruto da violência, da inquietação e da anarquia. Os termos “ordem pública”, “ordem social”, “boa ordem”, “segurança e ordem” passaram a ter amplo uso, remetendo à ordem constitucional portuguesa e

---

*same side we have the universalizing comparison. It aims to establish that every instance of a phenomenon follows essentially the same rule. [...] On the other side from the individualizing comparison we find the variation-finding comparison. It is supposed to establish a principle of variation in the character or intensity of a phenomenon by examining systematic differences among instances. [...] The fourth and final use of comparison is neither individualizing, universalizing, nor variation-finding, but encompassing. It places different instances at various locations within the same system, on the way to explaining their characteristics as a function of their varying relationship to the system as a whole.” (TILLY, 1984, p. 82-83). No texto acima, em sua versão completa, Charles Tilly esclarece o método e sua inspiração nas obras de Reinhard Bendix, Jeffery Paige e Immanuel Wallerstein.*

ao respeito e obediência a lei e garantia da felicidade pública (SÁ; FERREIRA, 2011, p. 24).

Na primeira metade do século XIX, o termo “ordem” se generalizou no contexto da linguagem administrativo-policia, passando a expressão “ordem e segurança públicas” a ser uma constante do vocabulário empregado na repressão à criminalidade (SÁ; FERREIRA, 2011, p. 28). Como observou Fátima Sá e Melo Ferreira (2011), o termo foi empregado para se referir à repressão de setores da população ou grupos contrários ao regime liberal português. Por exemplo, em 1821, evocou-se a necessidade de manutenção da ordem pública quando se discutiam a necessidade do envio de tropas ao Brasil para conter os tumultos no Rio de Janeiro em protesto às disposições das Cortes de Lisboa, nos eventos que resultaram na independência brasileira. Sobre a atuação dos militares a serviço de Portugal, o Diário das Cortes registrou “O fim de toda a força armada é defender a nação em tempo de guerra, e manter a ordem pública em tempo de paz” (PORTUGAL, 1821, p. 3512).

No Brasil independente, o artigo 102 da Constituição do Império, dispôs que era atribuição do chefe do executivo prover por todos os meios a “segurança interna, e externa do Estado” (BRASIL, 1824). Sobre as forças militares, o artigo 148 estabelecia que “Ao Poder Executivo compete privativamente empregar a Força Armada de Mar, e Terra, como bem lhe parecer conveniente à segurança, e defesa do Império” (BRASIL, 1824). O histórico do emprego da Armada, do Exército e da Guarda Nacional em missões diversas no interior do território, a exemplo da repressão aos movimentos de viés liberal e na contenção de revoltas populares, indicam que a expressão segurança interna era ampla, o que não significa que aos militares competia agir diretamente em atividades de policiamento, mas, sim, naquilo que se compreendia como a manutenção da ordem em momentos percebidos como excepcionais.

Atuar na segurança abrangia a defesa territorial e a promoção da guerra e, com sentido próprio da linguagem administrativo-policia, a repressão ao que se enquadrava como produto da criminalidade a atentar contra a ordem nacional. Do exposto, observa-se que a missão de garantir a ordem pública, característica de uma força policia, e a de defender o país de ameaças externas, não era uma combinação

estranha às Forças Armadas brasileiras. Prioritariamente, a segurança interna, em particular a voltada à contenção da criminalidade, era encargo das milícias provinciais destinadas à atividade propriamente policial. Esse entendimento chegou à Constituição de 1891, então em vigor quando o Exército interveio na região do Contestado em uma missão justificada pelo argumento da manutenção da ordem pública. Era o tempo da política das salvações nacionais, do presidente Hermes da Fonseca, em que a intervenção do governo federal nos estados era recorrente, em sintonia com as alianças políticas e desavenças entre (ou com) as oligarquias locais.

A primeira Carta Magna da República previa, em seu artigo 14, que “As forças de terra e mar são instituições nacionais permanentes, destinadas à defesa da Pátria no exterior e à manutenção das leis no interior” (BRASIL, 2020). Em vista do protagonismo do golpe de 1889, as lideranças do Exército articularam a redação de um artigo constitucional a assegurar a existência das forças militares e o seu papel de guardião da jovem República. Nesse ambiente, não se deve ignorar a sintonia com uma missão regeneradora e salvacionista autoatribuída pelo alto escalão militar: “No Exército desenvolvera-se desde longa data uma mentalidade de ‘salvação nacional’. Os militares consideravam-se puros e patriotas, contrapondo-se aos civis [...]” (COSTA, 1999, p. 412). Com base no artigo 14 da Constituição, sob a invocação da manutenção da lei, o Exército passou a ser acionado para atuar na ordem pública para encerrar conflitos que ameaçavam a hegemonia política de grupos regionais ou para proceder à alternância do cargo em atendimento ao interesse do Executivo Federal. Entre esses conflitos, muitos promovidos por choques entre oligarquias, também preocupavam as rebeliões populares urbanas e rurais, estando em evidência os movimentos que reuniam questões políticas e sociais dos estratos mais baixos da sociedade.

Na ausência de ameaças externas imediatas, vislumbra-se que o emprego do Exército na manutenção da ordem pública era uma oportunidade para evidenciar a necessidade de reacompanhamento de efetivos e do atendimento às demandas orçamentárias. Nesse contexto, de acertos com setores das elites nacionais, também se reconhece que muitos chefes militares aderiram a uma pauta de mudanças e atores políticos civis admitiam a necessidade da ação dos militares, reconhecendo-se “a simpatia com que alguns encaram a intervenção do Exército na vida política da

nação, considerando-o a única força capaz de fazer frente às oligarquias e levar a cabo a modernização do país” (BRASIL, 2020, p. 264). Disso resultaram intervenções nos estados ou em assuntos do interesse desses, em acordo ou para forçar acordos com as elites regionais, a exemplo do Contestado. Essa situação agiu para alimentar a percepção que atravessou gerações de que os militares eram uma força com legitimidade para atuar no jogo político, em caso de crises.

Ao longo da República, autores chegaram a conferir ao Exército, em particular, o status de herdeiro do poder moderador a garantir uma pretensa estabilidade nacional, ignorando os danos para o amadurecimento político do país diante do exercício de um verdadeiro poder desestabilizador, como observou José Murilo de Carvalho (2005). No Estado Novo (1937-1945) e no regime dos generais-presidentes da ditadura de 1964-1985, os militares das Forças Armadas foram empregados na ordem pública, observando doutrinas baseadas no reconhecimento da presença de inimigos internos em ação no país. De recordação mais recente, a Doutrina de Segurança Nacional e o alinhamento com a agenda hemisférica dos Estados Unidos no período da Guerra Fria pautaram a ação de integrantes das Forças Armadas contra grupos da extrema-esquerda partidários da luta armada ou simples opositores políticos e desafetos do regime, organizando-se a máquina repressiva em parceria com as polícias estaduais. Encerrado esse período, com a redemocratização e o fim da luta armada, o papel dos militares na ordem pública, em caso tidos como excepcionais, foi preservado.

Na atualidade, a Constituição Federal de 1988 e a legislação infraconstitucional estabeleceram os papéis dos instrumentos destinados à segurança e à defesa. Passada uma década da promulgação da Constituição, a Lei Complementar (LC) 97, de 9 de junho de 1999, que dispõe sobre as normas gerais para a organização, o preparo e o emprego das Forças Armadas, determinou o cumprimento de ações ditas subsidiárias, notadamente voltadas à matéria de segurança pública, em caso de esgotamento dos instrumentos destinado à manutenção da ordem (BRASIL, 1999). A LC 97 foi detalhada pelo Decreto 3.897, de 24 de agosto de 2001, que dispõe sobre as diretrizes do emprego das Forças Armadas na GLO, evocando ao art. 142 da Constituição. (BRASIL, 2001) Decorridos cerca de 100 anos, as mudanças no trato com os problemas sociais são significativas,

observando novo marco jurídico, mas perdura o entendimento de que as Forças Armadas são um instrumento disponível para a manutenção da ordem pública.

Nas últimas duas décadas, a ampliação do uso dos militares em operações tipicamente policiais passou a gozar de estímulo, legitimadas por regras jurídicas elaboradas ao sabor dos tempos. De 1992 a 2017, foram efetuadas 132 operações de GLO, sendo vinte somente na cidade do Rio de Janeiro (RODRIGUES; ARMSTRONG, 2020, p. 13). Essas ações, reconhecidas como recorrentes, sugerem que a medida do emprego da força militar na ordem pública converteu-se em uma regra a ser observada pelo Estado brasileiro. No próximo tópico, essa questão será apreciada tendo como objeto o passado de experiência no Contestado.

### **Coerção e violência no Contestado**

À época da campanha militar, estava pendente o cumprimento de sentença do Superior Tribunal Federal (STF) favorável à pretensão do Estado de Santa Catarina incorporar o território outrora “contestado” no litígio entre a Argentina e o Brasil (CERVO; BUENO, 2002). A área, cuja posse era motivo de uma acirrada disputa judicial, apresentava amplo potencial econômico, incorporando terras ricas em madeiras, erva-mate e campos férteis para a lavoura e a criação de gado. No decorrer da disputa, a União mirava promover o povoamento e o desenvolvimento da região. Entre os objetivos para o desenvolvimento e a defesa territorial, efetuou-se a construção da estrada de ferro ligando o Rio Grande do Sul a São Paulo. Para efetivar a obra, o governo federal firmou contrato com o grupo do empresário estadunidense Percival Farquhar, formando a *Brazil Railway Company*. Como parte do pagamento, foram cedidos ao grupo direitos de exploração sobre uma faixa que correspondia a um domínio médio de 9 quilômetros a partir das margens da ferrovia, podendo-se extrair madeiras e efetivar a colonização das terras tidas como devolutas (MACHADO, 2004). O projeto foi posto em prática pela empresa *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*, atraindo-se, também, outras empresas dedicadas a operar o povoamento das terras com imigrantes europeus.

Atendendo aos interesses federais, a marcha colonizadora impulsionou a transformação socioeconômica da região e adjacências, promovendo-se um impulso

povoador. Entre os resultados desse empreendimento, a população local foi afetada em suas relações de trabalho e produção. Um dos cenários mais marcantes foi a expulsão de posseiros pobres de pequenas propriedades rurais. Diante do aquecimento econômico, as terras devolutas passaram a ser objeto de interesse de fazendeiros e das empresas estrangeiras, tudo agindo em detrimento das pessoas desprovidas de títulos de propriedade, como registrou o jornal *A Tribuna*: “Gente que há quase um século povoou estes campos devolutos, é de repente surpreendida com a notícia da venda ou arrendamento a terceiros, os quais armados do título de propriedade, não tardam a procurar desalojá-los como intrusa” (BERNARDET, 1979, p. 52).

Diante do contexto local de transformação econômica e social, abusos de potentados locais e empresas, autores como Duglas T. Monteiro concluíram que um dos principais fatores que impulsionaram o conflito no Contestado foi a constituição de uma crise de anomia social. Valendo-se de um conceito durkheimiano, Monteiro reconheceu que a perda da coesão social e do sentimento de pertencimento agiu para aglutinar as pessoas desassistidas em torno de expectativas messiânico-milenaristas, o que favoreceu a eclosão do surto de violência (MONTEIRO, 1974).

O marco temporal que inaugurou o conflito no Contestado foi assinalado no distrito de Taquaruçu, então pertencente ao município catarinense de Curitibanos. O episódio envolveu disputas entre potentados locais e a migração de um curandeiro com fama de profeta e seus seguidores do distrito de Taquaruçu para a localidade do Irani, está última encravada em área sob a jurisdição paranaense. Esse episódio ocorreu em meados de agosto de 1912, em face da acusação de que “Inspira o movimento um indivíduo de nome José Maria Agostinho, que se diz ‘monge, profeta, médico e santo’. Vinda a Campos Novos, proclamou em Taquaruçu a restauração da monarquia” (BRASIL, 1914, p. 577) estando entre os integrantes desse movimento posseiros expulsos de suas terras (QUEIROZ, 1981).

A denúncia partiu do superintendente de Curitibanos, o coronel-fazendeiro Francisco Albuquerque, e atingia pessoas ligadas à oposição política liderada pelo também coronel Henriquinho de Almeida. As relações de poder na região expressavam acertos entre os potentados locais e o governo estadual, em analogia com o que Victor Nunes Leal (1997) nomeou de “coronelismo”. Essa conjuntura

manifesta correspondência com a análise de Charles Tilly (1996) da tendência de setores civis do governo, ou a ele ligados, usarem seus direitos de representação para exigir a atuação repressiva do estado em seu favor e, assim, aumentarem o seu poder por intermédio da coerção política e da violência. A política de salvações nacionais do governo Hermes da Fonseca e os eventos da campanha no Contestado, estendidos ao mandato do presidente Wenceslau Braz, são exemplos que encontram correspondência com a apreciação de Tilly, onde o emprego dos militares em nome da ordem pública atendeu ao interesse de manter a região sob o controle federal e, assim, afastar forças desestabilizadoras do jogo político em curso.

Inserido em um cenário político do qual sua atuação era, ao que tudo indica, periférica, o curandeiro José Maria foi também alvo da acusação de agir em atendimento de um estratagema de políticos catarinenses para forçar o cumprimento da sentença pela posse do Contestado. A ação da força policial do Paraná em Irani, desencadeada para executar a ordem de prisão contra José Maria, resultou em um massacre onde morreram o curandeiro e o chefe da Força de Segurança (um capitão do Exército comissionado no posto de coronel). Produto desse desfecho violento, os estados vizinhos entabularam entendimentos para esfriar os ânimos. No campo dos menos favorecidos pelos entendimentos entre os potentados locais, passado cerca de um ano, formou-se outro acampamento em Taquaruçu, reunindo devotos agora irmanados em torno de expectativas sobrenaturais que incluíam a crença na ressurreição de José Maria (QUEIROZ, 1981).

Houve um início de esforço para demover os acampados de permanecer em Taquaruçu. As tratativas para encerrar o movimento foram infrutíferas e, negado *habeas corpus* aos acampados, as tropas do Exército atacaram. Em dezembro de 1913, a primeira investida resultou em fracasso, alimentando desejos de desforra. Em 8 de fevereiro de 1914, o povoado foi novamente atacado. O desfecho foi um massacre pautado por intenso bombardeio. A violência da operação foi apontada como uma das razões que, de fato, levaram à eclosão da rebelião, sendo mais relevante do que a desastrosa ação policial em Irani, pois as notícias de centenas de casebres em chamas e de corpos de mulheres idosas e crianças mutiladas, ardendo nos escombros, espalharam-se na região, desencadeando uma resposta vingativa

contra pessoas e propriedades pertencentes aos desafetos dos membros do movimento, em especial coronéis-fazendeiros e empresas estrangeiras (PEIXOTO, 1916; QUEIROZ, 1981).

O movimento de inspiração messiânica levou à aglutinação de reivindicações, constituindo um fenômeno de rebeldia popular. Formaram-se vários acampamentos dispersos no Contestado, registrando-se uma combinação de crenças e rituais com reclames com relação à posse da terra e a presença estrangeira na região. “Nois não tem direito de terras tudo é para as gentes da Oropa” (ASSUNÇÃO, 1917, p. 245), denunciavam os caboclos. Aos rebeldes se somaram alguns defensores da causa catarinense no tocante ao cumprimento da sentença do STF, lideranças locais com postos de menor expressão na Guarda Nacional, chefes bandoleiros, posseiros e pequenos proprietários rurais. Não tardou para roubos, depredações e assassinatos serem imputados aos rebeldes (QUEIROZ, 2004).

Atendendo aos apelos dos mandatários locais, o governo federal autorizou a organização de uma expedição militar de maior expressão. O comando das tropas da primeira operação de maior envergadura foi entregue a um veterano de Canudos, o general Carlos de Mesquita. As tropas reunidas constituíram uma força de aproximadamente 1.700 militares (PEIXOTO, 1916, 196-197). Após alguns embates e escaramuças, em junho de 1914 o aparentemente contrariado e desgastado general Mesquita dava a missão por encerrada, determinando a manutenção de uma fração das tropas na região. A decisão surpreendeu aqueles que desconheciam os desentendimentos de Mesquita com o comando da inspetoria militar sediada em Curitiba, uma vez que não havia indicativo claro de que o movimento rebelde havia se dissipado (PEIXOTO, 1916; QUEIROZ, 1981). Posteriormente, novos ataques e assassinatos foram registrados, com destaque para a destruição de uma serraria da Lumber e assassinatos de trabalhadores e militares enviados para dar resposta aos atacantes. Diante do agravamento do conflito, escolheu-se nomear para o comando das operações o general Fernando Setembrino de Carvalho, egresso da missão de pacificação do Ceará, quando, após entendimentos com o padre Cícero Romão Batista, deu fim à Sedição de Juazeiro (1914). Setembrino de Carvalho (1916a; 1916b) logrou reunir sob o seu comando a Inspetoria Militar e as tropas em operações no Contestado, atuando com poderes de interventor na região em litígio.

No segundo semestre de 1914, participavam da campanha 16 batalhões de infantaria, 11 regimentos de cavalaria, oito baterias de artilharia, um corpo de engenharia, unidades de transporte e saúde, fora o apoio requisitado das forças de segurança do Paraná e Santa Catarina e os civis a serviço do coronel-fazendeiro Fabrício Vieira, os chamados “vaqueanos”. A sugestão de empregar a aviação, proposta originalmente pelo general Mesquita, foi atendida, inaugurando-se a aviação de guerra no Brasil, limitada, por motivos operacionais, a voos de reconhecimento. Do exército, constam terem sido reunidos aproximadamente sete mil militares. Peixoto (1916, p. 636) ressalta que esse número era expressivo para a época, uma vez que o efetivo previsto no orçamento de 1915 não passaria de 18 mil alistados.

Nas palavras do general Setembrino de Carvalho (1916b, p. 43), ao se referir as operações a serem desencadeadas, no Contestado operou-se uma “pequena guerra”. O general aplicou seus conhecimentos sobre a condução da guerra, citando nominalmente a inspiração em Carl von Clausewitz que “na sua assombrosa concepção da teoria da guerra, nos ensina que são os combates que decidem em última instância, e que só pelos seus efeitos podemos realizar o aniquilamento das forças armadas, e a ruína total do poder do inimigo” (CARVALHO, 1916a, p. 18). Em nome da manutenção da ordem pública empregou-se o Exército em uma guerra contra a própria população nacional, tendo por objetivo aniquilar “inimigos” ao invés de submeter indivíduos tidos como criminosos à justiça. Esse emprego pervertia justamente os ensinamentos do autor de *Da Guerra*, citado por Carvalho, uma vez que a ação no Contestado não envolvia a aplicação da força militar do país contra uma força militar adversária (CLAUSEWITZ, 1979).

O general Setembrino de Carvalho foi bem-sucedido em seu intento. Empregado o cerco aos acampamentos rebeldes e estranguladas as rotas de suprimento, a doença e a fome estimularam rendições em massa. Promessas de distribuição de terras e perdão aos rebeldes foram usadas como estratégia para estimular o abandono dos acampamentos (CARVALHO, 1916a; 1916b). O incêndio de casebres de forma indistinta ao longo dos caminhos até os locais reconhecidos como redutos dos “fanáticos” terminou por espalhar o medo e contribuiu para acelerar o fim da rebelião. Nos últimos dias de 1915, restavam alguns poucos focos

de resistência que não representaram maiores ameaças, dando-se continuidade à repressão ao longo dos meses seguintes. Em outubro de 1916, foi assinado o acordo de limites entre Paraná e Santa Catarina, pondo fim ao litígio junto ao STF. A disputa territorial não tinha relação direta com as razões que deram origem ao conflito, mas sua existência contribuiu para promover o ambiente de instabilidade onde esse se desenvolveu de forma que a assinatura do acordo de limites foi considerada um marco do final da campanha militar (MACHADO, 2004).

O conflito iniciado em nome da manutenção da ordem pública foi dado por encerrado ao se ajustar no pacto entre os poderes locais e o governo federal. Restou aos rebeldes sobreviventes o estigma de fanáticos e bandidos convertidos em inimigos da nação. Ao Exército ficou a memória de, no teatro de operações do Contestado, encontrar um campo de experimentação da máquina de guerra. Essa experiência não foi esquecida, pois aproveitada, por exemplo, nos anos 1960 na produção de um estudo com finalidade de contribuir com “a formulação de uma doutrina de emprego das Forças Armadas do Brasil” (BRASIL, 1963) e, durante gerações, foi reconhecida pela instituição, ao menos até os anos 1980, como uma guerra insurrecional ao lado de Canudos. (BRASIL, 2009) Os nacionais, apontados inicialmente como criminosos, foram tratados como inimigos a serem eliminados. E no Rio de Janeiro, sob a intervenção federal, qual seria a compreensão dos militares diante dos confrontos com os integrantes de organizações com interesse criminal?

### **Guerra ou não-guerra?**

Ao retornar da campanha no Contestado, o então tenente Demerval Peixoto assinalou pesar pela luta entre compatriotas: “O Exército regressou vitorioso, mas deixou a semente eterna da luta pela vingança, a discórdia perene entre jagunços mansos e rebelados que são todos uma só família – a do Contestado.” (PEIXOTO, 1916, p. 505). Peixoto não estava sozinho. Outros militares foram críticos do emprego do Exército como instrumento de guerra contra a população. Alguns enfatizaram que o conflito foi alimentado por interesses regionais em prejuízo dos posseiros e em favor de acertos com potentados, a exemplo da declaração do capitão Mattos Costa, morto no ataque a *Lumber*, de que “A revolta do Contestado é apenas

uma insurreição de sertanejos espoliados nas suas terras, nos seus direitos e na sua segurança” (PEIXOTO, 1916, p. 94).

No Congresso Nacional, o deputado federal Maurício P. de Lacerda foi uma das mais ativas lideranças contrárias ao emprego de tropas federais no Contestado. Lacerda denunciava que o Estado agia “[...] para servir aos interesses de constituintes de políticos altamente colocados [e] para subjugar os que protestam em nome dos seus direitos conspurcados [...]” (LACERDA, 1915, p. 371-372). O contraponto às acusações de Lacerda partia dos representantes dos estados sulistas, argumentando que o objetivo das ações era combater o banditismo reinante no Contestado e restabelecer a ordem. Lacerda prosseguiu em suas denúncias, acusando coronéis-fazendeiros e integrantes das forças militares de cometerem diversas violências e encobrir crimes (BRASIL, 1918a, p. 523-555; 1918b, p. 357-362).

Os pontos de vista contrários ao emprego de tropas federais no Contestado não prosperaram. Aos militares restou lidar com o dilema de lutar, efetivamente, em uma operação de guerra contra compatriotas. O editorial de *A Defesa Nacional* (1914, p. 2), ao comparar o Contestado com a “campanha inglória” de Canudos, tomava partido pelo sucesso da missão, alinhando-se com Setembrino de Carvalho e outros defensores da solução militar para o conflito.

A ação das forças militares assumirá, assim, nitidamente as características de *operações de guerra*, contra irmãos, é verdade, mas irmãos que, por seus atos, estão reduzidos à condição de inimigos. O destacamento do Exército terá então que resolver a questão com o cunho acentuadamente militar que ela reveste, conduzindo-se realmente como em operações de guerra. Uma vez iniciada a luta, não haverá mais lugar para paliativos nem para concessões, que só servirão para enfraquecer a ação da tropa e desprestigiar o Exército. Enquanto os fanáticos não pedirem a paz e lealmente depuserem as armas, a ação da tropa só pode ser a consecução de seu objetivo militar: *destruir o inimigo*. (Grifos no original).

Enquanto, na Europa, assistiam-se aos primeiros desenlaces da Grande Guerra, no Brasil as forças militares testariam o seu ânimo e treinamento contra compatriotas. Observando o pensamento clausewitziano, citado pelo general Setembrino de Carvalho (1916a) como fonte de inspiração, deve-se reconhecer que

a força militar se destina à defesa dos interesses de sobrevivência da nação, o que inclui a integralidade territorial e a dissuasão de ameaças à sua existência, ou a intenção de constranger, por meio da violência física, o oponente a fazer a vontade do atacante. Esse pensamento afirma que a finalidade da guerra não é o extermínio ou a destruição do adversário, mas sim o cumprimento dos objetivos políticos da nação; o que se admite é a eliminação do combatente oponente (CLAUSEWITZ, 1979). Contrariando esse pensamento, a missão de garantir a ordem pública em favor dos acordos entre o governo federal e os governos estaduais impôs ao Exército a missão de eliminar nacionais justamente em época em que se discutia a necessidade de modernizar e reformar as Forças Armadas. Constrangiam-se, por meio da violência estatal, posseiros, pequenos proprietários e sem terras a fazer a vontade de um grupo com acesso ao poder. O desconforto diante de um emprego pouco louvável foi minimizado pela percepção, corrente entre muitos oficiais, de que os “sertões” do Contestado se converteram em abrigo para bandidos e degenerados a prejudicar o progresso da região (PEIXOTO, 1916; ASSUNÇÃO, 1917).

No Rio de Janeiro no ano de 2018, tropas bem armadas e equipadas, dispostas de apoio aéreo e blindados, adentraram áreas onde operam integrantes de organizações com interesse criminal, estando esses “soldados” do crime armados de pistolas e fuzis de grosso calibre e granadas. O cenário recorda uma guerrilha urbana, onde o conhecimento dos trajetos sinuosos nas comunidades e o mimetismo com a população local são vantagens daqueles identificados como contraventores. De forma assemelhada, no Contestado a dificuldade de se diferenciar o habitante local indefeso do adversário em armas e o conhecimento do terreno, por parte dos rebeldes, foram algumas das principais vantagens contra os soldados pouco ou nada acostumados com as extensas matas de pinheiros e os acidentes geográficos que compõem o planalto catarinense. Seria correto afirmar que também ocorreu uma “pequena guerra” no Rio de Janeiro ao longo da intervenção federal?

No sentido adotado pelo senso comum, guerra é sinônimo de conflito. Para muitos dos habitantes do Rio de Janeiro, os tiroteios constantes sugerem que se observa uma guerra em curso entre facções criminosas rivais ou destas facções com as forças de segurança. O saldo de mortos, onde se incluem policiais, criminosos e moradores asseguram essa percepção. O termo guerra, entretanto, carrega

significados mais expressivos, inferindo não apenas a gravidade da situação, mas aspectos conceituais e legais. As operações de GLO são abordadas em publicações do Ministério da Defesa (MD) como um emprego de “não-guerra” (BRASIL, 2017). De acordo com o conceito adotado pela Doutrina Militar de Defesa, a terminologia “não-guerra” encerra a compreensão de que o Poder Militar, umas das expressões do Poder Nacional, é empregado em ações que não envolvem o efetivo engajamento de militares em ações de combate (BRASIL, 2017). Nesse campo estariam as ações humanitárias, as ações de resgate e as operações de GLO, entre outros exemplos. Independente da conceituação própria do vocabulário da defesa, esse termo promove dúvidas, uma vez que “não-guerra” remete à condição de ausência de conflito, ou seja, de paz.

Observando o curso das operações nas comunidades do Rio de Janeiro, em dezembro de 2018 foram registradas 31 mortes de agentes de segurança (número similar ao ano anterior) e mais de 1.400 mortes referentes a ocorrências policiais, representando um incremento de aproximadamente 39% em relação às ocorrências de 2017 (BETIM, 2018). Em uma das operações no Complexo da Penha, por exemplo, morreram em confronto três militares e cinco civis (RODRIGUES; ARMSTRONG, 2019, p. 46). Outros confrontos com mortes foram registrados, como o ocorrido em junho na Praia Vermelha, bairro da Urca, sede de escolas militares, entre muitas outras ocorrências (RODRIGUES; ARMSTRONG, 2019). Diante das mortes de militares e civis em confronto, o termo “não-guerra” revela-se frágil aos olhos da opinião pública, uma vez que se observou o engajamento das tropas em confrontos armados.

Ainda na atualidade, a semelhança do cenário de 2018, narcotraficantes e milicianos (grupo contraventor formado, sobretudo, por agentes e ex-agentes de segurança) continuam a empregar armas de uso restrito das Forças Armadas e dispõem de poder econômico para cooptar colaboradores de diversas esferas da administração pública. Essa constatação, por si, não permite afirmar que houve ou há uma guerra em curso contra o Estado brasileiro, tendo por objetivo a tomada do poder ou a separação territorial, o que exigiria o reconhecimento do estado de beligerância e a aplicação do direito internacional. Legalmente, não há que se falar em guerra. No que toca a percepção da sociedade e dos integrantes dos grupos

criminosos e das forças de segurança (nesse caso, o comportamento operativo dos militares diante da ameaça oferecida pelo “soldado” do crime) talvez a resposta não seja satisfatória.

Quando, em 16 de fevereiro de 2018, o presidente Michel Temer decretou intervenção federal no Estado do Rio de Janeiro, entre os argumentos empregados para atestar o comprometimento da ordem pública foi citado o agravamento das ações criminosas durante a semana do carnaval carioca de 2018 (BRASIL, 2018, p. 1; NUNES, NASCIMENTO, CANDIDA, ARAÚJO, 2018; PAMPLONA, 2018). A medida inédita causou perplexidade em diversos observadores, pois os dados sobre as ações criminosas não corroboravam os argumentos do Executivo federal, sugerindo tratar-se de uma decisão equivocada ou mesmo oportunista.<sup>2</sup> Entre os defensores da intervenção, aprovada no Congresso Nacional, a ênfase recaiu no caráter legal, emergencial e transitório de uma medida tomada para atender uma crise de gestão na segurança pública (DARÓZ, 2019; BRASIL, 2001, Seção 1, p. 66). Pouco foi expresso sobre os riscos de se impor às Forças Armadas uma missão que levaria, inevitavelmente, ao confronto dos militares contra nacionais.

É preciso reconhecer que, antes de 2018, a segurança pública fluminense enfrentava situação preocupante, registrando-se a expansão do crime organizado, o atraso de salários de agentes de segurança, sucateamento de viaturas das polícias, greves de policiais e bombeiros, e a corrupção crescente de agentes públicos e políticos, sendo emblemática a prisão de ex-governadores, deputados estaduais e diversos servidores. Esse cenário também foi experimentado por outros estados brasileiros e, no caso do Rio de Janeiro (o que também não configura uma exclusividade), somou-se a crise financeira. Os danos para a saúde e a educação e a negligência na política de habitação se somaram, tudo contribuindo para a perda de

---

<sup>2</sup> Dados divulgados na época indicam que os delitos praticados no Carnaval de 2018 não foram maiores dos que aqueles praticados em anos anteriores. “A diretora-presidente do Instituto de Segurança do Rio (ISP), Joana Monteiro, afirmou que os dados de segurança do Rio de Janeiro divulgados pelo órgão mostram que não houve uma onda de violência atípica neste carnaval, apesar de críticas à Secretaria que motivaram a intervenção federal no Estado. Foram registradas 5.865 ocorrências policiais no total no Rio, entre os dias 9 e 14 de fevereiro, enquanto no carnaval do ano passado (quando a Polícia Civil ainda estava em greve), foram 5.773. Em 2016, 9.016 ocorrências foram registradas e, em 2015, computaram-se no total 9.062.” (REZENDE, 2018).

confiança da população para com o poder público e para o aumento da sensação de insegurança na cidade do Rio de Janeiro.

A intervenção no Rio de Janeiro, ex-capital federal e vitrine brasileira (comumente sede de grandes eventos internacionais), revelou-se uma oportunidade política, minimizando o foco do noticiário sobre o Planalto Central. A intervenção federal marcou um ponto crucial no trato da crise na segurança pública, ampliando o protagonismo militar ao entregar o controle de questões até então da alçada do governador a um oficial-general. Na prática, em 2018 o Rio de Janeiro passou a ter dois governadores: o eleito e o general interventor. Nesse contexto, a ampliação do emprego do Exército na ordem pública, com a intervenção federal, colocou generais da ativa no centro do turbilhão político. E, longe de apontar soluções duradouras às crises na área, a medida demonstrou que, diante do aumento do problema, encontrou-se disposição para adotar solução imediata que rememora posturas passadas, trazendo à memória medidas autoritárias e o protagonismo dos generais quando da política dos governadores de Hermes da Fonseca. Valendo-se das ferramentas comparativas, fica claro que as diferenças entre contextos separados por cerca de 100 anos são marcantes, mas, os aspectos diversos não impedem a iluminação de similaridades, uma vez que a medida da intervenção expôs as Forças Armadas ao desgaste com o confronto direto com civis em possível atendimento a demandas da esfera político-partidária, a exemplo do ocorrido no Contestado.

Entre as diferenças marcantes entre a campanha militar passada e a atual intervenção, percebem-se orientações operativas distintas. A intervenção agiu para reequipar as forças de segurança estaduais e favorecer a redução dos índices de criminalidade, buscando deixar um legado para o Rio de Janeiro (DARÓZ, 2019). O saldo não louvável foi fruto do enfrentamento com criminosos, resultando em mortes de civis, militares e policiais, muitas decorrentes de “danos colaterais”, que pesam em uma balança que tende a minimizar a perda de vidas diante de uma possível vitória sobre organizações com interesse criminal e da percepção da redução temporária da sensação de insegurança.

Em março de 2018, no Rio de Janeiro havia um total de 1.400 agentes das forças de segurança mobilizados (DARÓZ, 2019, p. 35), sendo que o efetivo médio

destacado ao longo das operações era de 1.396 pessoas (RODRIGUES; ARMSTRONG, 2019, p. 31). O total de pessoal cumulativamente empregado na intervenção ultrapassou 170 mil militares (DARÓZ, 2019, p. 93). Os efetivos envolvidos expõem o potencial de interferência dessa ação subsidiária na identidade de profissionais formados para missões especificamente militares. No Contestado, o emprego das tropas contra a própria população perverteu o propósito da manutenção de uma força armada dedicada à guerra, sugerindo-se que essa experiência seria mais bem aproveitada se dado origem a constituição de uma força intermediária, destinada a se especializar em operações de segurança pública. A intervenção federal atuou sobre outra compreensão, não abordando a missão como uma operação de guerra como ocorrida no Contestado, do que não se impede que se observem riscos em adequar as tropas ao contexto de ações de natureza mais próxima da policial.

Do confronto aqui efetuado, muitas outras questões se revelam, entre elas a possibilidade de se estar alterando a identidade profissional dos militares que, de soldados treinados para a hipótese de guerra, estariam se reconhecendo como membros de uma força militar híbrida, dedicada a atuar no combate a narcotraficantes. Não há indicativos precisos, até o presente, de que as Forças Armadas brasileiras caminhem para se converter, a semelhança de tropas da Colômbia e do México, em forças dedicadas a atuar, como missão principal, na segurança pública. O crescente emprego de militares federais na GLO, entretanto, aponta para essa possibilidade, dado o país não ter histórico recente de emprego de tropas em operações de guerra que impeçam a concentração de recursos da defesa na área da segurança pública. Investir em recursos humanos exclusivos para atuar na segurança pública surge como o caminho mais coerente, dado que a missão das Forças Armadas é de natureza diversa da reservada a uma instituição policial.

### **Considerações finais**

O conflito no Contestado sofreu uma intervenção militar característica do ambiente da Primeira República, podendo ser percebida como uma expressão da continuidade da política de intervenção *manu militari* em problemas regionais e na manutenção da ordem pública. A crise instalada, com registro de assassinatos, roubos e depredações dirigidas às propriedades de mandatários locais e empresas

estrangeiras, promoveu clamores exigindo a presença do poder estatal para restabelecer a ordem no Contestado. Tudo agiu em favor do restabelecimento da normalidade em atendimento aos interesses dos chefes políticos com influência junto ao governo federal. Na cidade do Rio de Janeiro, o elevado registro de crimes e o crescimento da sensação de insegurança, ampliaram os anseios em favor de medidas excepcionais, não se descartando, também, o componente político-partidário na decisão pela intervenção.

Na análise comparada, não se ignoraram mudanças quanto à prática repressora observada nos dois fenômenos históricos. Há mais diferenças do que semelhanças. De forma diversa do ocorrido no Contestado, onde imperava a prática do emprego da força militar com o argumento de restabelecer a ordem pública por intermédio de operações análogas a uma “pequena” guerra, no Rio de Janeiro a orientação legal e a conduta são diversas e em muito recordam à expertise acumulada no trato com populações socialmente vulneráveis angariada na condução de missões de natureza humanitária e de gestão de crises no âmbito da Organização das Nações Unidas (ONU), a exemplo da Missão para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH).

O reconhecimento de que se travou no Contestado uma guerra contra compatriotas não foi motivo de repúdio formal pelas Forças Armadas, assumindo-se que a campanha operou como um laboratório a testar equipamentos, uniformes e armamento, incluindo o primeiro emprego do avião em operações militares em solo brasileiro. O Contestado foi objeto de estudo por gerações de militares, tendo como foco extrair ensinamentos de proveito para a doutrina militar voltada para operações de combate (BRASIL, 1963; 1987).

No Rio de Janeiro sob a intervenção federal os termos são outros. Ao longo da intervenção, em sintonia com as normativas legais, não se observou em publicações militares ou documentos das Forças Armadas a menção do objetivo de converter pessoas acusadas de cometerem crimes em inimigos a serem destruídos a todo o custo, sob o temor de que, agindo de forma contrária, o Exército fosse desmoralizado, como expressou o editorial de *A Defesa Nacional* (1914) em relação ao Contestado. Essa constatação não impede que se reconheça que declarações panfletárias ou mesmo permeadas de certo fetiche punitivista, como sugere a

difusão da expressão “bandido bom é bandido morto”, encontrem receptividade entre militares e formadores de opinião que não avaliam os amplos riscos dessa perigosa e inconsistente simplificação. O que ocorreria se, diante do clamor de determinados segmentos da sociedade, o aparato repressor estatal adotasse postura incompatível com os costumes e as normas que pautam o Estado Democrático de Direito?

Uma resposta possível a questão acima se observou no ocorrido da tarde de 7 de abril de 2019, no bairro de Guadalupe, na cidade do Rio de Janeiro, nas proximidades da favela do Muquiço. Nessa data, um carro com uma família foi alvejado por dezenas de tiros de fuzil que partiram de uma patrulha do Exército. Morreram o motorista e, onze dias depois, o catador de recicláveis que tentou ajudar a família diante do fuzilamento. Não há, até o momento, registro de disparo de arma de fogo originária do interior do veículo. Nove militares que compunham a patrulha passaram a responder por homicídio, tentativa de homicídio e omissão de socorro. Noticiou-se que os militares agiam sob o efeito de forte tensão e cumprindo ordens superiores, crendo que davam continuidade a operações similares às desencadeadas pela intervenção federal (VIANA, 2020). Quando desse acontecimento, o decreto que amparava a ação de militares na segurança pública não estava mais em vigor e não constou ter sido expedida outra necessária determinação presidencial a legitimar operações de GLO no Rio de Janeiro. Aqui não se objetiva qualquer juízo de valor sobre um caso que, ainda durante a redação deste artigo, segue os trâmites judiciais e, sobretudo, causa imenso pesar à família dos envolvidos. O propósito foi observar um acontecimento emblemático relacionado ao emprego de tropas análogo ao observado na intervenção federal, com vistas a estimular reflexões sobre os possíveis desdobramentos do emprego de militares na segurança pública.

O confronto entre o Contestado e a intervenção federal no Rio de Janeiro, como se procurou evidenciar ao longo do artigo, apresenta dados substanciais a iluminar questões que permitem afirmar que o militar não deveria ser aplicado na segurança pública. Policiais treinados não estão isentos de erros, porém a formação específica do agente de segurança pública, por natureza, é direcionada para uma atividade que demanda atenção a questões distintas daquelas verificadas em

treinamentos de combate. A qualificação exigida de militares federais para atender a segurança pública não modifica essa afirmação, pois profissionais treinados para a guerra não são os melhores substitutos de policiais. Em sentido contrário a essa percepção, o Estado brasileiro prossegue há décadas com políticas que favorecem a militarização da segurança pública.

No Contestado, a inclusão do oponente na categoria de fanático, bandido, criminoso, degenerado e incivilizado legitimava, aos olhos dos militares, a eliminação física, poupando do sentimento de culpa muitos dos jovens soldados levados à guerra contra seus compatriotas. Algo similar parece ocorrer na história presente, de forma que não parece anacrônico englobar dois eventos separados pelo tempo e distantes espacialmente, em uma mesma compreensão no que tange ao emprego recorrente de militares federais na manutenção da ordem pública. Fica, por fim, a ressalva, sempre necessária, de que cada fenômeno pertence a um contexto histórico específico, não impedindo, como afirmou Reinhart Koselleck (2006, p. 144), que a singularidade dos eventos históricos não ofereça indicação quanto ao proveito de ações passadas e que “o futuro se subtraia terminantemente a qualquer ensinamento que venha da história”. Essa foi a motivação da pesquisa que resultou no presente artigo: confrontar o passado de experiência das Forças Armadas, na intenção de iluminar questões que levem a questionar os caminhos adotados para a segurança pública.

### **Referências bibliográficas**

A DEFESA NACIONAL. **Editorial**. Rio de Janeiro: [s. n.], n. 13, 10 out. 1914.

ASSUNÇÃO, Herculano Teixeira de. **A campanha do Contestado**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado. v. 1, 1917.

BARROS, José D'Assunção. **História comparada**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BERNARDET, Jean-Claude. **Guerra no Contestado**. São Paulo: Global Editora, 1979.

BETIM, Felipe. Intervenção no Rio se aproxima do fim com recorde de mortes por policiais e mais tiroteios. **El País**, 18 dez. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3ki2k2M>. Acesso em 30 out. 2020.

BLUTEAU, Rafael; SILVA, Antonio Moraes e. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Tomo segundo. Lisboa: Oficina de Simão Thadeo Ferreira, 1789.

BRASIL. Congresso Nacional. **Anais da Câmara dos Deputados**. Seções de 16 a 31 de outubro de 1912. v. 12. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1914.

BRASIL. Congresso Nacional. **Anais da Câmara dos Deputados**. Sessão de 29 de maio de 1916. v. 1. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1918a.

BRASIL. Congresso Nacional. **Anais da Câmara dos Deputados**. Sessão de 4 de julho de 1916. v. 4. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1918b.

BRASIL. Constituição. **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil**. Rio de Janeiro, 1891. Disponível em: <https://bit.ly/2EiZXxo>. Acesso em 30 nov. 2020.

BRASIL. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988. Disponível em: <https://bit.ly/3hQrjsr>. Acesso em 30 nov. 2020.

BRASIL. Constituição. **Constituição Política do Império do Brasil**. Rio de Janeiro, 1824. Disponível em: <https://bit.ly/320i33H>. Acesso em 30 nov. 2020.

BRASIL. Decreto nº 3.897, de 24 de agosto de 2001. Fixa as diretrizes para o emprego das Forças Armadas na garantia da lei e da ordem, e dá outras providências. In: **Diário Oficial da União**, 27 ago. 2001. Seção 1, p. 66. Disponível em: <https://bit.ly/3hTlDxQ>. Acesso em 30 set. 2020.

BRASIL. Decreto nº 9.288, de 16 de fevereiro de 2018. Decreta intervenção federal no Estado do Rio de Janeiro com o objetivo de pôr termo ao grave comprometimento da ordem pública. In: **Diário Oficial da União**, 16 fev. 2018, Seção 1, Edição Extra, p. 1. Disponível em: <https://bit.ly/33Tcoci>. Acesso em 30 set. 2020.

BRASIL. Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. **Guerras insurrecionais no Brasil: Canudos e o Contestado**. Rio de Janeiro, 1987.

BRASIL. Estado-Maior do Exército. Conclusões. **Pesquisa e relatório sobre as características do combatente na campanha do Contestado**, 5 vol. [s.l]: [s.n.], 1963. Acervo do Arquivo Histórico do Exército [originalmente pertencente ao Centro de Documentação do Exército, recolhido ao Arquivo em 2012].

BRASIL. Lei Complementar 97, de 9 de junho de 1999. Dispõe sobre as normas gerais para a organização, o preparo e o emprego das Forças Armadas. In: **Diário Oficial da União**, 10 jun. 1999. Seção 1, Edição Extra, p. 1. Disponível em: <https://bit.ly/2Ej0WO6>. Acesso em 30 set. 2020.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Doutrina Militar de Defesa**, 2007. Disponível em: <https://bit.ly/3kqtQLw>. Acesso em 16 set. 2020.

CARVALHO, Fernando Setembrino de. **A pacificação do Contestado**. Conferência realizada no Clube Militar na noite de 3 de julho de 1916. Rio de Janeiro: Clube Militar, 1916a.

CARVALHO, Fernando Setembrino de. **Relatório apresentado ao general José Caetano de Faria, Ministro da Guerra, pelo comandante das forças em operações na guerra do Contestado, 1915**. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1916b.

CARVALHO, José Murilo. **Forças Armadas e política no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CERVO, Amado Luiz. BUENO, Clodoaldo. **História da Política Exterior do Brasil**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

CLAUSEWITZ, Carl Von. **Da guerra**. Editora UnB: Brasília; Martins Fontes: São Paulo, 1979.

COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à república: momentos decisivos**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

DARÓZ, Carlos. **Intervenção: a reestruturação da segurança pública no Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Centro de Estudos e Pesquisa em História Militar do Exército; Biblioteca do Exército Editora, 2019.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.

LACERDA, Maurício P. de. Seção de 21 de setembro de 1914. *In*: BRASIL. Congresso Nacional. **Anais da Câmara dos Deputados**. Seções de 1 a 30 de setembro de 1914. v. 6. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1915, p. 371-372.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1997.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado: a formação e atuação das chefias caboclas**. Campinas: Editora Unicamp, 2004.

McCANN, Frank D. **Soldados da Pátria: história do Exército Brasileiro (1889-1937)**. São Paulo: Companhia das Letras; Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2009.

MONTEIRO, Douglas T. **Os errantes do novo século: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado**. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

NUNES, Marcos; NASCIMENTO, Rafael; CANDIDA, Simone; ARAÚJO, Vera, Carnaval no Rio é marcado por um arrastão de violência. **O Globo**, Rio de Janeiro, 13 fev. 2018. Disponível em: <https://glo.bo/2HkKiip>. Acesso em 30 set. 2020.

PAMPLONA, Nicolas. Violência e desordem marcam Carnaval do Rio; três PMs são mortos. **Folha de São Paulo**, edição de 14 fev. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3cgUFiF>. Acesso em 30 set. 2020.

PEIXOTO, Demerval [pseudônimo Crivelaro Marcial]. **Campanha do Contestado**: episódios e impressões. Edição do autor. 3 vols. Rio de Janeiro, 1916.

PORTUGAL. **Diário das Cortes gerais e extraordinárias da nação portuguesa**, Lisboa, 1821-1822, 24 dez. 1821. Disponível em: <https://bit.ly/2RLzFad>. Acesso em 30 nov. 2020.

QUEIROZ, Maurício V. de. **Messianismo e conflito social**: a guerra sertaneja do Contestado. São Paulo: Editora Ática, 1981.

REZENDE, Constança. “Não houve nenhuma explosão de violência no Rio durante carnaval”, diz diretora do ISP. **Estadão**, São Paulo, 16 fev. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/30d8WrZ>. Acesso em 30 set. 2020.

RODRIGUES, Rute Imanishi; ARMSTRONG, Karolina. **A intervenção federal no Rio de Janeiro e as organizações da sociedade civil**. Relatório de Pesquisa do IPEA, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/32ACfGs>. Acesso em 30 set. 2020.

SÁ, Fátima; FERREIRA, Melo. O conceito de ordem em Portugal (séculos XVIII e XIX). **Tempo**, Niterói, v. 17, n. 31, pp. 21-34, 2011. Disponível em <https://bit.ly/2EkTzWt>.

TILLY, Charles. **Big structures, large processes, huge comparisons**. Nova York: Russell Sage Foundation, 1984.

TILLY, Charles. **Coerção, capital e Estados europeus**. Edusp: São Paulo, 1996.

VIANA, Natália. A desastrosa operação do Exército que levou à morte de Evaldo Rosa. **Pública**, 29 abr. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3mNOM1k>. Acesso em 30 set. 2020.

Recebido: 04/05/2021

Aprovado: 09/04/2022

## CELSO FURTADO E ALDO FERRER SE CONTRAPÕEM A UM MODELO DE DESENVOLVIMENTO EM SOCIEDADES PERIFÉRICAS (1951-1954)

CELSO FURTADO AND ALDO FERRER ARE OPPOSED TO A DEVELOPMENT MODEL IN PERIPHERAL SOCIETIES (1951-1954)

Bruno De Almeida Gambert<sup>1</sup>

Universidad Nacional de Quilmes/ Bolsista de pós-doutorado  
dealmeidagambert@gmail.com

**Resumo:** O artigo aborda os primeiros anos de um movimento intelectual conhecido como nacional desenvolvimentismo. As teorias de Celso Furtado e Aldo Ferrer, dois de seus pensadores, são revisitadas no momento em que intelectuais da periferia se empenham na interpretação de economias pouco desenvolvidas. As análises disciplinares que abarcam as regiões periféricas do globo eram, por via de regra, elaboradas por personagens situados nos países do centro do sistema econômico. A comparação entre ambos permite a identificação de uma aparente subalternidade do pensamento econômico latino-americano na tarefa de analisar as zonas remotas do comércio internacional. No presente estudo, a perspectiva comparada viabiliza a compreensão do posicionamento dos sul-americanos em contraposição a uma vertente específica de classificação, proveniente de sociedades hegemônicas, a respeito das economias pouco desenvolvidas.

**Palavras-chave:** Nacional desenvolvimentismo; Economias pouco desenvolvidas; Intelectuais periféricos.

**Abstract:** The article returns to the first years of an intellectual movement recognized in the view of two of its thinkers as national developmentalism, when intellectuals from the periphery engaged in the analysis of underdeveloped economies. The disciplinary analyzes that cover the peripheral regions of the globe were, as a rule, elaborated by characters located in the countries at the center of the economic system. The comparison between Celso Furtado and Aldo Ferrer allows us to inquire about the secondary aspect of Latin American economic thought when analyzing remote areas of international trade. In the present study, the comparative perspective makes it possible to identify the movement of C. Furtado and A. Ferrer in opposition to a specific strand of classification of less developed economies.

**Keywords:** National developmentalism; Underdeveloped economies; Peripheral intellectuals.

---

<sup>1</sup> O artigo se insere nos estudos do Pós-doutorado Latino-americano financiado pelo CONICET e em curso na Universidade Nacional de Quilmes. Agradeço ao Dr. Vanderlei Vaselesk Ribeiro e à Dra. Noemí Girbal-Blacha.

## Introdução

Os temas latino-americanos em perspectiva comparada privilegiam fenômenos dotados de similaridades. Entre os mais visitados, encontram-se os modelos coloniais Ibéricos de Portugal e Espanha na América, as independências latino-americanas, os conflitos entre as nacionalidades do cone sul na guerra no Paraguai (1865-1870), os populismos entre a década de 1930-1960 e as ditaduras civis-militares aprofundadas entre os meados desta e os anos 1970. Os tópicos listados são reconhecidamente campo da referida abordagem disciplinar, no entanto nos cabe salientar a necessidade de adicionar um, o nacional desenvolvimentismo, pois são escassas as investigações cotejadas por esta perspectiva que o enfocam. A corrente de pensamento responde pela forma pela qual os intelectuais da região interpretam singularidades da realidade econômica.<sup>2</sup>

Propõe-se o recorte de comparar uma temática encontrada nos artigos publicados por Aldo Ferrer e Celso Furtado no intervalo entre 1951-1954. Observa-se a dinâmica singular de reflexão que os unem, pois ambos se opõem a uma vertente de pensamento, ainda que em contestações distintas. Um dos objetivos deste estudo consiste em analisar a contribuição elaborada pelos latino-americanos, em sua fase de afirmação, nos saberes disciplinares. Privilegiam-se as publicações mencionadas e se torna relevante reconstruir um diálogo elaborado de forma internacionalizada no início dos anos 1950, instante no qual ambos se postulam à categoria de economistas pensadores de questões nacionais. Eles combinam de maneira complexa as abordagens sobre temas da sociedade a qual pertencem em diálogo com as teorias elaboradas para a periferia do sistema econômico. Vale ressaltar que a perspectiva comparada preenche uma importante lacuna e nos permite ressaltar os pontos de divergência e convergência dos personagens no contexto hegemônico em sua época.

As propostas comparativas, por vezes, localizam suas análises empíricas na América Latina, mas os aspectos teóricos com os quais são formuladas aludem, com

---

<sup>2</sup> Os autores a seguir abordam temas Latino Americanos e fazem uso de perspectivas que aludem a história comparada: Maria Capelato (1998), Noemí Gilrbal-Blacha; Sonia Mendonça (2007), Vanderlei Ribeiro (2008), Boris Fausto; Fernando Devoto (2009), Sikkink (2009), Ana Silva (2011), John Elliot (2012).

frequência, aos pensadores externos à área mencionada. Em artigo específico sobre as técnicas do estudo comparativo em sociedades europeias, Marc Bloch (1992) fundamenta matizes para a perspectiva comparada. Em os Reis Taumaturgos, utiliza uma problemática voltada às sociedades sincrônicas, aquelas que ocupam espaço aproximado e estabelecem relações entre si no decorrer do período histórico analisado. Detiene (2004) e Serge Gruzinsky (2016) acrescentam novas perspectivas de estudos comparados, o segundo vê conexões internacionais no momento com o qual os eventos se sucedem, o outro estabelece um prisma que compara o incomparável, avança sobre temas que distingue os contrastes e oferece protagonismo aos objetos divergentes. Sem perder de vista estas contribuições à área de saber, o artigo se aproxima em suas escolhas teóricas ao campo de Marc Bloch.

Apresenta-se como marco teórico a categoria de sociedades sincrônicas que compartilham o local, as estruturas históricas e o espaço geográfico. Sendo assim, recortam-se as ideias nacionais desenvolvimentistas entre dois pensadores, um argentino e um brasileiro. Ambos vivenciam eventos com similaridade reconhecida, interagem com a ordem mundial recém-reconvertida do período pós-guerra e se inserem em sociedades que estabelecem relações entre si. Eles dialogam com intelectuais originados e institucionalizados no centro do sistema econômico que dirigiam suas pesquisas para a questão de economias periféricas. Ressaltam-se as ideias de Ragnar Nurkse (1951;1953) de ciclo de estagnação em países pouco desenvolvidos que recebe críticas sistêmicas em embates recorrentes tanto por Celso Furtado (1952) quanto por Aldo Ferrer (1954). Um olhar que coteja os dois personagens constata que ambos abordam um problema, de maneira distinta, em temporalidades aproximadas.

Os estudos que comparam os autores e abordam a questão de sua época são escassos. Uma publicação situada na área de ciências econômicas se volta às controvérsias encontradas entre Ragnar Nurkse e Celso Furtado no início dos anos 1950. Bruno Oliveira e Carlos Bastos (2019) analisam, a partir de um recorte voltado ao pensamento econômico, a divergência entre os dois últimos personagens citados, concentram-se em temáticas que ultrapassam o recorte temporal aqui proposto. Em outra análise, Renata D'arbo (2004) aproxima as reflexões de Raul Prebisch aos dois

pensadores mencionados nos anos 1950. Seu estudo se conecta aos saberes específicos do modelo econômico e estabelece uma análise que transcende ao período em questão e resgata fatos situados em décadas posteriores. Os estudos citados retomam os anos 1950 e recortam as ideias para sua pesquisa inserindo-as na contemporaneidade. Os artigos estabelecem um diálogo incipiente com a conjuntura de época na qual os escritos foram realizados.

Vale ressaltar que a proposta do presente estudo aborda um episódio em sua complexidade cronológica, ou seja, o tempo é a variável analítica mais considerada. Logo, quando pensamos o momento, o foco analítico opta pelo reconhecimento dos conteúdos que o precedem e influenciam o objeto em questão, os antecedentes são de importância fundamental. Os desdobramentos, por sua vez, são visíveis ao pesquisador que se encontra no tempo presente, mas são desconhecidos aos personagens de época. Sendo assim, recorrer a escritos posteriores ao recorte de maneira analítica consiste em um exercício que tende à anacronia. A ordem e o contexto dos anos 1950 são determinantes para a sistematização do embate intelectual a ser pesquisado.

O método aqui utilizado reúne os escritos de Aldo Ferrer e Celso Furtado e os analisa em perspectiva comparada. Os sinais de atraso, como a questão agrária com o qual sistematizam temas produtivos de sua sociedade, ocupam um papel central no intervalo entre 1951-1954. As fontes são compostas de artigos e averigua-se o debate sobre economias observadas como atrasadas, estagnadas, através de uma perspectiva comparada na qual os aspectos interpretados como dos mercados internos nacionais recebem protagonismo. Despertam inquietudes nos dois jovens economistas latino-americanos as obras de H. W. Singer e Raul Prebisch, no entanto, a crítica e o debate com a teoria de Ragnar Nurkse ganha destaque no início dos anos 1950, quando as análises dos economistas atingem a mesma problemática.

Uma tendência dos pensadores encontrada nos artigos em análise é fundamentar o desenvolvimento a partir de uma perspectiva econômica que reinterpreta fragmentos da história como modelos colonial e feudal. No momento quando se torna urgente desenvolver a economia nacional, as estruturas societárias e administrativas, vigentes por séculos, são identificadas como ultrapassadas. Acreditava-se que a brecha comercial entre países centrais e periféricos cresceriam

ao longo do tempo. Sendo assim, inicia-se um movimento histórico permeado por conteúdo nacionalista. Vinculam-se o conteúdo de caráter intrinsecamente nacional e a abordagem comparada, reconhecendo ideias que ultrapassam a fronteiras e abarcam os países Latino-americanos. O modelo é válido para Argentina e para o Brasil, assim como para outros da região como Chile e México.

Os economistas argumentam em um debate internacionalizado. A hipótese em questão pressupõe a vigência de modelos de desenvolvimento que orientam os estudos das economias de países periféricos. Os autores dialogam com o conhecimento externo nos meandros da construção de suas obras, ou seja, as elaboram em debate multilateral. As formulações dedicadas aos países pouco desenvolvidos na esfera externa são reinterpretadas e abarcam as questões nacionais. Forma-se, desde um debate internacional, uma gama de saberes com a qual as economias nacionais serão analisadas. As tendências internacionais de um quadro do subdesenvolvimento com temática universal são agregadas a um estudo em um país específico e se tornam um tema usual entre os interpretados por latino-americanos.

Nos cabe fazer a seguinte ressalva, o olhar comparativo provocador de rivalidades e pautado pela teoria da modernização não contempla o estudo em questão. Evita-se a avaliação individual dos registros dos economistas. A história compartilhada entre ambos latino-americanos opta por reconstruir uma conjuntura de produção intelectual que se aproxima aos aspectos por eles vivenciados coletivamente. O estudo se opõe ao intuito de posicionar um autor em espaço privilegiado em relação ao outro, ao contrário, empenha-se em problematizar questões despertadas pelo cotejo de ambos. Os pensadores se organizavam em eventos diplomáticos, em congressos e em reuniões disciplinares. Suas narrativas são edificadas em acordo com a sociedade de origem, mas o debate acadêmico e a fundamentação do saber se efetuam também em arenas exteriores, em uma delas, concentra-se o estudo em questão, na qual Celso Furtado e Aldo Ferrer se contrapõem às premissas de Ragnar Nurkse.

## **As economias pouco desenvolvidas em debate**

A problemática do desenvolvimento se impõe gradualmente sobre os antigos preceitos da civilização vigentes desde a primeira metade do século XX. Com a Segunda Guerra, 1939-45, há uma aceleração na mudança de paradigmas. O evolucionismo e o imperialismo se enfraquecem, assim como são escamoteadas as noções supostamente científicas e biológicas de raça superior e de determinismo geográfico. Por outra parte, o crescimento econômico emerge como temática central decorrente da hegemonia estadunidense. Uma hierarquia pauta as características produtivas e estratifica as nações tendo em vista seu posicionamento no sistema político comercial. O ordenamento condiciona os capitalistas desenvolvidos à liderança e são contrapostos aos socialistas e, mais distanciados, estão os pouco desenvolvidos, membros da periferia mundial.

Vivenciam-se regimes de características autoritárias no plano político nos anos de populismo, mas com medidas que democratizam os direitos sociais e possibilitam o acesso aos direitos de trabalho e à renda a uma vasta quantidade de habitantes, o que contribui para a popularidade dos regimes. Ultrapassada uma fase de golpes de Estado, os líderes recebem o mandato presidencial por meio da eleição nos moldes democráticos. Entre 1951 e 1954, vive-se o intervalo no qual Argentina e Brasil são governados por líderes carismáticos, respectivamente, Juan Domingo Perón e Getúlio Dornelles Vargas. O intervalo se traduz em uma fase de otimismo com o reestabelecimento das instituições políticas, ao passo que, na economia, experimentava-se o movimento de substituição de importações conduzido pela intervenção estatal.

A afirmação da Comissão Econômica para a América Latina, CEPAL, marca o contexto e se estabelece em Santiago, capital chilena. A repartição do organismo subordinado à Organização das Nações Unidas, nestes anos, é dirigida por Raul Prebisch que recrutou jovens economistas, dentre os quais se encontrava Celso Furtado. Aldo Ferrer, por sua vez, não se vincula ao meio, pois sua relação com o mencionado diretor se estabelece em um seminário na Universidade de Buenos Aires, em 1948. Ambos os autores pesquisados se conectam com o líder cepalino, um por questões de pertencimento ao órgão burocrático, outro pela convivência acadêmica estudantil. Apesar disso, o ponto de destaque se encontra nos aspectos

teóricos, pois os jovens economistas internalizam a teoria da gradativa perda de valor dos produtos primários de exportação como parte constitutiva de seu saber. Por meio deste conhecimento, eles se referem ao intelectual tucumano.

São escassas as produções disciplinares que retornam aos anos cinquenta para revisitar a obra dos personagens. Acredita-se que não o fazem porque as contribuições mais significativas são publicadas posteriormente. Por esta razão, justifica-se o ato de recuperá-las com especial atenção ao contexto, para elucidar como a teoria do nacional desenvolvimentismo, ou uma outra nomenclatura bastante usual, o estruturalismo latino-americano, constrói os argumentos que legitimam a percepção do atraso nas economias pouco desenvolvidas. Os primeiros momentos correspondem ao processo no qual a ideia desenvolvimentista obteve relevante difusão na América do Sul. Sabe-se que a opção de selecionar os personagens se preocupa com a viabilidade de um estudo comparado que põe em questão um dos aspectos internacionais da formação da teoria econômica latino-americana.

W. H. Singer (1950) também recebe destaque nos escritos dos pesquisadores. Naquele momento, o intelectual alemão radicado na Inglaterra publica "*Comercio e inversión em países poco desarrollados*", um artigo com o qual se aproxima da teoria de Raul Prebisch (1949). Vele ressaltar que o foco analítico que se origina no centro do sistema responde pela singularidade de sua argumentação. Ele opta por reconstruir as bases de compra e venda de bens primários mantidas e efetuadas pelo centro-europeu hegemônico nas primeiras décadas do século XX. Os núcleos industrializados se beneficiam do decréscimo de custo das matérias primas. Com vistas à produtividade, o autor elenca dois principais modelos de comércio de gêneros agrícolas: um que se destina ao centro e outro que percorre seu ciclo de produção e consumo nas economias pouco desenvolvidas.

Os bens agropecuários produzidos na periferia se dividem em duas categorias: os que se destinam para a exportação e são consumidos nos grandes centros e aqueles destinados ao abastecimento das carências do mercado interno que suprem a demanda local. O primeiro deles se conecta com os centros desenvolvidos, seja em questão de técnica produtiva elevada ou na constante aquisição de maquinários e de investimentos estrangeiros, o que a seu ver

corresponde a uma parte das sociedades centrais que se dispersa em regiões remotas. O segundo, por sua vez, está na produção agrária para o abastecimento das sociedades periféricas, ou seja, de autossuficiência. Utilizam-se do emprego de métodos arcaicos de técnica limitadas e de baixa remuneração. Singer descreve a distribuição geográfica dos cultivos que se encontram desta maneira:

... Es probable que las plantaciones de té de Ceilán, los pozos petroleros de Irán, las minas de cobre de Chile y la industria del cacao de la Costa de Oro sean todos ellos más productivos que la producción agrícola para el consumo interno de esos países: pero bien pueden ser menos productivos que las industrias que habrían podido desarrollarse si esos países no se hubieran especializado en la exportación de alimentos y materias primas en la medida en que lo están hoy día, dando lugar así a que la producción de bienes manufacturados se llevara a cabo en otros países con una eficiencia mayor (SINGER, 1950, p. 237).

O fragmento ressalta as continuidades entre os artigos agrários produzidos na periferia e requisitados pelo centro. A escala geográfica corresponde à vasta região periférica, seja no oriente médio ou na América Latina. O autor destaca que o centro se beneficia pelo fato de não dispender mão de obra e recursos administrativos na produção destes bens por meio das aquisições oriundas de zonas mais remotas, de maneira que os recursos humanos se liberam de tais funções e se tornam disponíveis para alocação em atividades mais rentáveis. Em outro tema, as elites mundiais, inclusive as periféricas, suprem-se da produção dos artigos elaborados dos países cêntricos. O consumo das classes altas de zonas empobrecidas é fundamental para manter o dinamismo nas regiões produtoras de industrializados. Constata-se, abaixo, a enumeração de fatores que reforçam a tendência de desenvolvimento nas sociedades centrais.

- a) posibilidad de aumentar sus exportaciones de manufacturas y así transferir su población de ocupaciones de baja productividad a ocupaciones de alta productividad;
- b) disfrute del impulso dinámico general que producen las industrias en una sociedad en progreso.
- c) disfrute de las economías derivadas de la mayor escala de producción a medida que las industrias manufactureras se expandían

- d) beneficio de los frutos del progreso técnico en la producción primaria, como principales consumidores de materias primas;
- e) beneficio de una contribución de los consumidores extranjeros de artículos manufacturados, que representa su contribución a la renta creciente de los productores de dichos artículos. (SINGER, 1950, p. 243).

Observa-se que a ordem estabelecida concentra as atividades produtivas de maior saber técnico no centro do sistema, motivo pelo qual ocorre uma especialização das funções agrícolas nas periferias que, por sua vez, abastecem as zonas industrializadas. O ciclo descrito tem o efeito multiplicador dos bens industriais no centro, ao passo que as especializações primárias são impulsionadas em zonas afastadas. A divisão do trabalho mencionada dinamiza os mercados das regiões hegemônicas e as especializações produtivas aprofundam a ordem desigual. Singer resume as vantagens obtidas pelas sociedades industriais e prevê uma diminuição no valor pago pelos produtos menos elaborados.

Raul Prebisch (1949) e H. W. Singer (1950) formulam a teoria de decréscimo do preço dos produtos agrícolas no período posterior à segunda guerra mundial. O primeiro com a perspectiva Latino-americana, na qual o interesse recai na necessidade de intervenção estatal para o surgimento de empreendimentos fabris na periferia. O outro, por sua vez, analisa a partir de uma localização europeia e enfatiza a lucratividade obtida pelos países centrais reconhecidas naquela organização do comércio internacional. Ambos são influentes nesta primeira fase, os debates sobre a superação do atraso nas regiões pouco desenvolvidas passam por este tema no qual os lucros se concentram nas naquelas sociedades. Prebisch e Singer preveem a necessidade de intervenção no mercado por meio da ação estatal para viabilizar o processo industrial.

O debate sobre o atraso nas periferias que enfatiza o aspecto de estagnação se encontra nos estudos de Ragnar Nurkse. O presente estudo privilegia suas palestras publicadas pela Revista Brasileira de Economia, em 1951, e se situa no campo do saber referente às economias pouco desenvolvidas. Oriundo da Estônia, Nurkse se tornou um especialista ao cursar os estudos universitários em Viena, capital austríaca, local de suas primeiras publicações. Posteriormente, exerceu um cargo na secretaria da Liga das Nações em Genebra. Vale destacar a filiação

institucional que o acompanha no momento de preferir as apresentações, docente na Universidade de Colúmbia, um centro estadunidense destacado. Com aproximadamente 40 anos, tinha obtido reconhecimento da produção de saber econômico em seu tempo histórico e tinha frequentado a esfera internacional por longa data. No período referido, suas palestras recebiam o aval institucional da ONU (KATTLE et al, 2009, p. 38).

Em 1951, em um texto elaborado para a Revista Brasileira de Economia, Ragnar Nurkse baseia seus estudos nos fundamentos de Schumpeter, para o qual a ação individual do empresário é significativa no protagonismo do desenvolvimento econômico. Porém, segundo o autor austríaco, o indivíduo se vincula as condições do mercado e o tamanho deste é relevante. O comércio de grande proporção, como se pode imaginar, não estabelece um encadeamento pré-determinado pelo expressivo número de habitantes, mas sim a capacidade de produção, de consumo, poupança e investimento. O ciclo da estagnação se instaura pela perspectiva do trabalho com baixa produtividade, que atribui pouco valor às remunerações e ao consumo. Por outro lado, uma sociedade de baixo valor excedente tem pouca demanda por consumir, poupar e investir. A China a Índia e o Brasil são grandes em termos territoriais e populacionais, mas, naquele momento, formavam mercados de capacidade reduzida, ou seja, sociedades com o quadro mercantil estagnado (NURKSE, 1951, p.17).

Em linhas gerais, o modelo no qual o autor retrata a periferia mundial, refere-se às localidades como América Latina, África e Ásia como local de baixa produção e, por consequência, pouca expressão na renda per capita. Reconhece as sociedades como marcadamente desiguais e indica o caminho de distribuição igualitária de renda como uma das tendências que podem ser desvantajosas e provocar a estagnação. Uma vez efetuada a equidade, a quantia repartida se torna pequena e insignificante a ponto de inviabilizar as ações de poupança e investimento, fomentando o quadro de baixo ou nulo crescimento, ou seja, um ciclo vicioso de imobilidade. Divididos em duas perspectivas, tanto pela demanda e quanto pela oferta que completam o ciclo maior de estagnação. Então, a opção por viabilizar o crescimento econômico por meio de investimento, ganho de produtividade e crescimento de demanda é mais coerente aos países de renda baixa.

Os mercados pouco desenvolvidos enfrentam a barreira formada pelas suas elites agrárias. Uma parte da capacidade reduzida de consumo se descreve pelas tendências na qual as classes altas periféricas se empenham em adotar um modelo de vida semelhante aos das sociedades industrializadas. A estrutura de divisão de bens, marcada pela desigualdade, concentra recursos nas camadas mais abastadas. Estas, por sua vez, empenham os acúmulos em bens de consumo oriundos dos países industrializados, o que reforça o ciclo de baixa demanda e investimento no mercado interno das economias de menor expressão. Nurkse acredita que a escolha pelo padrão de vida similar aos dos grandes centros é generalizada. Em cenário hipotético, uma vez que as rendas sejam distribuídas, a preferência pelo consumo de importados, a seu ver, será um entrave ainda maior.

Destaca-se que o grupo dos economistas mencionados, Raul Prebisch, W. H. Singer e Ragnar Nurse, se encontram em idade mais elevada, possuem o que a sociedade considera como maturidade e reconhecimento na comunidade acadêmica, isto é, equivalem a uma esfera consolidada do saber. Há nuances que são ressaltadas antes de abordar o diálogo acadêmico a seguir, uma é a identificação indevida, na cronologia em questão, em que Aldo Ferrer e Celso Furtado figuram como economistas consagrados. É preciso recordar que, no recorte temporal estabelecido, os escritores estão nos passos fundadores de suas carreiras. No início dos anos 1950, ambos detinham expressão pontual em seus primeiros intentos, mas já emitiam sinais de serem jovens acadêmicos promissores e estavam, respectivamente, com 23 e 30 anos.

O estudo de mercados pouco desenvolvidos demonstra que os conhecimentos originados no centro do sistema econômico são adotados de maneira dinâmica pela comunidade acadêmica. Forma-se uma corrente de pensamento sobre o subdesenvolvimento cujos expoentes são, como na maioria dos estudos científicos, personagens com destaque nas instituições mais privilegiadas, salvo exceções pontuais. Os indivíduos da periferia, por via de regra, encarregam-se de sistematizar a estrutura econômica de suas sociedades, condicionam-se ao debate local e possuem pouca expressão na esfera internacional. Há uma diferença entre o saber de característica universal, comum naquele momento, contraposto ao regionalizado e situado em uma determinada fronteira nacional.

A partir deste prisma a questão é ainda mais complexa. Raul Prebisch é um dos grandes expoentes do pensamento latino-americano. A Argentina do início do século XX caracterizava-se como uma sociedade periférica e próspera, sua economia se concentrava em atividades primárias, mas com rentabilidade elevada e se distingue das demais que a cercam pela lucratividade. Suas instituições, como o Banco Central, recebiam reconhecimento internacional na região. Então, o intelectual estava em um espaço de centralidade em uma formação social de zona remota. Durante sua gestão, a iniciativa de instalar a CEPAL em Santiago do Chile era contemplada com desconfiança e se duvidava da capacidade dos intelectuais latino-americanos para sistematizar sua própria economia. Estimava-se que caso o fizessem, deveria ser coordenado por economistas do centro do sistema. Havia incertezas com respeito à potencialidade dos pensadores periféricos (DOSMAN, 2001, p. 94).

Celso Furtado traduziu e publicou o artigo de Raul Prebisch “*A América Latina e seus principais problemas econômicos*”, na Revista Brasileira de Economia, em 1949. Redigiu o texto em dois idiomas, tanto para o português quanto para o francês. Desta forma, o brasileiro transitava entre as estruturas nacionais e as internacionais francófonas com a qual mantinha vínculos que se remetiam aos anos de sua formação. Furtado havia se formado em Direito na Universidade do Brasil, em 1944, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em seguida, doutorou-se em economia na Paris-Sourbone, na França, em 1948, com tese sobre a economia colonial brasileira. Com sua adesão a Cepal começa a integrar um coletivo de pensadores latino-americanos como os quais estabelece parcerias intelectuais. O economista se forma em um dos centros do sistema e já havia se acostumado a decodificar o saber científico ali originado.

Aldo Ferrer, nascido na capital Buenos Aires, é um dos jovens talentosos economistas. Frequenta um seminário ditado por Raul Prebisch em 1948. Mais tarde, Ferrer se destaca em um processo seletivo que o leva a um estágio de *trainees* na Secretaria Geral da ONU, em Nova York. Nos anos de seu doutorado, redige os primeiros escritos, quando se aproxima de um pensador latino-americano, Horacio Flores Peña, intelectual mexicano egresso da UNAM e publica um dos primeiros artigos na *Revista Trimestre Económico* em 1951. Obtém o doutorado por uma

instituição argentina, UBA. De outro modo, por via da experiência profissional obtida em território estadunidense, o seu saber interage com os originados no centro do sistema. Mais tarde, publica o livro decorrente da tese de doutorado “El estado y el desarrollo economico”, de 1954.

Os personagens de nosso estudo comparativo estabelecem relações profissionais e acadêmicas em esferas centrais, respectivamente, na Europa e na América do Norte. Cada um, a sua maneira, insere-se no debate realizado no exterior. Por vezes, os núcleos industriais influenciam, desde uma perspectiva científica, a construção de saberes na periferia, o que se realiza por meio do recrutamento de intelectuais promissores, assim como há, em contrapartida, o interesse por parte dos indivíduos em se integrar às instituições de prestígio nas áreas centrais. No entanto, com o ingresso da Cepal e sua influência nos centros de saberes locais, observa-se a construção de uma escola própria na América Latina. Os cientistas se interessam em interpretar as problemáticas locais que ultrapassam as fronteiras nacionais, se aproximam das questões de orientação universal, e tem início um movimento estruturalista nas correntes de pensamento regionais.

Naqueles anos, estava em voga a tendência a adotar nos estudos uma perspectiva na qual uma parte, relevante e central no processo econômico, passa a representar a totalidade. No artigo em questão, Nurkse ensaia a construção de um modelo específico de ciclo de estagnação que se posiciona como uma chave de leitura e, com este objetivo, desvenda-se a conjuntura econômica com ênfase nas principais transações comerciais das sociedades pouco desenvolvidas. As ciências econômicas debatiam grandes modelos explicativos e a matriz considerada universal, generalista, impunha-se em um debate nos grandes centros. Entende-se que os economistas periféricos se encarregavam de interpretar as questões econômicas de suas nacionalidades e interagiam com o conhecimento construídos nos centros, principalmente com as referências teóricas seja neoclássica ou keynesiana. Um dos desafios estava em analisar as zonas remotas desde uma abordagem pretensamente geral.

Com a intenção de abarcar um modelo explicativo para a economia de países pouco desenvolvidos, Ragnar Nurkse apresenta palestras em repartições da ONU das quais incluem a América do Sul. O modelo de estagnação em relação ao acúmulo

de capitais, encontrado em economias pequenas, é um dos objetos destacados em sua oratória. As conferências do autor publicadas pela Revista Brasileira de Economia em 1951, recebem a leitura analítica de Celso Furtado. O estônio trabalhou no Brasil e publicou em revista local, o jovem intelectual local deduziu que havia interesse no debate acadêmico por parte do estrangeiro. Então, o economista brasileiro redige um texto analítico em formato de diálogo científico no qual indica as concordâncias e divergências com as apresentações do europeu.

O autor brasileiro estabelece uma interação acadêmica de forma cuidadosa, visando à interposição de ideias. Na conjuntura da formação da CEPAL, como já mencionado, as tendências dos economistas Latino Americanos para a análise da economia do continente estavam em pauta. Existe uma crença na afirmação dos saberes científicos como algo intrínseco a natureza disciplinar, vale dizer, um saber dotado de características objetivas, sendo assim, não havia maiores impedimentos para a interação disciplinar. Uma crítica analítica, possivelmente, contribui ao enriquecimento do tema abordado. Destaca-se no fragmento abaixo o primeiro parágrafo com os comentários de Celso Furtado sobre as palestras de Ragnar Nurkse.

As seis conferências pronunciadas no Brasil pelo professor da Universidade de Columbia R. Nurkse, sobre Formação de Capital e Desenvolvimento Econômico, (1) podem ser consideradas como um dos esforços mais sérios feitos por economistas de países "desenvolvidos" para compreender os problemas que enfrentam atualmente as economias subdesenvolvidas. Os resultados altamente positivos desse esforço nos encham de otimismo com respeito à aplicação do instrumental analítico moderno aos problemas do desenvolvimento atual de áreas atrasadas.

A inexistência de material informativo de base e o resultante desconhecimento da realidade econômica criaram nos economistas dos países subdesenvolvidos o hábito de raciocinar por analogia, na ilusão de que a um determinado grau de generalidade os fenômenos econômicos seriam iguais em toda parte. Infelizmente, nem sempre é possível tirar conclusões aplicáveis a situações concretas de teorias que, se bem apresentam uma grande consistência lógica, estão construídas num elevado nível de abstração. É de esperar, entretanto, que o enorme esforço de pesquisa estatística que atualmente se realiza em muito países subdesenvolvidos contribua para que o pensamento econômico venha a ser nesses países o poderoso instrumento de análise da

realidade social que já é em outras partes do mundo (FURTADO, 1952, p.1)<sup>3</sup>.

Como o esperado, além da versão em dois idiomas impressos na Revista Brasileira de Economia, no ano seguinte o periódico *El Trimestre Económico* o publicou em espanhol. O debate ganhou repercussão o que aparentemente não agradou ao intelectual europeu. A leitura das críticas gerou uma resposta por parte de Ragnar Nurkse intitulado "Notas sôbre o Trabalho do Sr. Furtado Relativo a "Formação de Capitais e Desenvolvimento Econômico". O estônio menciona o nome do intelectual no título da publicação, uma resposta pública e objetiva aos comentários elaborados por Furtado. Já no primeiro parágrafo, a diferença do anterior, no qual os bons tratos prevaleciam, o tom escolhido por Nurkse é mais áspero, desclassificador e deslegitimador. Invalida as afirmações do brasileiro e o condiciona a uma interpretação errônea, em texto, supostamente objetivo, porém carentes de reflexões mais profundas e de alteridade para com a interpretação do pensador. Os adjetivos por ele selecionados invalidam a intelectualidade alheia, como se observa no trecho:

O artigo de Celso Furtado sôbre "Formação de Capitais e Desenvolvimento Econômico", publicado nesta revista (setembro de 1952), representa um estudo interessante. mas contém uma série de afirmações que parecem interpretar erradamente, certas idéias minhas, expostas em conferências também publicadas na mesma revista, em dezembro de 1951. Em primeiro lugar, não compreendo porque Furtado acha que eu teria afirmado que "o problema básico dos países subdesenvolvidos não estaria do lado da escassez de poupança e sim na falta de estímulo às inversões, em razão da limitada capacidade de absorção do mercado" (pág. 10 de seu trabalho). Procurei fazer uma distinção entre o lado da procura e o lado da oferta, no problema da formação de capitais (pág. 14 das conferências). Apenas a primeira conferência foi dedicada ao problema da procura, tendo as demais tratado do problema da oferta. No fim da primeira, afirmei claramente minha opinião de que "o obstáculo do lado da procura não é tão importante nem tão fácil de ser superado, quanto à deficiência do lado da oferta" (Conferências, pág. 34). A dificuldade do lado da procura era, para mim, apenas "o primeiro ponto a ser esclarecido", antes de tratar dos diversos aspectos do problema da oferta de capitais. Duvido, por isso, que um leitor cuidadoso tenha realmente a impressão, que

---

<sup>3</sup> A reprodução mantém o formato original e conserva a grafia da língua portuguesa do momento,

parece ser a do meu crítico (de acôrdo com a pág. 13 de seu artigo), de que, em minha opinião, qualquer país atrasado pudesse "levantar-se pelos próprios cabelos", desde que cuidasse do lado da procura. No início de minha primeira conferência expliquei que estava considerando apenas um aspecto do problema. As dificuldades mais fundamentais do lado da oferta foram inicialmente postas de lado com o fim único de tornar mais clara a discussão. Tratar dos diversos aspectos de determinado problema separadamente é um procedimento legítimo, habitual e inevitável, em análise econômica. (NURKSE, 1953, p. 1)

O ciclo de palestra de Nurkse no Rio de Janeiro e a ausência de diálogo com Celso Furtado traduzem uma contraofensiva. As afirmações do autor estônio são um contraponto ao protagonismo do Latino-americano, porque o ciclo de pobreza e estagnação mencionado na sua obra obtêm seu curso interrompido por uma força externa, ou uma inserção específica no comércio exterior. A metáfora utilizada para sua expressão se refere à incapacidade de um indivíduo elevar-se aplicando força no próprio cabelo, ou seja, precisa de um impulso externo para alcançar o desenvolvimento econômico. A metáfora é invalidada, porque, segundo o europeu, a parte da oferta que não foi considerada. E como de se esperar a resposta não valoriza internaliza e reconhece o mérito do trabalho crítico ali estabelecido.

O modo pelo qual Nurkse rechaça as intervenções de Furtado manifesta uma postura de superioridade em relação ao pensador do sul. Ele tece críticas à forma pela qual o periférico analisa a teoria supostamente universal e encera as oportunidades de interação disciplinar. Além disso, reflete uma questão geracional na qual os economistas consolidados tendem a ser hostis com os mais jovens em seu momento de inserção. Há uma conexão entre a perspectiva de inadequação e os personagens locais, como se o espelho de atraso encontrado nas sociedades pouco desenvolvidas também estivesse conectado com os intelectuais que a mesma produz, um aspecto que ultrapassa a perspectiva econômica e se irradia para outras dimensões sociais e culturais.

Motivado pela necessidade de invalidar os argumentos de Furtado, Ragnar Nurkse escreve um novo artigo. A resposta do autor se dirige à invalidação de uma crítica e o modo pelo qual a contra-argumentação se organiza expõe a subalternidade em que o escritor do norte situa o interlocutor latino-americano. Notam-se aspectos subjetivos que atestam uma imperícia de Nurkse em expressar

discordância em moldes mais adequados à atividade profissional e a ênfase empregada traduz aspectos subjetivos relacionados à hierarquia dos saberes acadêmicos. Em uma prática disciplinar, críticas são mais relacionadas ao conteúdo sendo sequer necessária a menção ao nome do autor no título da obra. Além do mais, os adjetivos direcionados ao leitor são desnecessários e não acrescentam saberes ao debate acadêmico.

Após a tréplica, o evento ganha mais um episódio. O texto de autoria de Celso Furtado alcançou mais repercussão. Uma tradução ao inglês foi impressa na revista *International Economics Papers* sob o título de “*Capital formation and economic development*”, em Londres, Reino Unido em 1954. Aparentemente, o impedimento viabilizado por Nurkse contribuiu para que o texto no qual é criticado ganhasse uma versão publicada em outro idioma. Os interlocutores anglo-saxões obtiveram acesso às críticas de C. Furtado ao pensador europeu. O brasileiro, por sua vez, empenha-se em fomentar uma obra teórica própria e deixa de lado os embates provocados pelo pensador estônio. No mesmo ano, Furtado elabora uma análise para o desenvolvimento econômico em artigo publicado na revista *El Trimestre Económico*. O escrito reforça sua inclinação para teorizar sobre o desenvolvimento desde a perspectiva universalista e não há referência ao Ragnar Nurkse, ou seja, não se interessa pela continuidade da recente interlocução supostamente científica.

Em 1953, Nurkse reúne os conteúdos de suas apresentações no livro intitulado “*Problems of capital in formation in underdeveloped countries*”, publicado em Oxford, pela editora Basil Blackwell. Aldo Ferrer, por sua vez, embasando-se na obra mencionada, é mais um personagem a dialogar com a teoria de estagnação nas economias periféricas impulsionada pelo estônio. Vale a pena recordar que Celso Furtado interage com a publicação em suas apresentações na Revista Brasileira de Economia. Aldo Ferrer, de modo distinto, interpreta, analisa e se opõe ao conteúdo veiculado na revista de língua inglesa. Cabe ressaltar que a forma pela qual o argentino emprega os questionamentos diferencia-se daquela descrita anteriormente, tanto pela forma como pelo método.

Visto desde o tempo presente, notem-se sinais de ocultamento do embate acadêmico aqui relatado. Em produção biográfica de 2014, Aldo Ferrer registra as principais publicações de sua carreira. No capítulo reservado aos anos de 1950,

destacam-se dois artigos que compõem o material de sua tese e, de igual maneira, integram o primeiro livro. O mais antigo deles aborda os centros cíclicos e o desenvolvimento da periferia latino-americana e um outro, em 1951, estabelece a parceria com Horácio Flores de la Peña. Acredita-se que os escritos cujo autor tenha classificado como pouco relevantes estejam ausentes da seleção, o caso do artigo aqui mencionado está devidamente oculto. Observa-se um silêncio em suas memórias permeado pela ausência de escritos sobre os diálogos com o estônio (ROUGIER, 2014, p.40).

Intitulado “*Distribución del ingreso y crecimiento economico*” e publicado na revista *El Trimestre Económico*, correspondente aos meses de abril-junho de 1954, o artigo aborda a discussão cara ao debate aqui assinalado. Assim como os demais materiais da década de 50, ele forma parte da tese de doutorado e, conseqüentemente, integra o livro datado de 1956, porém não recebe menção em suas recordações. Os personagens, por vezes, são críticos com os estudos confeccionados no período de juventude, sendo assim, entende-se o motivo pelo qual não são rememorados. O presente estudo reconhece um ponto em comum entre Celso Furtado e Aldo Ferrer em sua fase de jovens economistas, ambos expressam discordância ao modelo de explicativo de Ragnar Nurkse. Mesmo que não o façam de maneira integrada, há um movimento em comum no qual os sul-americanos se tornam sujeitos para interpretar a economia e o subdesenvolvimento. As ações descritas equivalem a um dos primeiros passos do que posteriormente seria reconhecido como nacional desenvolvimentismo.

Aldo Ferrer se destaca por ser o personagem mais novo deste estudo, por uma questão etária ele se encontra nos primeiros passos de sua carreira. Em 1954, em um artigo dividido em duas partes, reflete sobre o desenvolvimento econômico em sociedades periféricas. O autor menciona dados empíricos de López Rosado e Noyola Vásquez nos quais constata o aumento salarial médio da população empregada no México entre os anos 1939-1950, ainda que tenham diminuído em algumas categorias específicas. A sistematização o faz deduzir que o aumento de produtividade do trabalho em sociedades de renda concentrada e densamente habitadas dificilmente, no intervalo referido, aumenta a renda de quem trabalha. Os ganhos produtivos tendem a se concentrar no capital, ou seja, nos donos dos

empreendimentos. Estes dados se contrapõem ao pensamento no qual a elevação de produtividade se desdobra em melhoria da renda média rompendo o ciclo de estagnação em periféricas (FERRER, 1954, p. 143).

Anteriormente, o problema veiculado por Furtado no qual os intelectuais latino-americano generalizam tendo em vista os estudos parciais está em vias de superação. Ressalta-se que Aldo Ferrer argumenta considerando como fontes as informações estatísticas reunidas por pesquisadores mexicanos. O esforço se aproxima do debate estritamente acadêmico de época, o crescimento econômico em sociedades periféricas. O modelo abstrato referente às sociedades pouco desenvolvidas está em pauta e o personagem de nosso estudo reivindica não só seu espaço, mas também confere protagonismo a outros pesquisadores latino-americanos no reconhecimento de informações empíricas com as quais realiza as afirmações.

Retorna-se ao foco comparativo e se identificam que as críticas elaboradas pelo argentino que recaem sobre “O efeito demonstração” de Ragnar Nurkse. Ferrer se opõe a linha de raciocínio elaborada pelo professor da Universidade de Columbia. Em pauta está a questão da propensão a consumir dos indivíduos em países pouco desenvolvidos. Ele se contrapõe à ação do estômago quando descreve os membros da periferia como guiados pelos hábitos da classe alta dos países centrais. O autor invalida o sistema aproximativo com dados estadunidenses nos quais a propensão a consumir se relaciona com a localização do indivíduo no todo social. Naquela linha de pensamento, quanto mais baixo for seu extrato, maior será o esforço para manter o padrão médio de consumo e, por esta razão, menor será o espaço para a poupança. Desta maneira, na periferia quando maior a distribuição de renda, mais intensa será a demanda para consumir artigos importados.

Aldo Ferrer propõe uma reflexão divergente e assinala que Ragnar Nurkse está pouco atento às informações que se referem a linha da pobreza a partir da qual boa parte da população periférica se encontra imersa. Sendo assim, a sobrevivência está em risco de maneira que não há possibilidade de imitar os hábitos de consumo das nações desenvolvidas e repetir os moldes do centro. Outros fatores incidem como o emprego em larga escala de mão de obra no campo e as deficiências nos meios de transporte e comunicação para que os indivíduos conheçam os costumes

e os produtos utilizados no centro do sistema. O fragmento abaixo resume um dos momentos nos quais a crítica se torna clara:

La aplicación por Nurkse del "efecto de demostración" al caso de los países poco desarrollados nos parece de singular importancia porque puntualiza un fenómeno que caracteriza el desarrollo económico de esos países. Nurkse no individualiza, sin embargo, la causa última que, a nuestro juicio, hace asumir tan especial importancia al "efecto de demostración" en los países insuficientemente desarrollados, a saber, la acentuada desigualdad en la distribución del ingreso de esos países.

La omisión proviene, en nuestra opinión, de los términos de comparación que utiliza Nurkse en su análisis. Se refiere él a la influencia que sobre las normas de consumo de los grupos de bajos ingresos en los Estados Unidos ejercen las de los grupos de altos ingresos de ese país. Al llevar su análisis al plano internacional, Nurkse implícitamente supone que los países industriales ocupan el lugar de los grupos de altos ingresos en los Estados Unidos y los países poco desarrollados toman el lugar de los grupos de bajos ingresos en ese país. Existe, sin embargo, una diferencia fundamental.

Supongamos que el ingreso de la familia urbana promedio norteamericana, que Nurkse utiliza en su ejemplo como representativa de los grupos de bajos ingresos, no fuera de 1,500 dólares, sino de 300 dólares anuales. En este caso ¿cuál habría sido el impacto del efecto de demostración sobre aquélla? Seguramente ninguno, porque esa familia tipo viviría en un nivel de subsistencia o por debajo de ese nivel. En estas condiciones es difícil imaginar que esas gentes pudieran comprar automóvil, refrigeradora, etc. No ahorrarían, no por pretender imitar las normas de consumo de los ricos, sino porque serían muy pobres para ahorrar. En consecuencia, podemos sacar la conclusión de que el "efecto de demostración" sólo tiene validez para los grupos de bajos ingresos cuyos ingresos estén por encima del nivel de subsistencia y que pueden dedicar parte de sus ingresos a imitar las normas de consumo de los ricos (FERRER, 1954, p.169).

O efeito demonstração, a seu ver não se aplica devido à baixa renda média encontrada na população local que o impossibilita a incorporação de hábitos comuns em sociedades do centro. Um outro aspecto que recebe análise reside no nível de subsistência. O modelo de estagnação identifica os hábitos de consumo que imitam os dos grandes centros como uma das características que torna menor o mercado dos países pouco desenvolvidos, interfere na demanda, no consumo, na poupança e no investimento. Há, por parte de Ferrer, um desvendamento de um quadro econômico e social que o europeu não se interessa a respeito ou

simplesmente ignora. No decorrer de sua argumentação o economista argentino sustenta que a desigualdade é um dos entraves ao desenvolvimento dos países periféricos.

### **Conclusão**

A escolha em comparar Celso Furtado e Aldo Ferrer evidenciou uma conjuntura na qual ambos se insurgem contra os saberes consolidados no centro do sistema, os estudos de Ragnar Nurkse se somam em um exemplo selecionado. O cotejo de ambos os pensadores nos permitiu identificar um movimento contestatório que possui uma sucessão temporal e se realizou de maneira sequencial, havia uma demanda dos pensadores do sul por afirmarem seus conhecimentos. Observaram-se os sinais consistentes para as iniciativas para um pensamento autônomo dos intelectuais latino-americano.

A questão agrária perpassou o debate, principalmente no que se referiu às características de mercado pequeno com concentração de renda. As grandes diferenças entre a renda dos indivíduos da sociedade agroexportadora entraram em debate. Enquanto o modelo de estagnação de Ragnar Nurkse enfatizou o ganho de produtividade e a densidade do mercado local, os latino-americanos a observaram de maneira crítica. A teoria do estômio gerou certo desconforto nos jovens intelectuais que se insurgiram de maneira desencontrada, mas o presente estudo reconstruiu alguns eventos factuais para esclarecer a sucessão de eventos com os quais o pensador europeu recebeu o contraponto dos pesquisadores do sul.

A hierarquia dos poderes se mostra vigente, os saberes do centro se apropriam do debate e os intelectuais dos países avançados demonstram ressalvas, ou até se negam, em estabelecer interlocuções acadêmicas em igualdade com os saberes do sul. Optou-se por retratar o debate de maneira pontual dando visibilidade ao contexto cronológico no qual o evento ocorre e a sucessão factual que demonstra minúcias da contradição de uma ordem do pensamento científico pouco adaptável ao protagonismo dos saberes periféricos. É relevante uma etapa a mais de desenvolvimento do estudo para que haja um aprofundamento nas críticas que o estruturalismo latino-americano elabora a respeito da produção científica do centro.

## Fontes

FERRER, Aldo. Distribución del ingreso y desarrollo económico. **El Trimestre Económico**, Vol. 21, No. 82(2) (Abril-Junio), pp. 141-184, 1954.

FURTADO, Celso. Formação de capital e desenvolvimento econômico. **Revista Brasileira de Economia**, setembro, Rio de Janeiro, p. 7-45, 1952.

## Referências Bibliográficas

BASTOS, C. P.; Oliveira, B. R. 2015. Revisitando o debate Nurkse-Furtado na década de 1950. **Revista de Economia Contemporânea** 24(3): p. 1-28. 2020.

BERTOLA, Luis; OCAMPO, José Antonio. **Desarrollo, Vaivenes y desigualdad: una historia económica de América Latina desde la independencia**. Ciudad de México: Fondo de cultura económica, 2013.

BLOCH, Marc. **História e Historiadores**. Lisboa: Teorema, 1998.

\_\_\_\_\_. **Os reis taumaturgos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CAPELATO, Maria Helena R. **Multidões em Cena. Propaganda Política no Varguismo e no Peronismo**. Campinas: Papyrus, 1998.

CARDOSO, Ciro Flamarion; BRIGNOLI, Héctor Pérez. **História Econômica da América Latina**. Rio de Janeiro, Graal, 1983.

D'AGUIAR, Rosa Freire. Um encontro entre Celso Furtado e Fernand Braudel. **Estudos Avançados**, 34(100), p. 279-290. Epub, 11 de novembro de 2020.

D'AGUIAR, Rosa Freire; FURTADO, Celso. **Diários Intermitentes de Celso Furtado: 1937-2012**. São Paulo: Cia. das Letras, 2019. 446 p.

D'AGUIAR, Rosa Freire; FURTADO, Celso. **Correspondência intelectual 1949-2004**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2021.

D'ARBO, Renata Cipolli. **Progresso Técnico e Subdesenvolvimento: Uma Síntese das Abordagens de Raúl Prebisch, Ragnar Nurkse e Celso Furtado nos Anos 50**. *História Econômica & História de Empresas*, São Paulo, v. VII, n.2, p. 133-164, 2004.

DETIENNE, Marcel. **Comparar o incomparável**. Aparecida: Ideias& Letras, 2004.

DEVOTO, Fernando; FAUSTO, Boris. **Argentina Brasil 1850-2000. Un Ensayo de Historia Comparada**. Buenos Aires: Ed. Sudamericana, 2009.

DONGUI, Tulio Halperin. **Historia contemporánea de América Latina**. Madrid: Editorial Alianza, 2007.

\_\_\_\_\_. "La CEPAL en su contexto histórico". **Revista de la CEPAL**, mayo de 2010. Pp. 55-76.

DOSMAN, Edgar. Los mercados y el estado en la evolución del "Manifiesto" de PREBISCH. **Revista de la Cepal**, Santiago, n. 75. p. 89-105, dezembro, 2001.

ELLIOTT, John. **El Atlántico español y el Atlántico luso: divergencias y convergencias**. Las Palmas. XX Coloquio de Historia Canario-Americana, 2012.

FERRER, Aldo. Los centros cíclicos y el desarrollo de la periferia latino americana. **El Trimestre Económico**, Vol. 17, No. 68(4) (Octubre-Diciembre), pp. 655-669.1950.

\_\_\_\_\_; Peña, Flores. 1951. Salarios reales y desarrollo economico. **El Trimestre Económico**, Vol. 18, No. 72(4) (Octubre—Diciembre), pp. 617-628,1950.

\_\_\_\_\_. **El estado y el desarrollo económico**. Editorial Raigal, Buenos Aires, 1956.

FURTADO, Celso. Características gerais da economia brasileira. **Revista Brasileira de Economia**, Março, Rio de Janeiro, p.7-37, 1950.

\_\_\_\_\_. La formación de capital y el desarrollo económico. **El trimestre económico**, septiembre, Ciudad de México, p. 88-121, 1953.

\_\_\_\_\_. **Capital formation and economics development**. International Economic Papers, Londres, p.124-144. 1954.

\_\_\_\_\_. La teoría del desarrollo en la evolución de la ciencia económica. **El trimestre económico**, septiembre, Ciudad de México, p. 438-447, 1954.

FRAGOSO, João; FLORENTINO, Manolo. "História Econômica" In: CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história. Ensaio de Teoria e metodologia**. Rio de Janeiro, Editora Campus, 1997.

GIRBAL-BLACHA, Noemí; MENDONÇA, Sonia. **Cuestiones agrarias en Argentina y Brasil. Conflictos sociales, educación y médio ambiente**. Buenos Aires, Prometeo Libros, 380 pp. ISBN 978-987-574-200-0, 2007.

\_\_\_\_\_. **Mitos, paradojas y realidades en la Argentina peronista (1946-1955): una interpretación histórica de sus decisiones político-económicas**. Bernal, Editorial Universidad Nacional de Quilmes, 2011.

\_\_\_\_\_. "La Argentina que no fue"? **Las economías regionales en la Revista de Economía Argentina**. Rosario, Prohistoria, 2018.

GRUZINSKI, Serge. **A águia e o dragão: ambições europeias e mundialização no século XVI**. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

KATTLE, Jan; REINERT, Erik S. Ragnar Nurkse (1907-2007) **Classical Development Economics and its Relevance for Today**. Anthem Press, Nova York, 2009.

NURKSE, Ragnar. Problemas da formação de capitais em países subdesenvolvidos – seis conferências do professor Ragnar Nurkse. **Revista Brasileira de Economia**, 1951.

\_\_\_\_\_. Formação de Capital e desenvolvimento econômico: notas sobre o estudo de Celso Furtado. **Revista Brasileira de Economia**, 1952.

\_\_\_\_\_. “Some international aspects of the problem of economic development”, **The American Economic Review**, vol. 42, No. 2, May, 1952

\_\_\_\_\_. **Problems of Capital Formation in Underdeveloped Countries**, Oxford, Basil Blackwell, 1953.

\_\_\_\_\_. Formación de capital y desarrollo económico: notas sobre el estudio de Furtado. **El Trimestre Económico**, Vol. 20. No. 78(2) (Abril-Junio). pp. 292-305, 1953.

\_\_\_\_\_. **Problemas de formación de capital en países insuficientemente desarrollados**. Fondo de Cultura Económica, Ciudad de México, 1955.

MALLORQUÍN, Carlos. El joven Furtado y el pensamiento económico de su época. **European Review of Latin American and Caribbean Studies**, 64, June, p.68-104, 1998.

PRADO, Maria Ligia Coelho. **América Latina: História Comparada, Histórias Conectadas, História Transnacional**. Anuário - Universidad Nacional de Rosário, v. 24, p. 9-22, 2013.

PRADO, Maria Lígia Coelho. “A revista Cadernos do Nosso Tempo e a formulação do projeto desenvolvimentista”. **Revistas en América Latina: proyectos literarios, políticos y culturales**. Editado por Regina Crespo. Ciudad de México: Ediciones León, 1 a ed, 2010.

PREBICH, Raul. **El desarrollo económico de la América Latina y algunos de sus principales problemas**. Santiago de Chile: CEPAL, 1949.

RAPOPORT, Mario. **Historia económica, política y social de la Argentina 1880-2003**. Buenos Aires: Emecé, 2005.

RIBEIRO, Vanderlei. 2008. **Cuestiones agrarias en el varguismo y el peronismo: una mirada histórica**. Bernal: Editorial Universidad Nacional de Quilmes.

ROUGIER, Marcelo. **Aldo Ferrer y sus días. Ideas, trayectoria y recuerdos de un economista.** Conversaciones. Buenos Aires: Lenguaje Claro Editora, 2014.

SILVA, Ana Paula Barcelos Ribeiro da. **Diálogos sobre a escrita da história: Brasil e Argentina (1910-1940).** Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2010.

SIKKINK, Kathryn (2009) **El proyecto desarrollista em la Argentina y Brasil: Frondizi y Kubitschek.** Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 2009.

SINGER, H. **Comercio e inversión en países poco desarrollados: distribución de las ganancias entre los países inversores y los *deudores*,** El Trimestre Económico, 17(66(2)), 232-251, 1950.

SOSA, A. J.; DIRIÉ, C. **Argentina y Brasil: industrialización, contexto internacional y relaciones bilaterales 1940-2010,** Buenos Aires, AmerSur, 2018.

VALDÉS, Eduardo Devés. (2003) **El pensamiento latinoamericano en el siglo XX.** Tomo II. Desde la CEPAL al neoliberalismo (1950-1990). Santiago, Chile: Editorial Biblos -Centro de Investigaciones Diego Barros Arana.

Recebido: 06/09/2021

Aprovado: 21/11/2022

## “O LADO HUMANO DA REFEIÇÃO”: REFLEXÕES ACERCA DA NOÇÃO DE SOBREMESA PARA O SISTEMA CULINÁRIO ANGOLANO (1960)

“THE HUMAN SIDE OF THE MEAL”: REFLECTIONS ON THE NOTION OF DESSERT IN THE ANGOLAN CULINARY SYSTEM (1960S)

Karina Ramos<sup>1</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

hr.karina@gmail.com

**Resumo:** Mediante o cruzamento entre as informações contidas nos trabalhos etnográficos *A Alimentação do Muxiluanda* (1960) de Ana de Sousa Santos e *Alimentação Regional Angolana* (1964) de Óscar Ribas, duas investigações realizadas durante o período colonial em Angola, o presente artigo tem como objetivo problematizar os limites de uma leitura eurocentrada para a compreensão das práticas alimentares realizadas em Angola. Apoiando-nos na noção de sistema culinário e, especificamente, na subcategoria de sobremesa, defende-se a existência de formas locais de se alimentar que estavam, para além do simulacro europeu e das transformações transcorridas a nível global, mais conectadas com a dinâmica do substrato sociocultural endógeno.

**Palavras-chave:** Angola; Sistema culinário; Merenda; Sobremesa.

**Abstract:** By crossing the information contained in the ethnographic works *A Alimentação do Muxiluanda* (1960) by Ana de Sousa Santos and *Alimentação Regional Angolana* (1964) by Óscar Ribas, two investigations conducted during the colonial period in Angola, the present article aims to problematize the limits of a Eurocentric reading for the understanding of food practices in Angola. Based on the notion of culinary system and, specifically, in the subcategory of dessert, we argue for the existence of local ways of eating that were, beyond the European simulacrum and the global transformations, more connected with the dynamics of the endogenous sociocultural substrate.

**Keywords:** Angola; Culinary system; Snack; Dessert.

---

<sup>1</sup> Karina Ramos é doutora em História (PUC-Rio) e chef de cozinha (SENACRJ).

## **Sobre a mesa**

Em sincronia com as transformações que atravessaram outras cidades africanas como Kinshasa e Brazaville a partir dos anos 1950, Luanda - apesar das particularidades processuais - também sentira os efeitos de uma multiplicidade de fenômenos globais que tencionavam as linhas coloniais. Para além de um fluxo migratório e circulação de produtos intensificados, paulatinamente a cidade vinha sendo integrada em uma economia de mercado na qual a lógica do assalariamento garantia a percepção de seus habitantes não mais apenas como meros trabalhadores, mas, outrossim, consumidores em potencial. Àquela altura, as cidades tornaram-se centros de treinamento das propostas de consumo global e, embora defasada pela estrutura colonial, a integração de Angola na economia-mundo apresentava os sintomas de uma forte conexão com o processo de recondução do padrão alimentar orientado por uma nova geografia industrial. Nesse sentido, a publicação de duas obras sobre alimentação angolana praticamente no mesmo ano funciona como indício da pujança do tema na década de 1960.

Não obstante o trabalho de Augusto Lira (2018, p. 18-41) tenha indicado uma forte movimentação em anos anteriores, a literatura atinente instituiu o fim da Segunda Guerra Mundial como baliza para a retomada das questões alimentares nas pautas internacionais. O recorte temporal se torna válido posto que, em paralelo, àquela altura se intensificavam as movimentações em prol da descolonização da Ásia, África e Oriente, confluência que permitiu que a alimentação das populações africanas fosse mais detidamente observada sob a ótica do consumo, perspectiva acionada mediante a reorganização da geografia industrial a nível global. Como marco desse processo, sinalizamos a realização da 1ª Conferência Interafricana de Alimentação e Nutrição em 1949, em Dschang. Encampada por uma cooperação técnica interafricana-anglo-franco-belga, a Conferência reuniu 23 delegados da Bélgica, Portugal, Reino Unido da Grã-Bretanha, União Sul Africana e da França. Contou ainda com dois observadores da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura e da Organização Mundial da Saúde.

Conforme consta no preâmbulo do relatório final, o objetivo da Conferência era o estudo aprofundado dos problemas alimentares e nutricionais nos países e

territórios africanos.<sup>2</sup> Em face de um declarado quadro de "subalimentação africana", defendia-se com urgência ações integradas com o fim de promover a melhoria da qualidade de vida e bem-estar das populações africanas. Assumindo a fisiologia como ponto de partida, compreendia-se o comportamento alimentar como um sustentável indicativo de desenvolvimento social, fator extrínseco de maior importância segundo a constituição de um biótipo. Em consonância, portanto, com o reordenamento científico a nível global, a metrópole portuguesa não deixaria de investir na promoção de investigações no domínio das Ciências Sociais, possibilitando que a antropologia e a sociologia aplicadas se comprometessem com a lógica colonial, combinatória que encontraria balizamento na criação do Centro de Estudos Políticos e Sociais (CEPS) em 1956 (ABRANTES, 2014, p. 195-218) e, assim, alicerçaria investigações sobre aspectos cotidianos de natureza sociocultural.

Deste modo, é na interface entre o contexto internacional de recondução alimentar com a promoção dos estudos sobre os fenômenos políticos e sociais nos territórios colonizados - tanto em suas regiões urbanas quanto nas rurais - que se compreende a produção de investigações dedicadas a alimentação das populações locais. Importa sinalizar que essas produções, desenvolvidas em diferentes territórios africanos, não têm recebido a devida atenção enquanto objeto de análise histórica. A título de ilustração, a Comissão Provincial de Nutrição em Angola, órgão governamental produtor de estudos sobre a alimentação local criado nos anos de 1950, é tão pouco observada quanto a Comissão Provincial de Nutrição em Moçambique, ambas administradas pelo saber colonial português. De forma global, a alimentação das populações africanas é tema apenas tangenciada pelos estudos historiográficos inscritos na área de História da África aquando o objeto de análise refere-se às relações comerciais e/ou ambientais. Muito embora, indubitavelmente, as informações neles contidas auxiliem no desenvolvimento de investigações, são ainda ínfimos os trabalhos como o de Igor Sakala (2008), debruçado de forma horizontal sobre a culinária congoleza.

Em todo caso, retomando-se ao contexto colonial português e ao eixo de análise, cabe pontuar que as investigações científicas realizadas pela ciência colonial

---

<sup>2</sup> Memórias d' África e do Oriente. Relatório final da Conferência Interafricana de Alimentação e Nutrição. In: Boletim Geral das Colônias, v. XXVI, n.º 302-303, 1950, p.55.

portuguesa não se desvincularam da lógica assimilacionista. Muito em função da insistência do governo salazarista em manter territórios não autônomos sob o título de "províncias ultramarinas" (CASTELO, 2014, p. 507-532), domínio que se garantia ideologicamente na continuidade da "missão civilizadora portuguesa", a leitura das práticas socioculturais locais ainda era, apesar das movimentações em prol da descolonização a partir dos anos 1950, orientada pelo olhar eurocêntrico. Grosso modo e em sintonia com a dicotomia de fundo evolucionista do sistema de classificação social, as práticas alimentares presentes em grande parte dos relatórios médico-nutricionais e/ou investigações de caráter sociológico e antropológico eram enquadradas como "evoluídas" ou "atrasadas", categorias que, decerto, apresentaram variações de nomenclatura, mas invariavelmente dividiam a realidade social em dois mundos, em que um, o português, paulatinamente assimilaria o outro, o africano que, assim, abandonaria suas práticas em adequação ao "o modo português" de estar no mundo.

Uma das poucas investigações minuciosamente dedicadas ao consumo alimentar cotidiano e que nos serve de fonte, *A Alimentação do Muxiluanda*, produzida no final da década de 1950, pode ser compreendida como uma das mais sintomáticas tanto da leitura assimilacionista quanto do atravessamento dos fenômenos globais com a estrutura colonial portuguesa. Apoiada pelo Instituto de Investigação Científica de Angola, a investigação corresponde à necessidade da administração colonial de aferir o grau de aceitação das novas propostas de bens de consumo alimentares por parte dos *Axiluanda*, um subgrupo étnico linguístico dos *Ambundu* que, por um lado, apresentava fortes relações de pertencimento e origem inscritas na Ilha de Luanda<sup>3</sup> e, por outro, foi construído como um grupo mais fechado à integração cultural. Atenta à integração no mercado de trabalho assalariado, a análise de Santos pretendia demonstrar que as ementas dos indivíduos pertencentes ao grupo *Axiluanda* envolvidos com as atividades laborais urbanas eram mais "aculturadas", isto é, indicavam uma "evolução" porque estavam mais próximas do padrão de consumo europeu.

---

<sup>3</sup> Para um trabalho aprofundado sobre os Axiluanda, recomenda-se CARVALHO, Ruy Duarte de. Ana a Manda, os filhos da rede. Luanda: IICT, 1989.

Já afastada do propósito de se verificar a relação entre trabalho e consumo de bens alimentares, a outra investigação que nos serve de amparo, *Alimentação Regional Angolana*, trata-se de uma recolha etnográfica encomendada pelo Centro de Informação e Turismo de Angola (CITA)<sup>4</sup> realizada por Óscar Ribas, intelectual angolano cujas obras são, majoritariamente, dedicadas à recuperação e conservação dos aspectos “tradicionais” da cultura angolana ou, ainda segundo categorias correlacionadas, da “cultura popular”.<sup>5</sup> Embora a natureza do trabalho de Ribas se diferencie da obra de Santos, o primeiro incorre na mesma perspectiva evolucionista de aculturação da segunda.

Diferentemente de Ribas, intelectual que apresenta uma recollecção histórica de iguarias inscritas em diferentes espacialidades de Angola, Santos detém sua análise sobre aquilo que era consumido cotidianamente por um grupo restrito de indivíduos, não necessariamente restritos apenas pelo pertencimento étnico, mas também pelo aspecto quantitativo e pela circunscrição ao espaço urbano de Luanda haja vista a atenção da administração perante o avanço da urbanização. Apesar das oscilações terminológicas e, outrossim, do objetivo final dos trabalhos desenvolvidos, sublinha-se que ambas as leituras admitiam que o avanço da modernidade – leia-se cultura portuguesa – sobre as práticas alimentares “tradicionais” era incontornável. Levando-se em consideração o contexto de produção e, de forma mais pontual, de publicação das obras, as trajetórias intelectuais e a relação de serviço que ambos mantinham com uma administração colonial fundamentada sobre a lógica assimilacionista, não se trata de um contrassenso ou de uma verificação inesperada.

As análises dos estudos pós-coloniais e decoloniais, cujos resultados são fundamentais para a compreensão da epistemologia eurocêntrica, nos permitem

---

<sup>4</sup> Órgão colonial criado nos anos 1960 com o irrefutável objetivo de vigilância e controle da população. É de se salientar que a intencionalidade da produção de Ribas deve ser lida a partir das estratégias discursivas do colonialismo português, em especial a justaposição entre lusotropicalismo e modernidade. Não desvinculado disto se deve ao fato de a obra ter sido encomendada pelo Centro de Informação e Turismo de Angola (CITA) em 1965. Para uma análise da obra, ver RAMOS, Karina. Sentados à mesa? A representação de identidades em Alimentação Regional Angola (1965). In: OLIVEIRA, Amália; VANZELLA, Elídio (Orgs). Alimentação e Gastronomia. Processos sociais: sistemas culinários em contexto de deslocamentos, construções de identidades, memórias e patrimônios. João Pessoa: CCTA, 2018, pp. 55-78.

<sup>5</sup> Para mais sobre a categoria, ver BARBER, Karin. A history of African Popular Culture. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

reiterar a perspectiva dual e evolucionista como núcleos desses pensamentos que, a depender de conjunturas específicas, divergem em díades variáveis. A vantagem de se cruzar as informações contidas nas investigações citadas não reside especificamente na revelação de uma leitura das práticas alimentares angolanas afinadas com a lógica do pensamento colonial. O interessante é, a contrapelo, perceber a existência de outros hábitos ou práticas alimentares que não se afiguram na divisão lógica das refeições inscrita no sistema culinário português. A problematização proposta, interessada em se ressaltar uma lógica endógena, tem como mote chamar a atenção para a incongruência de se reproduzir e projetar sobre as diferentes culturas os conceitos forjados pelo pensamento europeu que, como se verá, de forma silenciosa perpetuam e petrificam imagens que ocultam o processo dinâmico de construção de realidades - e de mesas - outras, ocultamento que se encontra na análise comparativa de Jack Goody (1995) sobre a culinária da África Ocidental.

### **Sobre o pasto**

Segundo Hernández e Arnaiz (2005), a noção de sistemas culinários traduz complexos dinâmicos e não lineares que, diretamente conectados aos processos sociais e aos significados coletivamente partilhados, delimitam as formas em que os alimentos são produzidos, distribuídos e consumidos. Porque compostos por uma multiplicidade de componentes que ultrapassariam o nosso escopo, nos deteremos sobre a estrutura da divisão das refeições e o valor conferido a um segmento específico: a sobremesa. É importante sublinhar que a ênfase analítica dada à sobremesa e não a outro segmento, deve-se a conotação hierárquica que lhe foi conferida pelo saber colonial português. Muito por influência hegemônica da gastronomia francesa, a noção de sobremesa foi concebida como uma preparação complexa historicamente vinculada ao valor simbólico conferido ao açúcar, servindo, como demonstrado por Bourdieu (2007) e Norbert Elias (1994) à distinção social das classes sociais mais abastadas, ao borde do luxo.

Não apenas diretamente associada ao sabor doce da sacarose, de forma mais flagrante após o Renascimento, a sobremesa foi concebida também como último estágio de uma refeição convencionalizada como “clássica”, na qual os comensais

poderiam, portanto, em um ápice de deleite, degustar o sentimento de reconforto. Não se pretende negar a existência e validade da construção cujo valor simbólico é historicamente irrefutável, mas de se assinalar que ela carrega valores que, não necessariamente, seriam universais em formato e conteúdo. Para o desvelo, o primeiro ponto é apreender, através da documentação, o valor conferido a sobremesa naquele contexto a partir das obras inventariadas. Muito embora sintomaticamente não instrumentalize a noção de sobremesa, ao discorrer sobre o uso de especiarias na culinária *muxiluanda* Santos (1996, p. 74) adverte de início que os *Axiluanda* eram mais inclinados aos alimentos açucarados, quer pela adição de açúcar, quer pelo uso alargado da cana.

No que se refere pontualmente a “doçaria” – termo aplicado à época –, Santos (1996, p. 74) acusa a “deficiência” técnica dos *Axiluanda* em lograr a reprodução correta dos cozinhados da culinária europeia, como as compotas e marmeladas, alcançando, entretanto, com muito “engenho” apenas “processos satisfatórios”, mas “ainda rudimentares”. Por sua vez, aquando detido sobre a descrição de determinadas iguarias, Ribas menciona a noção de sobremesa de forma categórica. Entretanto, diferentemente da forma e não do conteúdo de Santos, o etnógrafo sublinha que, primeiro, a depender do uso de determinados elementos, a iguaria poderia ser uma sobremesa de “gente evoluída” ou, ainda, “de esfera elevada”. Nota-se que, por pequenos detalhes da confecção, situados entre o uso de determinados ingredientes e técnicas, a iguaria era habilitada como sobremesa e essa habilitação, de forma automática, elevava o *status* da “mesa” e, por conseguinte, o *status* dos comensais inscritos, assim, em uma esfera sociocultural de “superioridade”.

Instrumentalizando categorias forjadas pela justaposição entre pertencimento geográfico e classe social, Ribas (1989, p. 9) adverte, no entanto, que para os “naturais das camadas populares”:

[...] a sobremesa compõe-se de jinguba torrada com milho torrado, ou jinguba torrada com bombó assado, ou quitaba com farinha e açúcar, ou mesmo com bombó ou quicuanga, etc. Quer dizer: alimentos secos, de recurso prático. Mesmo assim, nem sempre se usa a sobremesa. [...]

“Nem sempre se usa a sobremesa” sugere que, por um lado, Ribas percebia a necessidade de evidenciar a não regularidade da subdivisão e, por outro, em seu movimento hesitante de aproximação ou de tradução do hábito local a partir do sistema culinário europeu, ele reforça a instabilidade da sobremesa através da descrição dos elementos que a compõe. Ele pontua que eram alimentos de natureza seca, de recurso prático, ou seja, uma composição afastada do refinamento encontrado no doce de caju que, páginas antes, ele classificara como “sobremesa de gente evoluída” (RIBAS, 1989, p. 27). Percebe-se, portanto, a resistência da ideia de sobremesa com um preparo supostamente mais longo, detalhado e que não apenas envolvia o açúcar como ingrediente central, mas também demandava uma composição ou textura mais umedecida ou pastosa. No momento em que recobra a generalidade da análise, Ribas (1989, p. 8) contempla a divisão das refeições informando que, comumente, eram dois momentos principais de socialização da comida, a dizer, o mata-bicho (pequeno-almoço) e o almoço-jantar que era:

servido de tarde, entre as 17 e 18 horas, nos aglomerados urbanos; e à noite nos rurais, após a largada das lavras. Constitui a refeição principal, congregando todos os membros da família. Quando essa refeição se estende para a noite, intercala-se uma outra, breve - a merenda. Então, pelo meio da tarde, entre as 14 e 15 horas, petiscam-se alimentos de fácil preparação, como milho (grão ou em maçaroca), jinguba, dendê, mandioca, batata-doce, abóbora.

A atenção conferida não apenas aos segmentos, mas aos horários em que as refeições eram realizadas corresponde à justaposição entre a ideia de que a comensalidade conduziria a uma regularidade e a influência da dinâmica laboral na consolidação da divisão das refeições, medição regularmente realizada por Santos. Algo que, como demonstrado no trecho acima, dialoga com Ribas quando ele indica a “largada das lavras” como ponto referencial. Nessa mesma chave de leitura, Santos identifica dois formatos presentes na compartimentação alimentar dos *Axiluanda*: uma estruturação parelha a identificada por Ribas, em que havia o mata-bicho e o almoço-jantar, comum em famílias de pescadores, e outra, mais próxima da divisão das refeições portuguesa, em que havia o mata-bicho (café da manhã), o almoço e o jantar, orquestração comumente realizada por famílias cujo chefe de família exercia

atividades laborais “não tradicionais”, como serralheiros e estivadores, segundo Santos.

Em nenhum dos casos se encontra lugar, portanto, a rigorosidade da subdivisão proposta pelo sistema culinário europeu na qual, quer no almoço, quer no jantar, havia a sequência de entrada, prato principal e sobremesa. Entretanto, conforme apontado por Ribas no trecho em destaque, se encontrava uma refeição breve conformada por alimentos de fácil preparação como oleaginosas e cereais ou tubérculos assados ou torrados: a “merenda” que, recobrando a hesitação do autor, antes ele classificara como uma possível sobremesa dos “naturais das camadas populares”. Por sua vez, pode-se encontrar nas ementas inventariadas por Santos uma divisão, não classificável como refeição, contudo, que se aproxima do repasto apontado por Ribas: “os entreténs” (SANTOS, 1996, *passim*). Embora pareça pequena, a diferença é importante pelo significado que se pode atribuir aos termos. “Entretém” seria aquilo que está no “entre” e pode remeter a uma ideia de divertimento, algo capaz de brindar deleite e não necessariamente ao fim da refeição. “Merenda”, por das vezes chamada por Ribas de “petisqueira de merenda” seria algo que se petisca no ar, que é consumido por merecimento, que se pega com as mãos de forma rápida.<sup>6</sup>

Duas ideias que, apesar das semelhanças entre as diferenças, são completamente desconformes com a concepção de sobremesa que, ademais do já exposto, implica em estar à mesa em um tempo de degustação prolongado. Nota-se que, da mesma forma que Santos, Ribas menciona de forma recorrente o uso do açúcar, especialmente quando se debruça sobre a vaga ideia de sobremesa e a consistência da merenda. Como apontado por Claude Fischler (1990, p. 265), assenta-se como fato que o sabor doce está diretamente vinculado a ideia de prazer, tanto que, na maior parte das culturas – admite o autor –, a palavra doce se relaciona com qualidades morais, com a noção de suavidade. Consultando-se o dicionário português-*kimbundu*, uma das línguas nacionais de Angola, há essa correlação: *Kiatouala* traduz, simultaneamente, doce e suave. Nesse sentido, ao se recuperar as ponderações de Hernandez e Arnaiz (2005, p. 25), temos que o apetite humano pelo

---

<sup>6</sup> Importante assinalar que a referida análise é de minha livre interpretação, tendo por base a etimologia das palavras em questão.

sabor doce – cuja conexão se realiza por meio da composição do leite materno – não é sinônimo de consumo de açúcar e/ou pode apresentar nuances.

Eis a suavidade da leitura. Trata-se, portanto, apenas da sensação de saciedade cujo limiar é mais alto para o sabor adocicado do que em relação aos demais e essa diferença se inscreve e reinscreve ao longo das relações sociais atadas e dos valores partilhados coletivamente ao longo da produção, comercialização e consumo dos alimentos. Quando Santos faz questão de pontuar que os *Axiluanda* eram maiores consumidores de alimentos açucarados se em comparação aos luandenses é por três razões: a primeira delas tem a ver com a histórica relação de diferenciação entre os dois grupos; a segunda, na medida em que o valor simbólico do açúcar foi construído em paralelo com a ideia de ascensão sociocultural, tornava-se estrategicamente vantajoso aproximar os *Axiluanda* do consumo de açúcar que, àquela altura, vinha apresentando uma produção mais alargada também pela maior entrada de imigrantes portugueses em paralelo à expansão industrial e urbana; a terceira – entretanto, omitida pela autora – corresponde a necessidade de maior consumo de alimentos energéticos por parte dos *Axiluanda* envolvidos com a atividade da pesca. Diferentemente de outras profissões, os intervalos entre as refeições eram maiores, logo, o hábito primeiro, no sentido de anterioridade e frequência, era o de se mascar cana de açúcar.

Ainda sobre a necessidade fisiológica do ser humano por uma nota doce e a ideia de suavidade, torna-se importante mencionar que, excetuando a sacarose, os demais alimentos que compunham as merendas continham em sua composição química outras formas de encontro com o sabor doce, como as abóboras – em especial as assadas pela concentração de amido –, as batatas-doces, as mandiocas, tal como o leite em pó, àquela altura muito disseminado através da alimentação infantil – adicionado, por exemplo, na feitura da *kifufutila*. Para além disso, grande parte das refeições principais, o almoço ou o almoço-jantar, igualmente apresentavam insumos que, em papilas gustativas menos contaminadas pela sacarose, são sensível e altamente ricos em amido como o milho, feijão e a mandioca, componente que ao longo do processo de digestão é transformado em uma espécie de açúcar. Em outras palavras, a alimentação básica local realizada diariamente

continha em si níveis de açúcar satisfatórios se, como reza a ciência, o paladar humano busca o sabor doce para alcançar saciedade.

### **O que sobra**

Conforme revela as ementas de *Axiluanda*, operários, estivadores, marinheiros, serralheiros e outras profissões compreendidas como urbanas/"evoluídas", a sobremesa não se consolidou nem sequer entre a classe assalariada. Informação que matiza o poder de compra como porta para o "luxo" da sobremesa. Uma das formas em voga àquela altura para fortalecimento e incitação do consumo por sobremesas - e que conectava saberes nutricionais, os interesses da agroindustrial e, outrossim, uma prática aplicada sobre a sociedade portuguesa na metrópole - era cativar o consumo de frutas. À época, movimento estimulado desde os anos 1930, as revistas dedicadas ao público feminino ou às regras de etiqueta em Portugal casavam um doce e uma fruta na composição da sobremesa (BRAGA, 2022, p. 597). Em função das inflexões nutricionais e produção de alimentos, nos anos de 1950, a partir da França – deveras envolvida com as commodities agrícolas –, tem-se que 65% das sobremesas eram à base de frutas *in natura* (CORÓ, 2011, p. 205).

Essa estratégia passou a ser aplicada sobre as populações do centro urbano de Luanda, conforme, de um lado, mostram as seções dedicadas ao público feminino nos periódicos *A Província de Angola*, *Notícia* e *Diário de Luanda*;<sup>7</sup> e, de outro, as ementas desenhadas especialmente para a classe trabalhadora frequentadora das cantinas e refeitórios das empresas públicas e privadas de Luanda (RAMOS, 2021, p. 238). Pode-se ler essa estratégia pela ordenação da produção de alimentos a nível mundial ou, ainda por corresponder a uma reprodução das intervenções alimentares ocorridas em Portugal. Da mesma forma, a partir de uma ótica interna, a praticidade que as merendas apresentavam poderia indicar que o consumo de frutas tanto favoreceria aos interesses dos agroexportadores e dos portugueses majoritariamente detentores das horticulturas em Luanda, quanto facilitaria o assentamento da sobremesa na população angolana.

---

<sup>7</sup> Consultar, por exemplo, Revista Notícia. Luanda, n.º 257, 7 de novembro de 1964. Hemeroteca Municipal de Lisboa.

Entretanto, o estudo de Santos revelara que o consumo de frutas era restrito, excetuando-se o consumo específico da banana-pão, fruta similar em composição e versatilidade haja vista a riqueza de amido. Nesse mesmo sentido e indicando uma importante nuance alheia à lógica do sistema culinário europeu, Ribas acusa que (1989, p. 9):

Na época da fruta, é ela comida em qualquer momento. Particularmente a manga e o caju. À refeição, a banana grande, cozida ou assada quando verde e a pequena, ao natural, em estado de maturidade, serve de acompanhamento e não de sobremesa.

Ribas afirmava que a fruta era consumida em qualquer momento, pese o respeito a sazonalidade, período em que, decerto, o fruto teria um alto nível de frutose. No cesto das frutas, pontua ele, as bananas – reconhecidas por Santos – não serviam como sobremesa, mas, sim como "acompanhamento": no entretém, naquilo que, como o pão, acompanha. Curiosamente, o emprego de todas as frutas nas ementas inventariadas por Santos estava inscrito em “entreténs”. Isto é, frutas eram consumidas sob outras formas, em outros momentos e de forma incompatível com a ideia de sobremesa incitada pelo parecer europeu. Havia uma liberdade ou uma “sazonalidade” na ideia de entretém ou na ideia de merenda que não se submetia ao se sentar à mesa e esperar pelo momento da nostalgia do doce conforme rezava o sistema culinário europeu. Consonante o apontado por Ribas, as “merendas” eram estruturadas por alimentos secos e práticos como *jinguba* (amendoim) e milho torrado; *bombó* assado, abóbora assada; *kicuanga*; *kitaba*; coco com farinha de *musseque*;<sup>8</sup> mandioca assada com farinha; entre outras combinações que, embora distantes da ideia de luxo inscrita na ideia de sobremesa à europeia, revelavam a pompa do divertimento, da energia dada ao corpo, da liberdade do se comer quando se tem vontade.

Ainda que quantitativamente variadas, as combinações apresentam duas constantes que correspondem ao emprego de elementos de fácil acesso pela grande

---

<sup>8</sup> A denominação da farinha – “de musseque” – comunica a existência de um composto sociológico de Angola. Os *musseques* inicialmente correspondiam aos terrenos agrícolas arenosos afastados da orla marítima de Luanda. *Musseque* é uma grafia aportuguesada do termo em *kimbundu* constituído pelo prefixo “mu” (lugar) e pelo radical “seke” (areia). Com o crescimento e racialização geográfica da cidade, os *musseques* passaram a ser locais descuidados pelo poder público e que concentravam a maior parcela da população africana.

maioria (como mandioca, milho, *jinguba* e seus derivados); e a combinatória entre um elemento energético, um sabor adocicado e um defumado. Diferente da ideia de deleite ao fim de uma refeição principal concebido pelos parâmetros europeus, a “merenda” representaria um beliscar entre o mata-bicho e o almoço-jantar para sustentar e dar energia ao organismo. Era, portanto, racional. E, absolutamente, essa racionalidade o sentimento de satisfação ou prazer que a nota adocicada presente no sabor de uma abóbora assada, por exemplo, poderia brindar. Há nessa merenda, portanto, um procedimento, um modo de continuar a ser localizado, endógeno. As merendas configuravam costumes estabelecidos que não necessariamente se alteravam com o nível social ou intelectual dos indivíduos porque inscritas em relações sociais já estabelecidas e que garantiam a existência das comunidades.

Isso se torna patente dado que inúmeras ementas de operários apresentavam o consumo de *kitaba* e tubérculos assados ou cozidos da mesma forma que os indivíduos das “camadas populares” observados por Ribas que, cabe pontuar, não depreciavam o uso do açúcar como um dos elementos de confecção de algumas das merendas. O hábito de consumo mantinha relação direta com uma produção e uma comercialização orquestradas pelas mulheres locais, as grandes responsáveis tanto pelo conhecimento das técnicas culinárias locais, quanto pelo conhecimento secular da comercialização de alimentos (PANTOJA, 2001; OLIVEIRA, 2015; RAMOS, 2021). Interessa apontar que uma das farinhas utilizadas na composição das merendas, a *fuba de bombó*, é um derivado da mandioca que apresentava um preparo específico elaborado pelo conhecimento secular das mulheres locais que reinventavam suas técnicas em resposta às demandas do mercado tal como a farinha de *musseque* e a farinha de Malanje.

Ainda nessa dinâmica, a *jinguba* era um item de fácil acesso, energético e que necessariamente não era consumido cru, mas após um processo de torrefação. E esse procedimento, tal como aqueles pelos quais passava a mandioca, era produto de conhecimentos culinários endógenos. Altamente energética como o coco, a *jinguba* se faz presente em inúmeras preparações que acompanham as receitas de diversas merendas. Além do sabor do fumo, a torrefação confere maior durabilidade ao alimento evitando a sua oxidação e, esse saber-fazer, com o passar do tempo, se transformara em um modo de vida que se situava, como o entretém, tão no “entre”

que não demandava um momento para acontecer, que era tão circular e dinâmico quanto o movimento de comercialização realizado pelas mulheres locais. A *jinguba* torrada, nesse sentido, configura-se como uma especialidade das mulheres que a preparavam, concebendo um gosto particular ao insumo e, outrossim, conectado ao movimento da vida em diferentes sentidos e que recai sobre aquilo que se entende como comida.

É por essa razão que, tanto quanto as farinhas e o açúcar - outro componente energético -, a *jinguba* torrada compõe grande parte das receitas de merendas seja nos *musseques*, na Ilha ou no interior de Angola. Isto é, era um item de fundamental importância comercial, que fortalecia e multiplicava redes e relações e, a depender das preparações, conferia relevância social para aquelas mulheres detentoras das receitas e técnicas de preparo. A título de ilustração, posto que as receitas são inúmeras, destaca-se quatro merendas usuais encontradas nas ementas da Ilha, mas comuns aos *musseques*: *kicuerra*, *kitaba*, *kifufutila* e doce de amendoim. Respectivamente eram compostas por uma mistura farinácea de mandioca ou milho com açúcar, sal e *jinguba* torrada e macerada; pasta de *jinguba* torrada com açúcar e sal; farinha de mandioca ou milho, *jinguba* torrada com canela; doce de *jinguba* torrada com açúcar branco ou mascavo. Eram usualmente preparações que funcionavam como merenda combinadas a outras, como o casamento entre *kicuerra* e *kitaba*, e desta com a *kicuanga*.

**Figura 1:** Em sentido horário, tem-se: um prato de rodelas de batata doce frita com canela e açúcar; *kitaba* misturada; batata-doce, *kitaba* simples, *kifufutila* e ao centro a *tizana*, composição que se assemelha a canjica preparada no Brasil



Fonte: RIBAS, Óscar. Alimentação Regional Angolana. Lisboa: Ramos, Afonso & Moirta Lda, 1989 [1965].

Esta última era uma preparação também encontrada em Cabinda, um enclave angolano. E, pela complexidade das redes e relações sociais, cada uma das preparações de *kicuanga* sofria releituras que acompanham as mulheres que as preparam, conferindo pequenas, mas importantes diferenças entre as receitas, entre as mulheres e suas redes de comercialização. A das mulheres de Cabinda não levava sal, já a *kicuanga* preparada e comercializada pelas mulheres nos mercados da região do Samba, compreendendo o *musseque* Prenda, dois bairros abeirados ao centro de Luanda, levava apenas mandioca, sal e *jindungo* (pimenta). A *kicuanga* do Dande - um dos municípios da província do Bengo ao norte de Luanda - era preparada a base de *bombó*, sal e envolvida especificamente em folhas de palmeira, cujos segredos de confecção eram mantidos entre mulheres de prestígio social (SANTOS, 1996, p. 233). Todas essas preparações, com exceção do doce de amendoim, eram comercializadas nos mercados locais da cidade de Luanda e do

interior àquela altura. Eram, portanto, alimentos comercializados no movimento do mercado, no decorrer do dia. No entre.

**Figura 2:** Na foto tem-se jinguba na cápsula, com casca, sem casca, pé-de-moleque, paracuca e jinguba torrada com milho



Fonte: RIBAS, Óscar. *Alimentação Regional Angolana*. Lisboa: Ramos, Afonso & Moirta Lda, 1989 [1965].

Decerto que as imagens acima trazidas, como toda fonte histórica, demandariam uma análise mais acurada, posto que são formas de discurso inscritos em *Alimentação Regional Angola*. Talvez equilibrando a hesitação de Ribas em falar da sobremesa, nota-se na disposição da foto a necessidade de imprimir a possibilidade da sobremesa ou, no mínimo, de uma releitura adaptativa das práticas locais ao olhar europeu.<sup>9</sup> É notória a organização da cultura material, com os alimentos previstos para o entretém ou merenda dispostos em pratos arredondados – que remete a ideia de individualidade da refeição consonante ao sistema culinário

<sup>9</sup> Por ultrapassar o escopo, informa-se em nota que a edição consultada (6ª edição), em nota explicativa o autor registra uma série de desventuras no que se refere aos seus registros fotográficos. Em determinada altura, alegava o autor que, em anos anteriores a presente edição, algumas das fotos originais confeccionadas em Luanda nos anos de 1960 haviam "desaparecido". A informação pode ter a ver com a necessidade do governo colonial português de ocultar alguma imagem não enquadrada como "evoluída". Cf. RIBAS, *Alimentação Regional Angolana* Lisboa: Ramos, Afonso & Moirta Lda, 6ª edição, 1989 [1965], p. 3.

européu –, cada um deles ocupando os espaços em branco de uma mesa, deitados sobre uma toalha cuja fazenda se distancia dos tecidos africanos.

Perante o exposto, portanto, cabem algumas considerações finais que, fatalmente, não darão conta da multiplicidade de possibilidades ainda não visitadas pela historiografia dedicada a Angola. Luanda, cujas ementas de uma parcela de sua população foram analisadas por Santos, era uma cidade atravessada por múltiplos processos sociais. Tomada por uma massa de migrantes portugueses e outros migrantes africanos advindos do interior de Angola e outros países africanos como Cabo Verde e São Tomé, era uma cidade ainda reorganizada pelo avanço da urbanização e industrialização. Seus habitantes, por mais que uma parcela recolhida na Ilha, não estavam imunes aos contatos de diferentes naturezas e, nessa dinâmica, o ambiente de trabalho e as remunerações recebidas eram apenas mais dois pontos dos encontros. Invariável e irrefutavelmente, como em toda sociedade em movimento, a população local interagiu com as diferentes culturas, houve trocas, entretanto, implica não apenas, mas necessariamente na conexão com a lógica endógena e os processos sociais locais.

Não por ser um luxo, posto que comprovadamente o poder de compra não determinava em 100% as escolhas alimentares (RAMOS, 2021), mas a sobremesa parece não ter se consolidada porque, diferentemente da merenda, ela não permite a liberdade do estar, não contempla a possibilidade da continuidade, do se sustentar. Além disso, os alimentos da composição dos entreténs eram secularmente produzidos e comercializados pelas mulheres locais, ponto que nos comunica sobre a dinâmica de um sistema culinário. Segundo Simmel (2004), um dos sociólogos cuja teoria da socialização e comensalidade é um dos mais basilares para as análises sobre Antropologia e Sociologia da Alimentação, assevera que, enquanto um ente, a refeição fala sobre integração social. Nesse sentido, a sobremesa seria o prolongamento do estar junto e, em um momento de comunhão em que todos se observam, haveria o encontro com o prazer, o sabor doce.

Em todas as famílias, quer as visitadas por Santos, quer por Ribas, havia a refeição principal em que todos os membros estavam juntos à volta de um prato de *funje de bombó*, um alimento a base de mandioca fermentada. Em outros termos, um tubérculo rico em carboidrato complexo com alta quantidade de amido resistente

que libera glicose de forma gradual e prolonga a sensação de saciedade. Racionalmente, o doce do açúcar de uma sobremesa se desloca. Isto para dizer que, primeiro, havia a ingestão de alimentos que brindavam o sabor doce e a sensação de saciedade; segundo, havia socialização, comunhão e eram prolongadas independentemente da sobremesa; terceiro, muitas das merendas continham açúcar, composições adocicadas em que, muitas vezes, incluíam leite em pó e leite condensado, ingredientes presentes em Luanda desde 1920. Alimentos promovidos pela imprensa colonial, conectados ao consumo mundial, entretanto, também aos alimentos locais que eram comercializados e confeccionados pelas mulheres de Angola.

Os alimentos da merenda, além de secularmente inscritos no paladar local – considerando-se todo o território –, eram ainda na década de 1960 produzidos por mulheres e, quer Luanda, quer Angola dependia da atividade feminina, em especial a comercial. Com isso não se pretende dizer que o sistema culinário angolano não tenha admitido a sobremesa em absoluto. Pretende-se atentar apenas para a existência de outras formas e da perenidade da merenda ou do entretém haja vista sua conexão mais acurada com os processos socioculturais locais e o ser / estar de uma população que, desde Luanda, se fazia urbana a seu molde. Se, como dito pela francesa Joanne Chen (*apud* SAINT JEVIN; VALLERI, 2006, p. 87), a sobremesa “é o lado humano da refeição”, a merenda também é. Nesse sentido, portanto, mereceria - tal como outros inúmeros fenômenos alimentares - ser estudada com mais rigor para que os estudos sobre os sistemas culinários angolano e os demais africanos avancem e possibilitem o encontro de similaridades que habilitem futuras abordagens comparadas de fundo decolonial.

### **Referências bibliográficas**

ABRANTES, Carla Susana. Repertórios do conhecimento em disputa: trabalhadores indígenas e agricultores no colonialismo português em Angola, 1950. **Anuário Antropológico**, Brasília, v. 39, n.º 1, pp. 195-218, 2014.

BARBER, Karin. **A history of African Popular Culture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

BRAGA, Isabel. **Culinária e etiqueta em Portugal nos anos 30: as propostas de Estela Brandão**. Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 591-610, 2022.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2007.

CARVALHO, Ruy Duarte de. **Ana a Manda, os filhos da rede**. Luanda: IICT, 1989.

CASTELO, Cláudia. "Novos Brasis" em África. Desenvolvimento e colonialismo português tardio. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 30, n.º 53, mai-ago, 2014, pp. 507-532.

CORÓ, Giana. A sobremesa francesa dos anos 1950: evolução, consumo e patrimônio. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n.º. 54, jan./jun. pp. 193-226, 2011.

ELIAS, N. **O processo civilizador: Uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., v. I, 1994.

FISCHLER, Claude. **L'Homnivore**. Paris: Éditions Odile Jacob, 1990.

GOODY, Jack. **Cocina, cuisine y clase**. Estudio de sociología comparada. Barcelona: Gedisa, 1995.

HERNANDEZ, Jesus C.; ARNAIZ, Mabel G. **Alimentación y cultura – Perspectivas Antropológicas**. Barcelona: Ariel, 2005.

LIRA, Augusto. Aforismo da autonomia: a trajetória de John BoydOrr na América e as campanhas de criação do Food and Agriculture organization of the United Nations (FAO). **Faces de Clio - Revista discente do Programa de Pós-graduação em História**, Juiz de Fora, v. 4, n.º 7, jan-jun, pp. 18-41, 2018.

OLIVEIRA, Vanessa. Gender, Foodstuff production and Trade in Late-Eighteenth Century Luanda. **African Economic History**, Madison, v. 43, pp. 57-81, 2015.

PANTOJA, Selma. Conexões e identidades de gênero no caso Brasil e Angola, Séculos XVIII-XIX. **X Congresso Internacional Cultura, Poder e Tecnologia: África e Ásia face à Globalização. X Congresso ALADAA**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, vol, 1, 2001.

RAMOS, Karina. **Kuzumbuca: panelas sem tampas: territorialidades, experiências sociais e trocas culturais do consumo alimentar em Luanda (1949-1973)**. (Tese) Doutorado em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2021.

\_\_\_\_\_. Sentados à mesa? A representação de identidades em Alimentação Regional Angola (1965). *In*: OLIVEIRA, Amália; VANZELLA, Elídio (Orgs). **Alimentação e Gastronomia**. Processos sociais: sistemas culinários em contexto de

deslocamentos, construções de identidades, memórias e patrimônios. João Pessoa: CCTA, 2018, pp. 55-78.

RIBAS, Óscar. **Alimentação Regional Angolana**. 6ª edição. Lisboa: Ramos, Afonso & Moirta Lda, 1989 [1965].

SAKALA, Igor Roger Matonda. Histoire de la cuisine urbaine congolaise: cas de la ville de Kinshasa (1920-1990). **Memoire On line**. Kinshasa: 2008.

SANTOS, Ana de Sousa. **A Alimentação do Muxiluanda**. "Cooperação Portuguesa"/Embaixada de Portugal em Luanda, 1996 [1959/1960].

SAINT JEVIN, Laurence; VALERI, Sandra. **Les français et la gourmandise**. TNS – Sofres, abril, 2006.

SIMMEL, Georg. Sociologia da refeição. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 1, n.º 33, pp. 159-166, 2004.

TEMPASS, Martín. Os grupos indígenas e os doces brasileiros. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 2, n.º 2, jul./dez., pp. 98-114, 2008.

**Recebido:** 22/07/2022  
**Aprovado:** 07/11/2022

## HUMOR, COMPORTAMENTO E CULTURA POLÍTICA NA NOVA REPÚBLICA: A REVISTA "CHICLETE COM BANANA"

HUMOR, BEHAVIOR AND POLITICAL CULTURE IN THE NEW REPUBLIC: THE MAGAZINE "CHICLETE COM BANANA"

Marcio José Melo Malta<sup>1</sup>

Universidade Federal Fluminense (INEST/UFF)

malta.marcio@gmail.com

**Resumo:** O objetivo do presente trabalho é acompanhar as origens da revista *Chiclete com Banana*, publicação que teve início em São Paulo, na segunda metade dos anos 80 do século XX. Com ampla repercussão nacional, evidenciada pelo número de vendas em banca de jornal, de assinaturas e comercialização de produtos o veículo de comunicação. A revista foi um marco no gênero da produção de histórias em quadrinhos brasileira, influenciando toda uma geração de leitores e de cartunistas até os dias atuais, sendo alvo de diversas reimpressões e lançamentos de coletâneas com o material produzido à época. A revista teve duração estendida até meados dos anos 90, porém o recorte adotado neste trabalho visa analisar o momento da redemocratização e o sentimento de uma geração em relação às mudanças que estavam em processamento. Em termos metodológicos, serão trabalhadas diversas coletâneas da revista. O aporte teórico, por sua vez será constituído de autores das ciências sociais que se debruçaram não só sobre o contexto histórico e o tema em questão, mas ainda aqueles que discorreram em suas publicações acerca do fenômeno designado como pós-modernismo e suas imbricações com o modernismo.

**Palavras-chave:** Humor; Histórias em Quadrinhos; Política.

**Abstract:** The purpose of this paper is to analyze the political behavior expressed in the second half of the 1980s in Brazil. The historical period known as the New Republic and the objective is to investigate a political culture through the analysis of the humor magazine "Chiclete com Banana". Comparisons are made with the type of humor that occurs during the fight against dictatorship, notably through the newspaper "O Pasquim" and its collaborators. The epoch is characterized by redemocratization, a period in which the humor of behavior produced forces, having emptied the collective political perspective in favor of a draw more concerned with individual and psychological nuances. A central proposal is to map the production of a new kind of political imaginary, detached from the commitment of awareness, valuing a change of costume in favor of a liberalization in personal postures.

**Keywords:** Humour; Comics; Politics.

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciência Política e cartunista, assinando sob o pseudônimo de Nico.

## **Introdução:**

O objetivo do presente trabalho é acompanhar as origens da revista *Chiclete com Banana*, publicação que teve início em São Paulo, na segunda metade dos anos 80 do século XX. Com ampla repercussão nacional, evidenciada pelo número de vendas em banca de jornal, de assinaturas e comercialização de produtos o veículo de comunicação foi um marco no gênero da produção de histórias em quadrinhos brasileira, influenciando toda uma geração de leitores e de cartunistas até os dias atuais, sendo alvo de diversas reimpressões e lançamentos de coletâneas com o material produzido à época.

A revista teve uma duração estendida até meados dos anos 90, porém o recorte adotado neste trabalho visa analisar o momento da redemocratização e o sentimento de uma geração em relação às mudanças que estavam em processamento. Em termos metodológicos, serão trabalhadas as coletâneas "Antologia Chiclete com Banana", números 1 e 2, editadas pela Devir no ano de 2000 e o número 1 de uma nova edição de 2007, da mesma editora, acrescida do selo Nova Sampa. Além disso também será utilizado o álbum "Mara Tara Oliveira Junky e outras histórias de Angeli", coletânea de histórias de 1990, lançado pela chancela da parceria entre as editoras Brasiliense e o selo Circo.

O aporte teórico, por sua vez será constituído de autores que se debruçaram não só sobre o contexto histórico e o tema em questão, mas ainda aqueles que discorreram em suas publicações acerca do fenômeno designado como pós-modernismo.

Cabe destacar que o trabalho é uma espécie de prolongamento da pesquisa anterior do autor, a tese de doutorado "Um desenho da transição, a estratégia de redemocratização do cartunista Henfil através das Cartas da Mãe", que percorreu através da produção do Cartunista Henfil e suas "Cartas da mãe" o período da redemocratização.<sup>2</sup> O ano símbolo de tal estudo foi 1984, onde foi votada a emenda Dante de Oliveira, que caso tivesse sido aprovada, restauraria o voto direto no Brasil. A revista "Chiclete com Banana" surge exatamente no ano seguinte.

---

<sup>2</sup> A referida tese de doutorado foi publicada em formato de livro. Cf.: *Diretas Jaz: o cartunista Henfil e a redemocratização através das Cartas da Mãe*. Niterói, Muiraquitã, 2012.

O cenário político do momento de lançamento da revista “Chiclete com Banana” é o da “Nova República”. A segunda metade da década de 80 assinala o período de transição do fim da ditadura para a democracia, ou redemocratização, de acordo com a terminologia adotada e será melhor desenvolvido ao longo do trabalho.

Além da introdução, a estrutura do trabalho contempla uma seção de apresentação da revista Chiclete com Banana, que contempla a apresentação dos principais colaboradores da publicação, bem como um olhar sobre a vida pregressa desses artistas. Em um item posterior são utilizados referenciais teóricos que auxiliam a compreender o fenômeno em questão, assim como um debate específico acerca do humor e seu significado. A penúltima seção, que antecede as considerações finais, reflete sobre o conservadorismo do cartunista Angeli acerca de questões de gênero e classe.

Além das contribuições teóricas já explanadas, em termos de metodologia, o trabalho irá utilizar como base principal uma série de reedições da revista “Chiclete com Banana” publicadas a partir do ano 2000.

### **A revista “Chiclete com Banana”:**

O sugestivo título “Chiclete com Banana” foi pautado na música homônima composta por Gordurinha e Almira Castilho, gravada por Jackson do Pandeiro em 1950 e regrava em 1972 por Gilberto Gil. Talvez essa referência mais próxima tenha influenciado de sobremaneira na decisão do batismo. Independente de onde veio a inspiração, o objetivo inequívoco dos editores seria a fusão de elementos brasileiros e norte-americanos, tal qual uma antropofagia *a la* Semana da Arte Moderna de 1922.

A mescla com elementos dos Estados Unidos surge desde o primeiro número da revista, datado de outubro de 1985, com o editorial intitulado “A quebrada da esquina”, o editorial do primeiro número traz um quadro onde é estampado um incauto Pato Donald, personagem do norte-americano Walt Disney prestes a virar a esquina de uma rua mal-iluminada. A sua espreita estão, prontos para a agressão, dentre outras figuras mal-encaradas, o anarco-punk Bob-Cuspe.

A ideia de "dar um pau" em uma figura da Disney não era exatamente nova, afinal Henfil por intermédio de sua turma da caatinga já sequestrara o milionário Tio Patinhas em uma de suas histórias em quadrinhos publicadas na revista "Fradim".

Abaixo da figura mencionada consta o seguinte texto, que funciona como uma apresentação, ou editorial, da revista:

O ser humano é meio panaca mesmo. Alguns engolem fogo, outros escalam o monte Everest, outros ainda deitam em cama de prego; e nós resolvemos fazer um gibi – ou seria revista? – de galhofa para galhofeiros. Dois pontos, entre outros, são difíceis nesta façanha editorial: primeiro, concorrer com o pato idiota aí de cima; e segundo, fazer galhofa num país onde ultimamente todo mundo se leva muito a sério. Não! Não vamos encher seu saco narrando as desventuras do desenhista nacional contra um bando de patos afeminados e não assumidos, pois você não comprou essa revista – ou seria gibi? – para ouvir lamúrias, e nem vamos derrubar o governo da Cisjordânia, se é que lá tem governo. Queremos com esse gibi – ou seria revista? – apenas beliscar a bunda do ser humano pra ver se a besta acorda (Antologia Chiclete com Banana, 2007, p.4).

Apesar de possuir outros colaboradores, como o desenhista gaúcho Adão Iturrusgarai e o paulista Luis Gê, sem dúvida os principais "construtores" da publicação e seu carro-chefe foram os cartunistas Angeli, Laerte e Glauco, capitaneados pelo editor Toninho Mendes, espécie de *factotum* que até hoje é o responsável pelas republicações, inclusive das já citadas antologias que servirão como base para o presente trabalho.

O cartunista Angeli sempre esteve à frente da revista "Chiclete com Banana", podendo se dizer que o mesmo era o "cabeça" da revista. Na apresentação da coletânea de histórias "Mara Tara Oliveira Junky e outras histórias de Angeli", o artista é apresentado como:

Um ser urbano radical que nasceu na cidade de São Paulo, às margens do rio Tietê, na manhã de 31 de agosto de 56. Deu virgem com ascendente virgem. Metódico, cabeça dura e detalhista, um macaco no horóscopo chinês, que vira lobo depois da meia-noite. Libertário convicto, rollingstoneano assumido e fetichista irrecuperável, tem vivido na contravenção desde 1970 quando publicou seu primeiro desenho na revista "Senhor"; de lá pra cá não parou mais de injetar nanquim na veia e fumar guache branco. Um

camaleão com memória de elefante, atravessou o delírio Hippie, raspou na militância política, berrou com o punk rock, casou-se duas vezes, tem dois filhos, trabalhou na imprensa underground, fixou residência nos grandes jornais, transitou pelas revistas pornográficas, pelas literárias e acabou chegando sem grandes escoriações ao ano de 85 quando, junto com a "Circo Editorial", lançou a revista "Chiclete com Banana", botando assim o pé no acelerador do quadrinho nacional, teve alguns casos de polícia, vários amores mal resolvidos e uma infinidade de fantasias não realizadas (ANGELI,1990, p.2).

Abaixo do texto uma foto performática e iconoclasta de Angeli simulando um Harakiri. Sendo que nas fotos da época geralmente o artista se encontrava vestido com indumentárias que remetem à temática punk, como uma calça de couro preta. Boa parte das posturas do artista na época podem ser creditadas justamente à filosofia punk em seu comportamento, inclusive a rejeição à política tradicional.

Na apresentação do primeiro número - de dezesseis fascículos - da antologia "Chiclete com Banana", provavelmente a encargo do citado Toninho Mendes, o título é sintomático da proposta do presente trabalho: "humor também é história" (Antologia Chiclete com Banana, número1-2007, contra-capas). Segundo o texto, foram vendidos mais de três milhões de exemplares da revista ao longo de sua duração, em um total de mais de 2.300 páginas, ainda segundo a fonte. Segundo a sua definição, a revista se caracterizaria por um: "(...) humor corrosivo, cínico, anarquista e transgressor sobre as décadas de 1980 e 1990"(Antologia Chiclete com Banana, número 1-2007, contra-capas).

Em seguida, é feita a devida contextualização do momento histórico, quando é assinalado que:

o número 1 de "Chiclete com Banana" foi às bancas em outubro de 1985, quando entrou em cena a chamada Nova República. Depois de 21 anos de ditadura, os generais trocavam a farda pelo pijama. Cambaleante, o país tentava respirar. Em suas 24 edições, a revista presenciou a volta das eleições diretas, o recuo da sacanagem por causa da aids, a inflação delirante, o movimento punk, o congelamento de preços, o modismo new wave e, por incrível que pareça, quatro moedas circulantes: o cruzado, o cruzado novo, a URV e o real (Antologia Chiclete com Banana, número 1-2007, contra-capas).

Uma das antologias de "Chiclete com Banana" tinha como alvo o público de Portugal, tendo sido impressa em Lisboa. Segundo o editorial do número um desta série a revista teve 24 edições normais e sete números especiais que, ainda segundo o texto, venderam mais de quatro milhões de exemplares em seu período de existência. A ressalva que deve ser feita é o parâmetro para a contagem desta circulação, pois o próprio editorial traz algumas datas imprecisas. As contribuições humorísticas de Angeli e Laerte são apresentadas aos patrícios como "adulto irreverente e corrosivo", com o predomínio da crítica de costumes. O cerne das questões está voltado, portanto, à dimensões pessoais, sendo que mesmo estas possuem a sua dose de política, ainda que em um plano micro do cotidiano como será explorado amiúde no momento oportuno.

### **Uma breve apresentação dos principais colaboradores da revista**

Nascido em 1956 no bairro da Casa Verde, em São Paulo, Arnaldo Angeli Filho não concluiu seus estudos. Na juventude seguiu a orientação punk e trabalhou como "oficce-boy". Com marcante influência do quadrinista norte-americano Robert Crumb, sua temática sempre flertou com o submundo paulistano, das noites em bar e seus tipos esquisitos. Começou a publicar aos 14 anos na extinta revista "Senhor" e passou a colaborar com o jornal "Folha de São Paulo" em 1973, mesmo ano que criou juntamente com Laerte e Glauco a série de sucesso "Los três amigos". No livro "Caricaturistas Brasileiros", Angeli foi apontado pelo autor como "talvez o artista mais completo de uma geração brilhante de caricaturistas ativos em São Paulo" (Lago, 1999, p.204).

Já Laerte Coutinho, o mais velho da trupe, nasceu em 1951, também em São Paulo. cursou a Escola de Comunicações culturais da USP, com ingresso em 1969. Mesmo não tendo se formado, a experiência universitária foi decisiva, pois ali iniciou suas publicações, conjuntamente com Luis Gê, que viria a colaborar de forma bissexta na "Chiclete com Banana" e com o qual Laerte fundaria a revista "Circo". Contribuiu para o movimento sindical, criando personagens emblemáticos da classe trabalhadora do ABC paulista, tal como o boneco João Ferrador, que tinha por

bordão um clássico "hoje num tô bom".<sup>3</sup> Publica há algumas décadas no jornal "Folha de São Paulo", onde desenvolveu sua série de maior sucesso, "Os Piratas do tietê", que se transformou em revista de expressão na década de 90.

De todos, o humor de Laerte na revista *Chiclete com Banana* era o mais lírico, beirando por vezes o *nonsense*. Como exemplo de tal conduta, pode ser citada a história denominada "Fernando Pessoa encontra os Piratas do tietê". O cartunista abordava as questões de maneira mais sutil, tendo o traço mais técnico e aprimorado como um de seus maiores trunfos. A sutileza de Laerte era inclusive ironizada pelos outros personagens da série *Los 3 amigos*. A conduta sexual do personagem Laérton dava indícios inclusive da bissexualidade que seria assumida anos depois em entrevista à revista *Caros Amigos* do ano de 2004, que tinha como chamada "Em entrevista risonha e franca, Laerte solta a franga".

No quesito gráfico, suas obras podem ser consideradas mais limpas e com ricos cenários detalhados. O desenhista dialoga com o mundo fantástico, como em uma hq (história em quadrinhos) em que um jovem contracena com diversas fadas ao longo de uma noite. Ao contrário de Angeli, não tinha um humor pé na porta e ácido, como o do colega.

Glauco Villas Boas, nascido em 1957 no município de Jandaia do Sul, Paraná, ganhou diversos prêmios em salões de humor na década de 70. Merece destaque suas contribuições para o Salão Internacional de Humor de Piracicaba, principal evento da área, onde ano após ano Glauco fazia "dobradinhas" com Laerte na seção de vencedores. Chegou a ilustrar o cartaz da competição de 1979, com um cartum onde um passarinho olhava desconfiado na porta aberta da gaiola. No início seu humor era menos escrachado e convidava mais a reflexão. Com o passar dos anos, foi soltando a sua verve e partiu para o desenho de humor erótico, tendo no personagem Geraldão sua cria de maior sucesso, que também foi transformado em revista de êxito editorial.

## **Os antecedentes dos principais artistas**

---

<sup>3</sup> A figura de João Ferrador ganhou bastante fama estampando camisetas que eram utilizadas pelo então sindicalista Luiz Inácio Lula da Silva, que veio a se tornar presidente da república em 2003.

Os artistas em tela tiveram como uma das principais influências o cartunista Henfil, chegando a morar na casa do mesmo em São Paulo. Angeli colaborava com a Oboré, uma cooperativa do campo da comunicação social alternativa, para publicações sindicais. As contribuições se davam de maneira voluntária, sem qualquer tipo de remuneração. Por diversas vezes a trinca Henfil, Laerte e Angeli desenhava quadrinhos em conjunto para a luta dos trabalhadores:

Acontecia de um só cartum ter pincelada de vários autores. Angeli, que tinha o traço mais pesado, desenhava o patrão; Henfil imprimia leveza ao movimento das multidões; e Laerte compunha o cenário ou repartia com Henfil os operários. 'Isso tudo era gratificante para nós que ainda tínhamos o desenho formatado. Henfil dava toques precisos, orientava (MORAES, 1996, p. 292).

Os cartunistas Glauco, Laerte, Angeli e Nilson moravam no apartamento de Henfil, situado na rua Itacolomi, em São Paulo. A casa foi definida por Dênis de Moraes como uma "usina de criatividade" (*Idem, ibid*, 303). A relação de Angeli com Henfil, porém vinha de tempos mais longínquos, quando o desenhista paulista viajou até o Rio de Janeiro para mostrar alguns de seus cartuns na redação do semanário "O Pasquim". Foi bem recebido por Henfil, que o dedicou atenção e a recomendação de publicação no jornal, o que de fato aconteceu.

Interessante notar que dos quatro cartunistas que co-habitaram a "república" comandada por Henfil, apenas o mineiro Nilson permanece colaborando com a imprensa sindical até os dias de hoje.<sup>4</sup>

Glauco e Angeli publicavam suas tiras no jornal "Folha de São Paulo", enquanto Laerte trabalhava para a "Gazeta Mercantil" e militava no PCB (Partido Comunista Brasileiro) nas horas vagas.

Desentendimentos pessoais acabaram por afastar Angeli e Henfil no final dos anos 70. Em termos políticos, a querela se deu pelo fato do primeiro defender a posição dos tropicalistas de negociação com a Ditadura e um discurso mais amansado, enquanto Henfil alimentava uma briga aberta com os expoentes daquele movimento, principalmente a figura de Caetano Veloso. Sobre as rugas, o curta-

---

<sup>4</sup> A respeito da trajetória do cartunista Nilson, cf. o artigo "Desventuras no convés", de Márcio Malta, publicado no número 86 da Revista de História da Biblioteca Nacional.

metragem "Cartas da Mãe" traz uma boa dimensão da questão através de um depoimento de Angeli.

Outra boa coordenada para a exata compreensão da briga que separou cria e a rebelde criatura encontra-se mais uma vez em Dênis de Moraes:

Os dois colidiram na esfera do humor. Com a abertura, o cartum de Angeli enveredou pela crítica de comportamento - tendência que se tornaria hegemônica nos quadrinhos dos anos 80. Henfil discordou dessa guinada, chegando a escrever no 'Pasquim' a famosa frase: 'esse tipo de humor serve à direita (MORAES, 1996, p. 345).

Depois do desentendimento com Henfil é visível a mudança de rumos na produção dos desenhistas. O conteúdo do humor passará a ser mais pessoal e menos voltado para as grandes estruturas. Tal movimentação será melhor descrita no item a seguir.

### **Micro-política e esgotamento das energias utópicas: a migração para o desenho de costumes**

O sentimento de incerteza dava a tônica na produção da publicação. O Brasil estava fazendo um voo para outro momento político, mas o cenário era de insegurança. Seja pela conjuntura econômica, ou pela mudança dos costumes, a revista reflete o momento de catarse e fim das utopias ensejado pela década de 80. Tal leque de acontecimentos influenciará e muito a produção dos cartunistas em tela.

Na arena política, os atores fundamentais em questão eram os partidos e os movimentos sociais. A luta que se travava era qual o setor conseguiria ditar os rumos da constituinte. Por um lado, um setor mais progressista e de outro grupos mais conservadores que tentavam frear a todo custo a agenda de mudanças que o Brasil há tanto necessitava. Apenas a título de exemplo, podem ser citados a questão da reforma agrária e o modelo de gestão da educação pública a ser adotado na nova Constituição que se desenhava.

No plano da sociedade civil de forma mais ampla, o que se assiste é o desenho de uma nova cultura política, onde atores não tradicionais e por fora do Estado conseguem impor as suas concepções de mundo. Nesse sentido podem ser citados o

campo da música de massa, como o caso do *rock n' roll* brasileiro, que com a explosão de novas bandas ganhou força na década analisada, assim como o exemplo mais óbvio dos desenhistas de humor aqui estudados, que conseguiam através da comunicação de massa formar consciências sintonizadas com as suas formas de pensar e agir.

Cumpra destacar também que muitas das vezes os dois planos acima mencionados, do *rock n' roll* e dos quadrinistas, irão se entrecruzar. Como será visto, alguns dos personagens da “Chiclete” são representados a partir da identidade roqueira dos jovens urbanos, como no caso do Bob Cuspe e da tiete RitaPop.

A juventude da geração dos anos 80 possuía uma nova maneira de enxergar o mundo, o que muitas vezes acabou por servir como o motivo para as faíscas com os mais velhos, afinal eram formas de interpretação da vida radicalmente diferentes da de seus pais, por exemplo. O consumo, ou a tentativa de, diante da crise que irá abater o país, sem dúvida foi um dos elos mais fortes da expressão juvenil. Não só no Brasil, como no mundo.

Em “A Condição Pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural”, de 1989, o geógrafo David Harvey aponta para uma série de mudanças ocorrida no período ensejado:

Se houve alguma transformação na economia política do capitalismo do final do século XX, cabe-nos estabelecer qual profunda e fundamental pode ter sido a mudança. São abundantes os sinais e marcas de modificações radicais em processos de trabalho, hábitos de consumo, configurações geográficas e geopolíticas, poderes e práticas do Estado, etc. (HARVEY, 2008, 117).

O transcorrer da mudança estava em processo não só de uma maneira mais estrutural, internacional, mas alguns acontecimentos brasileiros da época podem ser resgatados por serem significativos, como por exemplo a preponderância do debate econômico, que envolvia termos como inflação, dívida externa e moratória. O peso dos planos econômicos e as infundáveis variedades de “cruzados” engendrados nos anos seguintes, durante o governo do presidente da república José Sarney, irão influenciar os rumos da vida de milhões de pessoas. Por algumas vezes figuras como Paulo Maluf, que fora, dentre outros cargos, governador de São Paulo

e o próprio Sarney irão estreitar algumas das peças de humor produzidas por Angeli e sendo retratados até mesmo em capas da revista “Chiclete com Banana”.

O que estava em questão é a compreensão de que os problemas vivenciados em um cenário onde os militares estavam no poder, e a agenda da esfera pública em um ambiente democrático – mesmo que muitas das vezes personalidades e problemas sejam os mesmos – são necessariamente diversos.

O sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, definiu com precisão o momento político:

O fim da forma de dominação autoritária, chamada agora de Velha República, abriu caminho para uma nova fase de dominação política liberal, a Nova República. Esse foi o caminho brasileiro de transição política da “ditadura” para uma proposta de regime Liberal-Democrático. A Nova República, no entanto, celebrou seus primeiros passos sepultando seu ator principal, Tancredo Neves. O vice-presidente da Nova República representaria a continuidade da Velha e teria de encarnar agora toda a esperança democrática dentro dos limites de uma aliança liberal que nasceu órfã (SOUZA, 2012, p. 39).

Outro autor que também descreveu o período foi Florestan Fernandes, subindo um tom nas críticas, como era de seu perfil, o sociólogo assim definiu o momento:

A situação de fato, que se criou por iniciativa do governo Sarney, endossada por deputados e senadores pouco atentos ao caráter representativo de sua relação com o corpo de cidadão, exige agora que se pense em como atenuar os efeitos desastrosos de mais essa conciliação (e traição) pelo alto. Em si mesma, a iniciativa traduz as obrigações e os objetivos do pacto conservador, que levou ao Colégio Eleitoral, à eleição de Tancredo Neves e à ascensão à Presidência do grão-vizir civil da ditadura. (...) o Congresso está firmemente empenhado nessa forma de transição e, portanto, na desmobilização do Povo na construção da democracia (FERNANDES, 2007, p. 62).

Como afirmou Florestan, o que se assistiu foi um esvaziamento das ruas e uma nova pauta de contornos mais individuais e liberais passou a engendrar o debate principal na sociedade. Entraram em cena as reivindicações de caráter menos classista laboral e uma série de temas antes não trabalhados – ou no máximo relegados a um segundo plano – como a luta por uma preservação do meio ambiente, o debate sobre o gênero e a sexualidade, assim como outras formas de resistência

que não passavam necessariamente pelos mecanismos tradicionais, como os partidos políticos, sindicatos, ou associações, passaram a ter uma força motriz na sociedade civil.

O desbunde, ou seja, o abandono de perspectivas de transformação e a estratégia de erigir a dúvida como categoria suprema são elementos que podem ser vislumbrados no já aludido editorial da revista “Chiclete com Banana” número um e servem como um sintoma da época.

A dificuldade de análise é assim dificultada, pois afinal não são apenas atores coletivos, mas uma gama enorme e difusa de indivíduos que com a sua produção conseguem atingir um número expressivo de pessoas. A revista “Chiclete com Banana” pode ser enxergada como cumprindo um papel de vanguarda na formação de mentalidades.

Segundo Lukács no livro “Arte e Sociedade”, existiria uma “unidade dialética” que resumiria a tensão ente sociedade e indivíduo. De acordo com o autor “(...) a atividade humana forma a sociedade e o movimento objetivo da sociedade só se efetiva mediante os indivíduos” (LUKÁCS, 2011, p. 36).

Outro autor que aponta para o arco de articulações que compõe a relação entre indivíduo e sociedade é Norbert Elias, que no ensaio “A Sociedade dos Indivíduos” apontou para a forte associação entre a noção de pessoa e de sociedade: “A história é sempre história de uma sociedade, mas, sem a menor dúvida, de uma sociedade de indivíduos” (ELIAS, 2009, p. 45).

Um tema central para se compreender o escopo da revista “Chiclete com Banana” e a sua importância é a análise da categoria humor. Nesse tocante, um conjunto de autores que se debruçaram sobre o tema será arrolado a seguir, visando jogar luz sobre este ponto.

Gilles Deleuze em “Lógica do Sentido” apresenta o humor como uma “estranha inspiração, é preciso saber descer” (DELEUZE, 2009, p. 138). Os quadrinhos de “Chiclete com Banana”, fazem esse movimento de descida, em oposição à ascensão que Platão propunha e foi debatida na produção em tela de Deleuze. Tal movimento deveria ir “até ao fundo dos corpos” (DELEUZE, 2009, p. 138). Afinal, como assevera o filósofo o humor seria “o absurdo como sem-

significação” (DELEUZE, 2009, p.1 38). Uma espécie de “trituração e destruição” (DELEUZE, 2009, p. 138) em suas palavras.

A falta de seriedade, uma das marcas de “Chiclete com Banana”, seria um dos principais elementos do humor. Luiz Guilherme Sodré Teixeira apreendeu o fenômeno ao definir o humor como “Desse traço de humor – discursos sem razão que expressam verdades desprovidas de seriedade – começa, propriamente, seu universo de apropriação crítica e humorística do sujeito, do real e da relação que mantêm entre si” (TEIXEIRA, 2005, p. 24).

Os tipos criados na revista “Chiclete com Banana” são alternativos, fazem parte de um submundo. O humor se dá justamente pela inversão. Ao observamos uma miríade de personagens que rastejam por bares sujos, se colocam contra o sistema, se dá um processo de inversão, onde o riso é produzido justamente pela lógica contrária do cotidiano vestuto dos figurões da política, entrando em cena figuras como um punk, ou um militante subversivo. Como afirmou Bergson em sua obra “O riso: ensaio sobre a significação do cômico”, o humor é construído da alteração de papéis: “Assim é que nos rimos do acusado que dá lição de moral ao juiz, da criança que pretende ensinar aos pais, enfim, do que acabamos de classificar como ‘mundo às avessas’” (BERGSON, 1980, p. 53).

O que Bergson denomina como inversão, Paulo Ramos ao analisar tiras cômicas – gênero muito comum na publicação “Chiclete com Banana” – caracteriza como quebra de expectativa, o que também é responsabilizado pelo pesquisador como o elemento responsável por gerar o humor. Nos dizeres do professor da Universidade Federal de São Paulo: “O humor, manifestado na ironia, seria outra característica das tiras. O gênero teria na quebra de expectativa uma de suas regularidades” (RAMOS, 2011, p. 128).

Um importante componente do riso é trabalhado por Walter Benjamin, a possibilidade de proporcionar a reflexão. Nos dizeres do filósofo: “Diga-se, apenas de passagem, que não há melhor ponto de partida para a reflexão do que o riso” (BENJAMIN, 2017, p. 103).

A conclusão acima apresentada por Benjamin em seu texto “O autor como produtor” demonstra como no capitalismo muitas das vezes o artista se vê limitado

pelo fato de ter que vender sua força de trabalho a um proprietário de um determinado órgão de imprensa. No caso da revista *Chiclete com Banana* tal figura inexistia, sendo o empresário principal o próprio cartunista Angeli, o que conferia à publicação alto grau de autonomia e liberdade, proporcionando o riso frouxo e livre de amarras desse tipo.

Os nomes dos personagens que desfilam pela revista denotam a perspectiva centrada no sujeito, pois figuras denominadas como, por exemplo "Orgasmo, um sujeito precoce", ou mesmo a ninfomaníaca doutora "Mara-Tara", ambas criações de Angeli, demonstram o espaço que o corpo e o sexo ocupam nas páginas em questão. Laerte também não fica aquém, mesmo em um tipo de humor mais comportado e seu casal de gatos com uma historinha intitulada o "Acasalamento felino".

O indivíduo ocupa espaço de destaque em nomes como por exemplo, "Alter-ego", um sujeito cheio de si e orgulho que necessita a todo o tempo de autorreferências. O conjunto de referências pessoais foi captado por João Elias Nery, que define a construção das narrativas pessoais como uma reação às mudanças em curso na sociedade:

As histórias, as personagens, os cenários apresentados em *Chiclete com Banana* fazem parte de uma visão particular de mundo, que, na realidade, representa uma crônica visual daquilo que os autores sentiam e internalizavam. Além disso, as personagens podem nos mostrar outros indicadores das transformações e, principalmente, das reações provocadas por tais transformações (NERY, 2006, p.119).

Nery salienta que a produção dos quadrinhos brasileiros nos anos 80 foi muito influenciada por quadrinistas estrangeiros, notadamente estadunidenses. Sai de cena portanto a verve de resistência à ditadura e entra em voga uma gama de personagens ambientadas em cidades grandes, ambientadas com fundo e temática universais ambientado:

Na década de 1970 produziu-se predominante humor de resistência e enfrentamento ao Estado autoritário. Na década de 1980, a produção dos profissionais brasileiros é fortemente influenciada por autores e movimentos norte-americanos e europeus, como reflexo da transnacionalização da cultura. Surgem então personagens universalizantes, típicos de grandes metrópoles, vivenciando problemas comuns a segmentos de

populações dessas metrópoles e não necessariamente deste ou daquele país (NERY, 2006, p. 82).

Em muitas personagens um cenário comum é o de desbunde, como na dupla hippie perdida no tempo e no espaço, Wood e Stock, que foi convertida em filme em 2006 pelas mãos do diretor Otto Guerra. Meia-oito, por mais que resista e seja um militante também soa como anacrônico, algo "debacle" e ultrapassado. A filosofia que mais representa o autor Angeli talvez seja a de Bob Cuspe e seu anarquismo. Uma espécie de autocrítica do cartunista.

O pensador Juergen Habermas, em texto de 1987 intitulado "A nova intransparência" a uma perplexidade dentre os intelectuais e políticos, demonstrando que a expectativa de uma vida melhor havia sido abalada, ou o que o mesmo designa como um "influxo de energias utópicas" (HABERMAS, 1987, p. 104), como o símbolo do espírito da época. Ou seja, as energias utópicas teriam se esgotado, estando arrefecidos os ânimos da sociedade. O pessimismo foi a tônica a partir do final da década de 70. O conceito de intelectuais de Habermas pode ser estendido aos cartunistas em questão, pois como afirmou em certa feita o pesquisador Herman Lima, os desenhistas de humor seriam intelectuais ao seu modo. Desta forma, a tal propalada crise das energias em um futuro melhor também se encontrava abalada no seio dessa categoria. Não por acaso é no mesmo cenário, contexto histórico, que a duração da revista "Chiclete com Banana" está inscrita.

Ainda segundo Habermas, a utopia de uma sociedade do trabalho haveria supostamente perdido a sua força persuasiva, o convencimento dos atores sociais. Isso posto, os tempos de comprometimento político haviam ficado para trás, dando lugar, no caso dos "três amigos", ao humor de costumes.

O mesmo movimento de abandono do exclusivismo das bandeiras trabalhistas foi identificado por Stuart Hall em seu "A Identidade Cultural na Pós-Modernidade". Segundo o teórico, poderia ser percebida uma "erosão da identidade mestra da classe" (HALL, 1999).

O engajamento foi substituído pela postura mais descontrainda, ou até mesmo distraída, para usar a terminologia de alguns autores que analisam o "pós-modernismo".

Outro autor que também auxilia na compreensão da nova postura assistida por parte dos cartunistas em tela, é o geógrafo norte-americano David Harvey e a sua já clássica obra "A condição pós-moderna". O ano de publicação da obra, 1989, também assinala o mesmo marco temporal da "Chiclete com Banana".

Harvey apresenta o questionamento dos sistemas de representação como um sintoma da globalização. Uma correlação interessante com o objeto do presente trabalho pode ser apontada: o personagem punk Bob Cuspe, por exemplo, nada mais é do que a importação de um elemento cultural. O movimento punk, apesar de ter esticado seus tentáculos e fincado raízes no Brasil é uma reação da juventude inglesa aos tempos neoliberais da primeira-ministra recém-falecida Margaret Thatcher. Ou seja, mesmo com uma "cor local" da cena paulista, Bob seria fruto de uma homogeneização cultural de caráter global. O divertido punk possui uma identidade forjada a partir de um modelo exterior.

Longe de se constituir como uma publicação de inspiração transformadora, "Chiclete com Banana" é apontada pelo estudioso das histórias em quadrinhos Waldomiro Vergueiro como propagadora de mensagens alienadas e não incentivadoras de uma *práxis* contestatória:

a mensagem veiculada pelos personagens da revista como essencialmente pessimista em relação à mudança dos valores dominantes na sociedade, promovendo a alienação em vez de engajamento, a catarse em vez de ação transformadora, o imobilismo em vez da proposição de uma nova estrutura social (VERGUEIRO, 2003, p. 257).

De maneira sintética, o humor exibido na revista "Chiclete com Banana" pode ser interpretado como escatológico, com laivos machistas, uma inclinada tendência ao anarquismo - em especial por parte de Angeli - e um niilismo acerca das oportunidades abertas pelo cenário em questão.

### **O conservadorismo de Angeli através de seus personagens: algumas questões de gênero e classe**

O caderno "Ilustrada" do jornal "Folha de São Paulo" de 21 de dezembro de 1987 trouxe uma matéria onde se lia em letras garrafais "Angeli mata Rê Bordosa".

Segundo o início da reportagem foi um “crime premeditado à tinta fria, com requintes de sadismo” (ANGELI, 2012, p. 190).

De acordo com Angeli a sua atitude foi na verdade um ato de resistência e salvaguarda à comercialização da personagem. Sustentou que caso tivesse cedido às investidas do mercado publicitário, sua boneca “junkie” teria se transformado em um Snoopy, ou Turma da Mônica, exemplos que se destacam no uso extrapolado do licenciamento de produtos.

Nos anos 2000, Angeli reincidiu no tipo de crime e pôs fim ao personagem Meia-oito, que teve o destino trágico de ser atropelado por um caminhão da marca de refrigerante “Coca-cola”, produto tão combatido nas searas da esquerda.

Atitude semelhante à de Angeli teve o quadrinista norte-americano Robert Crumb, que também exterminou o seu gato Fritz, na tentativa, infrutífera, de breçar a realização de um desenho animado. Outro caso que se aproxima de tal postura foi a negativa de Henfil em liberar os seus fradinhos para o uso em produtos licenciados pelo Syndicate onde publicava suas tiras, distribuídas nos Estados Unidos e Canadá.

Porém, cerca de vinte anos depois de atribuir o assassinato de Rê Bordosa a uma recusa de sua mercantilização, em entrevista à produção do curta-metragem animado “Dossiê Rê bordosa”, o cartunista credita sua atitude à personalidade liberal de sua criação. Segundo ele: “Eu não gosto de mulher igual a Rê Bordosa me incomoda. Tenho amigas assim, mas me incomoda” (DOSSIÊ, 2008).

Para além da revista “Chiclete com Banana”, no mesmo ano de lançamento da revista, 1984, Angeli publicou o álbum “Chiclete com Banana – cenas de sexo, drogas e rock’n’roll”. Uma nota avisa que as tiras foram publicadas diariamente nos jornais “Folha de São Paulo” e o hoje extinto “Jornal do Brasil”.

Através das páginas editadas pela “Circo”, em sua série “Traço e riso”, desfilam os seguintes personagens: o frustrado jornalista Benevides Paixão; a dupla de hippies Tudublú e Moçamba; a outra dupla Meia-oito e Nanico, militantes comunistas anacrônicos perdidos em meio ao desbunde geral que foram os anos 80; o anarquista Bob Cuspe, que é apresentado no livro pela música “Inútil”, da banda “Ultraje a Rigor”, aquela canção que grita a plenos pulmões que “a gente não sabemos escolher presidente” e chegou a ser citada pelo senador Ulysses

Guimarães; tem ainda Rita Pop, uma descolada tiete dos ídolos da Tropicália; o músico aficionado pelo rede Globo Ritchi Pareide; o guru picareta Rhalah Rikota e por último, mas não mesmo importante, Bibelô, um machista inveterado, espécie de alter-ego de Angeli, remetendo à sua herança ítalo-brasileira.

Acerca de Bibelô, Angeli o apresenta como “macho paca, o pai dele era assim, o avô também... o bisavô então nem se fala” (ANGELI, 1984, p. 65). O patriarcado levanta a sua voz nessas tiras, onde o personagem se comporta de maneira agressiva com as mulheres, sendo que em uma das tiras flerta com a pedofilia, ao convidar uma criancinha para “ouvir um bozerinho no seu apê” (ANGELI, 1984, p. 70).

Outra apresentação de personagem que também chama a atenção é a do personagem comunista Nanico, onde consta uma ultrajante afirmação de uma “excitante tortura” a qual teria sido submetido. O ano era 1984 e pior momento não poderia existir para tal colocação, afinal de contas o Brasil ainda estava sob a égide da ditadura, lutando pela redemocratização.

Como síntese dos elementos acima expostos, pode-se concluir que, mesmo diante de uma áurea de digressão, alimentada pela rebeldia e aversão ao sistema, em boa medida o cartunista Angeli reproduz elementos conservadores, que se revestem – através da conduta de seus personagens – de uma conduta misógina, de ataque aos direitos das mulheres, para além de uma clara citação pedófila e a postura anticomunista que está evidenciada na abordagem feita dos personagens com essa orientação comunista. Ademais, a referência ao ato da tortura como algo banalizado também é de se destacar.

### **Considerações finais**

Se o humor deve possuir limites é uma discussão que nos acompanha até os dias de hoje. O que se pode advogar é que o “riso pelo riso” não deve justificar atitudes que atentam aos direitos humanos, ou até mesmo ao respaldo de agressões de ordem de gênero.

A revista “Chiclete com banana” foi sem dúvida representante de um momento em que o quadrinho brasileiro foi renovado, ganhando uma boa dose de criatividade com os novos ares da redemocratização. Porém, é de se destacar que a

transição para o humor de comportamento acabou por acarretar um deslocamento de energias para questões de fundo pessoal, esvaziando o componente da disputa política por uma nova consciência crítica, papel esse que os cartunistas da geração anterior faziam.

Longe de penalizar os artistas em questão, até mesmo porque por vezes os mesmos atores sociais, em especial Laerte, tiveram uma guinada positiva em prol exatamente na defesa dos direitos civis e sociais, mesmo mantendo uma “embocadura” pessoal, o artista soube conciliar uma militância cidadã ativa e de ampla repercussão.

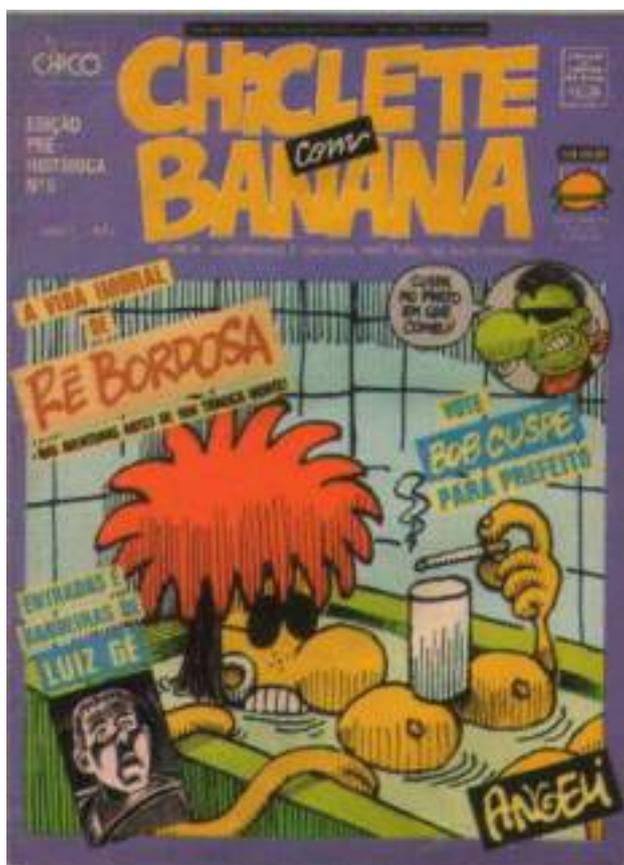
Devido à opção metodológica, o trabalho não percorreu o desdobramento das carreiras dos artistas, pois o mesmo foge da proposta inicial. Mas pode-se destacar desde já os "caminhos" percorridos pelos principais artistas da publicação: o cartunista Glauco aderiu à religião do Santo Daime e foi assassinado, juntamente com seu filho Raoni, por um dos fiéis no ano de 2010. Laerte, por sua vez, logo após a morte de Glauco e de um de seus filhos em acidente automobilístico, passou a produzir um trabalho independente de humor e mais reflexivo, até adotar o que designou como "crossdresser" no ano de 2010 e desde então vem ganhando papel de destaque ao se assumir como travesti, sendo cada vez mais destacado e ganhando ampla repercussão por suas posições; por último, Angeli, justamente talvez por sua personalidade mais reservada, o que ele credita inclusive ao signo de virgem, não fez grande rupturas em sua forma de humor, mas mantém sólido número de publicações de sua produção, sendo também alvo de exposições e de filmes que cobrem a sua produção. O caderno "Ilustrada" do jornal "Folha de São Paul"o foi e continua sendo a principal vitrine de divulgação dos trabalhos do time de artistas.

A revista "Chiclete com Banana" se constituiu como uma das principais publicações de humor da segunda metade da década de oitenta brasileira. Se caracterizou como um espírito da época, demonstrando todo o ceticismo reinante na juventude. Se constituiu como um grito de rebeldia, mas aos olhos de hoje, garantidos pela sensatez que a distância garante, pode ser vista como mais uma peça de conformismo e atitudes que não ensejavam atitude pró-ativas e não pautavam o

engajamento, pelo contrário, incentivavam o imobilismo e uma negação de absolutamente tudo, atitude essa bem comum naquele cenário político e social.

Por último, o que deve ser considerado é o caráter autônomo da arte. Em termos estéticos, ou seja, de técnica, os criadores da revista representaram e ainda hoje representam uma inovação na trajetória das histórias em quadrinhos brasileira, servindo como exemplo para muitos cartunistas, principalmente no que tange ao estilo gráfico.

**Figura 1** - Capa da revista Chiclete com Banana número 1, outubro de 1985.



**Figura 2** - Capa da edição especial Chiclete com Banana - outubro 1987.



### **Referências bibliográficas**

Antologia Chiclete com Banana. **Número 1**. São Paulo: Devir Livraria, outubro de 2000.

\_\_\_\_\_. **Número 2**. São Paulo: Devir Livraria, novembro de 2000.

\_\_\_\_\_. **Número 1**. São Paulo: Nova Sampa e Devir, junho de 2007.

ANGELI, Arnaldo. **Chiclete com Banana – cenas de sexo, droga e rock'n'roll**. São Paulo, Circo, 1984.

\_\_\_\_\_. **Mara Tara Oliveira Junky e outras histórias**. São Paulo, Brasiliense/Circo, 1990.

\_\_\_\_\_. **Toda Rê Bordosa**. São Paulo: Cia. Das letras, 2012.

BENJAMIN, Walter. **Estética e sociologia da arte**. Belo Horizonte, Autêntica, 2017.

BERGSON, Henri. **O Riso: ensaio sobre a significação da comicidade**. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

DELEUZE. **A lógica do sentido**. São Paulo, Perspectiva, 2009.

DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo, Contexto, 2005.

**DOSSIÊ Rê Bordosa**. Direção: Cesar Cabral. 2008. Disponível em: <http://www.youtube.com>, último acesso em 16/09/2013. 16 min.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2009.

FERNANDES, Florestan. **Nova República?** Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1986.

\_\_\_\_\_. **Que tipo de república?** São Paulo, Globo, 2007.

GASKELL, Ivan. "História das imagens". *In*: BURKE, Peter. (Org.). **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: EDUNESP, 1992.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GOMES, Ângela de Castro. História, historiografia e cultura política no Brasil: algumas reflexões. *In*: \_\_\_\_\_. **Culturas políticas: ensaios de história cultural, cultura política e ensino de história**. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

HABERMAS, Jürgen. A Nova Intransparência: a crise do Estado de Bem-Estar Social e o esgotamento das energias utópicas. **Novos Estudos (18)**. São Paulo, CEBRAP, set./1987.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 1999.

HARVEY, David. "A Condição Pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural". São Paulo, Edições Loyola, 2008.

LAGO, Pedro Corrêa do. **Caricaturistas brasileiros (1836-1999)**. Rio de Janeiro, Sextante, 1999.

LUKÁCS, György. **Arte e sociedade: escritos estéticos 1932-1967**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2011.

MALTA, Marcio. Desventuras no convés. **Revista de História**. Rio de Janeiro, p.80 - 83, 2012.

\_\_\_\_\_ **Diretas Jaz: o cartunista Henfil e a redemocratização através das Cartas da Mãe**. Niterói, Muiraquitã, 2012.

NERY, João Elias. **Graúna e Rê Bordosa: o humor gráfico brasileiro de 1970 e 1980**. São Paulo, Edições Pulsar, 2006.

RAMOS, Paulo. **Faces do humor: uma aproximação entre piadas e tiras**. Campinas, Zarabatana Books, 2011.

SOUZA, Herbert José de. **Como se faz análise de conjuntura**. Petrópolis, Vozes, 2012.

TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. **Sentidos do Humor, trapaças da razão, a charge**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2005.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Alienação e engajamento nos quadrinhos uma leitura possível da revista Chiclete com Banana**. São Paulo, 2003. p. 253-8. Galáxia, São Paulo, n. 5, p. 253-8, 2003. Resenha da obra: Fantasia e cotidiano nas histórias em quadrinhos. Silva, Nadilson Manoel da. São Paulo, Annablume; Fortaleza, Secult, 2002.

Recebido: 16/03/2020  
Aprovado: 05/10/2022